

Samuel Benchimol

ERETZ AMAZÔNIA



Os judeus na Amazônia

ERETZ AMAZÔNIA

OS JUDEUS NA AMAZÔNIA

Edição comemorativa



Samuel Benchimol
Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas

ERETZ AMAZÔNIA
Os Judeus na Amazônia

3.^a edição revista

VALER
EDITORA

Copyright © Editora Valer, 2008
© Projeto gráfico – Editora Valer

Editor
ISAAC MACIEL

Coordenação Editorial
TENÓRIO TELLES

Capa e Projeto Gráfico
HEITOR LOPES
(Capa a partir de ilustração de Jorge Palheta – Contracapa: Barco Levy III,
foto de Sérgio Zalis (1983), arquivo de Beth Hatéfusoth, Tel Aviv, Israel)

Preparação dos originais
TEI IHARA

Ilustrações
JORGE PALHETA

Revisão
NÚCLEO DE EDITORAÇÃO VALER

Normalização
YCARO VERÇOSA

B457e Benchimol, Samuel.

Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia. / Samuel Benchimol. 3.^a edição revista – Manaus: Editora Valer, 2008.

302 p.

ISBN 85-86512-21-4

1. Amazônia – História 2. Amazônia – Sociologia 3. Judeus – Condições sociais
I. Título

CDU 933 (811)

2008

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195 – Centro
69010-120, Manaus-AM
Fone: (92) 3635-0516
www.editoravaler.com.br

Aos meus netos

Denis e Ilana

José e Rebeca

*Na esperança de que a memória,
a identidade e a herança judaicas
continuem na Amazônia no
terceiro milênio.*

SUMÁRIO

Apresentação – Márcio Souza 11

I – Introdução 15

II – A Inquisição Espanhola e a Expulsão dos Judeus 19

III – Judiarias e Aljamas em Portugal 23

IV – O Exílio Marroquino 31

Os sefaradins da Ibéria se encontram com os seus irmãos nativos
“forasteiros”: *megorashim* e *toshavim* 32

Tânger e Tetuan 38

Marrakesh 39

Fez 39

Purim de los Christianos 40

V – O Êxodo Judeu-Marroquino 41

Pobreza 42

Doenças e epidemias 43

Fome 44

Apedrejamento de judeus vivos e mortos 44

Destruição de Sinagogas 45

Perseguições e sofrimentos 47

Proibição de saída 48

Conversão e martírio (*Solica – la Sadiká*) 49

Guerras e motins 51

Aliança Israelita Universal 55

Fatores políticos	58
Abertura dos portos do Brasil	59
Tratado de Aliança e Amizade	60
Extinção da Inquisição (1821)	62
Constituição Imperial de 1824	62
Liberdade de Culto Judaico (1890)	63
Abertura do rio Amazonas para a navegação de todas as nações	64
Navegação do exterior e imigração estrangeira	65
Navegação interior	67
VI – Eretz Amazônia – Terra da Promissão	71
Mil anos e quarenta gerações	71
Despedidas e adeuses	71
Jovens e mães judias	72
Os primeiros imigrantes	73
Sefaraditas e forasteiros	74
Serfatitas	74
Askenazitas	75
Foinquinitas	77
As mil famílias	79
Imigração familiar e qualificada	80
VII – As Quatro Gerações de Judeus-Amazônicos	83
A primeira das quatro gerações: os pioneiros	83
Os judeus no interior da Amazônia	88
A segunda geração: o <i>boom</i> do ciclo da borracha	116
A terceira geração: o êxodo do interior para Belém e Manaus	122
Em Belém do Pará	124
Em Manaus	128
Empresas judaicas de Belém – 1940-1960	134

Memória empresarial judaica de Belém – 1977	136
Empresas judaicas de Manaus – 1940-1950	138
Empresas comerciais e industriais da Zona Franca de Manaus, a partir de 1967	143
A quarta geração: tempo dos doutores e profissionais	148
A diáspora carioca e paulista	151
Os doutores e professores universitários judeus de Manaus	153
Os doutores e professores universitários judeus de Belém	155
Os doutores judeus-amazônicos no exílio carioca e no exterior	159
Médicos, doutores e profissionais judeus: uma nova imagem de judeu	161
VIII – Os Patronímicos das Famílias Judaico-Amazônicas	167
IX – O Ser, Viver e Ficar Judeu	175
O ser judeu	175
O viver judeu	179
O ficar judeu	184
X – Demografia Judaica: os 283.859 Judeus-Caboclos da Amazônia	187
Taxa de assimilação da população judaico-amazônica	189
Censo dos descendentes de três famílias judaico-amazônicas	191
Classificação, clivagem, nuances e tipos de judeus	196
Memória e identidade	197
Crescei e multiplicai-vos	201
XI – Histórias de Vida de Alguns Judeus-Amazônicos	205
XII – Comunidades Judaicas de Belém e Manaus: relação das famílias judia-amazônicas	209
XIII – Os Cemitérios Judeus na Amazônia	225

Referências 265

Anexos 273

Trabalhos Publicados pelo Autor 275

Cinqüentenário da Restauração do Estado de Israel 289

Curriculum vitae do Autor 297

UMA SAGA DE SONHOS E ESPERANÇA

Márcio Souza

Samuel Benchimol pertence a uma categoria de autores bastante rara nos quadros da inteligência amazônica. Como professor universitário da Universidade Federal do Amazonas, ele desenvolveu sozinho um intenso trabalho de pesquisa, publicando alguns dos livros fundamentais para o entendimento da Amazônia. Pode-se dizer que Samuel Benchimol constituiu uma teoria sobre as questões do grande vale, provavelmente a mais abrangente e complexa já pensada por um intelectual brasileiro. Suas obras foram constituindo paulatinamente esta teoria, compondo no final uma espécie de polifonia temática, que atravessa os campos da economia política, da história, da sociologia e firma-se como uma filosofia.

Ler Samuel Benchimol é descer aos arquétipos do processo social do norte brasileiro, avançando o olhar para o futuro, numa escritura sempre carregada de fina ironia. Embora tenha perpassado por alguns dos temas mais candentes da região, há um eixo analítico que se concentra no papel das etnias. Em Samuel Benchimol, a Amazônia não é apenas um espaço geográfico, ou um cenário de conflitos históricos não resolvidos, mas um lugar de encontros humanos, capaz de atrair as mais diversas etnias e grupos sociais que para ali se deslocaram e foram construindo uma sociedade nova e diferente. Como historiador ele refaz a saga dos nordestinos, dos árabes, dos diversos estoques europeus e asiáticos, finalmente, dos ju-

* Márcio Souza é escritor e dramaturgo, autor de *Galvez – imperador do Acre* e *Mad Maria*. É membro da Academia Amazonense de Letras.

deus. Para estes últimos ele dedica uma obra inteira que é este *Eretz Amazônia*, em boa hora novamente em circulação pela Editora Valer.

Livro de história, elaborado com a técnica mais rigorosa de investigação, que levou seu autor a palmilhar as cidades do interior da Amazônia, visitando cemitérios, anotando as inscrições das lápides e entrevistando centenas de informantes, além de compulsar arquivos no Brasil e no estrangeiro, *Eretz Amazônia* é também uma crônica escrita com amor e emoção – é o relato de uma saga que, em sua particularidade, repete tantas outras sagas humanas, das gentes que abandonaram seus lares e enfrentaram o imenso oceano em busca de sonhos e esperança.

Ao reconstituir a chegada e o estabelecimento dos judeus na Amazônia brasileira, com algumas curiosas pinceladas sobre as minúsculas comunidades do Peru, Samuel Benchimol fez o papel de um dedicado arqueólogo, que pacientemente foi desenterrando preciosidades fadadas a se perder no tempo, trazendo à tona a feliz integração aos rios e à mata de uma gente aferrada à tradição, à religiosidade e acostumada ao êxodo. *Eretz Amazônia*, como parte do grande painel teórico que Samuel Benchimol legou aos brasileiros, presta o inestimável serviço de evitar o esquecimento e a desmemória.

ERETZ AMAZÔNIA

OS JUDEUS NA AMAZÔNIA

I INTRODUÇÃO

Há mais de cinqüenta anos venho estudando, pesquisando e escrevendo sobre as gentes, valores e culturas de diferentes grupos humanos e étnicos que povoaram a Amazônia: índios, caboclos, negros, portugueses, espanhóis, ingleses, judeus, sírio-libaneses, italianos, japoneses, nordestinos, gaúchos e tantos outros tipos sociais. Cada um desses grupos aportou valores e viveres que foram sendo encaminhados e integrados para formar a atual sociedade amazônica, caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

Recentemente publiquei o livro *Amazônia – Formação Social e Cultural*, que é o resultado dessa longa pesquisa sobre os diferentes grupos humanos que povoam a Amazônia. Neste último estudo dediquei destaque especial aos judeus que começaram a chegar à Amazônia a partir de 1810, a maioria deles procedentes de Tânger, Tetuan, Fez, Rabat, Salé, Marrakesh e outras vilas e cidades marroquinas, após terem sido expulsos da Espanha, em 1492, e de Portugal, em 1496.

Este capítulo é agora refundido e ampliado com o objetivo de melhor retratar as origens e o destino daquelas mil famílias de imigrantes, tanto sefaraditas marroquinas como de outros grupos culturais judeus da Europa e do Oriente Médio que, no período de 1810

a 1910, vieram fazer a Amazônia, um pouco antes e durante o *boom* do ciclo da borracha.

Parti das origens ibéricas, onde sofreram toda sorte de perseguições, confiscos, sacrifícios e massacres nas juderias e aljamas para depois passar ao desterro no exílio marroquino, onde encontraram também angústia e sofrimento nos **melahs** de Tetuan, Fez e Marrakesh.

O êxodo dos judeus-marroquinos é explicado pelos diferentes fatores de expulsão: pobreza, fome, perseguição, discriminação, destruição de sinagogas, etc., como de forças de atração e favorecimento, tanto de ordem política e econômica oferecidos pelo Brasil e Amazônia como a abertura dos portos, tratados de aliança e amizade, extinção da inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos que contribuíram para buscar a Amazônia – a nova Terra da Promissão – a Eretz Amazônia.

A história da presença judaica na Amazônia tem um profundo significado no processo de povoamento e desenvolvimento da região, pois eles foram pioneiros em muitas atividades e se destacaram pelas suas lideranças e contribuições no campo econômico e social.

Essa presença é estudada por meio das quatro gerações de judeus amazônicos: a fase dos pioneiros que se internaram e se expandiram ao longo dos rios, vilas, povoados e seringais da hinterlândia; o período da prosperidade do efêmero *boom* da borracha; a época da crise do êxodo do interior que motivou a urbanização e concentração nas cidades de Belém e Manaus, incluindo uma nova diáspora para o Rio de Janeiro, São Paulo e exterior e, finalmente, o tempo dos doutores e professores, em que os jovens judeus buscam alcançar uma nova imagem e *status* social.

Prosseguindo a análise, relaciono os patronímicos das famílias judaico-amazônicas para, em seguida, fazer um estudo dos proble-

mas e dificuldades na manutenção da identidade e memória judaicas na região, dedicando um capítulo especial sobre as dificuldades de ser, viver e ficar judeu.

Logo a seguir estudo a demografia judaico-amazônica, calculando as taxas de crescimento e assimilação, para concluir que, após mais de 180 anos de vivência regional, a comunidade judaico-amazônica hoje é menor do que as mil famílias que migraram durante um século para a região. Constato a existência teórica e hipotética de uma população judia-cabocla de quase trezentos mil descendentes que foram assimilados e absorvidos no seio da população nativa. O fenômeno do judaísmo amazônico é um reflexo da situação mundial e também do Brasil, que se tornou a maior nação marrana do mundo, com aproximadamente 16 milhões de descendentes de judeus e cristãos-novos, equivalentes a cerca de 10% da população nacional.

Para terminar, publico a relação nominal das famílias judaicas das comunidades de Belém e Manaus e uma relação das sepulturas e dos cemitérios judeus existentes em toda a região amazônica, com o objetivo de preservar a memória dos fundadores e dos pioneiros da mais antiga comunidade judaico-brasileira nos tempos modernos.

Ao final, desejo salientar que a sociedade amazônica, como segmento da nação brasileira, acolheu todos os grupos sociais e étnicos que aqui chegaram, dando-lhes abrigo, refúgio, agasalho e trabalho. Os **querenciou** a todos, sem prejuízo de suas identidades, memórias, crenças, religiões e valores, fornecendo assim um grande mutirão étnico-cultural que é a Amazônia brasileira. Para criar, segundo o sociólogo Gilberto Freyre, uma nova civilização tropical, onde livremente se desenvolvessem “culturas regionalmente diversas de grupos étnicos de procedências diferentes e de populações distintas nas suas características regionais e, embora distanciadas uma das outras no espaço físico, unidas pelos mesmos motivos principais de vida e pelas mesmas condições ecológicas de existên-

cia no social e no cultural” (Freyre, G., 1961: 312). Ou usando o linguajar e o estilo do antropólogo Darcy Ribeiro para criar uma nova civilização “orgulhosa de si mesma; mais alegre porque mais sofrida; melhor porque incorpora em si mais humanidade; mais generosa porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas” (Ribeiro, D., 1997: 455).

1492



Édito de expulsão 31 de março de 1492	Partida de Cristóvão Colombo 3 de agosto de 1492	Decreto de expulsão dos judeus de Portugal 5 de dezembro de 1496
--	---	---

Fonte: *História Universal do Judeus*. Élie Barnavi, 1995: 121.

II A INQUISIÇÃO ESPANHOLA E A EXPULSÃO DOS JUDEUS

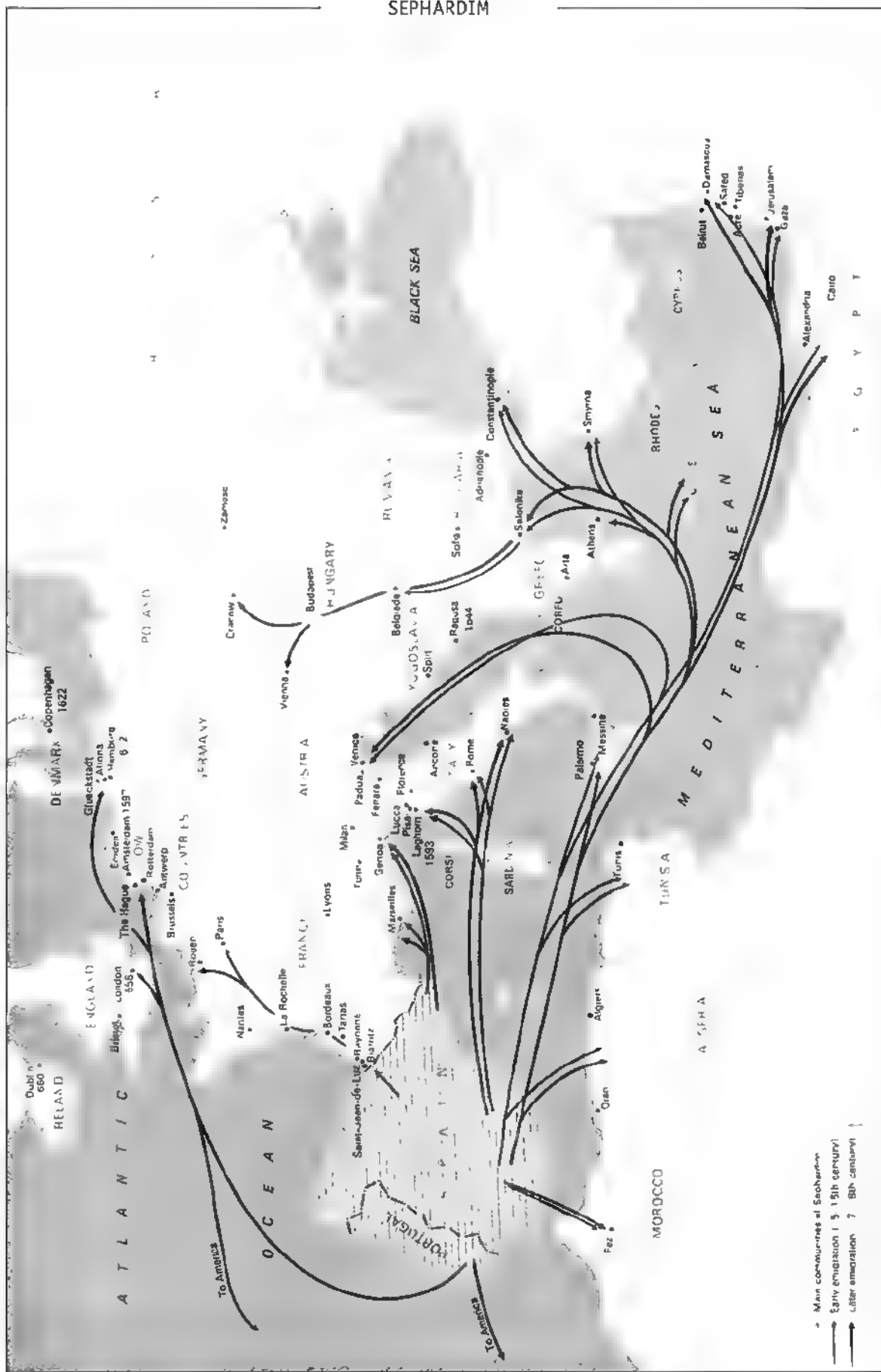
Em 1483, o Papa Sixtus IV aprovou a criação de uma Inquisição Espanhola Independente, que viria a ser presidida pelo famoso torturador Tomás de Torquemada, que dirigiu o Tribunal do Santo Ofício da Península Ibérica, tornando-se um símbolo de intolerância, fanatismo, perversidade e genocídio dos judeus sefardistas. Logo a seguir, no dia 30 de maio de 1492 – dia de *Tisha Beav* – 9 de AV (dia da destruição do Primeiro Templo de Salomão por Nabucodonosor, da Babilônia, em 586 antes da era atual e do Segundo Templo destruído pelos romanos (Tito), no ano 70 da era atual) – os reis católicos Fernão de Aragão e Isabel de Castela expulsavam os judeus da Espanha, no mesmo ano em que Cristóvão Colombo, considerado de ascendência judaica, partiu para a descoberta da América, financiada com dinheiro confiscado dos judeus.

A Espanha foi pioneira, na Península Ibérica, na política dos grandes massacres, morticínios e perseguições aos judeus, dentro e fora das *juderias*. O início desse programa de extermínio deu-se em Sevilha, em 1391, alastrando-se para Andaluzia, Castela, Valência, Barcelona e Aragão. Em Castela, Navarra e Aragão, nas comunidades judaicas, avaliadas em 600 mil pessoas, morreram 200 mil, salvando-se outras tantas e convertendo-se em número igual ao catolicismo oficial, que os discriminavam com a denominação de cristãos-novos, marranos (*porcos*) e cripto-judeus (*católicos por fora e judeus por dentro*). (Moreno, Humberto. Universidade Portuca-

lense. *In Ibéria Judaica*, coordenado pela Prof.^a Anita Novinsky, da USP, 1996: 120).

Cerca de 80.000 judeus-espanhóis sefaraditas (*Sefarad em hebraico significa Espanha*) conseguiram fugir e procuraram abrigo em Portugal, que, apesar das restrições e perseguições, se apresentava como alternativa de salvação. Milhares de judeus-espanhóis foram queimados nas fogueiras da Inquisição, dezenas de milhares tiveram seus bens expropriados, convertidos à força e condenados a viver nas juderias, num inferno astral de exclusão, perseguição, infanticídio, confisco, flagelação e cativeiro.

SEPHARDIM



Movimento de emigrantes sefarditas da Espanha e Portugal depois da expulsão em 1492 e o estabelecimento de novas comunidades. Baseado no mapa desenhado por H. Bainart (*Encyclopaedia Judaica*, 1973: 1.166. Vol. 14).

III
JUDIARIAS E ALJAMAS
EM PORTUGAL

Em Portugal, o Rei D. João II acolheu essa massa de migrantes judeus da diáspora espanhola, porém exigiu o pagamento de uma taxa de capitação que permitia aos judeus-espanhóis permanecerem no país, durante oito meses, mediante a remuneração de 8 cruzados por pessoa, prometendo-lhes a livre saída do país no final desse prazo.

O rei não cumpriu a promessa e, assim, milhares de judeus foram vendidos como escravos para a nobreza portuguesa, ou confinados em juderias e obrigados a usar em suas roupas símbolos que indicassem sua crença religiosa. A história registra que 700 crianças judias foram separadas de suas famílias e enviadas para colonizar a ilha africana de St. Thomas, onde vieram a falecer – o primeiro infanticídio judeu da história portuguesa. Coroando esses cruéis eventos, o Rei de Portugal, D. Manuel I, o Venturoso, sucessor de D. João II, por imposição dos seus futuros sogros Fernão de Aragão e Isabel de Castela, às vésperas do seu casamento com Isabel de Espanha, assina o decreto de expulsão dos judeus, no dia 5 de dezembro de 1496, que deveria ser executado em um período de dez meses, a não ser que se convertessem ao cristianismo nesse ínterim.

O Rei D. Manuel volta atrás, com medo da evasão de capitais judeus para o exterior, proíbe a saída de judeus de Portugal e decreta conversão forçada ao catolicismo. Cecil Roth registra, em seu livro *Uma História dos Marranos*, que crianças judias foram tiradas do colo de suas mães e entregues às famílias cristãs, para viverem longe do convívio dos judeus confinados nas suas juderias. Muitos se converteram, criando assim a figura dos cristãos-novos, marranos, segundo a expressão espanhola e cripto-judeus que, aparentemente, renunciavam o judaísmo, mas que o praticavam em segredo seus rituais e crenças (Murakawa, Clotilde. *Inquisição Portuguesa – Vocabulário de Direito Penal*, 1996: 151).

A perseguição e expulsão hispano-portuguesa forçaram os judeus a buscar, desesperadamente, novas comunidades e países onde pudessem sobreviver como judeus, recomeçando as suas vidas tal como fizeram antes os seus antepassados, vítimas da opressão, perseguição e intolerância. Muitos judeus-hispano-portugueses foram para a Holanda, outros fugiram para o Egito, Turquia e Grécia, e uma grande maioria procurou abrigo no norte da África, especialmente no Marrocos.

A expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, pelos reis católicos, e de Portugal, em 1496, pelo Rei D. Manuel – onde os judeus sofreram, durante séculos, torturas, humilhações, confiscos e massacres nas juderias da Espanha e nas judiarias de Portugal – só se compara em grandeza e perversidade ao holocausto de Hitler e dos nazistas.

O Concílio de Trento (1545-1563) oficializou a instituição do gueto, bairro com área limitada, cercado por alto muro com portão, onde os judeus, aglomerados em ruas estreitas, viviam com suas famílias, exerciam os seus misteres e profissões permitidos, realizavam os seus cultos religiosos na sinagoga, educavam os seus filhos e enterravam os seus mortos dentro da muralha do seu enclave. A entrada e saída eram vigiadas com crueldade por soldados e guardas reais.

E muitos deles só podiam sair para fazer comércio de roupas velhas, praticar a usura e revender jóias, geralmente as da própria família, acumuladas em séculos anteriores de prosperidade em outros países. Podiam, no entanto, exercer a medicina, profissão desprezada pela classe nobre e clerical por violar o princípio de que somente Deus cura e, portanto, não deveria ser exercida por fiéis cristãos. Genericamente os judeus não podiam ser proprietários de terras, não podiam empregar cristãos como trabalhadores, pastores, tropeiros e criados. E em muitos guetos era obrigatório o uso de vestes, um escudo de pano amarelo e sobre a cabeça um chapéu especial, pontiagudo, para que fossem facilmente identificados (Edito do Papa Inocêncio IV).

Anita Novinsky considera que, além dos motivos já citados, os mecanismos postos em prática para perseguir os judeus, despojá-los de seus bens, impedi-los de ocupar posições econômicas, políticas e, enfim, de se inserir na sociedade, foi uma forma que a Igreja e a nobreza encontraram para reprimir o fortalecimento da burguesia crescente nessas sociedades. Excluir os judeus era uma forma de barrar a ascensão de um significativo grupo e de resguardar o poder da minoria aristocrática e eclesiástica (Blay, E., 1997: 45; Novinsky, A., 1972).

Em Portugal, as judiarias se espalhavam nas principais cidades como Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Viseu, Faro, Beja, Moncorvo, Covilhã, Santarém. Com a expulsão dos Judeus da Espanha, em 1492, calcula-se que entre 80 mil a 150 mil Judeus-espanhóis procuraram refúgio em Portugal. A inquisição portuguesa, embora menos cruel do que a espanhola, deixou a sua marca de terror, opressão, massacre, confisco e morte nas judiarias portuguesas. Os constrangimentos que os judeus sofriam nas judiarias portuguesas foram enumerados por Meyer Kayserling (*História dos Judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira Editora, 1971), citado e transcrito por Abraham Bentes (1987: 257), por Saraiva (1985), Anita Novinski (1987:

35), e pela *Encyclopaedia Judaica* (1973), que vão, a seguir, resumidos e enumerados:

- 1 *As aljamas ou judiarias eram fechadas todas as noites após soarem os sinos para o Angelus, sendo os portões vigiados por dois guardas reais, não podendo nenhum judeu sair à noite do gueto;*
- 2 *Todo judeu que saísse da judiaria, à noite, depois das três primeiras badaladas dos sinos da Igreja, era obrigado a pagar uma multa de dez libras, ou segundo um edito de D. Pedro, era chicoteado através da cidade. Em caso de reincidência, punia-se com o confisco de bens;*
- 3 *D. João I de Portugal tornou as penas mais severas. Quem se encontrasse fora da judiaria, após o tocar do sino, incorreria em uma multa de 5.000 libras, na reincidência 10.000 libras e na terceira vez seria publicamente açoitado;*
- 4 *Se um cristão chamasse um judeu à noite, em caso de emergência, este poderia acompanhá-lo, contanto que o cristão que o seguia trouxesse na mão uma lanterna. Esta lei favoreceu os médicos e cirurgiões judeus que viviam no gueto, que assim poderiam atender seus pacientes. Também os judeus coletores de impostos estavam autorizados a sair, acompanhados, para fazer cobranças depois do escurecer;*
- 5 *Nenhum judeu poderia contratar ou ter a seu serviço empregados, servos, criados e trabalhadores cristãos, o que os impediam de se tornar agricultores, pois também lhes era vedado a propriedade da terra. Em caso de contravenção eram multados em 50.000 libras, na segunda em 100.000 libras e na terceira o confisco dos seus bens, ou na falta destes ao açoite público;*
- 6 *Os judeus não podiam entrar na casa de cristão, a não ser se fossem médicos, cirurgiões, pedreiros, construtores, marceneiros, etc. que tinham permissão desde que acompanhados por dois homens ou mulheres cristãos;*
- 7 *Mulheres cristãs desacompanhadas não podiam entrar em lojas ou tendas de hebreus e comprar frutas, mel, óleo, etc. nas judiarias;*

- 8 *Era proibido a judeus beberem vinho em taberna de cristaos e as mulheres cristãs eram proibidas, sob pena de morte, de entrar numa judiaria ou manter relações ilícitas com judeus;*
- 9 *Os judeus eram obrigados a pagar ao Tesouro Real a **judenga**, tributo de trinta dinheiros, por cabeça, como lembrança e pena de terem vendido a Cristo por outros tantos;*
- 10 *Qualquer judeu que entrasse em qualquer cidade portuguesa era obrigado a pagar uma taxa corporal;*
- 11 *Todos os judeus eram obrigados a manter um cavalo para o serviço militar e fornecer armas para a defesa dos cristãos. Aos judeus, no entanto, era negado o direito de usar armas;*
- 12 *Todos os judeus tinham que doar para cada nau que o rei equipasse uma âncora e uma amarra de comprimento de sessenta covados;*
- 13 *Cada judeu ou judia devia pagar anualmente 5 soldos se tivessem de 7 a 14 anos e as meninas de 7 a 12 anos, dois soldos e meio. As moças solteiras judias pagavam meio maravedi e o rapaz solteiro meio maravedi;*
- 14 *Se o judeu produzisse vinho pagaria ao Tesouro Real 4 soldos por pipa. Se o judeu adquirisse uvas para prensá-las teria de pagar seis dinheiros de cada almude dessa fruta;*
- 15 *Para cada animal que os judeus matassem, fosse de sua própria criação ou de aquisição de terceiros, eram obrigados a pagar um imposto de 10 soldos por vaca, 20 soldos por boi, 2 soldos por carneiro, 4 dinheiros por galinha, peru ou galo, 2 dinheiros por ave pequena e 1 dinheiro por peixe;*
- 16 *Os judeus eram obrigados a oferecer presentes e a emprestar somas apreciáveis de dinheiro a infantes empobrecidos que nunca eram restituídos. O Infante D. Fernando, quando morreu, devia 130.501 réis aos judeus de Barcelos, Guimarães, Chaves, Bragança e Mejam Frio;*
- 17 *Pouco antes da expulsão dos judeus, em 1496, os impostos das judiarias de Porto somavam 10.000 réis, Alter do Chão 6.000 réis, Barcelos 10.000 réis, Vila Viçosa 65.000 réis, Guimarães 25.000 réis, Chaves 21.000 réis, Bragança 30.000 réis, Portel 20.000 réis (vide *História dos Judeus em Portugal*, de Meyr Kayserling. São Paulo: Livraria Pio-*

- neira, 1971: 48/49, citado por Abraham Bentes, em seu livro *Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia*, Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1987: 259/261);
- 18 *Limpeza de sangue (Breve De Puritate de 1598) – Pelo Conselho Geral da Inquisição de 1624, em Portugal, foram excluídos de quaisquer cargos, honras, ofícios, riquezas todas as pessoas que tivessem parentesco com judeu até o 17.º (décimo sétimo grau). Pela doutrina da Limpeza de Sangue, os judeus – “filhos da maldição” – foram excluídos e não podiam mais ser admitidos nas misericórdias, nos colégios, nas corporações de ofício, no alistamento de soldados para a Índia e nem chamado para nenhum ofício de honra (vide Antonio José Saraiva. Inquisição e Cristãos Novos. Lisboa: Imprensa Universitária, 1985);*
- 19 *Proibição e exclusão – Pelo Regimento da Inquisição de 1640, em Portugal, ficou estatuído “que o filho e neto do condenado do Santo Ofício não poderia ser juiz, meirinho, alcaide, notário, escrivão, procurador, feitor, almoxarife, secretário, contador, chevalier, tesoureiro, médico, boticário, sangrador, contador de rendas reais, nem ter qualquer ofício público ou usar insígnia de qualquer dignidade civil ou eclesiástica... e nem usar ouro, prata, pedraria, vestidos de seda, nem tampouco andar a cavalo (Saraiva, Antonio José, 1985: 115/116);*
- 20 *Saraiva (1985: 128) calcula que existiam em Portugal 200.000 famílias numerosas de judeus e marranos, tanto nas aljamas ou judiarias, bem como, fora delas, como conversos, cristãos-novos e cripto-judeus. A Encyclopaedia Judaica menciona que a diáspora portuguesa para Amsterdã e outros centros europeus era tão grande que o nome “Português” virou sinônimo de “Judeu” para consternação dos viajantes portugueses cristãos (Encyclopaedia Judaica, Jerusalém, 1973, vol. 13, p. 923, verbete Portugal).*
- 21 *Lei da Exterminação (1683) – Em 1.º de setembro de 1683, o Rei D. Pedro II, de Portugal, determinou que todos os cristãos-novos condenados em Auto-da-Fé por crime de judaizante fossem forçados a deixar Portugal no prazo de dois meses. Todos os seus bens foram confiscados. Seus filhos menores de sete anos não os poderiam acompanhar. As crianças de menos de três anos foram retiradas de seus pais e colocadas na **roda dos enjeitados**. As crianças maiores, se não tivessem parentes, eram colocadas nas casas dos **catecúmenos**, até que seus pais pudessem provar que elas estavam vivendo sob as leis de Cristo, ou até que as crianças crescessem o suficiente para serem*

enviadas para os territórios portugueses conquistados (Anita Novinski, *Jewish Roots of Brazil in The Jewish Presence. In Latin America*. Boston: Allen & Unwin, 1987: 35, original em inglês, tradução do autor).

Na verdade, a Santa Inquisição, que inspirou a Lei Portuguesa do Extermínio de 1683, foi a precursora da política da *Solução Final de Hitler* e do *Holocausto* nazista, que sacrificou 6 milhões de judeus nos campos de concentração e câmaras de gás durante a II Grande Guerra. Pior ainda, pois arrancava os filhos de suas mães e pais para depois degredá-los para os territórios das áfrias e provavelmente para o Brasil.



Comunidades judaicas em Marrocos. Fonte *Encyclopaedia Judaica*, 1973. Vol. 12: 327.

IV O EXÍLIO MARROQUINO

O êxodo da Ibéria para o Marrocos, motivado pela expulsão dos judeus, em 1492, pelos reis da Espanha e, 1496, pelo Rei D. Manuel de Portugal, constitui, na história do povo judeu, um capítulo a mais do drama sofrido pelos hebreus. A expulsão da Ibéria – onde os judeus sofreram durante séculos torturas, humilhações e massacres nas juderias da Espanha e nas aljamas e judiarias de Portugal – para Marrocos representou apenas uma transferência e mudança de atribulações e sofrimentos, pois nesse novo país os judeus ficariam, também, confinados nos *melahs* de Tetuan, Fez, Marrakesh e outras vilas e cidades, onde sofreram toda a sorte de constrangimentos, humilhações, confisco de bens e quando não vítimas de massacre.

A grande maioria dos expulsos escolheu Marrocos, pela proximidade da Ibéria, do outro lado do Mediterrâneo, e por lá ficaram durante doze gerações (300 anos), falando espanhol, português e **haquitia** – dialeto misto de espanhol, português, hebraico e árabe. Lá reconstruíram as suas comunidades e mantiveram os usos e costumes dos seus antepassados nas cidades de Tetuan, Tânger, Fez, Rabat, Salé, Marrakesh, Arcila, Larache, Ceuta e Melilla. Nessas vilas e cidades, isolados e discriminados nas suas *melahs* (*guetos*), iriam passar pelos mesmos sofrimentos e perseguições do passado. Em ver-

dade, saíram da **guezerá** (*sentença maldita da Ibéria*) para o **guehinam** (*inferno*) do Marrocos.

OS SEFARADINS DA IBÉRIA SE ENCONTRAM COM OS SEUS IRMÃOS NATIVOS “FORASTEIROS”: MEGORASHIM E TOSHAVIM

Os expulsos e refugiados judeus-espanhóis e portugueses – *megorashim* (*os espanhóis exilados sem pátria*) – apesar do sofrimento, das perseguições e do seu confinamento nos guetos e *melahs* de Fez e Tetuan, lentamente se adaptaram à nova vida nesse mundo árabe. Muitos conseguiram prosperar, modestamente, como mascates, vendedores de lã, seda, tecidos, tinta, cera, penas de avestruz, tabaco, destilação de vinhos e licores; outros se dedicaram à pesca e introduziram a cana-de-açúcar no Marrocos, fazendo desse país o líder da produção mundial nos séculos XVI e XVII (*Encyclopaedia Judaica*, verbete Marrocos, vol. 12, Jerusalém, 1973).

Em levadas sucessivas, os **megorashim** se estabeleceram nos portos mediterrâneos ou atlânticos e no interior do Marrocos sob controle português e espanhol em Tânger, Tetuan, Ceuta, Melilla, Arcila, Azemur, Mazagan, Mogador, Quezzane ou sob controle muçulmano em Rabat, Salé, Marrakesh, Fez, Agadir, Casablanca. Diz Ayoun (1996):

Os expulsos – megorashim trazem consigo a língua castelhana, sua ciência, suas instituições comunitárias, usos e costumes, seu espírito empreendedor, que fazem deles em relação aos tohabim – judeus nativos, moradores e autóctones – um grupo social dominante: a elite cultural e a burguesia dos notáveis que desempenharão um grande papel nos domínios do comércio, das finanças e da diplomacia.

Os recém-chegados **megorashim** da Espanha e Portugal, exilados e expulsos em 1492/1496, não foram bem recebidos pelos judeus nativos, apelidados de **tochabim**. Enquanto que os primeiros assumiram a liderança nas juderias e *melahs* e progrediam em seus negócios e profissões, os judeus nativos *tochabim*, empobrecidos por séculos de dominação dos mouros e berberes, sem oportunidades de educação e profissionalização, temiam os *espanhóis*, não só em função da rivalidade comercial como pela sua superioridade técnica. Diz a *Encyclopaedia Judaica*, 1973:

A controvérsia se estabeleceu entre os dois grupos de judeus no campo social, comercial e religioso. A cidade de Fez se tornou o centro espiritual dos megorashim (existem as grafias megorachim e megorashim, toshabim, toshavim, tochabim e tochavim) e seus rabinos emitiram um grande número de decretos e decisões chamados “takanot dos exilados de Castela” sobre leis do casamento, divórcio, herança baseados na tradição hispânica. Eles estavam 450 anos separados nesta matéria dos toshavim. Os descendentes dos megorashim aderiam com zelo aos seus usos e costumes, oravam em suas próprias sinagogas e tinham até os seus próprios lotes nos cemitérios judeus. Nas comunidades do norte de Tetuan e Tânger os judeus nativos foram completamente assimilados entre os descendentes dos judeus megorashim. Estes esquecidos de sua própria origem começaram a chamar, com desdém, e a se referir aos seus irmãos do interior de forasteiros (isto é, estrangeiros em relação à comunidade judia de origem espanhola). A maior parte dessas comunidades falavam hakitia, uma mistura de espanhol, hebraico e árabe dialético.

Assim se explica porque os judeus-marroquinos quando iniciaram a sua nova diáspora para o Pará – *Eretz Amazônia*, a nova Ca-

naan da Seringa – e depois para o Amazonas, levaram consigo as rivalidades e divergências entre os primitivos, nativos e pobres judeus arabizados e berberizados – os **toshavim** “forasteiros” – e os judeus espanhóis e portugueses de Tânger e Tetuan, que se achavam superiores pela posição social, pelo *status* econômico e profissional.

Essa rivalidade entre os judeus sefaradins de Tetuan, Tânger e de outras localidades marroquinas sob influência portuguesa e espanhola e os *forasteiros* nativos iria se refletir por décadas afora, quando ambos os grupos, cansados das perseguições dos mouros, do confisco dos seus bens e propriedades, hostilidades de alguns sultões e pachás e a própria plebe muçulmana, foram confinados e isolados nos *melahs* (guetos) e juderias de Tetuan, Fez, Marrakesh e outras vilas e cidades. Levaram consigo essa rivalidade quando se iniciou o novo êxodo da **Eretz Amazônia** (Eretz, em hebraico, significa Terra) – que para eles seria uma nova Canaã das drogas do sertão e depois o El Dorado da Borracha.

Assim, logo que puderam organizar as suas comunidades e as suas esnogas (sinagogas) em Belém e Manaus, mais cedo ou mais tarde, iriam reconstituir aquele quadro cultural, com os valores religiosos e culturais de ambos os grupos, *megorashim* – exilados sefaraditas de Tânger, Tetuan, Larache, Melilla e Ceuta – e *toshavim*: moradores nativos berberizados e arabizados de Salé, Fez, Marrakesh, Mekné, Rabat e outras vilas e povoados de fala arábica e berbere, cuja língua e dialeto haviam assimilado ao longo de séculos de convivência e coexistência com os mouros e as tribos nômades das montanhas do Atlas e do interior do país.

Essa rivalidade e dualidade cultural e religiosa, apesar do forte sentimento de que ambos pertenciam ao povo judeu refugiado no *Galut* (diáspora), foram transferidas para as novas comunidades que iriam fundar na Amazônia, a partir do início do século XIX.

Desse modo, essas duas correntes acabaram fundando em Belém duas sinagogas: a **Essel Abraham** (Bosque, Arvoredo ou Pousa-

da de Abraham), fundada, em 1824 (1823?), por Abraham Acris e a **Shaar Hashamaim** (Porta do Céu), fundada, em 1889, por Judah (Leão) Elias Israel (ou 1826?). Existe muita controvérsia sobre o ano exato da fundação dessas duas sinagogas (ver Bentes, 1987: 354/382; Braga, 1916; Moreira, 1972). A segunda – *Shaar Hashamaim* – conhecida como Sinagoga da rua Arcipreste, era freqüentada pela elite religiosa de Belém, pelos *aviadores*, comerciantes prósperos, descendentes dos judeus sefaradins *megorashim* e a primeira, fundada muitas décadas antes, a *Essel (Eshel) Abraham*, conhecida como Sinagoga da rua Campos Sales, que se tornou depois, pela sua aparência modesta, a *esnoga de los pobres y de los forasteiros – toshavim*. Exatamente uma reprodução da velha rivalidade dos tempos do exílio no Marrocos, cujas tradições, usos, costumes (**aada** em hakitia e **min-hag** em hebraico) continuavam a ser seguidos nas novas comunidades fundadas.

Abraham Bentes, historiador amazônico, nos conta duas versões para a existência de duas sinagogas. A primeira, humorística e sarcástica, conta que os judeus trataram de fundar duas sinagogas para assegurar permanente freqüência dos atos religiosos, pois se brigassem *naquela* que eram originários, sempre teriam a *outra* para praticar a sua religião. A outra explicação por ele aventada era de que, como no Marrocos havia judeus de fala espanhola e outros da região do norte da África e do Marrocos árabe, eles sentiam necessidade de ter uma casa de orações do idioma familiar espanhol (Bentes, 1987: 384). Só que tenho a impressão de que houve um pequeno lapso ao informar que a Esnoga Shaar Hashamaim pertencia aos judeus de origem árabe, e os da Essel Abraham de origem espanhola. Deve ter havido uma inversão, pois a Esnoga de Campos Sales – Essel Abraham – sempre foi conhecida como *la sinagoga de los pobres y de los forasteiros* – pobres em bens mas doutos na *Torah* – enquanto a outra – *Shaar Hashamaym* – da rua Arcipreste Manoel Teodoro, sempre foi conhecida como *la esnoga de los ricos*, eis

que os judeus sefaraditas – *megorashim* – sempre foram mais prósperos do que os judeus forasteiros – *toshavim* – como verifiquei na pesquisa junto às fontes primárias da *Encyclopaedia Judaica* (1973). O que deve ter ocorrido é que, no início da migração, houve apenas a sinagoga fundada em 1824, que acolhia ambas as correntes. Depois, com a prosperidade da borracha, a segunda sinagoga foi fundada formalmente em 1889 (ou antes, de modo informal, funcionando em alguma casa de família) e pela sua imponência tornou-se a esnoga dos sefaradins *megorashim*.

O mesmo fenômeno seria observado muitíssimas décadas mais tarde com a comunidade judaica de Manaus. Primeiro, os judeus sefaradistas de Tânger e Tetuan – *megorashim* – criaram, por volta de 1925, a primeira sinagoga formal – a esnoga **Beth Yaacov**, que teve sede na antiga Av. 13 de Maio (hoje Av. Getúlio Vargas), num sobrado ao lado do Cine Polytheama. Essa sinagoga reunia todos os judeus das duas origens, porém a liderança pertencia aos judeus sefaradistas – que naquela altura eram pessoas de posse e influentes na cidade. Por volta dos anos de 1950 houve a cisão dos judeus *forasteiros* – *toshavim* – que criaram a própria sinagoga denominada *Rebi Meyr*, que funcionou primeiro num sobrado na Praça 15 de Novembro, perto da rua Tamandaré e depois em prédio próprio na Av. 7 de Setembro, 388, tendo sido um dos fundadores e seu *Shaliah*, o saudoso Sr. Jacob Azulay Z'L (*de abençoada memória*). Posteriormente, essas duas sinagogas foram fundidas numa só com a denominação de *Sinagoga Beth-Yaacov/Rebi Meyr*, localizada na rua Leonardo Malcher, 630, sob a inspiração conciliadora do descendente judeu-amazônico dos sefaraditas Megorashim Isaac Israel Benchimol Z'L (*Zikhronô Librachá*).

O Professor Richard Ayoun, do Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Ocidentais de Paris, nos dá um excelente quadro desses dois grupos de judeus-marroquinos que viriam a emigrar para a Amazônia (*Ibéria*, 1996: 371):

Os expulsos (os megorachim) logo se adaptam às condições de vida de Marrocos, organizam-se e prosperam... Em Fez, pouco tempo depois do seu estabelecimento no melah (gueto), os castelhanos não se entendem com os judeus autóctones (os tochabim). Os dois grupos discordam quanto a certas interpretações religiosas, litúrgicas e outras.

Essa cisão conduziu à separação entre os dois clãs. Os megorachim manifestavam antipatia pelos tochabim, em que viam gente sem cultura enquanto que os tochabim consideravam os judeus-espanhóis pretensiosos (rumis) e os ridicularizavam pelos seus costumes importados da Espanha. Um rabino de Tunis, de passagem por Fez, consegue pôr termo a essa disputa fazendo triunfar a tese dos judeus-espanhóis. Esse debate explicaria a existência no melah de Fez de um templo chamado "Sinagoga dos Fassiyne", que os judeus autóctones de Fez criaram para marcar a diferença.

De 1492 a 1497 os megorachim chegam em levadas sucessivas e se estabelecem nos portos mediterrâneos ou atlânticos e nas metrópoles do interior sob controle português/espanhol de Tânger, Ceuta, Arcila, Safi, Azemur, Mazagan, Tétuan, Quezane ou sob controle muçulmano em Taza, Meknes, Debdu, Marrakesh e Fez. Os expulsos trazem consigo a língua castelhana, sua ciência, suas instituições comunitárias, usos e costumes, seu espírito empreendedor que fazem deles, em relação aos tochabim, um grupo social dominante. Junto aos expulsos vai-se recrutar a elite intelectual e a burguesia de notáveis que desempenharão um grande papel no domínio do comércio, das finanças e da diplomacia. É nessas famílias que são recrutados os homens ilustres do judaísmo marroquino: doutores da lei, embaixadores, financistas, conselheiros régios, cônsules, adidos comerciais, sábios ou homens de ação, entre os quais destacamos os nomes de Ben Attar, Ben Danam, Aben Sur, Sere-

ro, Mansano, Berdugo, Serfati, Toledano, Ben Zmirro, Cansino, Kalfon, Azuellos, Uziel, Bibas, Coriat, Elmaleh ou Azulay” (Ayoun, Richard. *Ibéria*, 1996: 372).

TÂNGER E TETUAN

A *Encyclopaedia Judaica* (Jerusalém, 1973: 792) cita outros ilustres judeus exilados *megorashim* de Tânger, como a família Nahon, que comercializava cera em larga escala; Joseph Chriqui de Mogador e os Abensur, Sicsú, Azancot e a família dos Benchimol, que eram protegidos pelos países europeus e estavam investidos de importantes funções. Eles escaparam do bombardeio francês de Tânger, em 1844, que a comunidade chamou de **Purim de las bombas**.

A situação geral nas juderias dos bairros judeus de Tânger, no entanto, era péssima, porém ela melhorou com a chegada de um novo grupo de judeus de Tetuan, fazendo aumentar a população judia tanjauí de 800 para 3.500 pessoas, cujo chefe da comunidade religiosa era o sábio Dayan R. Mordecai Bengio. Outros judeus importantes de Tânger eram os Ben Ayon, editor de um jornal; Levy Cohen, fundador do jornal *Le Reveil du Maroc*; Pinhas Assayag, Abraham Pimienta, Isaac Laredo. Em Tetuan, os exilados espanhóis *megorashim* eram R. Hayyim Bibas – **av bet din** (rabino da comunidade que preside a Corte de Justiça) – e as famílias Abudaraham, Almosnino, Bendelac, Bibas, Cazés, Coriat, Crudo, Falcom, Hadida, Hassan, Nahon e Taurel. Muitos portugueses *marranos* se abrigaram em Tetuan e se reconverteram ao judaísmo. Também muitas comunidades do interior do Marrocos foram atraídas para Tetuan e se *sefardizaram*, isto é, assimilaram os costumes dos judeus-espanhóis e portugueses, tendo, porém, introduzido, entre eles, diversas superstições, crenças e um novo dialeto dos nortistas chamado **hakitia**, uma mistura corrompida de castelhano, árabe e hebraico. A comunida-

de judaica de Tetuan chegou a ter 8.000 correligionários no século XIX (*Encyclopaedia Judaica*, 1973: 1.030, vol. 15).

MARRAKESH

Também Marrakesh, habitada por judeus arabizados ou berberizados, foi invadida por judeus sefaraditas de Tânger e Tetuan, expulsos da Ibéria, que acabaram ganhando o controle da comunidade judaica no *melah*, que chegou a compreender perto de 25.000 judeus, dos quais 7.500 foram mortos pelo cólera, em 1558. Esses judeus passaram a ser os médicos, banqueiros, conselheiros e embaixadores recrutados entre a elite judaica espanhola. Até que, em 1675, os judeus do *melah* de Fez foram submetidos a toda sorte de atrocidades. Os judeus importantes desta comunidade foram R. Abraham Corcos, Abraham Pinto, Solomon Amar, Abraham Azulay, Shalom Buzaglo. Existiam 200 ou 300 judeus de famílias ricas e 2.000 famílias judias que viviam na extrema pobreza, por volta do ano 1800.

FEZ

Em Fez a situação não era diferente. Os primeiros habitantes eram berberes que falavam um dialeto especial. Fez chegou a ser capital de Marrocos e um grande número de judeus conseguiu obter refúgio e residência, desde que pagassem uma taxa anual extorsiva de 10.000 dinares ao sultão. Mesmo assim, a comunidade prosperou, tendo dado alguns grandes doutores e rabinos. Até que no século XI, 6.000 judeus foram massacrados e seus *melahs* saqueados. O grande filósofo Maimônides (*Rambam*), nascido em Córdoba, quando fugiu da Espanha, nela se refugiou durante cinco anos, antes de partir para o Egito. Novamente, em 1465, houve um grande massacre de judeus, pois o povo se revoltou quando o sultão nomeou o judeu Harun como seu primeiro-ministro. A cidade jamais se recuperou até a chegada dos sefaraditas espanhóis, em 1492, que chegaram a

atingir 10.000 exilados da Espanha (*megorashim*), que suplantaram os pobres judeus nativos (*toshavim*) – chamados depreciativamente de *forasteiros* pelos judeus ibéricos – que passaram a ser estrangeiros em sua própria terra, por serem pobres e de pouca instrução. Eram uma espécie que hoje poderíamos chamar de **judeus caipiras**. Devemos, porém, reconhecer que os judeus forasteiros, em matéria de judaísmo, eram mais cultos e conhecedores da **Torah** do que os exilados sefaradins. Por isso, muitos dos forasteiros acabaram criando as próprias sinagogas, pois assim podiam praticar melhor as suas orações e os seus rituais.

PURIM DE LOS CHRISTIANOS

Alguns judeus forasteiros, como represália aos seus correligionários portugueses, expulsos de Portugal, em 1496, passaram a comemorar a derrota dos portugueses na batalha de Alcácer-Quibir, onde morreu o Rei D. Sebastião, em 1578 (*A Batalha dos Três Reis*). Entretanto, os *megorashim* luso-espanhóis, após essa batalha, acolheram dezenas de milhares de cristãos portugueses e prisioneiros, evitando que eles fossem massacrados pelos mouros e, por isso, passaram a lembrar esse dia da batalha com o nome de **Purim de los Christianos**, como se fosse uma réplica invertida do Purim dos Judeus da Pérsia, salvos do massacre pela Rainha Esther.

A história registra nomes de judeus notáveis de Fez, como Nahman Sunbal, Saul Serrero, Samuel Serfaty, Judah Ibn Atar, Hayyin Ibn Atar de Salé, Isaac Abraham Uzziel e Jacob Hagiz. Fez tornou-se um centro rabínico com os rabis das famílias Hota, Abitbol e Elbaz. A partir de 1550 perde importância política e econômica, com a subida ao poder do sultão Sharifs, quando os judeus mais ricos e notáveis tiveram seus bens confiscados e a comunidade caiu na pobreza. Em 1790 as sinagogas de Fez foram queimadas, os *melahs* saqueados e os judeus expulsos de seus lares e vítimas de todas as humilhações, quando não mortos e martirizados.

V
O ÊXODO
JUDEU-MARROQUINO

O Senhor disse a Abraham: Sai da tua terra, e da tua parentela e da casa do teu pai e vem para a terra que Eu te mostrarei.

(Gênesis 12: 1)

Cinco mil anos depois, os judeus-marroquinos, no início do século XIX, iriam repetir a história do *êxodo* bíblico em busca da *Eretz Amazônia – a Nova Terra da Promissão*. Vários foram os motivos para essa nova diáspora, após terem permanecidos mais de três séculos no Marrocos, desde que foram expulsos da Espanha (1492) e Portugal (1496).

Por que saíram e por que escolheram a Amazônia? Vários foram os motivos que desencadearam a onda emigratória de judeus sefaraditas e forasteiros marroquinos. Entre outros, podemos mencionar os fatores econômicos, sociais, religiosos e educacionais que atuaram como elementos de expulsão e de saída.

De outro lado, a onda migratória judeu-marroquina foi incentivada por fatores de ordem política, econômica e também social, que atuaram de forma positiva na mente dos migrantes e de suas famílias pela antevisão de uma Terra da Promissão – uma nova Canaã –

que iriam encontrar na Amazônia, pois, de longa data, corria pelo mundo o relato das expedições, viajantes, naturalistas e tantos outros visitantes que a descreviam como o futuro *celeiro* do mundo. A conjugação desses fatores de expulsão e atração explica este movimento migratório.

Vejamos, agora, essas diferentes causas e origens.

POBREZA

Em primeiro lugar a pobreza, a humilhação, o sofrimento e o desencanto (*Porque era grande a fome na terra – Gênesis 12: 10*). A vida dos judeus no Marrocos, após trezentos anos de exílio, havia atingido um grande nível de pobreza, para não dizer de miséria, nos *melahs* e guetos, especialmente em Tetuan, Tânger, Fez, Marrakesh, Salé, Arcila e outras vilas e povoados. Poucas famílias judias sefaraditas de Tetuan e Tânger – os dois portos do Mediterrâneo e do Atlântico, em frente a Gibraltar – desfrutavam de uma melhor posição social e econômica, pois a grande maioria vivia confinada nos estreitos *melahs* e insalubres juderias, sujeitas a doenças e epidemias:

Os que chegaram a Fez não tinham mais dinheiro, apenas poucas vestimentas para se cobrir e não sabiam onde se alojar... Irrompe uma epidemia de peste... construíram mais de 2.000 cabanas às portas de Fez. Um grande incêndio ocorre no bairro... e 68 pessoas morrem queimadas e 80 sucumbem de queimaduras... Depois veio a peste... Segundo Abraão de Torrutiel, mais de vinte mil pessoas pereceram na cidade... e os refugiados viviam miseravelmente... pés nus, esfomeados, dando pena de se ver (Ayoun, R., 1996: 367/8).

Abraham Bentes (1987: 306) nos dá um outro quadro triste dos pobres na cidade de Tânger: *A função mais importante da Junta era*

*a de Parnás – Tesoureiro e Esmoleiro-Chefe. Ele era sempre muito assediado pelos pobres, que nunca ficavam satisfeitos com os socorros que recebiam nas sextas-feiras à tarde, quando concedia a distribuição do **Pan de la Sedacá** (pão da caridade), que era recolhido de porta em porta, nas casas de maiores recursos. Os encarregados gritavam: Pan de la Sedacá e as senhoras se apressavam a entregar um pão ou dois de acordo com os recursos do dono da casa (Vide Memórias de um Viejo Tângerino, de Isaac Laredo, Madrid: C. Bernejo Imprensa, 1935: 356/357).*

Isaac Laredo, em seu livro acima citado, menciona que o estado de pobreza dos judeus era tão grande que existiam 22 sociedades judias de beneficência e de socorro. Entre elas: o albergue dos transeuntes pobres; o da ajuda aos necessitados; para socorro das mulheres quando dão à luz e para proporcionar vestidos para os recém-nascidos; casa de maternidade e de asilo de crianças; para socorro dos necessitados; para vestir os desnudos; para proporcionar alimento e vestido para os educandos pobres; para dar roupa e calçados; para dar alimento aos pobres; para distribuir leite às crianças pobres; para curar feridos; para cuidar dos enfermos e ocupar-se dos enterros (Laredo, 1935: 398/401).

DOENÇAS E EPIDEMIAS

As condições sanitárias das cidades marroquinas eram péssimas e nos *melahs* dos judeus piores ainda. Diversas epidemias ocorreram em várias ocasiões. Isaac Laredo (1935: 288) descreve como a epidemia do cólera chegou a Tânger: *Em 1818 chegou uma fragata inglesa procedente de Alexandria, conduzindo muitos Hadjes (peregrinos muçulmanos que iam visitar Meca) dos filhos do sultão Mulay Sliman, várias mulheres e três circassianas para o harém. Poucos dias depois faleceram alguns indivíduos com os sintomas da peste... A peste se propagou rapidamente e a quinta parte da população pereceu nos*

quatorze meses em que durou a epidemia... Vinte e quatro epidemias de peste se registraram em Marrocos... Em 1895 nova cólera ocorreu em Tânger com a chegada do vapor Maurice et Reunion, conduzindo muitos peregrinos de Meca (Hadjes)... o número de mortos foi de 470.

FOME

Continua Laredo (1935: 291): *A fome é o mais forte acicate para a destruição e a morte. Presenciamos, desgraçadamente, em várias cidades, os espetáculos mais repugnantes que convertem os homens em feras... A falta de trigo e de toda a classe de víveres agudizavam as enfermidades... Vimos arrebatam um dos outros os tabuleiros de pães sem cozinhar, que levavam aos fornos e que muitos comiam... muitos desgraçados com devoradora avidez. Vimos arrancar da terra as raízes chamadas yerni, que tostavam para tirar seu sabor acre e reduzir seus tóxicos e que comiam ansiosamente.*

APEDREJAMENTO DE JUDEUS VIVOS E MORTOS

Era comum entre os árabes o apedrejamento de judeus, tanto em vida como na morte. A atual *intifada* palestina foi muito usada no passado como instrumento de perseguição e de hostilidade aos judeus. Isaac Laredo (1935), citado por Abraham Ramiro Bentes (1987: 316), nos conta que *em 1735, em Tânger, um notável hebreu, Abraham Seruya, fez uma petição ao sultão, e foi atendido, para obter um novo cemitério mais perto, porque no cemitério existente perto do Grand Boulevard os moleques muçulmanos atiravam pedras nos cortejos fúnebres, impulsionados pelo fanatismo e pela ignorância, sem que isso pudessem ser evitados pelas autoridades* (Laredo, 1935: 396).

DESTRUIÇÃO DE SINAGOGAS

Havia em Tânger muitas sinagogas na Calle de las Esnogas, perto do Zoco Chico (*mercado pequeno*) e nas adjacências, onde sefaradins e forasteiros se reuniam para orar e estudar (*sinagoga sempre foi casa de estudos e oração, a partir do exílio da Babilônia, no século VI antes da era atual, após a destruição do primeiro templo*). As esnogas sempre foram muitas porque o judaísmo, depois do exílio, permitiu a criação de congregações e comunidades de forma independente, dispensando a hierarquia *eclesiástica* e a presença de sacerdotes, pois o antigo judaísmo templário, sacerdotal (dos coanitas e levitas), sacrificial e monárquico foi substituído e humanizado pelo judaísmo sinagoga, rabínico, acadêmico-docente e profético. O rabino – que significa etimologicamente nosso mestre – passou a ser simplesmente um leigo, treinado para ler as escrituras, orar e ensinar. Não havendo mais sacerdotes, nem hierarquia eclesial, permitiu-se a descentralização religiosa e o surgimento de grupos judeus que criavam as próprias sinagogas na vizinhança, para manter a sua identidade cultural e diferenças de interpretação e costumes.

Em Tânger, as sinagogas eram numerosas. Isaac Laredo (1935: 384/5) enumera as seguintes esnogas (como se dizia em haquitia): 1) Rebbi Yehya, 2) Laredo, 3) Tiferet Israel, 4) Sheerit Joseph, 5) Bet Yehudá, 6) Massat Moshé, 7) Hes Hayin, 8) Benselum (Benatar), 9) Minhat Yehudá, 10) Torá Vehayim, 11) Flamenga (Musa Levy), 12) Tefilá Lemoshé, 13) Bet El (também chamada de Perez, dirigida por Rebbi Jacob Bengio, 14) Siah Isaac, 15) Sinagoga do Hospital-Asilo Haim Benchimol, 16) Judah Cohen, 17) Barchilon y Serruya. A essas Sinagogas Tanjauis, Abraham Bentes (1987: 311) enumera outras, anotadas quando visitou Tânger em 1969, como: 1) Keneset Hagedolá, 2) Tiferet Israel, 3) Yussef Laredo, 4) R. Yahya Anday, 5) Sheerit Yussef, 6) Massat Moshé, 7) De los Flamengos, 8) Minhat

Yehuda, 9) Ets Hhayyim, 10) Tefilá Lemoshé, 11) Bet Yehudah, 12) Yudah Cohen, 13) Shaar Hashamaim (de Isaac Chocron, mesmo nome da Sinagoga de Belém), 14) Shaar Rafael, 15) Yeshurum, 16) Torá Velhayyim, 17) Del Hospital Benchimol, 18) Barchilon, 19) Seruya. Quase todas elas situadas na Calle de las Esnogas. Abraham Bentes, ainda para arrematar, nos fala que entre outras tantas sinagogas existentes antigamente havia uma **De los Borrachos** (*dos bêbados*). Outra De la Hhebrá e De Suyri. Eram ao todo 38 sinagogas, antigas e novas. Parafraseando Gilberto Freyre, transpondo o que ele disse com referência à Bahia e suas igrejas, poderíamos dizer que *Tânger era uma cidade de todas as Esnogas para quase todos os costumes (Aádas-minhag)*. A referência original de Freyre era *Bahia de Todos os Santos e de quase todos os Pecados*.

Por aí já se vê que a população judia de Tânger, que era muito menos numerosa que a de Tetuan, dava muito valor aos seus valores religiosos e suas tradições.

Essas sinagogas, porém, nunca eram bem-vistas pela população local (e por isso, para se proteger, foram construídas quase todas numa mesma rua). Frequentemente eram apedrejadas pela população todas as vezes que havia conflitos, revoluções, mudança de sultões, bombardeios, invasões e outros eventos que enfureciam as multidões, de maioria árabe-muçulmana, que sempre viam com desprezo e ciúme a posição econômica e social que alguns líderes judeus alcançavam durante alguns governos. Quando algum sultão ou pachá amigo era substituído por um inimigo, sempre ocorriam perseguições e saques.

Abraham Bentes (1987: 202) nos informa que, em 1820, exatamente o período em que os tanjauis começaram a emigrar para o Brasil, o pachá de Tânger, com o consentimento do sultão, ordenou a destruição de todas as sinagogas dessa localidade. Muitas delas foram destruídas e dois anos depois D. Judah Benoliel, que era Cônsul da Áustria, obteve do sultão Abderrahmam, que desejava

homenageá-lo com presentes e honrarias, que, em lugar desses presentes, fosse permitida a reconstrução das sinagogas de Tânger, que haviam sido destruídas. A reconstrução foi feita e, por isso, os judeus, às vésperas de *Yom Kipur*, em todas as sinagogas de Tânger, pronunciavam uma prece em memória de Don Judah Benoliel. Este costume é ainda mantido em certas sinagogas dessa cidade (Bentes, 1987: 203).

O **progrom** das sinagogas que foi, na Idade Média e no tempo da Santa Inquisição, uma constante na vida atribulada dos judeus, seguido de saques nos guetos, perseguições de toda a sorte à juderia, agora também se manifestava nos *melahs* marroquinos, antecipando a *Noite dos Cristais dos Tempos de Hitler* e do *Holocausto Nazista da II Grande Guerra Mundial*.

PERSEGUIÇÕES E SOFRIMENTOS

Abraham de Torriel, citado pelo professor Richard Ayoun, do Instituto de Línguas e Civilizações Ocidentais de Paris (*In Estabelecimento dos Espanhóis no Magreb nos Séculos XIV e XV; in Ibéria Judaica: Roteiros da Memória*, organizado pela professora da USP Anita Novinsky, Rio de Janeiro, 1996), descreve o drama dos exilados portugueses e espanhóis do Marrocos, nos primeiros anos da nova diáspora:

Escreverei apenas uma parte dos males suportados pelos exilados. Refugiaram-se em Salé onde passaram tribulações por culpa dos incircuncidados que se apoderaram dos filhos de Israel e atormentaram os homens, fazendo-os suportar horríveis abominações e infâmias... Outros foram submetidos a severos castigos e cruéis torturas em Arcila, sob o domínio do perverso Nemrod... que praticou toda espécie de vilanias contra os judeus e depois os mandou de volta... Os mouros os atacaram

no caminho, despojando-os de tudo o que possuíam, deixando nu homens, mulheres e crianças... Outros que se refugiaram em Larache e em Alcazar foram atacados e duramente maltratados; alguns morreram de sede e outros foram devorados pelos leões... (Ayoun, 1996: 367).

O quadro, descrito por uma testemunha, revela o início de uma hostilidade que iria varar séculos afora em todo o Marrocos, apesar de alguns períodos de paz e prosperidade efêmera, quando se formaram e brilharam grandes escritores, jornalistas, doutores, rabinos, sábios e ricos comerciantes judeus, embora a grande massa, confinada nos *melahs*, permanecesse na pobreza e na exclusão.

PROIBIÇÃO DE SAÍDA

Outro exemplo que bem atesta o sentimento anti-semita de alguns sultões do Marrocos, mesmo na época do maior êxodo judeu para a Amazônia, é esta carta escrita pelo sultão **Abd Er-Rahman** aos funcionários do governo nos portos de Larache e de Tânger, ordenando a proibição de saída dos judeus ricos do país. Diz a carta, textualmente, no seu original em francês:

*Nos avons entendu dire que beaucoup de Juifs riches – que Dieu les maudisse – partent avec leurs enfants sous le pretext de se rendre un Terre Saint et qu'ils n'ont pas l'intention de revenir. Ceci est préjudicable à l'Islam por deux raisons: d'une part cela diminue nos revenus provenant de l'impôt **Djizia** (capitation) et d'autre part ils serviront d'indicateurs et feront connaitre a l'ennemi la faiblesse des musulmans. Lors que tu recevras cette lettre empêche-les de s'embarquer par les ports de Larache et de Tânger et que cette interdiction soit absolute*

et totale (Kenneth Brown, *Religion Commerce et Pérégrinations des Juifs Marocain*, 1989: 26).

CONVERSÃO E MARTÍRIO (*SOLICA – LA SADIKÁ*)

Nas aljamas, juderias e guetos da Ibéria e da Europa era constante a pressão para que os judeus *filhos da maldição, deicidas, párias e excluídos* ficassem periodicamente sujeitos à pressão de catequese ou conversão forçada, dependendo do bom ou mau humor dos papas, cardeais, bispos, reis e nobres do reino. Desse modo, criaram um novo tipo de meio-judeu e meio-cristão, que eram os marranos, cristãos-novos e cripto-judeus que, em Portugal, eram excluídos dos ofícios e das honras reais até o **14.º grau de descendência**. Na diáspora para o Marrocos, também de forma episódica ou constante, essa pressão se fazia sentir para que os judeus aceitassem a crença de Maomé e substituísse a *Torah* pelo *Alcorão*, para torná-los ***Judid-al-Islam*** (muçulmano *por fora* e judeu *por dentro*). Inúmeros casos de conversões forçadas ou de martírios ocasionados pelas recusas foram registrados nas terras do Magreb e Marrocos. Entre eles, devemos citar o caso de Sol Hachuel (da família dos Hatchwel, de Maués), que se tornou uma heroína e **sadiká** (*santa*) do povo judeu Tangerino pela sua recusa à conversão ao islamismo, tendo sido, por isso, degolada em praça pública. É uma história comovente do heroísmo feminino judaico, repetindo outras histórias ao longo dos séculos (Isaac Laredo, 1935: 347/8 e Ramiro Bentes 1989: 248/9).

No ano de 1834 da era atual, vivia em Tânger uma bela e **endiamantada** (moça encantadora de grandes virtudes, que brilhava como diamante, como se diz em *hakitia*), moça de 14 anos, chamada Sol Hachuel. Sua formosura chamava a atenção dos jovens judeus, que disputavam a mão da moça para torná-la sua esposa. O sultão Muley Abderrahman, que reinava em Fez, foi atraído pela sua bele-

za e propôs elevá-la ao trono, caso se convertesse ao islamismo. A moça recusou e disse que preferia a morte a mudar de religião. Voltando a Tânger, Solica se refugiou na casa de uma vizinha e amiga, mulher do muçulmano Ueld Ladina, que aconselhou a jovem que cedesse e se convertesse. Sol novamente recusou, porém o vizinho denunciou ao Kadi (juiz) que a moça havia concordado e proferido as sacrossantas frases que precediam à conversão dos renegados. Solica foi levada ao juiz e se recusou a abjurar a sua crença. O juiz muçulmano a enviou ao governador civil e militar (bacha), que novamente insistiu na conversão. Face à recusa, Solica foi encarcerada e depois enviada a Fez. Sua Majestade, o sultão, diante de sua resistência a enviou ao juiz dos juizes (kadi-koda) para que desse o seu veredito final. Estóica e impassível, replicou que preferia a morte à conversão, porque *nasci hebréia e hebréia hei de morrer*. Os juriconsultores (ulama) decidiram, então, que deveria ser imediatamente degolada, ato que se realizou em praça pública, na presença de mouros e israelitas. O carrasco afastou primeiro as suas tranças e com o seu cutelo bem afiado cortou o pescoço da jovem judia. Conta a história que Solica, antes de morrer, como faziam antes os seus antepassados judeus, pronunciou a sua última oração: ***Shema Israel, Adonai Elohenu, Adonai Ehad*** (*Ouve, ó Israel, Adonai é nosso Deus, Adonai é um só*). Separada a cabeça do tronco, esta caiu numa poça de sangue. Os judeus de Hebrá (associação que se ocupa dos mortos) recolheram o cadáver, envolveram-no num saco e levaram-no para o ***melah*** (juderia-gueto), no meio da multidão de árabes enfurecidos. Para abrir caminho os judeus iam jogando moedas à direita e à esquerda, para que a massa popular deixasse passar o cadáver até a juderia. Ao chegar ao portão do ***melah***, os muçulmanos cerraram as portas e os judeus tiveram de galgar o alto muro do ***melah*** para levar o corpo da jovem. Ela foi enterrada na ***mea-rah*** (cemitério) de Fez, ao lado da tumba do sadik (santo) Rebbi Eliyahu Hasserfaty. O povo judeu-marroquino, então, passou a chamar a mártir heroína de

Solica – la Sadiká (santa), que nasceu em Tânger, em 1820, e foi decapitada em Fez, em 1834 (Laredo, 1935: 347/8).

GUERRAS E MOTINS

Marrocos sempre foi um país disputado por berberes, árabes, portugueses, espanhóis, franceses e ingleses. Inúmeras foram as revoluções ocorridas durante os séculos XVI e XVII. Portugal lutou contra o Marrocos e travou a Batalha de Alcácer-Quibir – Batalha dos Três Reis, onde o Rei D. Sebastião morreu em combate, em 1578, o que determinou a união do reino de Portugal e Espanha, no período de 1580 a 1640. Nessa batalha, milhares de portugueses cristãos foram salvos no Marrocos por exilados judeus sefaraditas, que acolheram os sobreviventes – antigos *patrícios* – evitando que fossem massacrados pelos mouros. Por isso, os judeus passaram a comemorar a data como o *Purim de los Christianos* – relembrando a salvação dos judeus pela Rainha Esther na antiga Pérsia. Portugal invadiu Mazagam e Marrocos e lá ficou até 1769 (Eidorfe Moreira nos conta que os primeiros judeus-marroquinos que emigraram para o Pará fundaram a cidade de Mazagão, perto de Macapá, que vieram fugidos do Marrocos em 1764, depois que a cidade foi arabizada (Eidorfe Moreira, *Presença Hebraica no Pará*, Belém, 1927: 26).

A seguir, Moreira nos conta a seguinte hipótese e versão:

Cercada pelos mouros (1768) foram seus habitantes transferidos no ano seguinte para a Amazônia, onde fundaram a nova Mazagão, em terras do atual Território do Amapá. Não teria a lembrança desse fato atuado como preponderante no caso? Marrocos sempre foi o grande vazadouro hebraico de Portugal e Espanha, de modo que os mazagonistas evacuados, entre os quais vieram provavelmente cristãos-novos, abriram no tem-

po perspectivas de relações que depois se tornaram efetivas entre esse país e a Amazônia.

Portugal também ocupou Tânger e entregou este porto, de frente de Gibraltar, na costa atlântica, para a Inglaterra, em 1662, tendo o Mulai Ismail recuperado a soberania para o Marrocos em 1684. Gibraltar também foi ocupada pelos ingleses em 1704, um porto estratégico militar que controla o acesso ao mar Mediterrâneo, até hoje em poder do Reino Unido da Grã-Bretanha, apesar das reivindicações da Espanha. Os franceses, por sua vez, bombardearam Larache e Salé, em 1765, tendo havido muitas mortes de árabes e judeus, porém muitos destes últimos se salvaram e passaram a comemorar a data como *El Purim de las Bombas*.

A guerra da Espanha contra Marrocos, de 1859-1860, resultou na conquista de Tetuan, ampliando a sua ocupação anterior de Ceuta e Melilla.

Em Tetuan havia, em 1727, sete sinagogas e, em 1790, desencadeou-se séria perseguição, roubo, estupros e assassinatos de judeus perpetrados pelo sultão Mulay Yazid, porque os judeus se recusaram a *emprestar* a ele grande soma de dinheiro. Em 1822, novamente, a comunidade foi saqueada e grandes atrocidades, saques e roubos foram cometidos. Em 1860, durante a Guerra da Espanha contra Marrocos (*Encyclopaedia Judaica*, Jerusalém, 1973: 1.030), Tetuan chegou a ter o máximo de 8.000 judeus e durante muitas gerações exerceu a liderança temporal e espiritual dos sefaraditas no Marrocos. Tânger, em 1808, tinha apenas 800 judeus, que foram aumentados para 2.000, em 1835, depois que os cônsules europeus passaram a residir na cidade, dando-lhes certa proteção. Em razão do afluxo de judeus empobrecidos de Tetuan, que foram atraídos pela maior prosperidade de Tânger, os tetuanos foram forçados pelos árabes a viver enclausurados dentro dos guetos ou melahs – juderia –, em um

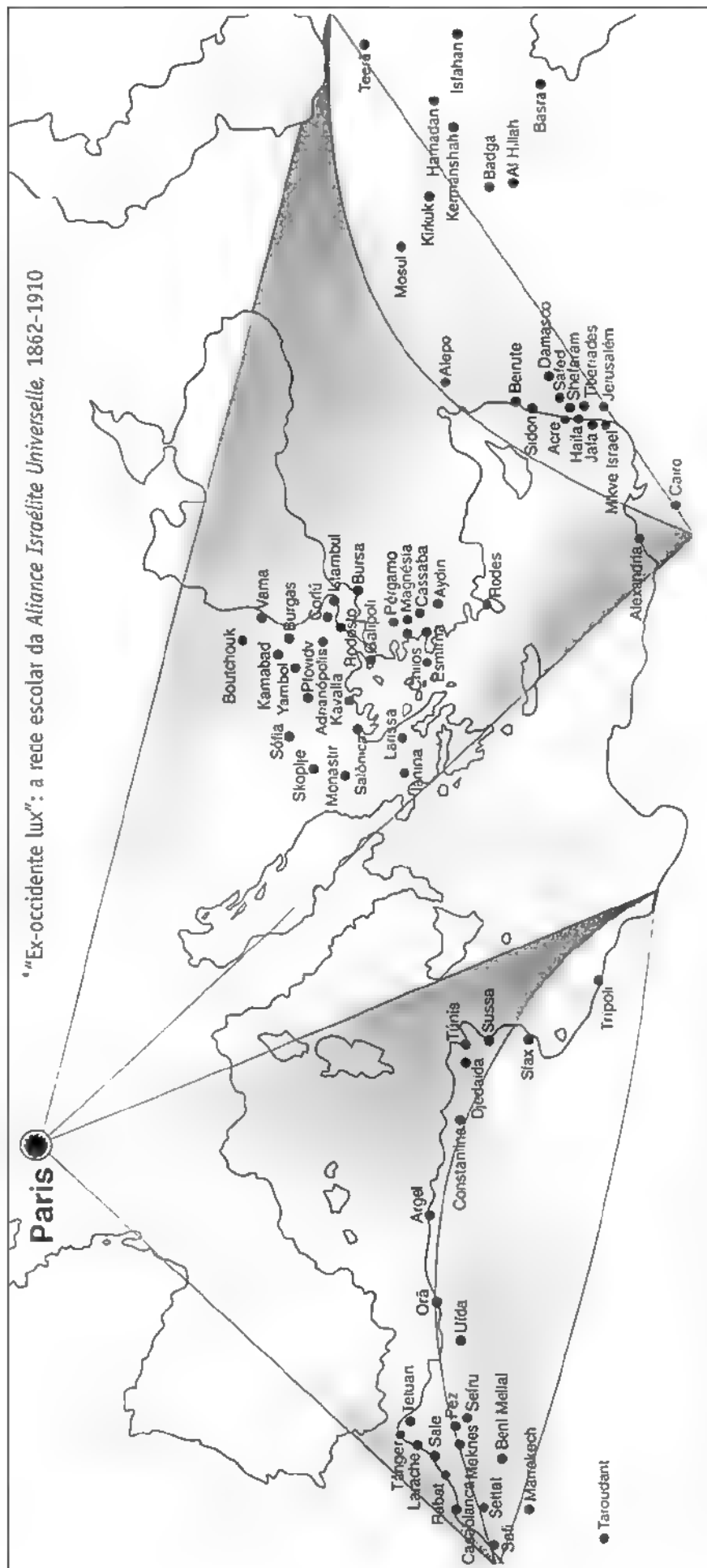
quarteirão da cidade, desde 1807 até 1912 (*Encyclopaedia*, 1973: 1.031, vol. 15).

A guerra da Espanha contra Marrocos, de 1859-1860, resultou na conquista de Tetuan pelos espanhóis, ampliando assim a sua ocupação anterior de Ceuta e Melilla. Os judeus sefaradis – tetuanos – sofreram pilhagem e massacre na mão dos muçulmanos, sob alegação de que os judeus foram favoráveis à Espanha. Quando os espanhóis abandonaram Tetuan, em 2 de maio de 1862, a perseguição aumentou e a maioria fugiu para Argélia, Oran, Tânger, Ceuta, Melilla, Gibraltar, América Latina, especialmente Brasil e outros voltaram até para a Espanha e Portugal (Mirelman, Victor A. – *Sepharadic Immigration to Argentina prior to the Nazi Period.*, Boston: Allen & Unwin, 1987. *In The Jewish Presence in Latin America*).

Portanto, os fatos, eventos e acontecimentos acima mencionados, 1) pobreza, 2) doenças e epidemias, 3) fome, 4) apedrejamento de judeus vivos e mortos, 5) destruição de sinagogas, 6) perseguições e sofrimentos, 7) conversão e martírio (*Solica – la Sadiká*), 8) guerras e motins foram os principais motivos e fatores que expulsaram os judeus do Marrocos.

Enquanto a barbárie campeava no Marrocos, os judeus atemorizados e apavorados de Tetuan, Tânger, Fez, Arcila, Salé e outros centros marroquinos, já tinham a prova de que a antiga *Guezerah* (*sentença maldita*) da Ibéria havia chegado ao **Guehinam** (*inferno*) do Marrocos e trataram de fugir, arrumar as suas malas, despedir-se de suas mães e avós, colocar os **tefelin** (*Bar-Mitzvá* – cerimônia da maioridade aos 13 anos) nas sinagogas e partiram acompanhados ou não de seus pais e famílias para a *Eretz Amazônia – a Terra da Promissão e a Nova Canaã do Grão-Pará e Amazonas*.

De outro lado, essa emigração teve também os fatores positivos de atração que passaram a atuar nas mentes de cada judeu, nas conversas e orações nas sinagogas e nas ruas estreitas e sujas dos melahs e juderias (A Calle de las Esnogas, onde havia 7 sinagogas, a rua era



Fonte: *História Universal dos Judeus*. Élie Barnavi, 1995: 188.

tão estreita que só dava passagem para duas pessoas a pé, uma ao lado da outra (Bentes, 1987: b310).

Muitos foram essas forças e fatores de encantamento, simpatia e fascinação. Entre eles podemos citar os seguintes fatores: educacionais, políticos, sociais e econômicos.

ALIANÇA ISRAELITA UNIVERSAL

A Alliance Israelite Universelle foi fundada em Paris, em 1860, por J. Carvalho, I. Cohen, N. Leven, A. Cremieux, A. Astruc e o poeta E. Manuel, com o apoio financeiro do Barão Maurice de Hirsch, que doou 11 milhões de francos-ouro.

O seu objetivo era expressar a necessidade de dar solidariedade aos judeus, trabalhar pela sua emancipação e progresso moral, oferecer ajuda e assistência aos judeus vítimas do anti-semitismo, encorajar a publicação de livros que promovessem esses objetivos. A ação da Aliança Israelita Universal se fazia nos níveis diplomáticos, assistência a emigrantes e educação, sobretudo voltados para os judeus orientais, vítimas de perseguições. Para cumprir este objetivo foi criado em Paris, em 1867, a Ecole Normale Israélite Orientale para treinar diretores e professores para as suas escolas no exterior. Foram fundadas, ainda, diversas escolas da AIU como a de Tetuan, em 1862, a de Tânger, em 1869, seguidas de mais cinco escolas em Marrocos (*Encyclopaedia Judaica*, 1973, vol. 2, 651). Em 1870-1885 foram fundadas 10 escolas na Bulgária, Sérvia, Rumania, Turquia, Síria, Iraque, Egito, Jerusalém, Algéria, Tunísia e outros países do Mediterrâneo, onde a Escola Israelita Universal exerceu um papel fundamental na criação de meninas e meninos judeus, dando formação em todos os níveis de ensino, línguas (francês, espanhol, inglês e hebreu), ciências, história, geografia, ofícios e profissões, sendo que as mulheres aprendiam ainda costura, trabalhos manuais e música, além das matérias acima citadas (Bentes, 1987: 313).

A Aliança abriu também uma escola rabínica em Istambul, em 1897, ajudou os Falashas, em 1868, e os judeus do Iêmen, em 1908. Também em Casablanca foi criada, à semelhança de Paris, a Escola Normal Hebraica de Casablanca para formar professores e diretores para outras escolas. A escola, além de proteger, estimular e promover as tradições judaicas e o ensino humanístico e profissional, preparou muitas gerações para que pudessem emigrar para outros países. Como a A.I.U. era uma organização de origem francesa, com a direção em Paris, ela foi muitas vezes acusada de promover, além do judaísmo, os valores da cultura francesa e este argumento foi muito usado para fechar muitas dessas escolas nos países árabes (*Encyclopaedia Judaica*, 1973: 652, vol. 2).

Também o filantropo judeu-inglês Sir Moses Montefiore, na sua visita ao Marrocos, em 1864, muito ajudou a dar alento às escolas da Aliança em Tânger e Tetuan, e auxiliou a fundar uma escola para meninas judias, com donativo de 300 libras esterlinas. Ele interferiu junto ao sultão para pedir proteção e amparo aos judeus, seus correligionários e também para os cristãos, tendo obtido a libertação dos judeus de Damasco e conseguiu para os judeus da Palestina o direito de adquirir propriedade rural (Laredo, 1935: 350/354; Bentes, 1987: 313).

As escolas da Aliança Israelita Universal de Tetuan e Tânger tiveram papel importante na educação e preparação de judeus, retirando-os da pobreza e ignorância em que viviam no Marrocos e estimulando-os a emigrar para outros países que pudessem oferecer melhores oportunidades para viver e manter as suas tradições judaicas.

Mirelman (1987: 15) nos informa que dos 417 rapazes formados pela Escola da Aliança Universal de Tetuan, em 1862, 44% ou 182 estudantes deixaram o país como emigrantes para outros países, inclusive o Brasil. David Cazes, citado por Mirelman, nos informa que *as escolas de Tetuan da AIU. trabalham para exportar...*

95% dos estudantes migraram. Mirelman também nos informa que o professor Isaac Benchimol, de Tânger (*In Benchimol – Langue espagnole*), em 1901, pediu que a AIU introduzisse o espanhol nas escolas do interior do Marrocos, onde os judeus *forasteiros* falavam árabe, para ajudá-los a emigrar, pois a América Latina necessitava de mão-de-obra (Mirelman, 1987: 21). E conclui o seu pensamento, dizendo: *A criação das escolas de Tetuan (1862) e Tânger (1864) da Aliança Israelita Universal contribuíram, economicamente, para o desenvolvimento de uma nova geração de judeus imbuídos do espírito de progresso. Estas escolas desempenharam papel fundamental na modernização das comunidades judaicas das cidades costeiras e do interior, onde o tradicionalismo religioso estava profundamente arraigado. Estas escolas ensinaram novos ofícios e habilidades aos judeus na esperança de mudar a estrutura ocupacional das comunidades judaicas. Uma grande parte dos judeus-marroquinos optou pelo comércio ou emigração como melhor alternativa para escapar da pobreza. A maioria era de Tetuan, Tânger, Larache, Elksar, Fez e Marrakesh e muitos emigrantes eram ainda adolescentes em seus teens (13 a 18 anos) (Mirelman, 1987: 15).*

Com estes antecedentes, o emigrante judeu-marroquino, ao se transferir para a Amazônia, já era um homem ou mulher educado para o trabalho e para vencer na vida. Toda escola, em um país pobre que persegue os destituídos, os discriminados e os excluídos, funciona como agente de emigração – *oeuvre d'emigration* –, preparando-os para melhor exercer os seus ofícios e profissões no exterior. A Aliança Israelita Universal de Marrocos ajudou a preparar os futuros líderes judeus da Amazônia, que se tornaram importadores e, sobretudo, exportadores, viajando para o exterior para fechar negócios e assistir congressos e exposições, pois dominavam fluentemente o inglês e o francês. Na época da crise da borracha, quando os exportadores ingleses, alemães e franceses abandonaram Manaus e Belém, coube aos judeus-marroquinos-brasileiros substituí-los nes-

sas funções, fornecendo à sociedade local a liderança econômica e social necessária para sobreviver nas décadas de depressão e *débâcle* da borracha.

FATORES POLÍTICOS

Durante milênios os judeus jamais tiveram um estatuto político que os protegessem das perseguições, ordálias, confiscos, conversões forçadas e martírios. Segregados e forçados a viver separados e excluídos da comunidade cristã, os judeus sempre viveram emparedados nos *platea judaeorum* (em Roma), na *guidecca*, *ghetto e borghetto* (de Veneza), Itália, na *judengasse* e *geheckter* (lugar cercado) da Alemanha, nos *ghettos* e *ulica zydowska* de Varsóvia, nos *stetl* da Rússia, Polônia e Lituânia, na *juiverie* da França, na *jewry* da Inglaterra, na *juderia* da Espanha, nas *aljamas* e *judiarias* de Portugal e nos *melahs* do Marrocos. Esse *apartheid* religioso foi sancionado pelo Concílio de Trento (1545-1563), que o institucionalizou.

O primeiro documento que atribuiu liberdade e igualdade de direito aos judeus foi durante a Revolução Francesa de 1789, quando a Declaração dos Direitos Humanos e Cívicos emancipou os judeus na França, que passaram a ter seus direitos civis e políticos, embora o imperador Napoleão, posteriormente, suspendesse os direitos civis dos judeus durante dez anos.

A proteção legal e jurídica dos judeus e a sua integração à cidadania política e civil nos países onde moravam, inclusive os direitos ao culto religioso, foram inicialmente precários mesmo depois desse estatuto político, pois continuaram sofrendo grandes restrições e óbices legais em muitos países que não incorporaram esses direitos aos seus códigos, leis e estatutos. Assim é, por exemplo, a Espanha que, somente, em dezembro de 1978, com a nova Constituição é que ficou assegurado a liberdade religiosa para todos os residentes no país.

Assim, aqueles países que concediam proteção legal e política aos imigrantes judeus eram procurados por eles, a fim de fugir da pobreza e da opressão. No caso brasileiro, essa proteção e os incentivos políticos e econômicos atuaram sobre os judeus-marroquinos por meio de diversos tratados e leis.

ABERTURA DOS PORTOS DO BRASIL

Em 1808 a família real portuguesa, fugindo do General Junot do Exército de Napoleão Bonaparte, que invadiu Portugal, transferiu-se para o Brasil com a Rainha D. Maria I e o Príncipe Regente D. João, que seria aclamado Rei de Portugal, Brasil e Algarves em 8 de fevereiro de 1818.

Em 28 de janeiro de 1808 foi assinada a Carta-Régia da Abertura dos Portos às Nações Amigas, inspirada pelo futuro Visconde de Cairu, que autorizava que as alfândegas recebessem, conforme a primeira cláusula:

todos e quaisquer gêneros, fazendas e mercadorias transportados em navios das potências que se conservam em paz e harmonia com a minha coroa, ou em navios de meus vassallos.

A segunda cláusula admitia que:

Não só os meus vassallos mas também os sobretodos estrangeiros, possam exportar para os portos, que bem lhes parecer, o benefício do comércio e agricultura, que tanto desejo promover, todos e quaisquer gêneros e produções coloniais, à exceção do pau-brasil, ou outros notoriamente estancados.

A Carta-Régia revogava todas as leis e ordens anteriores que até aqui proibiam neste Estado do Brasil o recíproco comércio e nave-

gação entre os meus vassallos e estrangeiros. Em 18 de junho de 1814, o Príncipe Regente D. João assinou um novo decreto, abrindo os portos luso-brasileiros pela segunda vez, porém em caráter definitivo a todas as nações amigas, sem exceção (Jânio Quadros & Afonso Arinos. *História do Povo Brasileiro*. S. Paulo: J. Quadros Editores, 1967: 32/63).

A Carta-Régia de 1808 e o decreto de 1814 fizeram inserir o Brasil no comércio internacional, o que teve reflexos imediatos na Europa, sobretudo Inglaterra, França, Gibraltar e Marrocos. Nestes últimos países os exilados judeus sefaraditas foram buscar abrigo desde o fim do século XV. O livre comércio e a abertura dos portos criaram novas perspectivas e horizontes para as juderias e judiarias de Tetuan e Tânger, duas cidades portuárias, onde muitos judeus chegaram a enriquecer com o comércio exterior de importação e exportação.

TRATADO DE ALIANÇA E AMIZADE

Em 19 de fevereiro de 1810 foram firmados dois tratados, um de comércio e navegação e outro de aliança e amizade, além de uma convenção sobre o serviço de navios entre o Brasil e a Grã-Bretanha (Quadros, 1967; Bentes, 1987: 347). Esse tratado permitiu a introdução das manufaturas inglesas de ferro, vidro, cobre, lã, louça, cutelaria, móveis, sapatos, roupas, colchões e outros produtos que em grande parte vinha substituir o antigo monopólio português metropolitano sobre a sua colônia. Também os portugueses deveriam abolir, gradualmente, o tráfico negreiro. Assinado em 19 de fevereiro de 1810, pelo Conde de Linhares, representando o Príncipe Regente D. João e pelo ministro Strangford, representando o Rei Jorge III da Grã-Bretanha, o Tratado de Aliança e Amizade determinava que, no futuro, não haveria mais no Brasil o Tribunal da

Inquisição. Numa demonstração de sua tolerância religiosa, D. João VI permitiu, também, no outro tratado da mesma data, no seu artigo XII, a edificação na sede de sua corte no Rio de Janeiro do primeiro templo protestante e a liberdade de culto para os vassallos de S. M. Britânica (Bentes, 1987: 347):

*S. A. R. o primeiro regente de Portugal declara e se obriga, no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores, a que os vassallos de S. M. Britânica, residentes nos territórios e domínios seus, não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem os ofícios divinos em honra do Todo-Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas particulares igrejas e capelas que S. A. R. agora e para sempre generosamente lhes concede a permissão de edificarem e montarem dentro dos seus domínios e conquistas, **contanto que as sobreditas capelas sejam construídas de tal maneira que exteriormente se assemelhem a casa de habitações e também que o uso de sinos não lhes seja permitido.***

Esta concessão feita aos anglicanos encontrou oposição por parte do Núncio Lourenço Calpipi, que chegou a pedir ao rei que se restabelecesse no Brasil a Inquisição para impedir o aumento da heresia, que não poderia deixar de produzir *venenosos frutos* à vista de semelhante concessão feita aos anglicanos. D. João não concordou em perseguir hebreus e cristãos-novos, mantendo-se coerente com o compromisso que assumira no mesmo dia, de que no futuro não haveria inquisição no Brasil (Bentes, 1987: 347).

Esse Tratado de Aliança e Amizade entre o Reino Unido e o Brasil constitui um marco e um sinalizador para que os judeus do Marrocos e outros países pudessem vir para a Amazônia, conforme

assinalou o historiador Nachman Falbel, Professor Titular de História Medieval da Universidade de São Paulo, em seu recente pronunciamento em Belém, em setembro de 1997, no I Congresso Internacional Israelita de Ecoturismo, na sua conferência sobre *Presença Judaica na Amazônia* (Belém, 1997, manuscrito inédito).

EXTINÇÃO DA INQUISIÇÃO (1821)

D. João VI regressa a Portugal em 26 de abril de 1821 e, no mesmo ano, corajosamente, e enfrentando as represálias do clero e da Igreja, extinguiu finalmente a Santa Inquisição e os Tribunais do Santo Ofício em todo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Finalmente estava aberto o caminho para que os judeus sefarditas e *forasteiros* do Marrocos apressassem a sua partida do exílio marroquino, que durou mais de 300 anos, desde as expulsões de 1492 e 1496, da Espanha e Portugal. Era a verdadeira carta de alforria para os judeus que viveram durante séculos na Ibéria, sob o peso desse Tribunal e das condenações nos Autos-de-Fé. Havia, portanto, na América um país livre que poderia abrigá-los para a construção do seu novo lar.

CONSTITUIÇÃO IMPERIAL DE 1824

Proclamada a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, por D. Pedro I, Imperador do Brasil, a Constituição Imperial de 1824 reconheceu a Igreja Católica como a religião oficial do Estado, mas permitiu às outras religiões que fizessem o culto doméstico ou particular em casas *sem forma alguma exterior de templo*. A fim de apaziguar a Igreja, foi feita essa concessão de modo que as outras religiões não pudessem erguer seus templos de forma ostensiva, que se rivalizassem com as igrejas, mas podendo, de modo íntimo e doméstico, realizar os seus cultos. Era uma espécie de semi-

clandestinidade legal para salvar as aparências. De qualquer forma, o fato de a Constituição reconhecer a prática de outros cultos, diferentes da Igreja Oficial, constituiu um grande avanço. As sinagogas, assim, poderiam funcionar em casas de famílias judaicas como ocorreu logo de início, quando começou a emigração sefaradita marroquina para Belém, por volta de 1810. A primeira sinagoga fundada em 1824 ou 1823 – Essel (Eshel) Abraham – deve ter funcionado em alguma casa de família, sem nenhum sinal ou identificação de templo.

LIBERDADE DE CULTO JUDAICO (1890)

Por fim, com a Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, em 15 de novembro de 1889, foi baixado pelo governo provisório o decreto 119, que aboliu a união legal da Igreja com o Estado e instituiu o princípio da plena liberdade de culto. Entre os *considerandos*, o governo provisório enfatizou nesse decreto que a política republicana se baseava na mais completa liberdade espiritual, que os privilégios concedidos pelo poder civil aos adeptos de qualquer doutrina só tinha servido para dificultar o natural advento das opiniões legítimas e que as doutrinas não deveriam mais carer de apoio temporal. O decreto acima mencionado, talvez redigido por algum positivista adepto de Augusto Comte, com o apoio da maçonaria, estabeleceu até que, em *caso de abandono dos templos pelos sacerdotes católicos, o Estado os cederia para os exercícios culturais de qualquer igreja, sem privilégio religioso*.

Nessa época, vivíamos na Amazônia, em pleno apogeu do ciclo da borracha, e os judeus-marroquinos que, desde 1810, estavam emigrando para a Amazônia receberam novo incentivo e alento para continuar emigrando, pois o novo estatuto político permitia que as sinagogas saíssem da semiclandestinidade para se organizarem como templos de estudo, oração e reunião de comunidade judaica. A Sina-

goga Shaar Hashamaim (1889), de Belém, foi uma das primeiras a se beneficiar do novo estatuto legal, porém, é bem provável que já funcionasse, na casa de alguma família judia de Belém, pois a data de sua fundação ainda é motivo de controvérsia, embora alguns autores mencionem como datas prováveis os anos de 1826 e 1828 (Bentes, 1987: 348; Moreira, 1972: 18).

ABERTURA DO RIO AMAZONAS PARA A NAVEGAÇÃO DE TODAS AS NAÇÕES

O rio Amazonas até a sexta década do século XIX teve a sua navegação vedada às bandeiras dos navios de outras nações. As pressões do exterior eram grandes porque, nessa altura, despontava o ciclo da borracha. O interior da Amazônia não podia desenvolver-se sem acesso à livre navegação. Tavares Bastos, com o apoio da população e os aplausos dos governadores da Província, *desfazendo acusações de que estava a soldo dos interesses norte-americanos*, reclamou no parlamento a medida de liberalização da navegação. Afinal, o governo imperial de D. Pedro II cedeu e baixou o decreto 3.749, de 7 de dezembro de 1866, abrindo o rio Amazonas e seus afluentes à navegação mercante para todas as nações, a começar de 7 de setembro de 1867 (vide Arthur Reis. *História do Amazonas*. Manaus, 1.^a edição 1931; 2.^a edição, Belo Horizonte: Itatiaia, 1989: 224).

Um novo passo político para viabilizar a colonização da Amazônia e o intercâmbio com o exterior e mais um incentivo aos migrantes judeus do Marrocos e de outros países para se estabelecerem na região, além do fascínio representado pelos altos preços da borracha amazônica nos mercados internacionais, na segunda metade do século XIX.

NAVEGAÇÃO DO EXTERIOR E IMIGRAÇÃO ESTRANGEIRA

Antes do fim do século XIX foi inaugurada a Linha Booth, com vapores ligando os portos de Manaus, Belém, e os portinhos do interior da calha central, com a Ilha da Madeira, Lisboa, Leixões, Vigo, Havre, Liverpool e Hamburgo, com transbordos para Paris e Londres e serviço regular de cargas e passageiros. Também foi criada outra companhia de navegação inglesa, a *Red Cross Line*, com a mesma rota da Europa até Belém e Manaus. Em 1900, as duas fundiram-se e passaram a se chamar *The Booth Steamship Co. Ltd.*, servindo os portos europeus e os Estados Unidos da América do Norte. Os alemães organizaram a *Hamburg Amerika Line*, ligando Hamburgo e os portos do continente com Belém e Manaus. Os italianos fundaram a companhia *Ligure Brasileira*, presidida pelo deputado italiano Gustavo Gavotti, que iniciou a linha do Mediterrâneo com escalas em Gênova, Marselha, Barcelona, Vigo, Tânger, Lisboa, Açores, Belém, Parintins, Itacoatiara e Manaus, com subvenção anual de duzentos e quarenta contos de réis (valor equivalente a 553.380 libras esterlinas de 1992). Essa subvenção foi concedida pelo governador do Amazonas Eduardo Ribeiro, que governou o Estado no período de 1892 a 1896 e que, provavelmente, deveria incluir alguma cláusula de transporte gratuito de imigrantes. Esta hipótese deve ter ocorrido, pois Eduardo Ribeiro construiu a Hospedaria dos Imigrantes de Paricatuba, para receber imigrantes das Antilhas, Ilhas Baleares, Canárias, Açores, Espanha e Japão, conforme nos informa Mário Ypiranga Monteiro (*Negritude e Modernidade: a trajetória de Eduardo Gonçalves Ribeiro*. Manaus: Edição Governo do Estado, 1990).

Sem dúvida, a navegação do exterior incentivou muito a emigração de judeus do Marrocos, pois vizinhos de Gibraltar, facilmente iam a Lisboa, para apanhar os navios da Booth, Red Cross, Hamburg Amerika Line, Liverpool and Amazon Royal Mail Ship Co.

Ltd. (Mala Real Inglesa) de Brito Amorim, com o capital de £100.000, incorporada em Londres em 1877 e que foi à falência e depois comprada pela firma Singlehurst & Co, que atuava também com exportação de borracha. A linha italiana La Ligure Brasileira, por ter escala mensal em Tânger, deve ter trazido muitos judeus sefaraditas e forasteiros de Ceuta, Tetuan, Tânger e do interior do país. É provável que muitos deles foram subsidiados com passagem gratuita, ao contrário do que afirma grande parte dos historiadores, que sustentam que a emigração judaica para Amazônia foi espontânea e sem ônus para os cofres públicos. É bem provável que, como a companhia italiana era subvencionada pelo governo amazonense, com cerca de meio milhão de libras esterlinas por ano, ela fosse obrigada a transportar, gratuitamente, uma quota de imigrantes para trabalhar na Amazônia. Esta hipótese é válida pois o contrato feito, em 1874, com a Amazon Royal Mail Steamship Co. Ltd. (Mala Real Inglesa), com Alexandre Paulo de Brito Amorim, previa em uma de suas cláusulas 6 viagens por ano entre Manaus, Belém e Europa e a introdução por conta da empresa de cem imigrantes por ano.

Roberto Santos (1980: 88) nos informa, outrossim, que no período de 1908 a 1911, no auge do ciclo da borracha, deram entrada em Belém – o principal porto amazônico – 19.467 imigrantes estrangeiros. Destes, 9.008 eram portugueses; 2.809 espanhóis; 1.294 ingleses; 974 turco-árabes; 907 franceses e alemães; 830 italianos; 564 norte-americanos e 3.081 de outras nacionalidades. A aceleração do movimento migratório deve-se, em grande parte, ao governador paraense Lauro Sodré, que, em 1896, sancionou uma lei para promover a vinda de 100.000 imigrantes do exterior para o Pará, no prazo de dez anos. Somente parte desse programa de imigração e colonização foi realizada, pois a crise da borracha, a partir de 1911, desestimulou o movimento imigratório. Muitos desses imigrantes foram destinados à colonização da recém-construída Estrada de Ferro de Bragança e à construção da Estrada de Ferro Madeira–Mamoré. É bem provável, no

entanto, que um número apreciável deles era de judeus-espanhóis, portugueses, ingleses e franceses, provenientes do Marrocos, Gibraltar, Alsácia e Lorena.

NAVEGAÇÃO INTERIOR

Os atrativos para a imigração não se centralizavam apenas na navegação do exterior, eles também eram praticados com muita subvenção dos governos federal e estadual, para estimular a navegação no interior da região. Assim é que, já em 1872, foi organizada em Londres a The Amazon Steamship Navigation Co. Ltd., da qual era acionista principal o Visconde de Mauá, que substituiu a antiga Cia. de Navegação e Comércio e que foi finalmente encampada pela Amazon River Steam Navigation Co. Ltd., em 1911. Essa companhia chegou a ter 54 vapores, vaticanos, gaiolas e chatas, aos quais devem ser acrescidos mais 122 navios menores de armadores particulares, inclusive de propriedade de judeus de Belém e Manaus. A Amazon River era subsidiada pelo governo federal, que pagava pela operação de seus navios em quase todos os rios e cidades da Amazônia a importância de 873.948\$000 por ano, equivalente a £58.263 de 1912 e a £2.881.693/ano, atualizados para 1992 (vide Samuel Benchimol, *Navegação e Transporte na Amazônia*, Manaus, 1995: 37).

Esses investimentos facilitaram a interiorização dos judeus-marroquinos que, ao chegar a Belém do Pará, as sucessivas levas de imigrantes eram logo atraídas para o interior do Pará e Amazonas, estabelecendo-se em Cametá, Gurupá, Breves, Baião, Macapá, Santarém, Itaituba, Alenquer, Óbidos, Parintins, Maués, Itacoatiara, Manaus, Manacapuru, Coari, Tefé, Manicoré, Humaitá, Porto Velho e até Iquitos no Peru.

Judeu sempre foi, sociologicamente falando, padrão de terra boa, e onde ele vai com sua família e inicia o seu trabalho, a prosperidade chega. Quando ele sai é sinal de crise e depressão. Nos velhos tempos

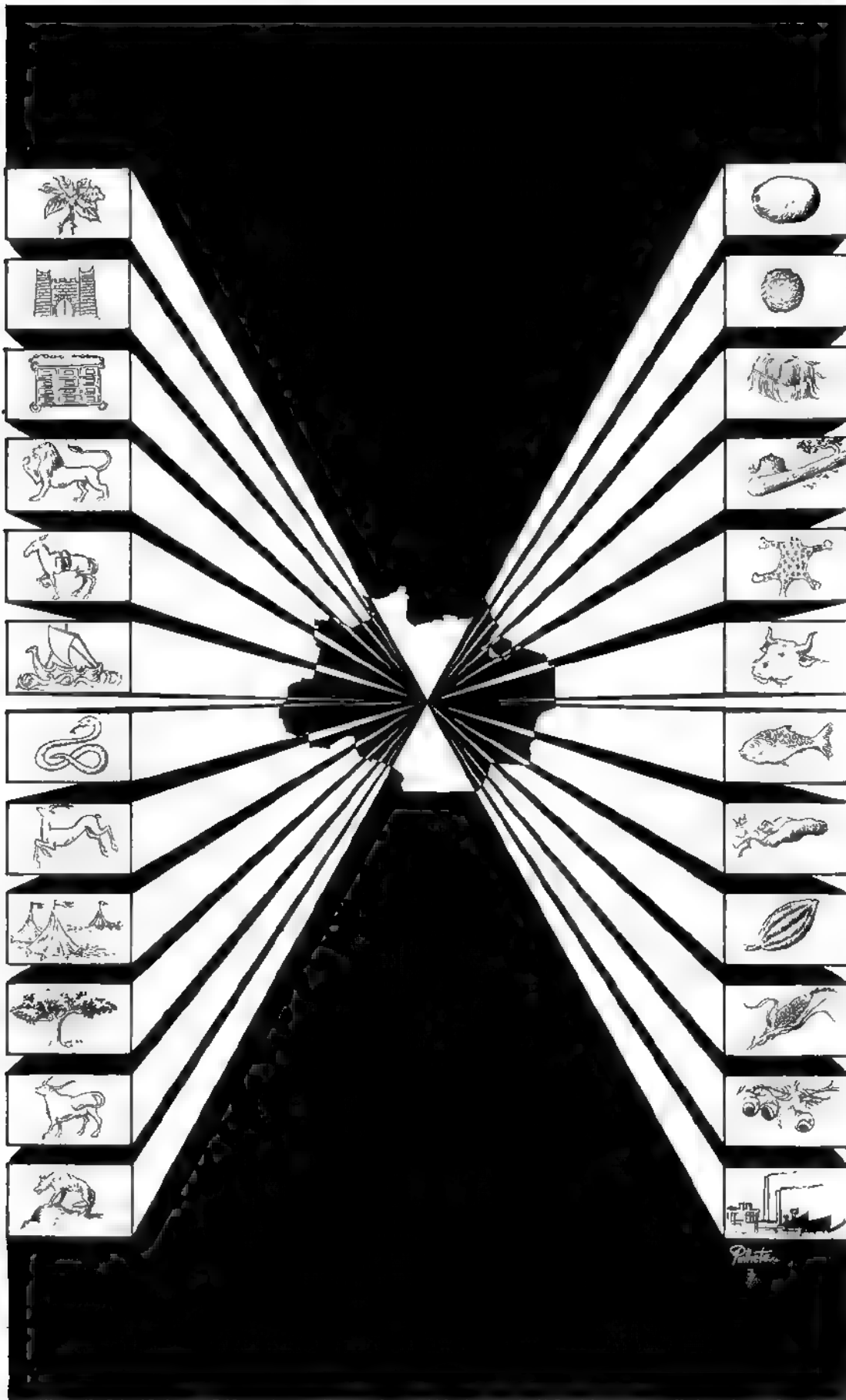
costumava-se dizer que, para uma vila ou povoado crescer e prosperar na Amazônia era preciso: um caboclo para fazer roça, um cearense para cortar seringa, um judeu para vender suprimentos e comprar produtos regionais, uma filial das Lojas A Pernambucana para vender tecidos e um padre para batizar, casar e enterrar.

A navegação do exterior ajudou a trazer os judeus-marroquinos para a Amazônia e a navegação interior os levou para os confins da região, em busca de trabalho e da fortuna. Levando sempre a sua família para vencer a solidão do fim do mundo, e chamando novos parentes e aderentes de Tetuan e Tânger e das terras dos forasteiros, para formar uma *kehilá* e um *ishuv* – uma comunidade onde pudessem fazer uma sinagoga e obter *minyam* (quorum de dez judeus) para poderem rezar e cumprir os deveres e as tradições dos seus antepassados.

Enquanto a barbárie e o sofrimento campeavam no Marrocos – com todos os seus problemas de pobreza, segregação nos melahs, doenças, apedrejamento de judeus, destruição de sinagogas, perseguições, conversão e martírio (*Solica – la Sadiká*), guerras e motins – de outro lado, o Brasil e Amazônia abriam as suas portas para acolher os fugitivos e exilados, prometendo a todos um novo lar e uma nova pátria livre das perseguições e temores. Um conjunto de fatores políticos e leis foi criado para propiciar a atração de migrantes e retirantes. A Abertura dos Portos em 1808 e 1814, o Tratado de Aliança e Amizade de 1810, a Extinção da Inquisição em 1821, a Tolerância do Culto na Constituição Imperial de 1824, a Liberdade Total de Culto e a Separação da Igreja do Estado, em 1890, atuaram como importantes fatores políticos de atração.

Do ponto de vista econômico, outros fatores positivos passaram a atuar, como: a intensificação da navegação do exterior, propiciando o maior comércio de importação e exportação, cargas e transportes de passageiros e migrantes; a navegação interior subsidiando e propiciando a interiorização das correntes migratórias judaicas ao longo

da calha central do rio Amazonas e seus afluentes e tributários; o ciclo da borracha que empolgou a região nos anos de 1850 a 1910, atraindo não apenas emigrantes judeus, mas também ingleses, franceses, alemães, portugueses e a grande massa de flagelados e retirantes do Nordeste, que fugiam das secas de 1877 e 1888. Todos esses fatores de expulsão e atração se combinaram para que os judeus deixassem Marrocos e viessem viver e prosperar na Amazônia.



VI
ERETZ AMAZÔNIA
TERRA DA PROMISSÃO

MIL ANOS E QUARENTA GERAÇÕES

Depois da *Guezerá (sentença maldita)* da Ibéria, do **Guehinam** (*inferno*) do Marrocos, a Amazônia, por volta de 1810, quando se iniciou a emigração dos judeus para o Grão-Pará e Amazonas, surgiu como o **Gan-Eden**, o Jardim do Paraíso, a Terra da Promissão.

Setecentos anos de exclusão e sofrimento na Espanha e Portugal, seguidos de trezentos anos de reclusão e perseguição no Marrocos perfazem um drama de mil anos, ou cerca de quarenta gerações de antepassados.

DESPEDIDAS E ADEUSES

Podemos imaginar as cenas de despedidas de judeus sefarditas e forasteiros nas suas *melahs*, juderias, esnogas de Tânger, Tetuan, Fez, Rabat, Salé, Marrakesh, Arcila, Larache, Ceuta e Melilla, os principais focos dos retirantes judeus-marroquinos. Os jovens corriam às sinagogas para colocar os seus *tefelín* (*Bar-Mitzvá – cerimônia de confirmação e maioridade feita aos 13 anos, que marca a integração do jovem judeu à sua comunidade religiosa*), os pais e mães

aflitos e chorosos arrumavam as suas malas e baús. Os mais velhos rezavam as suas orações (*Shaharit (tefilah), Minchá, Arbit* – rezas da manhã, da tarde e do anoitecer) nas sinagogas, diziam o **kadish** (oração aos mortos) em honra aos seus falecidos pais, visitavam (zoreavam) os cemitérios, embrulhavam os seus livros de orações (*Sidurim*), os seus *talets* e *mezuzots*, guardavam num saco as jóias e as moedas de ouro amealhadas ao longo de gerações e despediam-se dos seus amigos e parentes, prometendo escrever cartas e remeter algum dinheiro logo que possível. Como grande parte dos migrantes era de jovens recém-saídos da Escola da Aliança Israelita Universal, muitos apressavam o casamento com as suas namoradas e noivas para que já pudessem chegar na sua nova pátria com família já constituída. Outros mais pobres, apenas com o sapato e a roupa no corpo, pediam emprestado alguns ouros e libras para as despesas de viagem.

JOVENS E MÃES JUDIAS

As jovens e as mães judias que não podiam sair, por falta de recursos, acompanhando os seus queridos, choravam na hora do adeus e da despedida, antes de seguir para o cais do porto, para embarcar nos navios da Booth, Red Cross, Ligure. Seus nomes tradicionais, como ocorre com quase todos os nomes das mulheres judias, eram belos, felizes e *dichosos* (para trazer sorte) e seriam para sempre lembrados, por muitas gerações, com ternura e saudade: Alegria, Querida, Esperança, Linda, Bela, Preciada, Luz, Felicidade, Fortuna, Bendita, Piedade, Bonina, Vida, Orovida, Reina, Sultana (rainha), Simi (alegria), Rica, Rosa, Preciosa, Mercedes, Letícia (alegria), Mazal (sorte), Nina, Felícia, Regina, Aziza (amada), Hermosa, Flor, Florida, Gracia, Asla (mel), Gimol (bela), Bonadona, Clara, Suzana (flor-de-lis). Ou aqueles que colocam nomes de pedras preciosas como Pérola, Perla, Esmeralda, Saphira, Oro, Plata, Orodueña, Cota (ru-

bi), ou nomes de astros como Estrela, Stela, Luna, Sol, e os nomes bíblicos de Sarah, Esther, Rachel, Lea, Lia, Rebeca, Ruth, Judith, Mery, Miryam, Débora e muitos outros.

Muitas delas ficaram na penumbra e no esquecimento quando os seus maridos morriam na nova pátria ou se amancebavam com as mulheres nativas. Outras tiveram a sorte de serem chamadas pelos seus parentes ou prometidos e *comprometidos* para se casar com os seus primos, com os seus antigos *vizinhos amigos e pretendentes*, ou com noivos arranjados pelos seus pais, como era comum naqueles velhos tempos, por meio de acordo entre as famílias que resultavam nas *cartas de chamada*.

OS PRIMEIROS IMIGRANTES

As primeiras famílias de origem e fé judaicas se estabeleceram na Amazônia entre 1810 e 1820, quando esta região ainda vivia o ciclo das drogas do sertão, exportando cacau e outras especiarias como cravo, canela, anil, salsaparrilha, ipecacuanha, banha de tartaruga, penas de garça e outros produtos do extrativismo florestal e animal. A borracha, naquelas décadas, era ainda um produto de pouca demanda internacional, pois, no período de 1821 a 1830, haviam sido exportadas apenas 329 toneladas, para crescer na década seguinte para 2.314t e atingir 4.693t no decênio de 1841 a 1850, com valor significativo de 213.710 libras esterlinas, equivalentes a £11,3 milhões em valores atualizados para 1992. Na década de 1810/1820, quando os judeus começaram a chegar ao Pará, Belém tinha uma população de 24.500 habitantes, Marajó 10.500 e Cametá 8.050 pessoas. Eram três cidades pobres, vivendo do comércio das drogas do sertão e um pouco de borracha, que começava a aparecer na pauta de exportação. Quase toda a população nativa paraense era muito pobre e isolada. Pobreza e solidão que vinham desde os tempos coloniais.

SEFARADITAS E FORASTEIROS

Os novos migrantes judeus, em sua maioria, provinham do Marrocos, do norte espanhol, sobretudo das cidades marítimas e portuárias de Tânger, Tetuan, Ceuta, Arcila, Larache, do Marrocos árabe e berbere, do sul e do interior como Rabat, Salé, Fez, Meknês, Marrakesh, Mazagan, Mogador e Agadir. Os primeiros de origem sefaradita (Sefarad em hebreu significa Espanha) haviam sido expulsos, em 1492, da Espanha e, em 1496, de Portugal. Falavam espanhol, português, ladino e hakitia, um dialeto misto de castelhano, português, hebraico e árabe, além de francês e inglês aprendido nas Escolas da Aliança Israelita Universal.

Os primeiros se intitulavam *megorashim* – os exilados e expulsos da Ibéria e os últimos eram cognominados, injustamente, de *forasteiros* – *toshavim* – que eram os judeus moradores nativos do interior do Marrocos árabe e berbere, com séculos de tradição oriental nos países do Magreb, talvez emigrados do Egito e Israel após a destruição do templo no ano 70 da era atual. Eles falavam árabe e berbere dos povos primitivos que habitavam o interior do Marrocos, que os sefaraditas chamavam de **arbia** porque nem mesmo os judeus fluentes em árabe conseguiam entender o seu linguajar nativo.

Calculo que, no período de 1810 a 1850, antes do período áureo da borracha, devem ter emigrado para a Amazônia brasileira e peruana cerca de 300 famílias e outras 700 entre 1851 a 1910.

SERFATITAS

A segunda corrente de judeus que se estabeleceu em Belém e Manaus era de origem francesa ou franco-alemã, de Alsácia e Lorena, provavelmente de Nancy e Strasburgo, expulsos pelos alemães do exército de Bismarck, durante a guerra franco-prussiana em 1870-1871, quando os alemães se apoderaram e incorporaram a re-

gião da Alsácia e Lorena, que era habitada por muitas comunidades judaicas na região de Mosa, Mosela, Vosges, Nancy, Lorena e nas cidades e regiões de Strasburgo, na Alsácia. Esta região, disputada por alemães e franceses, voltou a ser reincorporada à França, em 1919, após a I Grande Guerra pelo Tratado de Versalhes. Estes judeus-franceses ou **serfatitas** (*Serfaty* em hebraico significa francês) e judeus de Gibraltar foram pioneiros na exportação da borracha da Amazônia e os que mais se destacaram na segunda metade do século XIX, quando faziam concorrência direta com os exportadores de origem inglesa, alemã e francesa. Ao menos cerca de 50 a 100 famílias francesas serfatitas e inglesas gibraltarinas migraram para a Amazônia brasileira e peruana.

ASKENAZITAS

Uma terceira corrente de judeus **askenazitas** (*askenaz* em hebraico é o nome da Alemanha), em menor número e expressão, estabelece-se no Pará, Amazonas e Iquitos. Eles provinham da Alemanha, Polônia e países da Europa Oriental, falavam *ídiche*, dialeto misto de alemão e hebraico que possui rica literatura e, ainda hoje, é falado por muitas comunidades judias. Estes judeus, durante o ciclo da borracha, se tornaram exportadores de borracha, comerciantes, lojistas. E também pelas famosas e malfaladas *polacas*, que possuíam os seus cabarés e cassinos em quase todas as cidades prósperas do mundo e que devido à discriminação e segregação das comunidades judaicas tradicionais chegaram a ter as suas associações, sociedades de socorro mútuo e até quadras separadas em s.

Essas pobres judias foram vítimas de uma organização criminosa, baseada em Varsóvia, sob o nome de Zwi Migdal. Seus agentes viajavam pelos guetos e aldeias judias (*stetl*), afirmando serem prósperos judeus, estabelecidos na América do Sul, em busca de casamento com jovens judias. Com a ajuda de inocentes úteis *casamen-*

teiros adquiriam a confiança da família e o casamento religioso era celebrado. Logo após eram embarcadas em um navio e somente depois descobriam ter sido enganadas, pois encontravam, no mesmo navio, outras *esposas* do mesmo marido (uma espécie de golpe que, na Amazônia Colonial, era praticado e conhecido sob o nome de **cunhamena** em nheengatu (tupi amazônico), quando os colonos portugueses se casavam com diversas índias, de diferentes tribos, para depois vendê-las como *escravas* para as tropas de resgate. *Cunhamena* quer dizer *profissão* de marido de moça índia-cunhã.

Quando as judias polacas chegavam à América, Argentina, Brasil e Amazônia, já desvirginadas e não conhecendo o idioma local e não possuindo formação profissional e por serem jovens inexperientes, eram encaminhadas e vendidas para os proprietários de bordéis. Eram marginalizadas e discriminadas pelas comunidades judaicas locais, chegando a ter os próprios cemitérios no Rio de Janeiro e São Paulo.

Em Manaus, as judias polacas também existiam e muitas delas se fizeram passar por mulheres francesas durante o período áureo da borracha. Na minha pesquisa junto ao Cemitério Municipal São João Batista, em Manaus, encontrei, com ajuda de Abraham Benmuyal, 17 sepulturas de judias polacas, com lápide e inscrição em hebraico, falecidas entre 1900 e 1920, antes da criação do cemitério judeu, em 1928. Ao menos uma delas, D. Helena, conseguiu superar o seu passado existencial ao se apaixonar por um jovem não-judeu, pobre, porém muito inteligente. Ela o manteve e custeou seus estudos, até se formar pela Faculdade de Medicina do Pará. Ele, o novo médico Dr. Almir Pedreira, por gratidão ou amor, ou por ambos, casou-se com a sua protetora.

D. Helena tornou-se, então, esposa virtuosa (*Eshet Chail*) e grande dama da sociedade amazonense, fazia filantropia para todas as instituições manauenses indistintamente. O seu marido tornou-se médico humanitário. Recordo-me de que, embora não praticasse o

judaísmo, ela comparecia ao escritório do meu pai, que presidia o Comitê Israelita do Amazonas, para entregar os seus donativos às vésperas de todas as páscoas judaicas, para ajudar a manter os serviços comunitários. Ela esperava, assim, obter a misericórdia de Deus por meio de boas ações, já que a fé há muito havia fenecido.

Um outro exemplo do qual me recordo, na década dos anos 30, quando elas ainda existiam, foi o de D. Lola, dona de pensão e muito conhecida durante os anos áureos da borracha, que a despeito de viver separada do judaísmo, procurou reencontrá-lo na hora da morte. Pediu enterro judeu e deixou todos os seus bens para a comunidade. Antes de morrer, pediu ao meu pai que queria a Hebrá e sepultura judaica, tal como seus pais e avós. Já que não pôde ser judia durante a vida, queria sê-lo ao menos depois de morta (Largman, Esther. *Jovens Polacas*, 1922; Kushnir, Beatriz. *Baile de Máscaras – Mulheres Judias e Prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua*; Scliar, Moacyr. *O Ciclo das Águas*, 1975).

Mais de cem famílias judias askenazitas chegaram à Amazônia, inclusive durante a I e II Grande Guerra Mundial. É preciso lembrar, todavia, que os judeus askenazitas estavam presentes na região desde o fim do século, pois o estatuto da Junta Governativa da Congregação Hebraica do Pará, de 1902, já nos fala no artigo II que a sua duração será perpétua, enquanto houver nesta cidade os hebreus do rito ortodoxo português ou alemão.

FOINQUINITAS

Uma quarta corrente de judeus chegou à Amazônia, ao final do século XIX, proveniente de judeus emigrados da Turquia (Alepo, Smirna, Istambul), Líbano (Beirute), Síria (Damasco), Egito (Alexandria). Como provinham do império otomano eram conhecidos como turcos e confundidos com os sírio-libaneses, maronitas e muçulmanos, que também aqui chegaram nessa mesma época. O seu

começo de vida repetiu a velha carreira dos judeus sefaraditas de Marrocos, como regatões no interior ou prestamistas *teco-teco* e vendedores ambulantes em Belém e Manaus. Eles, na verdade, reuniam, no olhar da população e do noticiário local, o pior dos quatro mundos: eram judeus, turcos, regatões e teco-tecos.

Sofriam, portanto, a discriminação como judeus, a hostilidade como se fossem sírio-libaneses, o rancor aos regatões por parte da oligarquia e burguesia local e a desconfiança dos pobres da periferia, que compravam linha a metro, pedacinhos de sabão borboleta, metros de brim, chita, algodão e artigos de armarinho. Eles iriam percorrer um longo caminho até melhorar a sua posição social que concorria, em termos de vizinhança e semelhança, com os sírio-libaneses, pois trabalhavam no mesmo ramo de fazendas e armarinhos.

Havia, todavia, diferença de posição locacional: enquanto os sírio-libaneses foram buscar casa e ponto na rua dos Barés, Barão de São Domingos, Praça dos Remédios e adjacências do Mercado Público (as ruas dos árabes), esses judeus que nós chamamos pelo neologismo de **Foinquinitas** (*Foinquinos*, em hebraico é *haquitia*, significa *Fenícia*) foram se estabelecer na rua da Instalação, rua Henrique Martins e Lauro Cavalcante (conhecida nos anos 30 e 40 como a rua dos Judeus, por abrigar mais de quarenta casas de família e comércio de judeus sefaraditas, forasteiros, foinquinitas e askenazitas – uma espécie de *Juden Strass*).

Resumindo: os judeus que vieram habitar e viver na Amazônia, a partir de 1810, podem ser classificados e adjetivados em cinco correntes, como segue:

- os *sefaraditas* expulsos de Portugal, Espanha e Marrocos, que falavam português, espanhol e *haquitia*;
- os *forasteiros* nativos de Marrocos, que falavam *arbia* e *haquitia*;
- os *serfatitas* de Alsácia e Lorena, de fala francesa e alemã;

- os *askenasitas* da Alemanha, Polônia e dos países da Europa Central, que falavam alemão e ídiche;
- os *foinquinitas* do Oriente Médio, que falavam ladino e árabe.

AS MIL FAMÍLIAS

Sem dúvida, os grupos mais numerosos e influentes que aqui aportaram foram os judeus sefaraditas e forasteiros que emigraram do Marrocos, no período de 1810 a 1910. Nesses cem anos chegaram aproximadamente 1.000 famílias judias marroquinas e de outras origens, antes e durante o ciclo da borracha. Essas famílias estavam assim distribuídas: 650 para o Pará, 200 para o Amazonas e 150 para a Amazônia peruana (Iquitos).

Nas décadas de 1891/1900, a borracha teve um grande incremento, quando foram exportadas 213.751 toneladas, no valor de £ 44,7 milhões, correspondente, em 1992, a £ 2,37 bilhões de esterlinos, ou seja, uma média anual de venda de £ 237 milhões, corrigidas monetariamente. O apogeu do ciclo da borracha se deu no ano de 1910, quando a Amazônia exportou 38.547 toneladas de borracha, ao preço de £ 25,25 milhões, que corresponde a £ 1,29 bilhão em valores monetários de 1992, ou seja, o preço de £ 33,6 esterlinos por kilo de borracha fina. Esse *boom* durou mais de cinquenta anos e fez deslocar cerca de 300.000 nordestinos imigrantes, sobretudo a partir de 1877 e 1888, em consequência da seca dos *dois setes* e *três oitos*. Durante esse período, a Amazônia foi povoada, também, por grande número de europeus e migrantes portugueses, espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães, além dos sírio-libaneses aqui chegados no final do século XIX.

Depois dos cearenses e portugueses, no entanto, a maior contribuição, tanto quantitativa quanto qualitativa, proveio dos sefaraditas marroquinos, cujos nomes e vozes familiares até hoje colorem o caleidoscópio cultural da pluralística sociedade amazônica.

IMIGRAÇÃO FAMILIAR E QUALIFICADA

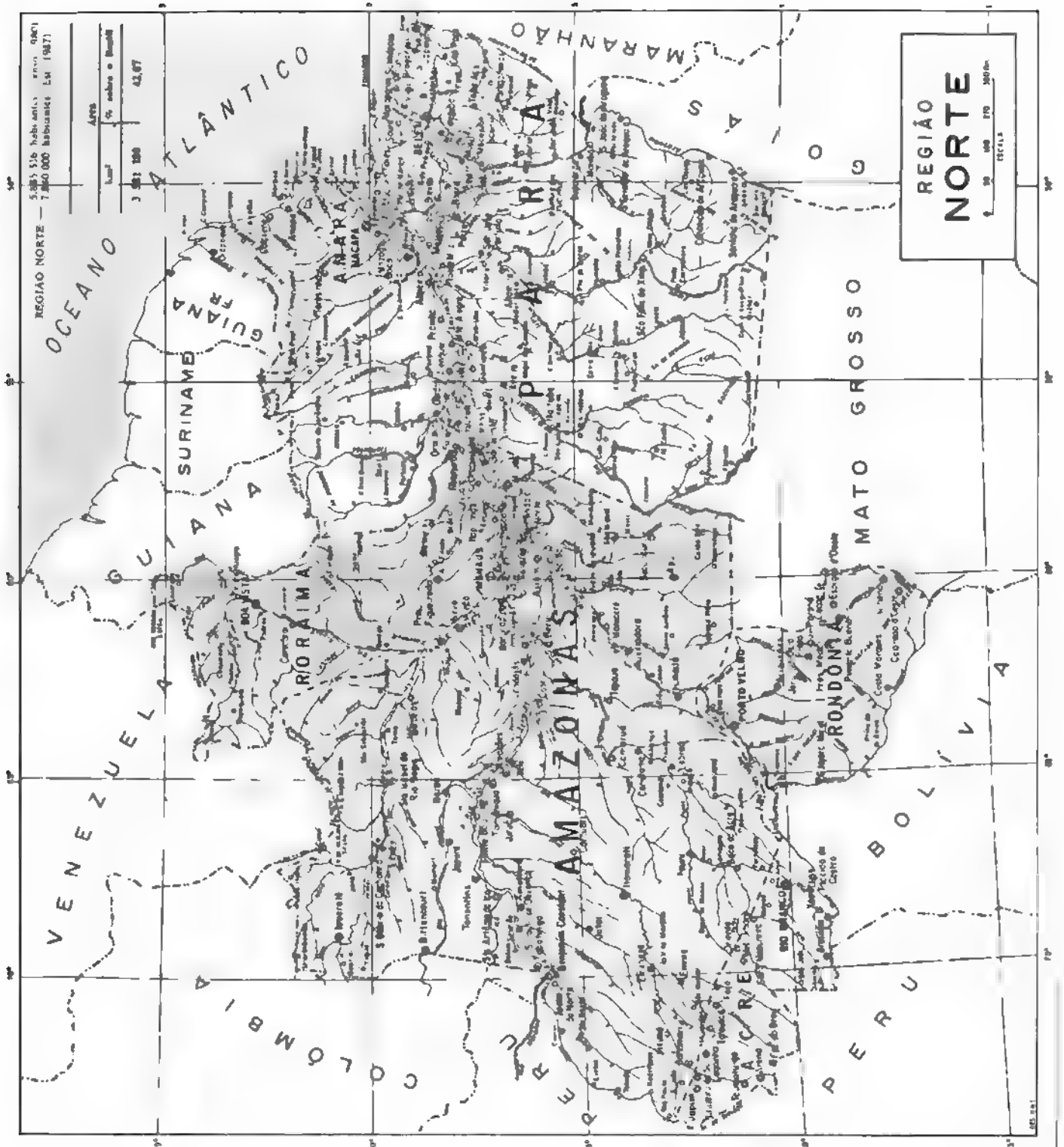
A característica principal desse movimento migratório residiu no fato de que, ao contrário da maioria de outros grupos, ela foi uma migração familiar, acompanhada da mulher e filhos, o que já renunciava o desejo permanente de ficar. A presença das esposas asseguravam a continuidade do caráter doméstico e gregário da vida judaica, milenarmente presa aos valores culturais e religiosos, pois logo que possível criavam as próprias comunidades e instituições como forma de assegurar a permanência de sua cultura e tradição.

Essa migração também foi qualificada por homens, mulheres e jovens que haviam freqüentado no Marrocos as escolas primária, secundária e profissional da Aliança Israelita Universal (A.I.U.), uma instituição judaico-francesa estabelecida em quase todas as cidades marroquinas, com o objetivo de educar e profissionalizar os jovens judeus de ambos os sexos, protegê-los das perseguições, difundir a língua francesa, promover a emigração quando necessária e preservar os valores culturais do judaísmo. Nessas escolas se ensinava com proficiência espanhol, francês, inglês e hebraico, além de ciências, história, geografia, ofícios e profissões. As moças, além das matérias acima, aprendiam trabalhos manuais de costura e bordados, culinária, doceria e música.

Essa educação iria proporcionar aos judeus-amazônicos a oportunidade de liderar o comércio de exportação em Belém e Manaus, logo após a crise da borracha, que motivou a urbanização dos judeus do interior, quando os líderes exportadores ingleses, franceses e alemães abandonaram a região para regressar aos seus países, cabendo aos judeus a oportunidade de substituí-los nas suas tarefas. Eles participavam das atividades ligadas ao comércio exterior de importação e exportação e *aviamentos* para o interior, como também defendiam e promoviam a Amazônia nos congressos e exposições internacionais, quando representavam a burguesia comercial e

industrial das antigas e prestigiadas Associações Comerciais do Pará e Amazonas, onde exerceram papéis importantes como diretores e presidentes.

As mulheres judias também, graças a escolaridade recebida, podiam educar melhor os seus filhos, mesmo nos longínquos confins do mundo dos altos rios e nas pequenas vilas e aldeias onde se estabeleceram. Elas também foram o braço forte dos seus maridos, na época da grande crise e depressão da borracha dos anos 20, quando, sentadas numa máquina de costura *Singer*, fabricavam calças de brim e camisas feitas com sacos de algodão de embalagem de trigo e açúcar, para vender aos seringueiros e moradores locais, para ajudar os seus maridos a fugir da crise. Outras esposas e viúvas sobreviviam fazendo bordados, crochê e tricô, enquanto que outras ajudavam a família cozinhando para fora, fazendo internatos e pensões familiares, vendendo doces, pudins, pastéis e quitutes regionais, ou dando aulas de música nos velhos pianos da marca *Dorner*, cuja presença era obrigatória em quase todos os lares judeus.



VII
AS QUATRO GERAÇÕES DE
JUDEUS-AMAZÔNICOS

A PRIMEIRA DAS QUATRO GERAÇÕES: OS PIONEIROS

Quatro foram as gerações de judeus-marroquinos e seus descendentes nestes mais de cento e oitenta anos de vivência amazônica.

A **primeira geração pioneira** aceitou o desafio e foi para o interior – como jovens aprendizes, empregados, balconistas e vendedores ambulantes, contratados por firmas judias de Belém e Manaus – em busca de oportunidade de ganho e trabalho. *Aviados* por algum judeu próspero de Belém e Manaus, foram para o interior – Breves, Gurupá, Cametá, Baião, Macapá, Afuá, Alenquer, Óbidos, Santarém, Parintins, Maués, Itacoatiara, Coari, Tefé, chegando até Iquitos, calha central do rio Amazonas.

Outros pioneiros mais arrojados foram, rio acima, se localizar com suas mulheres e filhos no rio Tapajós, onde formaram as comunidades de Boim, Aveiros e Itaituba; no rio Madeira se estabeleceram em Borba, Manicoré, Humaitá, Porto Velho, Guajará-Mirim e Fortaleza do Abunã; no rio Purus ficaram em Lábrea, Boca do Acre até Rio Branco; no rio Juruá se estabeleceram no rio Tarauacá como seringueiros, ou foram mais além virar regatão até Cruzeiro do Sul. Muitos desses pioneiros começaram como empregados, balconistas,

gerentes de depósito, donos de flutuantes, guarda-livros e terminaram a sua *carreira* como seringalistas e coronéis-de-barranco.

O primeiro judeu-marroquino que se tem notícia de sua existência no Pará foi o Sr. José Benjó (nos informa Bentes, 1987: 347, transcrevendo citação de Manoel Ingberg) que, de acordo com os registros existentes, requereu sua naturalização e licença para comerciar em 1823. Era de origem marroquina e se estabeleceu na rua do Pelourinho, atual 7 de Setembro.

A outra referência, bem antiga, se deve ao major Eliezer Moyses Levy, que foi por duas vezes prefeito de Macapá e uma vez prefeito de Afuá, na primeira década do século XX. Nos informa o jornal *Kol Israel* (Voz de Israel), em sua edição de 8 de dezembro de 1919 (transcrição, Bentes, 1987: 54), que as primeiras licenças para comerciar, dadas pelo Governo Imperial do Grão-Pará e assinadas pelo Marechal Francisco D'Andrea, em 4 de julho de 1838, foram para a firma de um comerciante judeu-marroquino 1) Simão Benjó & Irmão para abertura de sua loja no Largo do Pelourinho, com seis portas para nela **vender fazendas secas**, por grosso e miúdo e **fazendas molhadas**, por atacado.

Logo a seguir, a licença n.º 2 concedia o mesmo privilégio aos seguintes judeus e firmas marroquinas: 2) Fortunato Vendelak (Bendelak) & Cia.; 3) Ana Fortunato; 4) Salomão Levy & Irmão; 5) Fortunato Cardoso; 6) Duarte Aflalo; 7) Judah Arrobas; 8) Marcos Dias Cohen; 9) Fortunato Bocaxis (deve ser Abecassis); 10) Fortunato Benchetrit & Cia.; 11) Moyses Benzinram; 12) Leão Serfaty; 13) Fortunato Assemonth; 14) Isaac Benchetrit & Cia.

Eidorfe Moreira (1972: 15 e 24) nos fala da primeira judia-marroquina que se estabeleceu em Belém, Myriam Sebah (ou Maria Saba – *sic*), seguida de Abraham Acris, ao qual se atribui a fundação da Sinagoga Essel Abraham (Bosque ou arvoredo de Abraham Avinu, em 1823 ou 1824). Poucos anos depois seria criado o primei-

ro cemitério judeu de Soledade, em 1842 (Braga. “Guia do Estado do Pará”. Belém: *In Bentes*, 1987: 381).

Nas décadas subseqüentes, ainda durante a primeira geração de pioneiros, existiam em Belém as seguintes firmas: 1) Leão Israel & Irmão – rua da Indústria, hoje Gaspar Viana; 2) Levy Marques & Cia. – Travessa 7 de Setembro; 3) Salomão J. Acris & Cia. – rua Santo Antônio; 4) Marcos Bensimon & Cia. – Rua Nova de Santana, hoje Manoel Barata; 5) Jacques & Alfredo Levy – Rua dos Mercadores, hoje João Alfredo; 6) Sinay & Levy – Estrada de São Jerônimo, hoje governador José Malcher (Moreira, 1972: 24, *apud* Ignacio Moura. *Geografia Política do Pará*, Belém, 1900).

Os judeus foram os primeiros *regatões* da região. Com suas embarcações, batelões e igarités, levavam mercadorias para vender nos distantes seringais em troca de borracha, castanha, bálsamo de copaíba, sorva, balata, ucuquirana, peles e couros de animais silvestres e outros gêneros regionais de exportação. Eles desafiavam o grande poder e o monopólio dos *aviadores* (*comércio de venda a crédito para o interior, no vocabulário amazônico*) portugueses e dos coronéis-de-barranco cearenses e nordestinos, que constituíam as elites dominantes que *fechavam os rios* e eram os *donos da praça* para que o seu monopólio de comércio fosse mantido.

Os regatões judeus, como comerciantes ambulantes, ajudaram a romper o monopólio português-nordestino (*aviador e seringalista*), pois vendiam as suas mercadorias mais baratas e compravam os produtos diretamente dos seringueiros a preços mais altos. Como o sistema era fechado e constituía um desafio ao poder dominante, eram malvistas pela oligarquia local, pelos jornais e pelas associações comerciais, que reclamavam a concorrência desleal dos regatões judeus no interior de toda a região.

Por isso, um notável escritor e estilista amazônico, Raymundo Moraes (*Na Planície Amazônica*, Manaus: Liv. Clássica, 1926), foi vítima desse preconceito anti-semita (*contra judeus e “turcos”*), ao tra-

çar o retrato e o perfil do comércio ambulante dos *regatões*, assim chamado na região amazônica, taxando o *tipo-hebraico* de insensível e expoliador, tomando assim o partido dos poderosos senhores *aviadores* de Belém e Manaus, que controlavam os seringais dos coronéis-de-barranco de origem nordestina, poder esse desafiado primeiro pelos judeus e depois pelos sírio-libaneses.

Vejamos a descrição do *regatão* judeu do escritor Raymundo Moraes:

Veio depois o hebraico, menos atiradiço, é certo, no que dizia respeito a rabo-de-saia, entanto mais sovina, mais usurário, devoto e fiel no arrancar couro e cabelo do cristão que lhe caísse nas unhas. Além de monopolizar o comércio em muitas localidades exemplificados em Gurupá e Parintins, donde somente o desalojavam as iníquas e violentas reações coletivas, a tiro e a terçado: o israelita monopolizava igualmente o comércio de regatões, vendendo, trocando, comprando o que aparecia na fímbria litorânea (Moraes, 1987: 74).

O autor, ao mencionar as *reações coletivas* violentas, devia estar se referindo ao movimento *Mata-Judeu* de Cametá e aos episódios dos bandoleiros do Baixo Amazonas, Paraná do Ramos, Parintins e ao massacre de Massauari, em Maués, tristes episódios mesclados de concorrência comercial e espírito anti-semita.

O referido autor, no entanto, apesar do seu brilhantismo literário como intérprete da Amazônia, também desanca ataques preconceituosos contra os sírio-libaneses que vieram depois, no fim do século, substituir o judeu nesse comércio ribeirinho. Diz Moraes (1987: 75), resumidamente:

Afinal (o judeu), foi substituído pelo turco que não somente invadiu as capitais, onde prolifera como rato, mas também nos

vilórios e povoados surgidos na hinterlândia. Mal desponta um lugarejo... lá se acha o filho de Sublime Porta, expedito, suado, trambicando e chamando os fregueses de Coronel e Doutor... Valente, sóbrio, econômico, magro... enfia-se à aventura pelas cordas potâmicas... Enche-se de infinita paciência, de alta dose de hipocrisia e segue regateando de palhoça em palhoça... Evita a casa dos potentados como o diabo da cruz... Compadre de todos, quase desconhecendo o idioma brasileiro... fala na barateza dos objetos... na alta da hévea... Os seringueiros, meio atordoados... com os valores aludidos e os preços que lhe faz o patrão... surpreende-se com a subida da seringa... O Coronel que o avia, a quem deve alguns contos (diz o seringueiro) paga apenas a quinta parte do que aquele mascate lhe propõe... “Combra combadre”... O toqueiro já põe de lado os escrúpulos e... entrega duas pelias de borracha fina... mostra-lhe então o pirata um par de borzeguins... o freguês examina... o otomano defende o artigo... “Dura zinco anos... couro canguru buro”. O sertanejo ri-se e retruca afogueado pela bebida: “Canguru nada, couro da tua mãe, herege sem-vergonha”, etc., etc. (Morais, 1987: 72/75).

Os relacionamentos dos judeus com os “primos” sírio-libaneses na Amazônia foram sempre cordiais e, mesmo atuando na idêntica área de comércio ambulante, eram amigos e aliados, pois ambos enfrentavam o preconceito da oligarquia reinante na época. A maioria dos sírio-libaneses amazônicos era de cristãos do rito maronita e tinham as próprias igrejas, onde as missas eram celebradas em aramaico e viviam em seus bairros e araberias na cidade, situadas na rua dos Barés, Barão de São Domingos, Praça dos Remédios, perto do mercado e do rio, para poderem viver junto das próprias casas de comércio de fazendas e armazéns. Os judeus também, como veremos adiante, tinham a sua rua dos Judeus, na Henrique Mar-

tins e Lauro Cavalcante, onde viviam mais de trinta famílias judias, nos anos da crise de 1930 a 1950.

A geração dos pioneiros judeus, na Amazônia, foi marcada, assim, por um duro labor, a bordo de pequenas embarcações, servindo às populações ribeirinhas, onde os barcos dos grandes comerciantes e *aviadores portugueses* não conseguiam entrar, levando estivas, tecidos, remédios, bebidas, munições para abastecer os seringueiros dos altos rios e comprar a melhores preços os produtos do extrativismo silvestre. Quando voltavam para as suas casas nas pequenas cidades do interior, encontravam as suas esposas que, geralmente, tinham numerosos filhos, os quais eram *nombrados* em honra de seus pais e avós já falecidos.

Nesta primeira geração a única sinagoga organizada foi a de *Essel Abraham* de Belém do Pará, fundada pelo judeu-marroquino Abraham Acris no ano de 1824, e depois a Shaar Hashamaim, em 1835, embora ambas as datas de fundação dessas sinagogas constituam motivo de incertezas e polêmicas. Os judeus do Amazonas, por morarem por mais tempo no interior, somente organizaram formalmente a comunidade de Manaus em 1928/1929, quando foi criado o Comitê Israelita do Amazonas.

OS JUDEUS NO INTERIOR DA AMAZÔNIA

Na fase pioneira da chegada dos judeus no Pará, durante os anos de 1810 a 1820, poucos foram os que conseguiram ficar em Belém do Pará. Havia alguns judeus ricos, pois a vida, em toda a parte, sempre foi difícil para os emigrantes da primeira geração. Algumas décadas mais tarde, formou-se um pequeno núcleo de prósperas firmas judaicas em Belém. Entre elas: as firmas dos Nahon, Serfaty, Roffé, Israel, que se organizaram e alojavam os jovens judeus emigrantes numa hospedaria da Travessa Santo Antônio, nas instalações precárias da primeira sinagoga *Essel Abraham*, fundada em 1824.

Bentes (1987: 374) inscreve também entre as famílias pioneiras os Abecassis, Azulay, Benchimol, Bengió, Benoliel, Chocron, Cohen, Israel, Levy, Pazuello, Serfaty e Serruya.

Os jovens e adultos migrantes recebiam informações sobre a região, como deviam se comportar nos sítios, flutuantes, batelões, casas de comércio, portos de lenha, seringais e castanhais para onde deviam se deslocar como caixeiros-viajantes e empregados das casas *aviadoras de Belém*, as quais serviam de *consulados* na capital. Embarcavam logo a seguir numa gaiola ou chata com mercadorias a bordo para vender como ragatão e comprar borracha e gêneros regionais (Veltman, 1983: 3).

Se tudo desse certo nas primeiras viagens era mais prático se localizar numa pequena cidade perto de Belém, onde já houvesse seus patrícios, como Gurupá, Breves, Macapá, Cametá, Baião e lá se instalavam com comércio próprio de barracão, flutuante e casas comerciais modestas, onde a sala da frente era a loja, o balcão para atendimento dos fregueses e a parte dos fundos ficavam os cômodos da família, pois logo mandavam buscar a esposa que ficara em Belém, ou pediam a Tânger e Tetuan que suas mães lhes mandassem uma noiva, geralmente prima ou vizinha de um *melah* ou juderia marroquina. O *Talmud*, em sua milenar sabedoria, recomenda aos jovens que se casem de preferência com a vizinha, pois a sua mãe conhece, melhor do que ninguém, as virtudes, atributos, dons e, também, as mazelas, o *gênio* e se é ou não *messugá* (haquitia para desmiolada) ou uma *endiamantada* (haquitia para uma jovem de boa educação que brilhasse como um diamante). Contratado o casamento, a jovem emigrava para Belém ou ia diretamente para o interior para se encontrar com o seu noivo ou marido, caso o casamento já tivesse sido feito por procuração (com **ketuba y todo lo gueno** – *com certidão e tudo*).

Assim começava a se formar a família judia-marroquina nas pequenas cidades do interior, que serviam de sede para a família, en-

quanto o pai, como regatão, corria ao interior do interior para *regatear*, vender mercadoria e comprar produtos, criando assim uma rede de abastecimento e mercado para os seringueiros que ficavam internados nos altos rios e nas suas estradas e tapiris dos seringais distantes. Sem eles não era possível sobreviver nas distâncias do mundo sem-fim, onde o *diabo perdeu o cachimbo* como se dizia nos tempos de antigamente. Foram eles que democratizaram o processo de intercâmbio comercial no interior do Amazonas e quebraram o monopólio dos aviadores portugueses e exportadores ingleses, franceses e alemães que dominavam o comércio e os empórios de Belém e Manaus. Por isso, não eram bem-vistos, como todo novo concorrente que resolve participar da cadeia produtiva e encontrar um novo nicho no mercado.

Quando a situação desses pioneiros se consolidava, eles abandonavam o interior do interior e passavam a se fixar nas pequenas cidades onde viviam suas esposas judias e os filhos que nasciam a cada dois anos, gerados em cada visita do pai à esposa, durante as páscoas e celebrações religiosas de *Hosh-Hashaná* (ano-novo), *Yom Kipur* (dia do perdão), *Pessach* (páscoa), *Purim* (festa da Rainha Esther), *Hanuká* (festa das luzes), ou para as cerimônias de *Berith Milah* (circuncisão) de seus filhos, ou para o *Bar-Mitzvá* (maioridade religiosa aos 13 anos). Esses dias festivos eram dias também de fazer *nenê* com as esposas judias parideiras, que tinham uma média de 6 a 8 filhos antes de completar 40 anos de idade.

Com a sedentarização dos judeus nas cidades do interior foram sendo instaladas as comunidades judaicas, as sinagogas funcionando nas casas de família, fundando os cemitérios judeus em todo o interior do Amazonas. Eidorfe Moreira (1972: 24) chama a essa fase de *expansão pioneira interiorana*, caracterizada pela intensa emigração e ativa participação no *rush* da borracha. Se houver mesmo necessidade de periodização histórica eu chamaria a essa fase judaica de interiorização da fronteira econômica e social, pois na ver-

dade eles foram pioneiros na aventura do alargamento e ocupação da fronteira ao longo dos rios e dos beiradões e nas pequenas cidades, vilas e povoados da região. Essa frente de pioneiros viveu intensamente a febre do *rush* da borracha e participou dela intensamente, por meio de uma rede capilar de abastecimento e de criação de mercado, enfrentando a concorrência dos poderosos grupos que dominavam os *empórios* de Belém e Manaus. Como os judeus da primeira geração não tinham chance, meios, oportunidades ou capital para se estabelecer nessas capitais, para enfrentar a concorrência dos grandes, tiveram de ir para a fronteira econômica para encontrar o seu lugar, o seu nicho e o seu lar.

E assim o fizeram em dezenas de comunidades da hinterlândia: Gurupá, Cametá, Macapá, Breves, Baião, Itaituba, Boim, Aveiros, Santarém, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Juruti, Faro, Oriximiná, Parintins, Maués, Itacoatiara, Manaus, Manacapuru, Coari, Tefé, Manicoré, Humaitá, Porto Velho, Guajará-Mirim, Fortaleza do Abunã, Rio Branco, Tarauacá, Sena Madureira, Iquitos, Yurimaguas, Pucallpa, Contamana, Tarapoto, Caballococha, Letícia e outros lugares, vilas, povoados, sítios, fazendas, seringais e castanhais da época dos pioneiros do povoamento e do surgimento da fronteira econômica do interior que alimentava as capitais dos Estados e enchiam de impostos as arcas do Tesouro Estadual, Federal e de libras e dólares o Balanço do Comércio e de Pagamentos do País.

Essa fase para ser melhor lembrada é necessário registrar a memória dos pioneiros judeus que se estabeleceram nesses lugares, ao lado dos nordestinos, sírio-libaneses e migrantes de outros países. Eles vieram trazer o seu capital, talento e trabalho para tornar a Amazônia viável e próspera, mesmo que de forma efêmera e passageira, pois não soubemos aproveitar esses talentos e contribuições para construir uma economia mais forte, inteligente e mais rentável que conseguisse formar uma cadeia produtiva de bens e serviços de forma duradoura e sustentável. Por isso, quando a crise es-

tourou com o surgimento do concorrente asiático, esses migrantes na geração seguinte iriam sofrer o processo de empobrecimento, apatia, torpor e desânimo ao longo de mais de cinquenta anos de solidão e isolamento.

Os judeus, nesse período, fizeram a sua parte. Como diria Vinicius de Moraes a respeito do amor: *Que não seja imortal, posto que é chama/ Mas que seja infinito enquanto dure*. Enquanto foi possível, cerca de mil famílias judaicas viveram no interior juntamente com os caboclos e nordestinos, criando um complexo de diferentes culturas, mas com uma unidade de objetivo: trabalhar, e muito, para o bem-estar de suas famílias e comunidades.

Vejamos, assim, como uma nova diáspora judaica se interiorizou na Amazônia, fixando-se nos lugares e cidades acima mencionados. Recorro à memória, depoimentos, entrevistas, livros, jornais e conversas com os mais velhos, para tentar reconstruir esse passado e fixar os nomes das famílias judaicas que viveram o pioneirismo da fronteira econômica, na fase um pouco antes, durante e depois da fase áurea da borracha. Haverá muitas omissões imperdoáveis, mas este trabalho serve como contribuição e tentativa de consolidar a literatura esparsa e, por meio de depoimentos, histórias da vida, reconstruir um passado que não foi apenas querido, sofrido e vivido pelos judeus, mas que foi também compartilhado por todos os amazônidas de todos os grupos sociais e culturais, aqui nascidos ou que adotaram a Amazônia como seu novo lar, seu chão e sua querência.

1 *Em Gurupá*: Abraham Azulay, Isaac Serfaty, Jacinto Aben-Althar, Jacob Sicsú, Juda Dabilla, Marcos Aben-Athar, Moysés Levy (Moreira, 1972: 16 e *Almanak do Pará*, Belém, 1888);

2 *Em Cametá*: Abraham Bensiman (Hazam da Sinagoga), Elias Bemuyal, Abraham Amzalack, Isaac Cohen, Isaac Melul, Leão Melul,

Abraham Larrat, Jacob Matias, Abraham Benassuly, Mauricio Elarrat, José Benarrosh, Dona Fortunata, David Sicsú, Famílias Azancot, Bonina e Serruya, Abraham Bensi, José Cohen, Miryam Benassuly (1889), Estrela Ben Dilad (1891), Salomão Zagury (1902), Abraham Bensimon (1886), Isaac Sabbá (1905 – avô do Sr. Isaac Benayon Sabbá, de Manaus), Carlota (Yaakot) Sabbá (1911 – avó da Sra. Carlota Sabbá Israel, de Manaus), Moyses Cohen (1915), Rubem Israel (1916), Isaac M. Elarrat (1903), Haim Obadia (1901), Pepe Morchluf Larrat (1914), José Moyses Benoliel (1924), Salomão Abraham Nahmias (1917), Nissim Obadia Mar Moshe (1910), Jacob Obadia (1911), Salomão Tobelem (1926), Jacob Athias (1926), José Benarrós (1927), Isaac Benassuly (1928), Simy Foinquinos (1926), Reina Sicsú (1914), Moyses Nahmias Bar Yehoshua (1911), Jacob Azancot (1931), Moyses Jacob Israel (1933), Menasses Cohen (1934), José Abensur (1933), Rachel Bemuyal (1929) (Cadastro do cemitério de Cametá, preparado pelo professor Inácio Obadia, *Shaliah* da Sinagoga Essel Abraham de Belém e professor de espanhol e português em Belém do Pará). Os números entre parênteses referem-se ao ano de falecimento.

3 *Em Macapá*: Major Moyses Eliezer Levy (prefeito de Macapá e Afuá), Anania Cohen (1897), Elias Zagury (1908), José Pazuelo (1908), Abraham Sananiz (1895), Abraham Zagury (1924), Simão Gabay (1918), Julia Peres Franco (1928), Isaac Tobelem (1955), Sarah Alcolumbre (1966) (com excessão do major Eliezer Levy que está enterrado em Belém, os demais foram judeus falecidos e enterrados no cemitério judeu de Macapá, cadastrados por Egon e Frelida Wolff, Rio Gráfica Zit, 1983).

4 *Em Breves*: Famílias Athias, Roffé Zagury, Sarrafe, Farat, Lancy e Gabbay. O mais ilustre judeu nascido em Breves foi, sem dúvida, David José Perez. Quando sua mãe faleceu, seu pai Joseph voltou a Tânger levando David e seus irmãos menores, onde estudaram na Alian-

ça Israelita Universal. Quando seu pai voltou para a Amazônia foram viver em Itacoatiara, onde seu irmão Isaac José Perez foi o mais ilustre prefeito, que urbanizou e fez crescer Itacoatiara. Por volta de 1925, David migra para o Rio de Janeiro, onde formou-se em Direito. Foi professor de latim e espanhol no Colégio Pedro II, profundo conhecedor de hebraico, traduziu os *sidurim* (livro de orações) de *Hosh-Hashanah* (ano-novo) e *Yom-kipur* (dia do perdão) do hebraico para o português. Foi um grande orador e profundo conhecedor da *Torah* (bíblia) e do *Talmud* (interpretação da *Torah*). Pertenceu à Sinagoga Shel Guemilut Hassadim da rua Rodrigo de Brito, Botafogo, Rio de Janeiro – a sinagoga dos judeus-amazônicos da diáspora carioca – onde foi grande pregador nos dias de Shabat (sábado). Além de erudito, era de um caráter sem jaça, humilde e bondoso para com todos e grande conselheiro e amigo das comunidades judaicas do Rio de Janeiro, Belém e Manaus. Nesta última, ele veio do Rio de Janeiro para inaugurar a nova sinagoga em 1962, como convidado especial. Foi um grande sábio e Haham (erudito) (Bentes, 1989: 299).

- 5 *Em Baião*: Prefeito Samuel Benchimol.
- 6 *Em Itaituba, Boim e Aveiros*: Israel Isaac Benchimol (1888), Abraham Isaac Benchimol (1913), Estrela Essucy Benchimol, Sara Essucy (que se casou com Abraham Benchimol, Tamo (Tomasia) Essucy Nahon, Leticia Essucy, Orovida Essucy (que se casou com Israel Isaac Benchimol), Abraham Ramiro Bentes, Salomão Laredo (vereador de Aveiros, 1884-1887), Simão Sibony (1915), Alia Abraham Benoliel (1915), Jacob Benoliel (1935), Ramiro Bentes (1932), Marcos Essucy (1930), Jacob Bencid (1925), José Cohen (1912) (Dados das famílias Benchimol, Bentes e Essucy, vide Bentes, 1989: 36, e relação de sepulturas do cemitério judeu de Itaituba, levantado por Jaime Bemergui).

- 7 *Em Santarém*: Isaac Azulay (1884), Fortunato Cagy (1886) (avô de Alice Cagy Siqueira e bisavô de Raphael e José Siqueira e dos Benchimol, de Manaus), Israel Isaac Benchimol (14/12/1888 – 10 Tevet 5649) (pai de Isaac Israel Benchimol e avô de Israel, Raphael, Samuel, Robine, Alice, Alberto, Saul e Benjamin Benchimol), Abraham Levy Cohen (1888), Johar Bat Abraham Benoliel (1902), Isaac Abraham Athias (1900), Elias Benoliel (1910), Esther Elias Cohen (1904), Dina Cohen (1923), Mirian Elias Benoliel (1935), Abraham Ezagui (1940), Douglas Serruya (1946), David Elias Benoliel (1950), Moyses Julio Serique (1972), Ricca Julio Serique (1976), Jacob Salomão Cohen (1978), Esther Azulay Essucy (1986) (Memória, depoimentos, entrevistas e cadastro das sepulturas do cemitério de judeus de Santarém feito pelo correligionário Fortunato Serruya e com identificação dos nomes em hebraico por Isaac Dahan, presidente do Comitê Israelita do Amazonas. O número entre parênteses refere-se ao ano de falecimento).
- 8 *Em Óbidos, Juruti, Faro e Oriximiná*: *Em Óbidos* moravam as seguintes famílias judaicas: Chocron, Hamoy, Belicha, Cohen, Israel, Elmespany, Menhorras. *Em Juruti*: Belicha e Benithar. *Em Faro*: Benzaquen, Abecassis, Hassan. *Em Oriximiná*: Moyses Cohen. O atual rabino Moyses Elmespany, da comunidade israelita de Belém, e o Dr. Abraham Elmespany, Sheliah da Sinagoga Beth Jacob/Reby Meyr de Manaus, são filhos de Óbidos, onde ainda mora a sua avó Rebeca Hamoy. D. Rebeca (Rica) Amoy (de Alexandria, Egito) era casada com Yom Tob Amoy, de Tetuan. Teve uma filha, Esther, que casou com Jayme Elmespany, de Óbidos, cujo pai Zacarias era de Salé, Marrocos. Dessa união originaram os seguintes filhos: Zacarias, Abraham (médico e *Shaliah* da Sinagoga de Manaus), Moyses (rabino de Belém), Isaac e Clara. Na casa de D. Rica Amoy funcionou durante muitos anos a Sinagoga de Óbidos.

Sepultados no cemitério de Óbidos: Reina Farache (8-9-1918), Isaac Azancoth (27-7-1919), Julia Bemergui (22-3-1934), José Bemergui (10-1-1934), Benjamin Hamoy (20-5-1934), Salomão Benarrós Israel, nascido em 17-3-1899 e falecido em 31-10-1934; era esposo de D. Carlota Sabbá Israel e pai de Moysés Benarrós Israel, Esther Israel Koifman, Stela Israel do Amaral e Mery Israel Benchimol; Jacob Soares (6-1-1947), Salomão Bittencourt Belicha (25-12-1956), Fortunato Chocron (4-2-1959), David Samuel Hassan (29-12-1961) e Esther Hamani (...). Existe no cemitério de judeus de Óbidos 15 sepulturas, sendo 4 não identificadas (informação transmitida por Marcos Jaime Belicha).

- 9 *Em Alenquer:* Famílias Shalom Dahan, Moyses Benguigui, Abraham Fima, Jacob Athias e Ambrósio Benzaquen, nascido em Barreirinha-Amazonas e que teve 10 filhos, 56 netos e 4 bisnetos (Veltman, 1953). Abraham Fima, de Alenquer, era casado com D. Leonilia com quem teve 6 filhos: José, Max (o judeu preto), Jackson, Jacob, Carlos Alberto, Raquel. Sua irmã Esther casou-se com Shalom Dahan. Shalom Dahan foi sócio em Alenquer da firma Levy, Dahan & Cia., foi um grande **Baal-Korê** (leitor da *Torah*) e conhecia de cor quase todos os **sidurim** e **tehilim**. Ficou cego, em consequência de um glaucoma, mas mesmo assim ensinou o hebraico aos seus dois filhos: Jacob, contador em Belém, e Isaac Dahan, professor, médico e atual presidente do Comitê Israelita do Amazonas.
- 10 *Em Altamira:* No rio Xingu, em Altamira, havia também uma comunidade judaica. A família mais importante durante o ciclo da borracha foi a de Isaac Saraga, judeu que emigrou de Portugal e se casou com D. Bemiará Saraga e foi viver em Macapá e depois em Belém. Nesta cidade, foi trabalhar na famosa e conhecida Sapataria Carrapatoso como desenhista e estilista de sapatos. De lá, os seus patrões o mandaram para Altamira, para abrir a filial da Sapataria Car-

rapatoso, onde viveu durante muitas décadas. Teve 4 filhos: Mayir, Isaac, David e Abraham e uma filha de nome Sarah.

- 11 *Em Parintins:* No final do século e nas primeiras décadas, Parintins foi um grande centro judaico. A economia era próspera e a região oferecia muitas oportunidades de ganho e trabalho. Para lá foram muitos judeus que tiveram numerosos filhos. Entre eles citamos:

Salomão Moyses Cohen, natural de Cabo Verde, casado com Esther Salomão Cohen (nascida em Belém). Salomão Cohen chegou a Parintins por volta de 1890 e teve com sua esposa, D. Esther, onze filhos: Moyses, Isaac, Fortunato, Pinhas (Pichita), Ananias e Julia, Rachel, Messody, Piedade, Sol e Anita. O seu filho Moyses Salomão Cohen tinha um estabelecimento chamado *Ordem e Progresso*, no paraná do Ramos e comércio em *aviador* e de compras de produtos regionais, além da loja *Casa Sportiva* em Parintins (da firma M. S. Cohen e depois Moyses S. Cohen & Cia.). Casou-se com D. Luna Cagy, natural do Marrocos, com quem teve sete filhos: Salomão (economista), Julia (Jóia), professora e esposa de Vidal Israel, Isaac (contabilista), Ananias, Jacob (médico oftalmologista), Esther (professora), Abraham (engenheiro civil e professor de Física da Universidade Federal do Amazonas). [Fonte: *Depoimento e entrevistas com Isaac Moyses Cohen, Jóia Cohen Israel e Jacob Cohen*].

Isaac Abraham Assayag, nascido em Tetuan, chegou a Parintins no final do século XIX, juntamente com seu irmão Simão Abraham Assayag, tendo ambos fundado a firma *Assayag & Irmão*, em Parintins, com empório de estivas, bebidas, tecidos, embarcações e regatão para o interior do Estado. Depois se separaram e cada irmão montou o próprio negócio em Parintins. Isaac Abraham Assayag era casado com D. Mery Benjo (de Melgaço do Pará), com quem teve oito filhos: Abraham (Casa Sportiva), Salomão (Fazenda do Lago Mocambo), Jo-

sé (casado com Renê Soares Assayag, é pai de Marita Assayag Hanan e Mário Meyr Assayag, e em segundas núpcias com D. Esmeralda Levy, com quem teve três filhos), Jacob, David (avô do cantor de toadas David Assayag), Moyses, Esther (que se casou com Jacob Farache) e Raphael (coletor de renda em Urucará e pai de Jacob, Isaac e Ambrósio Assayag de Manaus).

Simão Abraham Assayag, de Tetuan, teve cinco filhos: Abraham, Myriam, Alegria, Elias (pai do Dr. Helio Assayag) e Esther (mãe de D. Irene Gonçalves Sabbá).

Os oito filhos de Isaac Abraham Assayag deram origem à família mais numerosa de judeus no Amazonas: 1) *Abraham* teve os seguintes filhos: Isaac, Amélia, Lola, Clemência, Jaime e Marcos; 2) *Salomão* teve oito filhos: Amélia, Isaac, Ambrósio, Marcos, José, Lola, Aida e Lea; 3) *José Assayag*, o terceiro filho, foi proprietário do Armazém Bon Marché, em Parintins, casou-se com Renê Soares e teve oito filhos: Mary (Marita, casada com Isaac Hanan, pai do Dr. Samuel Hanan), Luna, Isaac, Mário Meyr (fundador do Supermercado Casa do Óleo, juntamente com o seu primo Ambrósio Assayag), Sete Saphira, Shimon e Ruth. Com D. Esmeralda Levy teve: Alegria, Marcos e Esther; o quarto filho *Jacob Assayag* foi criado no interior, na fazenda Vila Jamila e não teve filhos; 5) *David Assayag*, de todos o mais gordo, teve muitos filhos e diversas esposas, é o avô do cantor de toadas David Assayag; 6) *Moyse Assayag* casou-se com Anita Dray e foi um rico importador e exportador; 7) *Esther Assayag*, a sétima, casou com Jacob Farache, de Gibraltar e teve 7 filhos: Isaac, Mirian, Clemência, Gimol, Sol, Dona e Jaime; 8) *Raphael Assayag*, o oitavo filho, foi o mais pobre de todos, tornou-se funcionário público do Estado, tendo no final da vida sido coletor de rendas de Urucará. Casou-se com D. Pérola Cohen Assayag, que depois da morte do seu marido ficou com o pesado encargo de criar os seus filhos: Isaac Ra-

phael (capitão-dentista da Marinha de Guerra e hoje sócio-diretor das Casas do Óleo), Jacob Assayag (médico) e Ambrósio Assayag (vice-presidente da Associação Comercial do Amazonas e diretor-presidente dos Supermercados Casas do Óleo, juntamente com o seu sobrinho José Mário.

Sem contar os netos de Simão Abraham Assayag, nem os filhos das diversas esposas de David, a primeira e segunda gerações de Assayag contam 50 pessoas, que acrescidos de suas esposas atingem a 100 Assayags. Se os netos e bisnetos forem incluídos, bem como os Assayag nascidos como filhos naturais, facilmente chegaremos à casa dos 400 descendentes, ao findar um século de vida dos Assayags em Parintins. Se contarmos todas as famílias Assayag, de diversos troncos, origens e localidades em toda a Amazônia, incluindo os descendentes judeus, os jutólicos (misto de judeu e católico) e outros que estão assimilados ou vivem no anonimato, ou mudaram de sobrenome em virtude do casamento, teremos mais de 800 Assayags em todo o Amazonas e Pará. Como esses Estados têm 8 milhões de habitantes, assim existe um Assayag para cada 10.000 paraenses e amazonenses. Na Amazônia, eles constituem a maior família de descendentes de judeus-marroquinos na região (*Fonte: Entrevista e depoimento de Marita Assayag Hanan, que mora no Rio de Janeiro e que, aos 80 anos, tem uma lucidez, inteligência e memória extraordinárias*).

Dr. Marcos Zagury – O Dr. Zagury provinha de uma rica família de judeus que, em Parintins, enriqueceu na época áurea da borracha. Ele mesmo foi próspero empresário, porém, na década dos anos 20, durante a depressão veio para Manaus e aqui formou-se em Direito na Faculdade do Amazonas. Fez concurso público e foi nomeado Promotor de Justiça em Parintins, cuja função sempre exerceu com grande justiça, integridade e honradez.

Um dia ocorre um homicídio no paraná do Ramos, na usina de pau-rosa de Ladislau Lourenço de Souza. Houve discussão entre trabalhadores sobre falta de pagamento correto de suas entregas de madeira. Durante esse conflito, dois cearenses, um de nome *Severino* e outro chamado *Zequirinho*, a mando de Ladislau, matam um caboclo amotinado. Este chegou a ajoelhar-se, pedindo que não o matasse. Severino, mais violento e audacioso, ordena a Zequirinho que o mate. Este queria recusar, porém Severino o obriga a dar o primeiro tiro. Severino em seguida termina a execuo. O corpo da vítima foi retalhado e jogado num saco no rio Amazonas, onde dias depois apareceu boiando. Chamada a polícia, esta descobre o homicídio bárbaro e apresenta os réus  Justca. O Promotor Público Dr. Marcos Zagury acusa os dois e no primeiro julgamento do júri os jurados condenam Severino a 30 anos de cadeia e absolve Zequirinho de co-autoria. Funcionou na defesa dos réus o Dr. Huascar de Figueiredo, de Manaus, que consegue novo julgamento que manteve a pena contra Severino e a absolvio de Zequirinho. Não contente, Severino consegue um terceiro julgamento, que não se realizou porque o Tribunal de Manaus o anulou. Severino foi preso para cumprir a sua pena e Zequirinho absolvido, desapareceu e voltou para o Nordeste. O caso pareceu encerrado, porém Severino, mesmo preso, resolve vingar-se do promotor Zagury, que foi seu acusador. Consegue sair da cadeia mediante suborno e com a ajuda e conivência de Ladislau Lourenço de Souza, vai ao Fórum de Parintins onde o promotor estava em audiência e l mesmo mata logo um guarda e atinge mortalmente o Dr. Zagury, que morre antes de ser socorrido e atinge seriamente o juiz, Dr. João Correia que, anos mais tarde, viria a ser desembargador do Tribunal em Manaus. Cometido esse crime bárbaro, Severino foge com a ajuda de Ladislau que foi, na verdade, o grande mentor intelectual do assassinato do Dr. Zagury, morte ocorrida no dia 23/8/1938, conforme está inscrito em sua sepultura no Cemtrio dos Judeus de Parintins. Consta que anos depois, Severino, co-

mo castigo, foi assassinado pelo próprio filho, em Porto Velho (depoimento do seu filho, Dr. Salomão Marcos Zagury, que hoje é advogado e mora em Belo Horizonte, Minas Gerais, cujo teor do depoimento acima recolhido, reconstitui a verdade e por ela está pronto para depor em juízo, caso necessário).

Sol Mendes – Que vengam otros! – Numa Sexta-Feira da Paixão, o padre Paulo, de Parintins, em sermão alertou aos católicos que Jesus Cristo havia sido traído por Judas e morto pelos judeus. Havia entre a multidão um certo preconceito antijudaico e um anti-semitismo latente porque os judeus, por volta de 1928, quando este fato ocorreu, as duas famílias judias mais poderosas, os numerosos Assayag e Cohen, dominavam o comércio de Parintins, paraná do Ramos, paraná da Eva e todo o Médio e Baixo Amazonas.

No paraná do Ramos, os caboclos insuflados pelo padre saem em busca do primeiro judeu. Acharam e perseguiram Salomão Mendes, que vivia em companhia de sua corajosa mãe judia, D. Sol Mendes. Feriram e esfaquearam Salomão Mendes, que teve de nadar até chegar em Parintins para contar a história e o massacre de que quase foi vítima. Estava todo ferido e havia apanhado muito. Contou a sua história na polícia afirmando, num português-espanhol-marroquino com sotaque caboclo: *Me deram, me deram*. Daí para frente passou a receber o apelido de *Salomão Me-deram*, em vez de de Salomão Mendes. Enquanto Salomão Mendes fugia para Parintins, a nado, sua mãe, D. Sol, recebe em sua palafita, na beira do paraná do Ramos, a mesma turba de bandoleiros e malfeitores. D. Sol, armada de um afiado terçado 128 fica atrás da porta, quando o primeiro invasor de sua casa entrou, ela brandiu com toda a força o terçado, decepando a cabeça do malfeitor e bandido pelo meio. D. Sol, com toda ira e indignação, após ter matado o agressor em legítima defesa, bradou em ha-

quitia-espanhol: *Que venga otros!* Os arruaceiros fugiram e desapareceram no mato.

O caso do paraná do Ramos não foi isolado, pois essa história se repetiu no Massauari e no Arari, quando esfaquearam o Sr. Salomão Santos (*Kadosh*), que recebeu 15 facadas e salvou-se fugindo para Manaus, onde mostrava para todos, na Sinagoga, as terríveis cicatrizes. Outros judeus foram vítimas dessa onda de bandidos: Benchaya (pai do atual vice-prefeito de Maués) perseguido, fuge e refugia-se em Maués; Salomão Levy e família fogem para bidos e l fica dois anos até acabar o motim e voltar a pacificao. Muitos judeus de Parintins fogem para o interior e se refugiam num lugar chamado Amsterdam, Palmares e Belo Horizonte (depoimento do Dr. Salomão Marcos Zagury, advogado, e do Dr. Jacob Cohen, médico em Manaus, ambos filhos de Parintins).

Existe uma outra versão da história acima, que explica o motim antijudeu como resultado de uma disputa e antagonismo político-eleitoral, pois Salomão Mendes, o primeiro protagonista e vítima de perseguio, era cabo eleitoral de um candidato a prefeito de Parintins. Isto motivou o conflito popular que acabou descambando para o movimento mata-judeu. Desejamos salientar, todavia, que naqueles tempos era muito comum os padres fazerem pregao contra os judeus – *os perversos judeus* – nos dias de sexta-feira da Paixão, que estimulava movimentos populares: todas as sinagogas amanheciam, no dia de sábado de Aleluia, com o boneco-espantalho de Judas, pendurado na porta ou nos postes, para serem malhados e queimados. Nessa ocasião eram improvisados versos com o testamento de Judas, no qual figuras políticas eram também ridicularizadas.

No Cemitério Judeu de Parintins estão enterrados os seguintes judeus: Dona Cohen (29-4-1886), Isaac S. Benjo (26-1-1887), Isaac Abraham

Assayag (23-9-1909, avô de Marita Hanan, Mário e Ambrósio Assayag e bisavô de Samuel Hanan), José Serrulha (5-1-1909), Perla S. Assayag (21-4-1915), Ananias S. Cohen (6-8-1926), Ambrósio Dray (24-2-1928), Simão Isaac Bengio (3-5-1925), Jacob Salomão Cohen (14-12-1915), Abraham Salomão Cohen (14-6-1925), Abraham José Sicsú (20-12-1916), Isaac E. Dabella (20-6-1918), Júlia Dray (13-1-1920), Miriyam Levy Salama (2-2-1923), Estrela S. Mendes (21-9-1928), *Martyr* Julia Salomão Cohen (22-10-1931), Esther Levy (18-4-1934), Júlia Salama Cohen (27-9-1935), Esther Assayag (24-3-1931, mãe de D. Irene Gonçalves Sabbá), Esther Dray Benjo (1-5-1939), Miryan S. Mendes (3-3-1931), Isaac Cagy (1-1-1935), Jacob Moyses Cohen (26-4-1935), Salomão Moyses Cohen (19-12-1935), José Dray (23-6-1931), Fortunato Salim Dray (13-5-1935), Alberto Mendes (11-1-1938), Dr. Marcos S. Zagury (23-8-1938, Promotor Público de Justiça, abatido pelas balas dos assassinos-criminosos, um dos quais ele havia acusado, na saída do Tribunal do Juri. É pai do nosso correligionário Salomão Marcos Zagury), Sol Salomão Cohen (9-12-1943), Tomazia Salama Cohen (26-4-1943), Esther Salomão Cohen (31-3-1945), Jamila Assayag (3-6-1941), Ananias Moyses Cohen (8-7-1947), Maira Mendes (4-7-1959), Fortunato Salomão Cohen (21-2-1961), Salomão Isaac Cohen (27-5-1963), Pinhas Salomão Cohen (1-7-1975), Ruth Pazuelo (12-3-1967), Elias Assayag (14-2-1980). Total 65 sepulturas, sendo 24 sem identificação. (*Fonte: Cadastro levantado por Francisco Iannuzzi, Oriane de Souza Batalha e Zezito Assayag, de Parintins*).

- 12 *Em Maués* – Maués já foi uma cidade próspera no tempo dos judeus e italianos que, na verdade, dominaram, juntamente com os cearenses, o comércio, indústria e agricultura de guaraná do município. As famílias mais importantes de Maués eram a de Salomão e Luís Levy, Moyses e Salvador, Salomão Abecassis, Salomão e Alberto Pinto, Moyses Hatchwell, Salomão Benchaya, Pinhas Assayag e Isaac Sayag Aboab (apelidado de *o Rabino*, cuja sepultura em Maués até

hoje não recebeu a lápide em mármore que o identifique sobre a envelhecida *fraguancia* de cimento). Todos geraram famílias numerosas e ilustres. Os *Benchayas* vieram do Massauari, depois do massacre do paraná do Ramos e do Arari, e hoje um dos seus descendentes é o Sr. Jayme Benchaya Filho, vice-prefeito de Maués.

Os Abecassis eram dois irmãos. *Moyses Salomão Abecassis*, casado com Miryam Hatchwell e teve 6 filhos: Salomão, Jaime, Elias, Isaac, Armando e Alberto. *Salvador Abecassis*, casado com Sol Levy, com quem teve 7 filhos: Salomão, Leão, Moyses, Esther, Miriam, Dona e Vitoria. Os dois irmãos eram prosperos e fundaram a firma Salvador Abecassis & Irmão.

Os Pintos tambem eram dois irmãos: *Salvador Marcos Pinto*, de Tânger e teve 3 filhos: Isaac Salomão Pinto, que tinha uma usina de pau-rosa em Maués; Leão Pinto e Marcos Pinto. O outro irmão *Alberto Pinto*, casado com Sara Benoliel Pinto, era socio da firma Isaac Pinto & Cia. e uma usina de pau-rosa no lugar Vera Cruz, perto de Maués. Parece que não teve filhos.

Moyses Hatchwel era de uma família de judeus-ingleses de Gibraltar, que tambem migrou para a Amazônia no mesmo tempo dos sefaraditas e forasteiros marroquinos. Dizia-se que eram descendentes da heroína-mártir *Solica – la Sadiká*, que foi degolada em Fez, a mando do sultão, pelo fato de recusar-se a converter ao islamismo e casar-se com ele. Ele foi assassinado pelo seu genro Isaac Marcos Pinto em um dia de *Yom Kipur (Dia do Perdão)*, antes de quebrar o jejum obrigatório. Isaac Pinto perguntou a Moyses Hatchwel onde estava a sua esposa, da qual se havia separado. Moyses quis explicar e como resposta recebeu diversos tiros de revólver que o mataram. Ele teve diversos filhos, tendo a sua filha Rebeca se casado com o descendente de srio-libanês, Sr. Salum Almeida (filho de Jorge Elias

de Almeida, casado com uma Negrairos). Salum teve 10 filhos e nenhum deles seguiu a tradição dos antepassados de sua mãe judia.

Salomão e Luís Levy – Eram dois jovens irmãos de Tânger que emigraram em 1906, quando Luís tinha 14 e Salomão 12 anos. Seu pai Jacob Levy, casado com Gimol Pinto, veio à Amazônia mas não se acostumou e voltou para o seu açougue *Kasher* em Tânger. Ficaram em Maués os dois irmãos que começaram a vida como *regatões*, vendendo mercadorias e comprando guaraná, borracha, castanha, cumaru, pitarucu e farinha. Salomão fez sociedade com o seu tio Fortunato Pinto no negócio de *aviamentos* e produtos regionais e daí começou a sua prosperidade com um armazém-empório típico do interior daquela época. Casou-se com sua prima Clara Alcaim (como era muito comum entre judeus) e o casal teve os seguintes filhos: Jacob, casado com Ruth Roffé; Gimol, casada com Israel Benchimol; Abraham, casado com Idelma Patriani; Leon, casado com Esther Cohen Halale, e Messody (Lily), casada com o Dr. Elias Azulay.

Salomão Levy foi também vítima dos saques dos desocupados, bêbados e bandoleiros, que invadiam as casas dos judeus, roubando e depredando no conhecido caso do massacre de Massauari, no parará do Ramos, ocorrido por volta de 1922. Fugiu de Maués e foi abrigar-se em Óbidos e, por isso, dois filhos seus (Jacob e Gimol) nasceram nessa cidade. Pacificada a região após as desordens, volta a Maués e se torna sócio de Francisco Magaldi.

Os seus filhos foram educados em Belém, no internato e escola de D. Sol Israel, esposa de Elias Israel, filho de Leão Israel, fundador da Sinagoga Shaar Hashamayin. Quando eles voltaram a Maués, Salomão Levy resolve transferir-se para Manaus, onde se torna sócio de B. Levy & Cia., a mais importante firma judaica, já em fase de decadência em 1942. Dela se retira e se torna sócio de seu amigo Ma-

noelzinho Negreiros na firma Levy & Negreiros. Quando Pedro Manoel Negreiros retorna a Maués, Salomão Levy junto com os filhos fundam a firma Salomão Levy & Filhos e passa a curtir couros de jacaré e exporta para a Argentina. Isto foi a sua ruína, pois num embarque de peles salgadas o navio sofreu avaria e a carga toda apodreceu, e como não havia seguro contra avaria particular, ele perdeu tudo o que possuía.

Depois de ter sido um homem rico enfrentou a pobreza novamente, mas nunca desanimou. Resolve, junto com todos seus os filhos, transferir-se para o Rio de Janeiro. Lá os seus filhos conseguiram sucesso e os seus netos, pela educação universitária, se tornaram grandes médicos, doutores, engenheiros, empresários. Ele cumpriu a sua missão de fiel judeu e bom pai (*Fonte: Depoimento e entrevista de Gimol Levy Benchimol*).

No Cemitério Judeu de Maués estão enterrados: Pinhas Assayag (17-12-1932), Marcos Pinto (28-6-1935), Moyses Hatchwell (27-10-1935), Sara Belezrah Pinto (29-10-1949), Salomão Benchaya (30-7-1945), Moyses Abecassis (4-2-1964), Lea Nagai Hatchwell Leite (31-7-1996), Isaac Aboab (sem lápide) (*Fonte: Cadastro levantado por Jayme Benchaya Filho*).

- 13 *Em Itacoatiara*: Isaac Perez & Cia. (Casa Moyses) – Prédio construído em 1890; Isaac José Perez (prefeito, 1926-1930), casado com Rachel Benchimol Perez; David José Perez (nascido em Breves-Pará, morou em Itacoatiara. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi professor emérito de hebraico e espanhol no Colégio Pedro II); Ezagui, Irmão & Cia., Moyses Ezagui e Esther Perez e os seus filhos: Jacobito, Ambrósio (advogado), Leão (médico), Fortunato e Cotinha; José Leão Ezagui e Orovida Ezagui e os seus filhos: Luna, Rachel, Abraham, Rubens (o Chunito), Estrela (a Sarapó) e Augusto (o capitão);

Pacífico Ezagui, Marcos Ezagui, Jacob Benchimol, Samuel Ezagui, Salomão Ezagui, Leão Ezagui, Isaac Benchaya, Azulay Benchaya, Fortunato Cohen Alves, Rica Bensemana, Dinar Ohana, Moyses Azulay (Informações do professor Francisco Gomes da Silva, no seu livro *Cronografia de Itacoatiara*, Manaus: Papyros Ind. Gráfica, 1997: 169. Este mesmo livro nos informa que, na década de 1920, havia cerca de 300 judeus morando em Itacoatiara; a sinagoga funcionava na casa de D. Esther Perez Ezagui e o cemitério judaico foi construído no final do ano de 1920. Itacoatiara muito deve a Isaac José Perez, seu grande prefeito, de 1926-1930, que urbanizou e modernizou a cidade.

No Cemitério Judeu de Itacoatiara estão enterrados os seguintes judeus, conforme levantamento feito primeiro por Abraham Amzalak e depois por Moyses Israel, Isaac Dahan e a professora Terezinha Edna Monteiro Peixoto e Maria da Glória Matos: Elias Ezagui (23-11-1910), David Dray (22-8-1912), Leticia Malca (21-10-1914), *Martyr* Simi Carlos Nahmias (17-10-1916), Ananias Cohen (...), Elias Alves (11-11-1920), David A. Kados (16-5-1924), Simy Ezagui (17-2-1927), Abraham Kados (6-11-1927), Luna Pinto (6-3-1929), Dinar Ohana (2-3-1929), Fortunata Cohen Alves (6-11-1932), Moysés Azulay (20-2-1936), Rica Bensemana (1-8-1936), Isaac Benchaya (18-9-1944), Orovida Ezagui (22-9-1949), Fortunato Benezar (9-7-1955). Total de 33 sepulturas, sendo 20 sem identificação.

- 14 *Em Coari*: Salomão Pinto foi um judeu-marroquino que emigrou para Coari no fim do século XIX e se tornou um grande comerciante, seringalista, aviador e comerciante de produtos regionais. Participou do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, de fevereiro de 1910, promovido pela Associação Comercial do Amazonas, em Manaus, tendo recebido na ocasião o prêmio de medalha de bronze pela apresentação de um saco de viagem impermeabilizado e um par de

sapato feito com borracha amazônica. O outro premiado, na ocasião, com medalha de ouro, foi a firma Salvador Abecassis & Irmão, de Maués, pela apresentação de borracha fina de **cultura**, borracha fina **nativa**, borracha de tapuru e cernambi de caucho. Salomão Pinto teve um continuador, seu filho Abraham Pinto, que se tornou benfeitor e benemérito da Comunidade Judaica de Manaus, ao fazer grandes doações para as obras da sinagoga e ser um grande incentivador da vida judaica nas comunidades de São Paulo, Manaus e Belém. Seu pai, Salomão Pinto, faleceu em 8-11-1918 e está enterrado no Cemitério Municipal de São João Batista.

- 15 *Em Tefé:* A pequena cidade de Tefé, que já teve o seu passado de glória nos tempos coloniais, teve um período de breve prosperidade durante o apogeu da borracha em 1910. Depois entrou em decadência. Havia várias famílias judias que moravam em Tefé. Entre elas temos a memória de duas:

Fortunato Cagy, que se tornou grande comerciante e muito conhecido nas praças de Belém, Santarém, Tefé e rio Solimões, como comerciante de produtos regionais. Teve 2 filhos: Saul e Abraham Cagy e 2 filhas: Esther e Alice Cagy. Saul emigrou para São Paulo, onde se tornou milionário com a distribuição exclusiva dos automóveis Ford, chegando a construir um arranha-céu de nome *Avanhandava*. Abraham foi para Belém, acompanhando a sua irmã Esther. Alice casou-se com Raphael José Siqueira.

Raphael José Siqueira ganhou a vida como prático e depois piloto e comandante de embarcações fluviais, conhecendo praticamente todos os rios da Amazônia. Casou-se em Tefé com D. Alice Cagy, de cujo consórcio teve os seguintes filhos: Nina (Lili), José, Esther, Anita e Fortunato Siqueira. Nina Siqueira casou-se com Isaac Israel Benchimol e teve 8 filhos: Israel, Raphael, Samuel, Robine, Alice,

Alberto, Saul e Benjamin. Raphael José Siqueira tinha uma irmã de nome Francisca Siqueira, que se casou com o Sr. Isaac Hanan, avô de Samuel Hanan, ex-secretário de Fazenda do Estado do Amazonas. José Siqueira casou-se com Dinari Sevalho, de Tefé, e é pai dos drs. Raphael e José Siqueira, este atual presidente da Companhia Energética do Amazonas. Raphael José Siqueira morreu em 29-3-1922 e está enterrado no Cemitério São João Batista de Manaus. D. Alice Cagy Siqueira nasceu em Lisboa em 27-9-1876 e faleceu em 22-3-1951 em Manaus. D. Nina Siqueira Benchimol nasceu em Tefé em 12-3-1900 e faleceu em Manaus em 28-2-1960 e seu esposo, Isaac Israel Benchimol, nasceu em Aveiros em 11-4-1888, no rio Tapajós, e faleceu em Manaus no dia 24-12-1974. D. Francisca Hanan nasceu em Tânger, em 2-9-1875 e faleceu em Manaus no dia 12-10-1957, e o seu esposo, Isaac Hanan, faleceu em Manaus no dia 9-2-1932.

- 16 *No rio Tarauacá (Juruá):* Henry Cerf Levy, judeu-francês da Alsácia e Lorena, provavelmente expulso pelos alemães ou refugiado, quando Bismark, na guerra franco-prussiana de 1870-1871, tomou essas províncias francesas e iniciou perseguições aos judeus de Nancy, Moselle e Strasburg. Ele se tornou grande seringalista no rio Tarauacá, onde foi proprietário dos seringais Vila Martins, Alegrete, Casa Nova, São Pedro, Vitória e Santo Antônio. Foi casado com uma cearense, D. Carolina Augusta Sabóia Fernandes, com quem teve 12 filhos: Renée, Myrtil, Hugo, Ivan, Irene, Edgar, Shirley, Marialina, Fanny, Ocirema, Maude e Edmundo Levy, que foi senador da República pelo Amazonas (Fonte: Ocirema Levy Rabello. *Minha Vida no Seringal*. Manaus: Prograf Editora, 1996).
- 17 *Em Sena Madureira:* Famílias Laredo e Abtibol.
- 18 *Em Borba:* O Baixo Madeira recebeu, na época da borracha, muitas famílias judaicas. Entre elas a família de José Laredo, de Tânger, que

foi grande regatão e seringalista no paraná do Urari e rio Abacaxis, no município de Borba, onde morou com sua esposa, Simy Kadosh, por mais de vinte anos. Seu filho, Salomão José Laredo, passou grande parte de sua vida também nesse mister, sucedendo o seu pai. Casou-se com Sarah Bemiarra Saraga Laredo, de cujo consórcio nasceram 8 filhos: José (economista), Simy (professora universitária), Moyses (engenheiro), Nina (Faculdade de Letras), Jacob (abandonou a Faculdade de Medicina no último ano para se tornar empresário), Nelson (empresário), Débora (médica endocrinologista) e Miriam (formada em Administração). Salomão Laredo, recentemente falecido, e cujos filhos vivem em Manaus, onde atuam como profissionais e empresários.

- 19 *Em Manicoré:* Manicoré foi, no passado, um florescente centro de comércio no ciclo da borracha e mesmo durante a crise dos anos 30 e 40. L viveram muitos judeus, sendo que a família mais importante era a dos Cohen, cujos oito irmãos l viveram, durante esses anos, como comerciantes de produtos regionais e pequenas indústrias de óleo de pau-rosa. Eram eles: Fortunato Cohen, casado com lia (Esperança) Serruya; Abraham Cohen (apelidado de Abrao Fumaça), casou com D. Alegria e depois com D. Alita (sua neta  casada com o ex-ministro do Meio Ambiente e Amazônia, Gustavo Krause); Isaac Cohen, casou com D. Mirian; Pérola Cohen, casou com Raphael Assayag, de Parintins, e vive até hoje, com 92 anos, e  mãe de Isaac Raphael, Jacob e Ambrósio Assayag; Alegria Cohen; Flora Cohen; Estrela Cohen e Alia Cohen.
- 20 *Em Humaitá:* Elias Benchimol (*Casa Deus Dar*), Julio Levy (*Casa Ypiranga*), José Benayon, Bohbot e Benassayag, Moyses Israel, Saul e Laluff, Leão Abitbol, Luís Abitbol (Relação de comerciantes judeus estabelecidos em Humaitá, publicada no jornal *Humaythaense*, edição de 2 de fevereiro de 1908).

- 21 *Em Fortaleza do Abunã, Porto Velho e Guajará-Mirim*: Isaac Israel Benchimol (1913 a 1933 em Fortaleza do Abunã); Salomão Querub (Porto Velho); Isaac Benchimol (*enterrado no Cemitério Candelária, cerca 1910*); Moses Bensabá (Cachoeira Santo Antônio); Saul Benesby (Guajará-Mirim); Moyses Benesby (deputado federal de Guajará-Mirim); Isaac Benesby (prefeito-Guajará-Mirim); David Israel (Guajará-Mirim).
- 22 *Em Iquitos*: O ciclo da borracha se iniciou na Amazônia brasileira e fez a prosperidade de Belém, Manaus e de milhares de empresários, coronéis-de-barranco e seringueiros que trabalharam nos seringais dos afluentes meridionais do rio Amazonas. Por isso a prosperidade alcançou os vales dos rios Tocantins, Xingu, Tapajós, Madeira, Purus, Juruá, Javari, que eram rios do *habitat* da legítima *Hevea brasiliensis* (os afluentes setentrionais tinham, apenas, seringueiras fracas de borracha inferior e, por isso, eram desprezadas e sofreram o despovoamento durante o período).

Essa prosperidade e expansão, gradualmente, foi avançando em direção ao oeste com o *rush* dos migrantes nordestinos, europeus, judeus, sírio-libaneses e outros povos e etnias, até atingir a Amazônia peruana, sobretudo nos rios Marañon e Ucayale, que eram a continuação dos mesmos ecossistemas da Floresta Tropical Úmida da Amazônia sul-americana. Cidades e vilas peruanas floresceram na época do *boom* da borracha, no período de 1870 a 1910, como Iquitos, Contamana, Yurimaguas, Caballococha, Tarapoto, Requena e outros povoados que prosperaram quando a borracha chegou a ser vendida em Iquitos, na base de 6,6 soles-ouro o kilo, o que equivalia aos 17\$000 por kilo da praça de Manaus, ou £ 1,13 correspondente a £ 58, ou US\$ 87 o kilo. Comparado com uma libra esterlina por kilo (valor monetário atualizado) na época da grande depressão de 1931, menos de 1\$000 em Manaus e 12 centavos de sol ouro em Iquitos

(Rosenzweig, *Judios en la Amazonia Peruana*, Iquitos, 1949, trabalho datilografado, que parece continuar inédito).

O período de prosperidade da Amazônia peruana repetiu a euforia da Amazônia brasileira do Pará, Amazonas e Acre, que conseguiu atrair centenas de milhares de imigrantes. Enquanto nesse período chegaram à região perto de 1.000 famílias de judeus sefaraditas e forasteiros em Belém e Manaus, o mesmo fenômeno se repetiu na Amazônia peruana, que recebeu no período de 1870-1910 aproximadamente 150 famílias judias, a maioria procedente de Tânger e Tetuan do Marrocos, ou de imigrantes judeus de Belém e Manaus, que se transferiram para Iquitos e outros judeus askenazitas do litoral peruano para participar da atividade *cauchera*.

Os pioneiros judeus do ciclo da borracha da Amazônia peruana começaram a chegar por volta de 1885 com a vinda dos irmãos Moyses, Abraham e Jaime Pinto, que escreveram uma comovente biografia contando o drama e a saga de sua família no Marrocos e nas selvas do Peru (*Vida de Moyses y Abraham Pinto en la Jungla del Amazonas*, contada por Abraham Pinto, cujo trabalho inédito foi mencionado por Bentes, 1987: 377).

Isaac Laredo em suas *Memórias de um Viejo Tângerino* (1935: 408) publica uma fotografia da *Colonia de Tângerinos en Iquitos*, na qual figuram os judeus Abraham Labos, Leon Bentes, Moses Bendayan, Moses H. Toledano, Benjamin Cohen, Jacob Toledano, Joseph M. Toledano, Hanna Nahon de Toledano, Miguel Bendayan, Salomão Coriat e Moyses I. Nahon.

A história dos judeus no Departamento de Loreto repete a história dos judeus-paraenses e amazonenses. Começaram com seus “*bate-lones*” a remo y los mas pequeños usando canoa. Su comércio consistia en internar-se por los rios llevando mercadorias para efetuar

el trueque por el caucho. Estas expediciones demorabam varios meses. Las penurias eran inmensas... sentarse meses en una canoa, dormir en el suelo sobre ramas, la escasez y monotonía de la alimentación, los picaduros de insectos, las enfermedades tropicales, el clima agotador, la soledad absoluta... Que dura lucha para ganarse la vida y quizás hacer algún ahorro! Este é um retrato escrito e falado da vida dos judeus pioneiros marroquinos na Amazônia peruana, descrita por Rosenzweig (1949: 9/10).

Os nomes das famílias judias marroquinas peruanas são, praticamente, as mesmas dos conhecidos judeus de Manaus e Belém. Rosenzweig lista 133 nomes de judeus peruanos pioneiros, como segue: David e José Abensur (de Manchester); Moyses Abisroar; Senior Anselmi; Elias e Leon Assayag; Isajar, Salomon e Schalom Asserat; Assot; David Aberrasses; Isaac Miguel Azulay; Abraham, Isaac e Jacob Barcessat; Schalom Benamut; Leon Benassayag; Leon, Moyses e Samuel Bendayan; Ruben Bengio Bendrao; Beny, David, José e Raphael Benzaquen; Alex, Miguel e Victor Besso (Estados Unidos); Abraham Binsus; Julio e Marcel Block (de Alsácia e Lorena); David, Jaime e Salomon Bohabot; Geron Cahen (França); David Cases (Inglaterra); Benjamin, Bobby, Isaac, Jaime, Lazaro, Marcel, Meier, Moyses, Ruben Cohen (9 Cohens do Marrocos, França e Manchester); Abraham e Aron Dahan (Rabat); Isaac David; Abraham Delmar; Abraham, Alberto, David, Isaac e Moyses Edery (5 Edery do Marrocos); David Elaluf; David Erwin; Moyses Farachi; Fortunato Foinquinos; Benjamin Gabay; David, Elias e Moyses Hachtwell (3 Hatchwell da Inglaterra, talvez parentes de *Solica – la Sadiká*); Sam Harris (Inglaterra); René Hirsch (Alsácia); Raphael e Victor Israel (Malta); Edmundo, Eduardo, Ferdinand e José Kahan (4 Cohanitas da França); Salvador Knaffo; Alfredo Koblenz (Alemanha); Abraham Labos; Samuel Laredo; Isidoro, José, Leon, Mauricio, Moyses e Salomon Levi (6 levitas do Marrocos e França); Jaime Malca; Raphael Marachi;

Jacob Medina; Carlos Mergui; Isidro Ley (França); Isaac e Salomon Naamias; Isaac Nahon; Abraham, Jaime, Moyses e Samuel Pinto (4 Pintos de Tânger que se estabeleceram em Iquitos em 1890); Leon Ruach (Bentes); Charles Samuel (Estados Unidos); Isaac Serfaty; Pierre, Robert e Teodoro Schuler (França); Isaac Suzzana; Alberto, Jacob, Jose e Moyses Toledano (4 toledanos de Tânger); Jose Tapieiro; Alberto, Gabriel e Renee Weill (3 Weill da França, provavelmente parentes de Raoul Weill, que foi comerciante e diretor tesoureiro da Associação Comercial do Amazonas em 1928-1930); Moyses Zrenen (Fonte: Rosenzweig, 1949: anexo 1).

Essas 113 famílias judaicas, de um total de 150 que emigraram para o Peru, entre os anos de 1870 a 1912, tiveram um papel importante no desenvolvimento do Departamento de Loreto e nas cidades amazônicas peruanas, principalmente Iquitos e Pucallpa. Rosenzweig (1949: 16) diz textualmente a respeito desses judeus:

Llegan a abordar gran parte del comercio y entablar una competencia que llega a los rincónes mas olvidados de ese territorio. Constituyen en esa forma un verdadero motor del desarrollo y de la incorporacion de nuevas gentes y zonas a la economia nacional. Se assumiria que labor tais abnegada en estas condiciones se vió compensada con el amasamiento de grandes fortunas. Sin embargo esto solo ocurrió em casos muy contados como las casas Kahan e Israel. La mayor parte tenia comercios mas pequeños.

Efetivamente, a maior casa comercial de judeus-iquitenhos foi a grande *Casa Israel* (provavelmente um judeu-inglês de Gibraltar, ou de Malta), *aviadores* e exportadores de borracha e a *Casa Kahan* (Cohen, provavelmente judeu-francês ou alsaciano), que tinham também navegação própria, pois Iquitos era servida por navios da Booth Line, que vinham diretamente de Londres, França e Estados Unidos,

passavam por Belém, Manaus e chegavam até Iquitos, na calha central do rio Amazonas, que é francamente navegável por navios de grande porte. Iquitos está situada a aproximadamente 4.200 km de Belém do Pará e a 2.500 km de distância de Manaus. Os prédios das *Casas Israel e Kahan* até hoje ainda existem no *malecon* do centro histórico de Iquitos.

Os judeus-peruanos *de la Selva* estavam organizados, pois tinham sinagogas, uma Sociedade de Beneficência Israelita e um cemitério com 31 sepulturas de judeus falecidos, sendo as mais antigas de 1895. Tal como no Pará e Amazonas, os judeus-peruanos se espalhavam por todo o interior do *oriente*, chegando a Yurimaguas, Pucallpa, Contamana, Tarapoto e Caballococha, onde existem sepulturas de judeus-marroquinos. Com a depressão dos anos 20 e 30, a maior parte deles regressou a Belém e Manaus, outros foram para Lima, ou regressaram para a França e Inglaterra. Empobrecidos e falidos, poucos ficaram. Em 1948, quando Rosenzweig visitou o Departamento de Loreto, havia apenas 13 judeus, sendo 11 em Iquitos, 3 em Yurimaguas e 1 em Contamana. Uma outra parcela das 150 famílias dos primeiros judeus-marroquinos foram assimilados pela população local e se tornaram *cholos* e *caboclos* peruanos, que ainda hoje se relembram com saudade dos tempos dos judeus em Loreto e orgulho de sua ascendência israelita, quando respondem que *mi abuelo fué judío*.

- 23 *Em Letícia:* Havia também judeus em Letícia, antiga cidade peruana e que hoje pertence a Colômbia. Ela é uma cidade gêmea da cidade de Tabatinga no Brasil, separada apenas pela Avenida da Amizade. Dizem os mais velhos que contam histórias antigas que atribuem o nome de Letícia a uma velha judia-marroquina que tinha o nome de *Letitia, Leticia* ou *Letícia*, que significa alegria. Devia ser uma mãe ou avó judia corajosa, que ficou viúva e tomou con-

ta de algum barracão ou flutuante de comércio naquelas paragens do sem-fim. Lenda ou realidade, Letícia ou Ledícia merece ser objeto de uma tese de mestrado ou dissertação de doutorado de algum erudito em sociologia e antropologia cultural.

A SEGUNDA GERAÇÃO: O *BOOM* DO CICLO DA BORRACHA

A *segunda geração* de judeus é constituída de correligionários que havendo obtido sucesso no seu comércio, graças aos altos preços da borracha (£ 33 ou US\$ 50 por kilo em Manaus, tendo atingido no pregão da Bolsa de Londres, do dia 10 de abril de 1910, 21sh.3d. por libra-peso, ou 46,84 shilling por kilo, equivalente hoje a £ 120, ou 180 dólares americanos por kilo), conseguiram se estabelecer em Belém e Manaus, onde se tornaram grandes aviadores e comerciantes donos de empórios e armazéns, exportadores de borracha em concorrência com portugueses, ingleses, franceses e alemães.

Logo foram admitidos como sócios e diretores das associações comerciais do Pará e Amazonas e suas famílias passaram a disputar de um alto conceito econômico e social. Não houve muita resistência nesses clubes fechados de aviadores e exportadores para a admissão dos concorrentes judeus, apesar da hostilidade e desconfiança com a atuação dos regatões israelitas. É que, nos anos dourados da borracha, a maioria da elite dominante, em Belém e Manaus, era de ingleses, franceses e alemães, que falavam a mesma língua que os judeus-marroquinos haviam aprendido em Tânger e Tetuan.

Além disso, os primeiros judeus e firmas judaicas eram de origem francesa da Alsácia e Lorena, e inglesa de Gibraltar, como Judah (Leão) Elias Israel em Belém, Isaac Roffé, o mais rico judeu de Belém, cuja família morava numa mansão de quatro andares na Avenida da Liberdade n.º 270, em Lisboa.

Em Manaus, os judeus mais importantes ao findar o século XIX, eram todos franceses e alsacianos, como Marius & Levy, que construiu o Edifício da Teodureto Souto, esquina da Av. Eduardo Ribeiro (hoje Edifício dos Correios), o mais alto da cidade e que foi, durante anos, a sede dos armazéns da mais rica firma judaica aviadora e exportadora: B. Levy & Cia., cujos sócios Raphael Benoliel e Samuel Levy tinham trânsito livre junto aos portugueses e franceses, pois ambos tinham também seus familiares morando em outro prédio da rua da Liberdade, n.º 252, em Lisboa. Além desses judeus, sobressaíram-se os de origem francesa, como os sócios da firma Theodore Levy & Camille & Cia., Emanuel Levy & Cia., Gunsburguer & Cia., Mauricio Samuel, Raoul Weill, Kahn & Pollach, Rosas & Cahn, todos eles judeus serfatitas, de origem da Alsácia e Lorena, sendo o último talvez judeu askenazita, que se tornou sócio do todo-poderoso comendador J. G. Araújo. Por isso foram logo admitidos na Associação Comercial do Amazonas como diretores e depois presidentes, tendo este posto sido alcançado, pela primeira vez em 1915, por Raphael Benoliel, o judeu mais rico, sábio e influente de todos que tinham livre trânsito no comércio local, como sócio de B. Levy & Cia., e no campo internacional como representante da Associação Comercial nos Congressos de New York, Londres e Paris.

Em Belém, no período áureo da borracha, existiam algumas firmas judaicas de grande porte e bastante prósperas, que marcaram época na cidade. Elas muito ajudaram na construção da primeira grande sinagoga brasileira – a Shaar Hashamaim – na década dos anos 10 e 20 (Antes de 1889 os templos não podiam ter aparência externa de sinagoga, conforme a Constituição do Império de 1824).

Entre as prósperas empresas citamos: Leon Israel & Irmão, Bensimon & Coriat, Isaac J. Roffé & Cia., Benchimol & Irmão, Kraus Irmão & Cia., Isaac J. Benzaquem, Ignacio Welt, José M. Benzecry & Cia., Israel & Cia., Moyses Cohen, Simão Benjó, David J. Sicsú, Leon Cohen, Albert Meyer & Cia., Elias Bemyara, Joaquim N. Pazue-

lo, Jayme A. Benchimol, Abraham Moyses Maman, Jacob M. Benzecry, Bentes & Irmão (Itaituba), Salomão Benalal, Julio Levy, Benchimol & Benayon (Humaitá), Abraham José Serruya (Parintins), Jaime Baruel, Simão Assayag, Assayag, Irmão & Cia. (Parintins). Todos eles fizeram grandes donativos e alguns empréstimos resgatáveis para a construção da Sinagoga Shaar Hashamain, cujos contribuintes, nos anos de 1909 a 1912, durante a administração do Sr. Elias Leão Israel, somaram 19 empréstimos e 80 donativos de judeus e firmas prósperas do ciclo da borracha.

Muitas das contribuições vieram de Itaituba, Lábrea, Bragança, Humaitá, Manicoré, Parintins, Itacoatiara, porém a maioria veio da cidade de Belém. Além dessas 99 contribuições de maior vulto, o relatório da receita e despesa da referida sinagoga excluía as mensalidades e donativos dos pequenos contribuintes, em número de 322, que contribuía com pequenas importâncias. Como a do jovem Isaac Israel Benchimol (meu pai), que contribuía com 15\$000, que naquela altura tinha 21 anos e estava lutando para sobreviver em Belém, como balconista das firmas Aflalo & Benzecry, Nahom & Cia. e Y. Serfaty & Cia., este último fabricante dos famosos cigarros da marca *Therezita* (Fonte: *Relatório de Receita e Despesa de 1909 a 1912 da Sinagoga Shaar Hashamayin. Apresentado pelo seu Presidente Elias Leão Israel. Belém: Typ. Delta, 1912: 12/28*).

Graças a esta relação que nos foi cedida pelo seu filho, Dr. Isaac Elias Israel, se pode reconstruir a quantidade de famílias judias que viveram em Belém nesse período. Pelos meus cálculos das contribuições e empréstimos, que totalizaram 99 famílias e firmas, mais 56 sócios contribuintes e mais as mensalidades de 322 famílias e sócios, chegaremos ao total de 477 famílias contribuintes. Retirando as contribuições dos últimos e somando as famílias pobres que não podiam pagar as suas mensalidades e mais os sócios e frequentadores da Sinagoga Essel Abraham — *a esnoga de los forasteiros y de los pobres* — da rua Campos Sales, que estimamos em cerca de

300 famílias e mais *os pobres de los pobres* (123 famílias), podemos chegar facilmente à conclusão de que havia em Belém, nesse período de 1910, nos tempos áureos da borracha, perto de 900 famílias, que representava uma população judia de 4.500 pessoas (base de 5 pessoas por família). Este dado é oferecido ao público, pela primeira vez, graças à informação desse precioso documento histórico acima mencionado. Oitenta e sete anos depois, em 1997, a comunidade judaica de Belém diminuiu para mais ou menos 450 famílias.

Durante esse período dos anos dourados do ciclo da borracha, que vai de 1850 a 1910, a segunda geração de judeus recebeu considerável reforço de novos imigrantes marroquinos, que viviam empobrecidos nas juderias de Tânger e Tetuan e que começaram a receber mesadas e “cartas de chamada” de seus parentes e correligionários amazônicos, contando as vantagens da terra e a fortuna que estava ao alcance de muitos, com o alto preço da borracha, de £ 60, ou £ 90 o kilo, pago pelos aviadores na praça de Manaus, isto sem falar no preço máximo de £ 120 o kilo alcançado no pregão de Londres, no célebre e tão lembrado dia 10 de abril de 1910, que assinala o fim do apogeu e o início da crise das plantações de borracha no sudoeste asiático, que fez despencar o preço de 17\$000 o kilo, pago em Manaus, para 1\$000 o kilo da borracha fina, em 1930.

Raphael Benoliel, em Manaus – Associação Comercial do Amazonas, e Isaac Roffé, em Belém – Liga dos Aviadores, lutaram desesperadamente para que o monopólio da borracha natural fosse transformado em heveicultura racional e, juntamente, com os seus colegas da Associação Comercial, fizeram o I Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, realizado em Manaus de 22 a 27 de fevereiro de 1910. Ambas as entidades chegaram a solicitar ajuda do governo federal para estabilizar os preços e criar condições para a contra-revolução fracassada da heveicultura amazônica.

Com o fim do monopólio natural da borracha amazônica, encerra-se a segunda geração de famílias judias que, apesar da decadência, tentaram sobreviver até os anos 30 e 40, tornando-se exportadores de borracha, em substituição aos líderes ingleses, franceses e alemães, que abandonaram Manaus e Belém. Também, como forma alternativa, buscaram trabalhar com outros produtos como castanha, onde dominavam na exportação, couros, peles e beneficiamento de produtos regionais para agregar mais valor local, e assim compensar a perda do preço dos mercados internacionais.

A segunda geração de judeus-marroquinos, do apogeu da borracha, teve um fim melancólico. Famílias inteiras de comerciantes, de Belém e Manaus, abandonaram suas propriedades. O deputado amazonense Luciano Pereira informava na Câmara dos Deputados que das 8.000 casas existentes em Manaus, 2.000 estavam desalugadas à espera de inquilinos que haviam abandonado a cidade (Benchimol, Samuel. *Depressão, Débâcle e Bancarrota*, 1994, manuscrito inédito).

Os portugueses fundaram a Sociedade Repatriadora Lusitana para promover o retorno dos portugueses. Os alemães, franceses e ingleses deixaram as suas empresas nas mãos de subalternos, gerentes e as deixaram perecer pela obsolescência, causando sérias consequências à infra-estrutura regional, pois eram concessionários públicos dos serviços de portos, navegação, telégrafo, bondes, água, esgoto e luz. Os americanos abandonaram a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, concluída em 1912, à própria sorte, pois os fretes não pagavam mais o custo operacional. A receita pública do Estado do Amazonas despencou, de £ 89,4 milhões de 1910 para £ 8,5 milhões em 1924, em valores corrigidos para 1992.

No Pará a situação era desesperadora. A receita pública caiu de US\$ 104,4 milhões de 1910 para US\$ 27,3 milhões (corrigidos para 1992) em 1915, a receita federal caiu de US\$ 215,8 milhões em 1910 para US\$ 42,6 milhões em 1915, e ainda assim estávamos no

meio da crise de 1915, pois o pior haveria de chegar em 1920 e 1930. As falências em Belém atingiram, em 1922, a US\$ 293 milhões (corrigidos para 1992) e as perdas do Banco do Brasil na região alcançaram US\$ 172 milhões e havia ainda um passivo de falência ajuizado, em Belém, de 175.000\$000, equivalente a US\$ 863 milhões a preços de 1992 (vide Benchimol, Samuel. *Depressão, Débâcle e Bancarrota*, 1994 (inédito), e Roberto Santos. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*, São Paulo: Editora Quieroz, 1980).

As firmas judias desse período também sofreram a *débâcle* e a crise. Ou foram à falência e desapareceram, ou continuaram sobrevivendo a essa crise, tentando como disse compensar a perda do monopólio da borracha com a exportação e beneficiamento de outros produtos silvestres. Mesmo assim, os principais empresários judeus desse período acabaram falindo, abandonando os seus negócios ou sobrevivendo modestamente como comerciantes e lojistas, fazendo o que hoje se chama em economês: *downsizing* (diminuir de tamanho). Muitos acabaram migrando para outras cidades do Brasil e do exterior.

Abraham Roffé faleceu pobre aos 75 anos de idade, em Belém, no ano de 1932. Seu filho Isaac Roffé, o mais importante dos seus nove filhos, teve a sorte de ganhar a loteria e como já era rico, antes desse prêmio, foi viver em Portugal, após haver muito lutado na Associação Comercial do Pará e na Liga dos Aviadores. Isaac Barros e Samuel Levy voltaram para Lisboa em 1935, onde foram viver num edifício da Avenida da Liberdade n.º 252. Por fim, Raphael Benoliel, o principal diretor-executivo da grande firma B. Levy, entrega os seus 309 seringais aos seus credores e a I. B. Sabbá e volta empobrecido para Lisboa, em 1943, onde foi viver modestamente numa casa situada na rua Salitre.

Desta segunda geração somente uma pequena minoria usufruiu a riqueza do ciclo da borracha, que terminou de modo melan-

cólico. A grande maioria iria viver décadas de depressão e pobreza tal qual previa o sonho de José do Egito:

*Começavam assim os dias da ira e os tempos das vacas magras. Só que não seriam somente os sete anos do sonho do Faraó interpretado por José. Seriam sete vezes sete os tempos das vacas macilentas, das espigas delgadas e da penúria açoitada pelo vento oriental, conforme está escrito na profecia bíblica do Gênesis, capítulo 41, versículos 16 a 54 (Samuel Benchimol. *Depressão, Débâcle e Bancarrota*. 1994, manuscrito inédito).*

A TERCEIRA GERAÇÃO:

O ÊXODO DO INTERIOR PARA BELÉM E MANAUS

A terceira geração de judeus-marroquinos compreende o período da grande crise, que vai de 1920 a 1950, quando, durante esse período de trinta anos, a economia amazônica entrou em crise e os descendentes da primeira geração e pioneiros, que se internaram nos mais remotos lugares, vilas, povoados e pequenas cidades da Amazônia, iniciaram o seu êxodo para Manaus e Belém.

Era, como disse acima, os tempos das vacas magras, de pobreza, penúria, quando os judeus – e juntamente os sírio-libaneses e nordestinos-cearenses – começaram a abandonar os seringais, castanhais, regatões, flutuantes, casas de comércio, sítios e fazendas, que já não valiam mais nada, em busca de sobrevivência nas capitais dos Estados do Pará e Amazonas.



EM BELÉM DO PARÁ

Em Belém do Pará já existiam organizadas duas comunidades religiosas: a de Essel (ou Eshel) Abraham, fundada em 1824 (1823) por Abraham Acris, e a Shaar Hashamain, ao que tudo indica fundada antes, ou reinaugurada por Judah (Leão) Elias Israel, em 1889. Como a maioria das 650 famílias judaico-marroquinas haviam emigrado para o Pará, no período de 1810 a 1920, ou seja, durante cerca de um século, afluiu a Belém considerável massa de judeus que abandonaram as suas vilas e cidades de origem: Cametá, Baião, Gurupá, Breves, Macapá, Altamira, Santarém, Óbidos, Alenquer, Faro, Oriximiná, Itaituba, Boim, Aveiros, deixando para trás os seus cemitérios abandonados, com os nomes de seus pais e mães esculpidos nas lápides de mármore. Abandonaram as suas casas de moradias, os seus negócios e até, como no caso de Cametá, as duas sinagogas que chegaram a funcionar nessa cidade, de onde trouxeram os seus **sefarim** (rolos da *Torah*) para as sinagogas de Belém. Muitos, primeiramente, mandaram os seus filhos para serem educados no pensionato de D. Sol Israel, bondosa e lutadora, esposa do Sr. Elias Israel, filho do pioneiro Judah (Leão) Elias Israel, que teve papel muito importante na salvação das crianças judias do interior do Pará e Amazonas, dando-lhes educação judaica e abrigando-as apesar da pobreza do seu lar. Seu marido, o Sr. Elias Israel, que chegou a ser rico e próspero, para sobreviver foi ser *Shaliah* da Sinagoga Shaar Hashamaim e como nada ou pouco recebia, vivia de ensinar, de casa em casa, os meninos judeus e, ao mesmo tempo, de vender no varejo, como ambulante, botões de todos os tipos, para confecção e costureiras. Botões esses que os rebeldes e traquinos judeus *tiquitos* (pequenos) *ralampeavam* (*haquitia*, para surrupiar) nas aulas de hebraico, para brincar nos seus times de futebol de botão.

Eram numerosas as famílias judias da terceira geração que haviam abandonado o interior para viver em Belém: Athias, Pazuelo,

Benzecry, Serfaty, Levy, Obadia, Abtibol, Nahon, Bemergui, Benjón, Dahan, Elmescany, Bentes, Benchimol, Anijar, Aguiar, Benzaquem, Zagury, Hamu, Melul e centenas de outras famílias que, juntamente com os judeus locais, formavam um grupo de cerca de 600 famílias, num total de cerca de 3.000 judeus na década dos anos de 1930 a 1950.

A atividade comunitária era intensa pois as duas sinagogas se encarregavam em proporcionar consolo espiritual para esses empobrecidos judeus que haviam, outrora, conseguido alcançar prosperidade durante o ciclo da borracha, de 1890 a 1910. As Sinagogas Essel Abraham – *Bosque, Arvoredo* ou *Pousada de Abraham*, na rua Campos Sales – abrigavam os judeus mais pobres e os forasteiros (*Toshavin*), cuja rivalidade contra os sefaradins megorashin ainda permanecia.

Essa primeira e mais antiga sinagoga sempre foi denominada *Esnoga de los pobres* (os judeus forasteiros, na sua pronúncia em hebraico, suprimiam a diferença fonológica entre o *shin* (chiente) e o *sin* (sibilante) e, por isso, ao invés de Eshel Abraham se referiam a Essel Abraham, nome incorreto, pelo qual ficou sendo conhecida a esnoga dos forasteiros da rua Campos Sales (Inácio Obadia, depoimento e correligionário), porém nunca faltava minyan (quorum de dez judeus) para poder fazer certas orações como abrir o *Hehal* (área onde são guardadas os *sefarim* – rolos da lei) e dizer o *Kadish* (oração pelos mortos). Os forasteiros, como eram muito mais religiosos e doutos do que os sefaraditas, mantinham as suas tradições e eram muitos mais exigentes no ritual, sobretudo na leitura da *Torah*, onde o *Baal-Korê* (leitor das escrituras em Lashon-Hakodesh – Língua Hebraica Sagrada) não podia cometer mais do que três erros.

Por este motivo havia muitas discussões na sinagoga e muitas delas geravam brigas, desafios e malquerências, o que forçavam os revoltosos e dissidentes, muito a contragosto, a freqüentar a sina-

goga dos sefaraditas de Shaar Hashamain, da rua Arcipreste Manoel Teodoro, para depois regressar e fazer as pazes com a sua esnoga original. Esta era considerada, no passado, a esnoga dos aviadores e dos ricos, pois tinha muita imponência, embora o ritual não fosse tão rigoroso como na sinagoga da Campos Sales. Com o empobrecimento dos judeus de ambas as sinagogas, a primeira se tornou esnoga dos *pobres de los pobres* forasteiros e a outra a pobre esnoga dos judeus aviadores falidos.

Outra grande figura de judeu foi a do major Eliezer Moyses Levy, que foi duas vezes prefeito de Macapá e uma de Afuá, tendo o seu irmão Moyses sido prefeito de Igarapé-Mirim. O major Eliezer, mesmo nesses tempos de crise, jamais perdeu a sua consciência política e comunitária, pois após haver deixado o interior, onde além de político tinha uma companhia de navegação, foi um ardoroso sionista, tendo fundado o jornal *A Voz de Israel*. A sua filha Anita Levy fundou, na década dos anos 30, juntamente com o seu primo, o erudito e sábio David José Perez, o *Deborah Clube*, uma associação de moças com o objetivo de fazer reuniões, festas e ajudar a comunidade. Um dos seus filhos, o Dr. Judah Eliezer Levy, foi o arquiteto, construtor ou reformador de 3 sinagogas: Essel Abraham e Shaar Hashamain em Belém, e Beth-Yaacov/Rebi Meyr em Manaus.

Muitos outros eminentes judeus atuaram, nesse período, tanto no campo religioso como na área comunitária e empresarial. No campo religioso não podemos deixar de mencionar, porém, a liderança de Levy Obadia, Isaac Pinhas Melul, judeu de Cametá, que ao se mudar para Belém, pelo seu notável conhecimento das escrituras e da *Torah*, tornou-se o *Shaliah* comunitário da Sinagoga Essel Abraham, até a sua morte aos 106 anos de idade, em 30-4-1974; Samuel Benjó, Leon Benjó, Isaac Dahan (natural de Alenquer), Abraham El-Mescany (de Óbidos), Abraham Moyses Melul, José Ricardo Anijar e o professor Inácio Obadia, todos eles ilustres **hahamin**, leitores da escritura (*Baal-Korê*) e profundos conhecedores da *Torah*

da Sinagoga Essel Abraham da rua Campos Sales, de *los pobres forasteiros toshavim*.

Na outra sinagoga, outrora rica, e durante a terceira geração, dos pobres judeus *aviadores* e comerciantes falidos – Shaar Hashaim da rua Arcipestre Manoel Teodoro – funcionaram como líderes espirituais: Judah (Leão) David Israel, no período de 1890 a 1898; Rebbi Messod Dabella, Rebbi Jacob Benualid, Elias Leão Israel (1909 a 1912), Abraham Anidjar (rabino atual da Sinagoga Shel Guemilut Hassadim do Rio de Janeiro), Leão Samuel Aguiar, David Benzaquem, Leon Bengio, Menasseh Zagury, rabino Abraham Hamu e rabino Moyses Elmescany, este último da cidade de Óbidos e que hoje é o líder religioso e espiritual do Centro Israelita do Pará, dirigido pela arquiteta Oro Serruya e pelo Dr. Marcos Serruya, que a sucedeu no período de 1998-2000. Há ainda uma terceira Sinagoga do Grupo Beit/Chabad, dirigida pelo rabino Disraeli Zagury, que tem conseguido aumentar o número de seus fiéis mais conservadores, atraídos pelo seu fervor religioso.

O Centro Israelita do Pará foi fundado em 20/6/1918, em Belém, e desde então tem sido presidido por grandes figuras do judaísmo paraense: Moyses Levy, Marcos Athias, Abraham Athias, Jaime Bentes (durante aproximadamente 20 anos), Isaac Barcessat, Elias Pazuelo, Ramiro Isaac Bentes, Aarão Isaac Serruya, Isaac David Nahon, Oro Serruya e agora Marcos Serruya.

Na parte empresarial, os judeus-paraenses da terceira geração, que haviam falido durante a crise da borracha, ou ficaram muito empobrecidos, tentaram reerguer-se com a ajuda de suas esposas, trazendo as suas famílias para Belém, onde reiniciaram a sua luta e a sua nova vida. Uns como empregados e funcionários públicos, outros como vendedores, negociantes e lojistas. Alguns se transformaram em grandes exportadores de borracha, sorva, castanha, couros e peles, cumaru, timbó e outros produtos regionais, nas décadas de 1930 a 1950. Nesse período sobressaíram-se: Jayme Pazuelo, Mar-

cos Athias, Jacob Benzecry, Y. Serfaty, major Levy e Samuel Levy (de Macapá), Marcos Abitbol e muitos outros.

Os negócios durante a II Grande Guerra, com os Acordos de Washington de 1942, a criação do Banco da Amazônia, em 1940, e a Nova Constituição Federal de 1946, que no seu artigo 199 instituiu o Fundo de Valorização da Amazônia, com recursos de 3% retirado da receita federal durante 20 anos, ajudou a recuperar a economia amazônica, e os judeus tiveram uma prosperidade efêmera, pois passaram a dominar o comércio exterior e a agregar valor aos produtos nativos por meio da industrialização e beneficiamento da borracha, castanha, couros de jacaré, timbó, serraria, destilação de pau-rosa, etc.

EM MANAUS

Em Manaus idêntico movimento repetiu os mesmos padrões seguidos pela terceira geração de judeus-paraenses. A luta talvez tenha sido mais difícil para os israelitas amazonenses, pois vivendo no interior da selva, a 1.500 km de distância de Belém, tudo se tornava mais difícil, oneroso e caro.

Os judeus falidos e empobrecidos do interior começaram a chegar a Manaus que, em 1930, tinha cerca de 90.000 habitantes (o censo de 1920 indicou 75.704 e o de 1940 – 106.399 habitantes). Como não houve censo em 1930, pode-se estimar a população de Manaus em mais ou menos 90.000 habitantes). A maioria dos judeus-amazonenses veio de Itacoatiara (Perez, Ezagui, Azulay), Parintins (Cohen, Assayag), Maués (Levy, Abecassis), Borba (Laredo), Humaitá (Julio Levy), Porto Velho (Querub), Guajará-Mirim (Benesby), Fortaleza do Rio Abunã (Isaac Israel Benchimol e seus 8 filhos), Tefé (Siqueira, Cagy), Coari (Pinto), Tarauacá (Henry Cerf Levy e seus 12 filhos católicos), Iquitos (Tapiero, Toledano), apenas para mencionar alguns nomes, correndo sempre o risco grave de omissão que

será reparada quando mencionar os nomes dos judeus das cidades interioranas, em outro capítulo.

Deve-se também mencionar que muitos judeus-paraenses de Alenquer, Óbidos, Santarém e, sobretudo, de Belém começaram a migrar para Manaus, em busca de novas oportunidades de trabalho e emprego. Entre os judeus-paraenses que vieram reforçar a comunidade de Manaus, devemos mencionar, nessa terceira geração, os Sabbá, Benarrós, Bemergui, Benmuyal, Aguiar, Azulay, Benzecry e outros que se estabeleceram e muitos tiveram extraordinário sucesso e liderança na economia e sociedade amazônica. O maior deles foi Isaac Benayon Sabbá, que foi o pioneiro da industrialização da Amazônia, com a construção da Refinaria de Petróleo em Manaus, inaugurada em janeiro de 1957 e que durante a sua vida construiu um império de 41 empresas e estabelecimentos industriais.

A comunidade judaica de Manaus, nesse período de 1930 a 1950, cresceu para 250 famílias, com a vinda de migrantes do êxodo rural proveniente do interior do Estado e da capital paraense. Por ser menor do que a comunidade paraense de Belém e pelo fato de os judeus viverem, na sua quase totalidade, no interior do Estado, somente em meados da década dos anos 20 tiveram oportunidade de organizar as instituições da comunidade judaica (sinagoga, cemitério, hebrá, escola, clube social – os cinco pilares da vida comunitária).

Essas organizações foram sendo criadas pelos novos migrantes do interior que se estabeleceram em Manaus. Depois de reconstruir as suas vidas, alguns judeus se tornaram líderes como: Isaac José Perez, o grande prefeito judeu que revolucionou e urbanizou Itacoatiara (1926-1930) e fundou o cemitério judeu de Manaus. Era casado com Rachel Hilel Benchimol, cujos pais vieram de Gibraltar para Cameté em 1850, e depois se transferiu para Itacoatiara, onde realizou como prefeito a urbanização da cidade como veremos em capítulo especial, no segundo volume desta pesquisa. Isaac José Pe-

rez veio a Manaus em 1928; ainda como prefeito de Itacoatiara conseguiu, com o seu prestígio, junto ao governador Efigênio Sales, a troca de um terreno aos fundos do Cemitério São João Batista, que havia sido comprado para ser o cemitério judeu, por um terreno melhor situado ao lado do Cemitério São João Batista, na esquina do Boulevard Amazonas, hoje Avenida Álvaro Maia. Comprado o cemitério judaico e feito o seu gradeamento, Isaac José Perez teve o grande infortúnio e desdita de ver morrer de febre amarela o seu querido e amado filho Leon Perez, jovem engenheiro politécnico, que estava em visita aos seus pais. Por ironia do destino, o fundador do Cemitério Judeu de Manaus o inaugurou, enterrando o próprio filho, em 12 de setembro de 1928. Foi o primeiro *kadish* (oração pelos mortos) dito por um judeu para um filho seu na *Mearah* (cemitério em haquitia) de Manaus, pois anteriormente os judeus eram enterrados no cemitério católico, ao lado, sem nenhuma cerimônia, pois praticamente não existia comunidade organizada e nem talvez *minyan* (quorum de dez judeus) para poder dizer o **kadish** à beira da sepultura (*keburah*).

O segundo passo era organizar uma sinagoga. Os exilados (os novos *megorashim* e *toshavim* – sefaraditas e forasteiros) do interior resolveram fundar a Sinagoga Beth Yaacov, cuja primeira sede foi na Rua Lobo d'Almada, perto do antigo escritório de *A Crítica*, e depois transferida para uma casa na rua Barroso, quase em frente da Biblioteca Pública, para em seguida ser novamente mudada para um sobrado na Av. 13 de Maio (atual Getúlio Vargas), ao lado do Cine Polytheama, onde coloquei os meus *tefelin* (*Bar-Mitzvá*), cerimônia de maioridade e integração à comunidade, realizada aos 13 anos de idade, no ano de 1936.

No ano seguinte, Isaac Israel Benchimol, um próspero e rico seringalista da Fortaleza do Rio Abunã, que faliu e empobreceu na grande crise da borracha, em 1930, e que se transferiu para Manaus com seus oito filhos, em 1933, recomeçou a sua vida como humilde e po-

bre guarda-livros. É eleito presidente do Comitê Israelita do Amazonas e um dos seus primeiros atos foi comprar a sede própria da Sinagoga Beth-Jacob, que passou a funcionar no novo prédio, adquirido na rua Ramos Ferreira, n.º 596 (Praça da Saudade), desde o dia 4 de junho de 1937, quando o referido prédio foi comprado de D. Francisca Regallo de Araújo.

O Comitê Israelita do Amazonas foi fundado em 15 de julho de 1929, sendo o seu primeiro presidente o Sr. Raphael Benoliel, sócio e presidente da firma B. Levy & Cia., a mais rica e próspera firma exportadora e de “aviamentos” para o interior do Estado, que nessa altura já estava em situação difícil, vindo a liquidar-se em 1943. Os judeus fundadores do Comitê que assinaram a ata de presença foram, além de Raphael Benoliel, os Srs. Raphael Benayon, Isaac José Perez, David Alberto Sicsú, Alberto Ambram, Jacob Benchimol, S. J. Aben-Althar, Pacífico Ezagui, Moyses Benchimol, Jacob Abecassis, Jacob Chocron, Isaac Sabbá, David Leão Israel, Samuel J. Benoliel, Simão Benchimol, Marcos Ezagui, Abraham Samuel Alves, Leão Abraham Azulay, Jacob I. Benzaquen, Salomão Alves, Augusto Ezagui, Marcos Esquenasi, Isaac Rozenstein, José David Israel, Leão Abraham Pinto, Nessim Pessah, Mogluff Cohen, Salomão Benemond, Solon Benemond, Moyses Julio Levy, Isaac S. Benoliel, David Israel, Julio Levy, Raphael José, David Fortunato Benarrosh, Samuel A. Ohana, David J. Israel, Joseph Tapiero, Hebron Levy, Lazaro Klein, José Samuel Levy, Lazaro Sasson Tayah, Elias Benchimol, Jacob Sabbá, Fortunato Berrarrosh, José David Sicsú (*Fonte: Manuscrito descoberto pelo Dr. Isaac Dahan, atual presidente do Comitê Israelita do Amazonas*). Todos esses fundadores eram, na sua maioria, líderes empresariais de Manaus, com exceção do Dr. Raphael Benayon, que era advogado e professor catedrático de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito do Amazonas e que havia traduzido do francês para o português o famoso livro de R. Von Ihering – *O Espírito do Direito Romano*, que durante várias gerações foi li-

vro de texto de quase todas as Faculdades de Direito do Brasil (Menezes, Aderson, 1959: 57).

Desde a sua fundação, o Comitê teve 11 presidentes: Raphael Benoliel (1929/1931), Jacob Benoliel (1932/1937), Isaac Israel Benchimol (1937/1957), Israel Siqueira Benchimol (1958-1961), Isaac Israel Benchimol (1962-1974), Samuel Isaac Benchimol (1975-1985), José Laredo (1985-1988), Franklin Isaac Pazuello (1988-1991), Samuel Koifman (1991-1994), Celso Neves Assayag (1994-1997) e Isaac Dahan (mandato de 1997 a 2000).

A segunda sinagoga de Manaus foi fundada pelo nosso correigionário Jacob Azulay com um grupo de judeus forasteiros (*Toshavim*) e sefaraditas (*Megorashim*), descontentes com a comunidade da esnoga Beth-Yaacov, que era considerada a sinagoga dos sefaraditas *megorashin y de los ricos*. Este segundo templo com o nome de Rebbi Meyr funcionou no começo num prédio familiar sito na Praça 15 de Novembro, perto da antiga firma Higson & Cia. e da rua Tamandaré. Posteriormente foi transferida para um prédio próprio na Av. 7 de Setembro, n.º 385, com fundos para a rua Visconde de Mauá, n.º 301, conforme escritura de 20 de maio de 1945.

Eram seus dirigentes e depois sucessivos presidentes os correigionários Salvador Bemergui, Salomão Benmuyal, Augusto Pacifico Ezagui, David José Israel, Vidal David Israel, Samuel D. Israel, Elias D. Israel, Salomão José Laredo, Miguel Cohen e outros. Era conhecida como *la esnoga de los pobres*, tal como a esnoga Essel Abraham da rua Campos Sales, de Belém do Pará.

Ambas as sinagogas foram fundidas com a construção do novo templo, em 18 de janeiro de 1962, com o novo nome de *Esno-ga Beth-Jacob/Rebi Meyr*, que assinala o fim da rivalidade *sefaraditas/megorashim* e *forasteiros/toshavim* em Manaus, com a reconciliação das duas correntes do judaísmo marroquino do século XIX. Esta fusão foi realizada graças ao trabalho do presidente Isaac Israel Benchimol Z'L (*Zichronô Libracha – de abençoada memória*),

falecido em 24 de dezembro de 1974, e vice-presidente Samuel Isaac Benchimol, com a plena cooperação do Sr. Jacob Azulay, que passou a funcionar como o nosso *Shaliah* (oficiante) comunitário, grande conhecedor da *Torah* (*Baal-Korê*) até a sua morte, em 9 de fevereiro de 1976.

Funcionaram como *Shaliah*, Hazan, *Baal Korê* (oficiante, cantor, leitor das escrituras bíblicas), desde a fundação os nossos correligionários: Jacob Azulay, Isaias Abensur, Isaac Pazuelo, Miguel Cohen, todos Z'L de abençoada memória e, mais recentemente, os Srs. Leon Benjó, Dr. Isaac Dahan, Moyses Elmescany (rabino da comunidade de Belém), prof. dr. Inácio Obadia, também *Shaliah* da Esnoga Essel Abraham de Belém; David Salgado Filho, Dr. Abraham Elmescany e novamente, a partir de 1998, o prof. Inácio Obadia.

A vida social comunitária de Manaus foi iniciada em 1940 com a fundação do *Clube Azul e Branco*, pelo nosso correligionário David Israel (jornalista fundador do jornal *Folha Israelita*, que circulou em Manaus no período de 1948 a 1958), sendo a sua primeira presidente a jovem Gimol Levy, esposa do Sr. Israel Siqueira Benchimol. Posteriormente, esse clube foi transformado, em 1945, no Grêmio Cultural e Recreativo Sion, que funcionava na casa de D. Sultana Esquenazi e depois passou a funcionar na rua Henrique Martins (conhecida como a rua dos Judeus, pois lá viviam, naquela época, cerca de 40 famílias e casas comerciais de judeus).

Finalmente, em 1976, na gestão do presidente do Comitê Israelita do Amazonas, Sr. Samuel Isaac Benchimol, foi fundado o atual *Clube A Hebraica*, com a compra do prédio situado na Av. Joaquim Nabuco, 1.842, com fundos para a rua Dr. Machado, adquirido em 30 de janeiro de 1976, da Grande Loja do Amazonas, com a ajuda financeira de toda a comunidade e com o produto da venda da antiga sinagoga da Praça da Saudade ao Banco Nacional de Habitação.

O seu primeiro presidente foi o correligionário Ilko Minev, seguido de Samuel Benzecry, e depois um colegiado dirigido por Nora Benchimol Minev, Sonia Assayag Cohen, Denise Benchimol Rezende, Fátima Assayag, Sarah Foinquinos, Bonina Bemergui. Em 1995 foi eleito presidente Dany Schwarcz e, em 1997, a nossa correligionária Nora Benchimol Minev, tendo com vice-presidente o Sr. Samuel Appenzeller.

EMPRESAS JUDAICAS DE BELÉM – 1940-1960

No final da terceira para o início da quarta geração, no período que se inicia por volta de 1940 até 1950, foi, como dissemos, um período de relativa prosperidade para as comunidades judaicas de Belém e Manaus.

De Belém não possuímos, infelizmente, dados mais minuciosos e precisos da população empresarial judaica do período 1940/1950, mas mesmo assim, por meio de entrevistas pessoais, conseguimos recuperar a memória de algumas dessas firmas paraenses, que muito contribuíram para o desenvolvimento regional, sendo que algumas desapareceram por falta de sucessores, ou em consequência da diáspora carioca e paulista:

Isaac Roffé & Cia.
Marcos Athias & Cia.
J. Benzecry & Filhos
Y. Serfaty & Cia.
Benchimol & Irmão (Casa Globo)
Samuel Benzecry & Cia.
J. Kistanov
Jacques Krakoviak
Salomão Aguiar
Marcos Aben-Athar
Moyses Levy
Jacob Levy
Jayme Benchimol
Menasses Bensimon
Salvador Bemergui
Salomão Bemuyal
Israel & Cia.
Samuel Levy (Salevy)

Jaime Pazuelo & Cia.
José Obadia (Casa Cruzeiro)
Marcos Abtibol (Usina Progresso)
Nahon & Cia.
J. Benjô
Judah E. Levy (Imobiliária Sul-Americana)
Bemergui & Cia.
J. Beniftah & Cia.
Samuel Ohana
Jacob Sicsú
Moyses Serfaty
Inácio Obadia
Eliezer Moyses Levy
Isaac Amzalak
Isaac Aguiar

A comunidade empresarial de Belém já foi bastante numerosa e próspera. Tanto no tempo do ciclo da borracha como nos tempos da recuperação econômica, na década dos anos 40 e 50, quando dominava a indústria e comércio de exportação e beneficiamento de gêneros regionais.

Na década dos anos 50 e 60, uma grande parte de líderes e empresários paraenses migrou para o Rio de Janeiro, abandonando ou fechando os seus estabelecimentos industriais e mercantis. Para eles, o Pará não tinha mais futuro e, assim, fizeram a sua **aliá** (imigração) para o Rio de Janeiro e São Paulo.

As famílias judaicas de Belém, empobrecidas, buscaram, por meio da educação, formar os seus filhos na Universidade e assim a comunidade passou a desfrutar de grande conceito no campo das profissões liberais.

Nas duas últimas décadas começaram a surgir pequenas e médias empresas que, seguindo os passos dos seus antepassados, recommearam a atividade empresarial com seus estabelecimentos comerciais, lojas, franquias e outros negócios. Esta relação vai a seguir publicada, graças à cooperação e cadastramento feito pelo prof. Inácio Obadia:

MEMÓRIA EMPRESARIAL JUDAICA DE BELÉM – 1977

Nome	Marca	Ramo
Indústria de Sabão e Óleo Sta. Isabel do Pará Ltda.	Kabacznik	Fábrica de sabão
Caiba – Ind. Com. S/A	Belicha	Exportação de castanha
Mármore e Granitos Ltda.	Anijar	Lapidação de granito
Brascomp Compensados do Brasil	Zugman	Fábrica de compensados
Endeco Ltda.	Levy	Construtora
Cia. Paraense Estrutura Metálica	Bentes	Estrutura metálica
Fábrica de Móveis Ltda.	Israel	Fábrica de móveis
Móveis Decorações Oregel	Blue Star	Móveis e decorações
Olaria Israel	Israel	Fábrica tijolos, telhas
Fazenda Kabacznik	Kabacznik	Criação de gado
Acel – Alumínio e Acessórios Ltda.	Benzecry	Esquadrias de alumínio
Israel & Cia. Ltda.	Israel	Farmácia e drogaria
Biofarma Ltda.	Bemergui	Farmácia
Farmácia Sabrina	Bentes	Farmácia
Casa Cruzeiro Ltda.	Benzecry	Câmbio e turismo
Tendetudo Ltda.	Larrat	Material de construção
Lojas Bemol Ltda. – filial	Benchimol	Eletrrodomésticos
Caça e Pesca Ltda.	Benmuyal	Artigos de caça e pesca
Casa das Carnes	Hamoy	Carnes
J. A. Imóveis	Aben-Attar	Imobiliária
Elmescany Imóveis	Elmescany	Imobiliária
Belém Shopping Car	Alcolumbre	Oficina automóveis
Importadora Micheli	Bentes	Importados
Refrio – Comércio Frios Ltda.	Soares	Alimentos
Importador Breves	Serruya	Importados
Pousada Cabana	Barcessat	Hotel Salinópolis
Jockey Clube	Zatz	Diversão

Nome	Marca	Ramo
Bazar Elmescany	Jaime	Bazar
EV Seguros	Athias	Seguros
Refeições – Adm. Cartões	Levy	Alimentos
Fábrica de Fraldas	Zaguzy	Artigos infantis
Bancas & Revistas	Serruya	Bancas e revistas
Decorar – Rep. e Com. Ltda.	Israel	Representações
Reconta – Rep. Prod. Alim.	Soares	Representações
J. Benalhar – Jaben	Assayag	Representações
Cristal Recepções	Dahan	Recepções
Fábio Presentes	Unger	Artigos presentes
Casa das Noivas	Aben-Athar	Roupas
Passarela das Noivas	Israel	Roupas
Zaga Comércio Ltda.	Zagury	Boutiques
Toda Moda	Abitbol	Boutiques
Gemce Serruya	G. S.	Boutiques
Fábio Jóias	Unger	Jóias
Ouro 1.000	Benzecry	Jóias
Orum	Marcelo	Jóias
Ótica Larrat	Larrat	Ótica
Canto do Uirapuru	Cohen	Artesanato
Eliás Ohana	Ohana	Antiquário
Getúlio e Aldenor Bohadana	Bohadana	Antiquário
Maralke Malharia	Kabacznik	Malharia
Casa dos Parafusos	Hanoy	Ferragens
Telecomunicações Instrumentos e Manutenção	Lancry	Instalação
Shop Burger	Zatz	Lanchonete
Café do Mundo	Benzecry	Café
Pop Pizza	Mendes	Pizzaria
Bar Benchaya	Benchaya	Bar

Nome	Marca	Ramo
Divina Gula	Serruya	Restaurante
O Boticário e Happy Side	Rascovschi	Franquia
Data Control	Soares	Franquia Informática
Forum/Tnton/Canal 27	Serruya	Franquias
Kitsch	Benzecry	Franquia
Kilt	Eliasquevia	Franquia
Foto Soçaite	Serruya	Foto – Santarém
Postos combustíveis	Nahon	4 postos combustíveis
Laboratório Análises Clínicas	Elmescany	Análises clínicas
Laboratório Campinas	Elmescany	Ambulatório
Belém Med	Bentes	Saúde
Incor	Nahmias/Gabby	Saúde
Clínica Santa Terezinha	Pinto	Saúde
Academia Forma e Movimento	Eliasquevia	Ginástica
Instituto Modelo	Nahon	Escola
Anchieta – Sistema Integrado	Nahon	Escola
Escola Mundo da Abelinha	Sicsú	Escola
Escolas de Danças Clara Pinto	Pinto	Arte dança
Aschoa – Academia de Danças	Benzecry	Arte dança

EMPRESAS JUDAICAS DE MANAUS – 1940-1950

Em Manaus, na década dos anos 1940 a 1950, a comunidade judaica empresarial prosperou em função da reativação dos seringais pela Rubber Development Co. (RDC), uma agência federal norte-americana encarregada do suprimento da borracha para os aliados, durante a II Grande Guerra (1939-1945). Tanto a RDC quanto o Banco da Borracha e outras agências governamentais brasileiras como a Sava (Superintendência do Abastecimento) a Caeta (Comissão de Encaminhamento dos Trabalhadores para a Amazônia), Sesp (Superintendência da Saúde Pública), depois SPVEA (Superintendência de

Valorização Econômica da Amazônia), tiveram papel importante na reativação da economia regional.

Por isso, os negócios que haviam sido abalados, na década dos anos 30, e que provocou a vinda em massa de judeus do interior para Manaus, receberam na década posterior de 1940 a 1950 um novo alento e perspectiva. Os judeus que haviam saído do interior do Acre, Guaporé, Roraima e Amazonas se concentraram em Manaus, onde vieram aumentar a população empresarial judaica da cidade, que até então girava em torno de poucas empresas tradicionais como B. Levy & Cia. e outras que faliram, ou entraram em decadência no período anterior.

As empresas judaicas na década dos anos 1940/1950 e nos anos subseqüentes, em função da criação da Zona Franca de Manaus, em 1967, estão discriminadas no quadro abaixo, tendo como fonte o *Indicador de Manaus*, de Paulo Chixaro; o livro *O Primeiro Centenário da Associação Comercial do Amazonas (ASA)*, Ed. Calderaro, 1971; a *Relação dos Importadores, Exportadores e Indústrias do Distrito Industrial da ZFM*, complementado por entrevistas pessoais e arquivos particulares. Este quadro vai publicado, mesmo correndo o risco de omissão, pelo que peço, desde logo, desculpas pela não inclusão de empresas não mencionadas na lista. Muitas das empresas aqui mencionadas já foram extintas, por falta de sucessores, ou porque os seus diretores encerraram as suas atividades comerciais/industriais:

EMPRESAS DE JUDEUS-AMAZONENSES E DESCENDENTES NA DÉCADA 1940/1950 E ANOS SUBSEQÜENTES

Nome	Marca	Ramo	Endereço
A. Benoliel	Jamson	Rep. Prod. Farmacêuticos	Praça Tenreiro Aranha, 53
Abraham Carlos	Bahiana	Fazendas e armarinhos	Rua da Instalação, 80
Benzaquem & Cia. Ltda.	Benzaquem	Exportação	Rua Guilherme Moreira, 186

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Benchimol & Irmão (estab. em 13/8/1942)	Bemol	Representantes	Rua dos Andradas, 38
Benarrós & Irmão	Benarrós	Agência caminhões	Rua Marechal Deodoro
Benayon e Cia.	Benayon	Fábrica de sabão	Rua Isabel, 148
B. Levy e Cia.	Remanso	Exp. Naveg. Aviamento	Rua Guilherme Moreira, 158
Barros & Cia. Ltda.	Diamante	Representante	Rua Marcílio Dias, 131
Drota Eneesten	Drota	Móveis	Praça Heliodoro Balbi, 224
Elias S. Benchimol	Benchimol	Fazendas e tecidos	Rua Henrique Martins, 18
Ezagui, Irmão & Cia. Ltda.	Moyses	Aviadores e exportadores	Rua Guilherme Moreira, 296
Felix Levy & Cia. (Aux. 100.000 paletots)	Felix	Alfaiataria	Av. 7 de Setembro, 106
Gunzburger & Cia.	Gunzburger	Orquidário	Av. Epaminondas
Henrique Farhi	Farhi	Fazendas e tecidos	Av. 7 de Setembro, 591
Hore & Cia. Ltda.	Timberco	Serraria	Rua Dr. Aprígio, 1
I. B. Sabbá	Abbas	Exportação	Rua Guilherme Moreira, 183
I. J. Benzecry	Pazul	Exportação	Rua Teodureto Souto, 125
Isaac Perez & Cia.	Perez	Exportação	Itacoatiara – AM
J. Sabbá & Cia.	Atividades	Representantes	Rua Guilherme Moreira, 233
J. Assayag	Assayag	Estivas	Rua Marquês Sta. Cruz, 283
J. R. Siqueira & Cia.	Dina	Representantes	Rua Guilherme Moreira, 186
J. Abecassis	Jack	Exportação	Rua Marechal Deodoro, 127
Lázaro Sasson Tayah	Tayah	Fazendas	Rua da Instalação, 36
M. A. Levy (A la Ville de Paris)	Levy	Joalheria e Relojoaria	Av. 7 de Setembro, 617
M. E. Serfaty & Cia.	Serfaty	Exportação	Rua Guilherme Moreira, 221
M. Ezagui & Cia.	Firmeza	Representante	Rua Marcílio Dias, 124
Oliveira & Bainermann	Ford	Agência Ford	Rua dos Andradas, 140

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Bainerman & Cia. Ltda.	Bainerman	Agência Ford	Av. 7 de Setembro
Paulo Levy & Cia.	Univers	Drogaria Universal	Rua Marechal Deodoro, 135
Pacífico Ezagui e Filhos	Pacífico	Chá Amazônia	Rua Lauro Cavalcante
Pharmacia Moderna (de José Hanan e Isaac Israel Benchimol)	Moderna	Farmácia	Rua Henrique Martins, 141
Levy Frères & Cia. (A la Ville de Paris)	Paris	Joalheria	Av. 7 de Setembro
Maurício Samuel	Samuel	Representante	
Perez, Sabbá & Cia.	Indústria	Usina de borracha	Ilha de Monte Cristo
Rubem A. Israel	Mazaltov	Aviador interior	Rua Guilherme Moreira, 195
Salomão Benemond	Ajlricaba	Usina de castanha	Av. Epaminondas, 539
Solon Benemond	Solon	Aviador interior	Pça. G. Thaumaturgo, 26
Usina Baré Ltda.	Baré	Usina de castanha	Rua Tamandaré
Usina Alegria Ltda.	Alegria	Usina de castanha	Av. Joaquim Nabuco, 1.469
Salomão Benarrosh Israel	Israel	Fábrica de sabão	Rua Borba
Salomão Pinto & Cia.	Pinto	Aviador	Coari – AM
Salomão Levy & Filhos	Levy	Curtume jacaré	Educandos
Levy & Negreiros	Negreiros	Import. e Exportação	Rua Tamandaré
Salvador Abecassis & Irmão	Abecassis	Aviadores	Maués – AM
Moyses S. Cohen & Cia.	Cohen	Empório	Parintins – AM
Assayag & Irmão	Assayag	Empório	Parintins – AM
Levy Dahan & Cia.	Dahan	Empório	Alenquer – PA
Felix Fink & Cia.	Fink	Drogaria	Rua Marquês Sta. Cruz
Benarrós & Irmão	Benarrós	Agência automóveis	Rua Marechal Deodoro
Curtume Mago Ltda. (Benzecry e Grosz)	Mago	Curtume jacaré	Compensa
Curtume Canadense Ltda.		Curtume jacaré	Compensa
Curtume Rio Negro Ltda.		Curtume jacaré	
N. Pazuelo & Cia Ltda.		Agência Navegação	Rua Marcílio Dias
Elias Ramiro Bentes	Bentes	Representação	Rua dos Barés

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Indústria I. B. Sabbá S/A	Sabbá	Indústria	Rua Guilherme Moreira
Cia. Petróleo da Amazônia	Copam	Refinaria de petróleo	Paredão
Petróleo Sabbá S/A	Sabbá	Distrib. prod. petróleo	Rua Guilherme Moreira
Fazenda Marajó-Mirim (Moyses Benoliel e Isaac Benchimo.)	Marajó	Fazenda de gado	Rio Negro
J. Assayag	Assayag	Empório	Rua Marquês de Sta. Cruz, 283
J. Essaba	Essaba	Estivas	Av. 7 de Setembro
Henry Abecassis		Oficina	
Hana Tayah		Fazendas	Rua da Instalação
José Tayah	Tayah	Fazendas	Rua Henrique Martins
Rachel Levy	Mayr	Vestidos de noiva	Rua Henrique Martins
Casa Importadora de Armarinho Ltda.	Serruya	Armarinho	Rua Henrique Martins
Credilar Ltda. (Charles Hamu e Jacob Benzecry)	Hamu	Eletrônica	Rua Henrique Martins
Ourivesaria Klein (Lazar e Henry Klein)	Klein	Ourivesaria	Rua Henrique Martins
David Matalon	Matalon	Confecções	Rua Lobo d'Almada
Casa Elias	Elias	Confecção	Rua Henrique Martins
Casa das Sedas (Berish Appenzeller e Edmund Klarnet)		Tecidos	Rua da Instalação
Casa Dois Irmãos (Marcos, Salomão e Sultana Esquenazi)		Tecidos	Rua Henrique Martins
Casa Bahiana (Abraham Kadosh, Vidal Israel e Samuel Israel)		Fazenda e armarinho	Rua da Instalação
Casa Salim (Salim e Nathan Tayah)		Fazenda e armarinho	Rua da Instalação
Recauchutadora Benayon Ltda.		Vulcanização e recauchutagem de pneus	Rua Dr. Almino
Salomão Pinto	Pinto	Aviador	Coari – AM
Salvador Abecassis & Irmão	Abecassis	Aviador	Maués – AM
Hanan & Assayag	Hanan	Estivas	Rua dos Barés
Ferragens e Louças União Ltda.	União	Ferragens	Rua da Instalação

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Sociedade de Aviamentos Ltda.	Bebé	Aviamentos	Rua dos Andradas
Samuel Ohana	Ohana	Relojoaria	Rua Henrique Martins
Tamar Levy	Tamar	Mercearia	Rua Henrique Martins
Sol Lassery	Sol	Mercearia	Cachoeirinha
Alfon Cagy	Cagy	Funilaria	
Isaac Pazuelo	Pazul	Fábrica de sabão	Cachoeirinha

EMPRESAS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS DA ZONA FRANCA DE MANAUS, A PARTIR DE 1967

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Ciex S/A	Ciex	Exportadores	Rua Guilherme Moreira, 162
I. B. Sabbá S/A	Sabbá	Exportadores	Av. Leopoldo Pêres
Petróleo Sabbá S/A	Sabbá	Distribuição de petróleo	Av. Leopoldo Pêres
Benchimol, Irmão & Cia. Ltda.	Bemol	Loja de departamentos	Praça Adalberto Vale, 32/68
Sociedade Fogás Ltda.	Fogás	Distribuidora de gás	Estrada da Refinaria
Gasônia Ltda.	Gasônia	Distribuidora de gás	Rua Miranda Leão, 41
Compar - Com. Part. Ltda.	Compar	Participação	Rua Miranda Leão, 41
Dist. Equatorial Prod. Pet.	Equatorial	Distrib. de petróleo	Enseada Marapatá
Equatorial Transp. Ltda.	Equatorial	Transporte	Rua Ponta Grossa, 10-A
Casas do Óleo Ltda.	CO	Supermercado	Av. Donizete Gondim
Café Manaus Ltda.	Manaus	Torrefação de café	
Lojas Brasileiras S/A - Filial	Lobrás	Loja de departamentos	Av. 7 de Setembro
Lojas Mansa S/A - Filial	Marisa	Confecções	Rua Marechal Deodoro
Cortez - Câmbio e Turismo (Associação Cortez com Benzecry)	Cortez	Câmbio e turismo	Av. 7 de Setembro
Isaac Benchimol & Cia. Ltda.	Benchimol	Importação	Rua Dr. Moreira
Hotel Rei Salomão	Rei	Hotelaria	Rua Dr. Moreira
Platense Ltda.	Platense	Importação	Rua Marcílio Dias
Aron Hakimi - Hakimi		Importação	Rua Quintino Bocaiúva

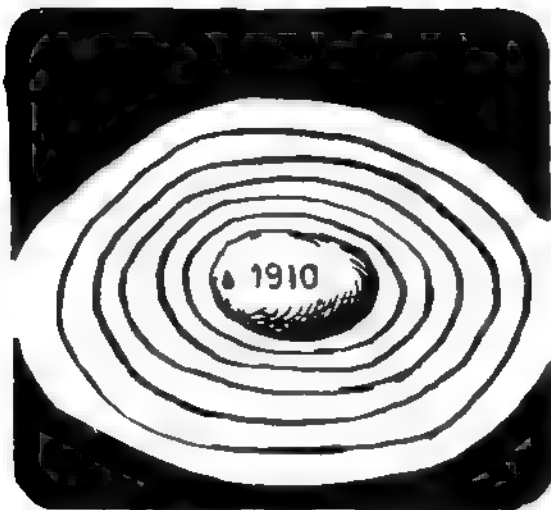
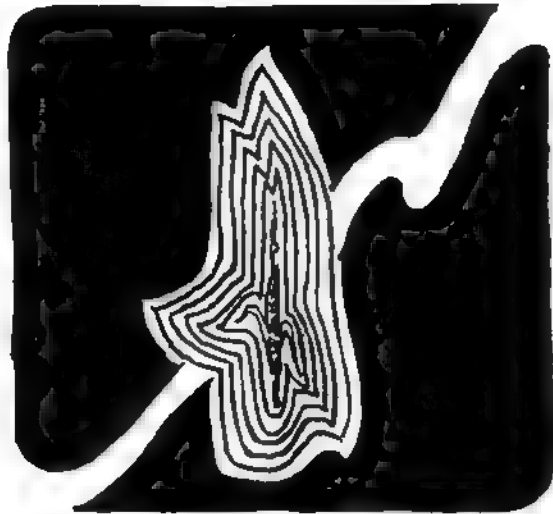
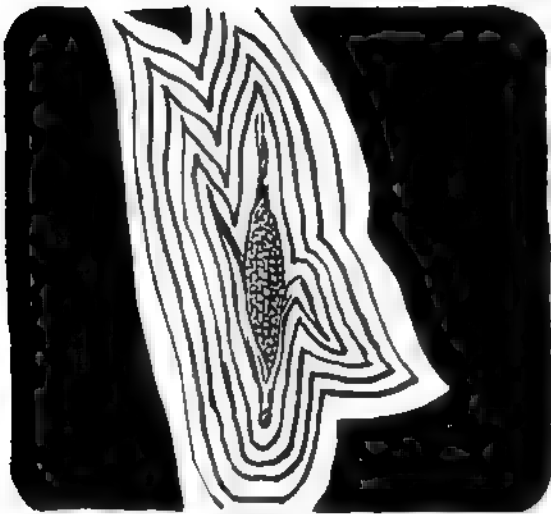
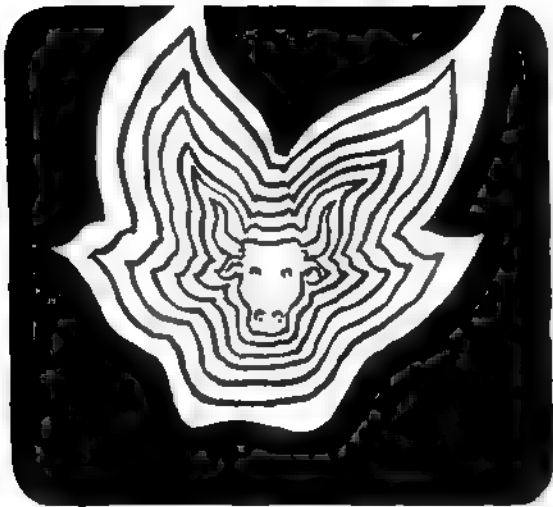
Nome	Marca	Ramo	Endereço
Amazonas Com. Ltda.	Amacom	Importação	Rua Marcílio Dias
Benzion Ind. e Com. Ltda.	Benzion	Importação	Av. Eduardo Ribeiro
Benzion Com. Rep. Ltda.	Way shop	Confecções	Amazonas Shopping
Bilfran Imp. Exp. Ltda.	Bilfran	Importação	Rua Marcílio Dias
Comercial Kadima Ltda.	Azuri	Importação	Av. Eduardo Ribeiro
Benkoos Com. Rep. Ltda.		Confecções	
A. W. Imp. Ltda.	Via Colon	Confecções	
I. S. Com. Imp. Ltda.	Três Painelas	Restaurante	Rua Tapajós, 80
Náutica Rio Negro Rep.		Importação	
Controle Consult. Ltda.	Laredo	Consultoria	Av. Tefé, 605
Turkish Aquarium	Rio Negro	Export. piscicultura	AM-10
Importadora Mundial	Edelman	Importação	
Agrisan Grãos Ltda.	Agrisan	Produtos agrícolas	Rua J. G. Araújo
Importadora Jenny Ltda.	Jenny	Importação	Av. 7 de Setembro
Quality Informática	Quality	Importação	Rua Borba, 111
Gubin Tecnologia S/A	Gubin	Eletrônicos	Rua Marcílio Dias, 264
Tecigram Áudio e Vídeo	Tecigram	Áudio/vídeo/inform.	Rua Dr. Moreira, 119
Abraham Benmuyal		Eletrônica	
Beny Mat. de Construção	Beny	Matenal construção	Av. Sen. Álvaro Maia
H. B. Schwarcz Rep.		Representação	Rua Guilherme Moreira
Hebron Locadora		Locadora	Av. Tancredo Neves, 10
Benayon Mello		Consultoria	
CD News		Loja CD	Rua José Paranaguá
Importadora Paramount (Ohev Zion)		Importadora	Rua Dr. Moreira, 129
Imp. e Exp. Genève Ltda.	Genève	Importação	Rua Guilherme Moreira, 172
Cosmos Vídeo Gravações		Vídeo gravação	
Imp Mundial Ltda.		Importadora	Rua José Paranaguá
Engecon – Eng. e Const. Ltda. (Moyses Laredo)		Const. e engenharia	Rio Branco – Acre
Coppal Engenharia Ltda.	Coppal	Engenharia	Rua Com. Norberto

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Nortimóveis Ltda.	Norte	Imobiliária	Rua João Valério, 690
Foinquinos de Melo	Glauce	Café	Amazonas Shopping
Benayon de Melo	Benayon	Consultoria	
Salomão Cohen Rep. Ltda.	Cohen	Representação	Av. Joaquim Nabuco
Barros & Cia. Ltda.	Barros	Representação	Rua Marcílio Dias
Benmuyal & Cassas Ltda.	Hy-Tel	Eletrônica	Av. Djalma Batista, 3000
Grocery Istambul Ltda.	Istambul	Delicatessen	Av. Djalma Batista, 3000
Ecopark Turismo	Ecopark	Turismo	
Associação Educação Lato-Sensu do Brasil	Lato-Sensu	Educação	Conj. Adnanópolis
Cor e Complementos Ltda.		Tintas	Parque 10
Exuberance Modas		Modas	Rua Maceió
Mirian Koifman Engenharia e Projetos		Engenharia	Parque Solimões
Chocolate Bomboniere		Chocolate	
Salomão Laredo	Laredo	Quadros e fotografias	

FIRMAS INDUSTRIAIS E DE SERVIÇOS

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Companhia de Petróleo da Amazônia	Copam	Refino de petróleo - de 1957 a 1970, quando foi comprada pela Petrobras	Estrada da Refinaria
Indústrias I. B. Sabbá S.A.		Indústrias de madeira e outras	
CCE da Amazônia Ltda.	CCE	Indústria eletrônica	Distrito Industrial
Evadin Ind. da Amazônia	Evadin	Indústria eletrônica	Distrito Industrial
Tectoy Ind. de Brinquedos	Tectoy	Indústria brinquedos	Distrito Industrial
Dismac Industria Ltda.	Dismac	Indústria eletrônica	Distrito Industrial
Pritefisa Tecelagem Ltda.	Pritefisa	Ind. fiação e tecelagem	Distrito Industrial
Nelima Ind. de Relógios	Nelima	Indústria de relógios	Distrito Industrial
Quartz Eletrônica Ind. Com.	Mondaine	Fábrica relógios	Distrito Industrial
Megama Industrial Ltda.	Megama	Destilação álcool, extração guaraná	Estrada do Aleixo
Cia. Industrial Madeiras	CIM	Serraria/fábrica compensados	Estrada Mauá

Nome	Marca	Ramo	Endereço
Icel Instrumentos e Componentes Eletrônicos	Icel	Indústria eletrônica	Distrito Industrial
Itacoatiara Industrial S.A.		Serraria	Itacoatiara-AM
Itacoatiara Agrícola S.A.		Agricultura	Itacoatiara-AM
Florestal do Norte Ltda.	Floresta.	Imobiliária	Itacoatiara-AM
Cianorte – Cia. Ind. Norte	Cianorte	Serraria/mat. construção	Rua Alexandre Amorim, 197
Hore Madeiras S.A.	Hore	Serraria	Rua Dr. Aprígio 99
Gethal da Amazônia S.A. (Gebruder Thalheimer)	Gethal	Fábrica de compensado/serraria	Itacoatiara-AM
Caroline Madeiras da Amazônia S.A. (Henry Moehring)	Caroline	Fábrica de compensado/serraria	Itacoatiara-AM
Cayman S.A.	Cayman	Curtição couros jacaré	Manacapuru-AM
Fitejuta S.A.	Fitejuta	Fábrica fiação/tecelagem juta	Av. Leopoldo Pères
Jutal – Com. Ind. de Juta	Jutal	Fábrica fiação/tecelagem juta	Rua Guilherme Moreira, 162
Compensa S.A.	Compensa	Fábrica de compensados	Compensa
Treves da Amazônia	Treves	Jóias	
Beta S.A.	Beta	Fábrica de jóias	Rua Recife
Potência S.A.	Potência	Fibras têxteis	Distrito Industrial
Drohaoser Ltda.	Drohaoser	Lapidação de cristais	Distrito Industrial
Benayon – Ind. Papel e Celulose S.A.	Bipacel	Fábrica de papel	Distrito Industrial
Citizen da Amazônia	Citizen	Fábrica de relógios	Distrito Industrial
Banco Safra S.A. – Agência	Safra	Banco	Rua Marechal Deodoro
Banco Cidade S.A. – Agência	Cidade	Banco	Rua Dr. Moreira



Palheta
76.

A QUARTA GERAÇÃO: TEMPO DOS DOUTORES E PROFISSIONAIS

A partir do início dos anos 50 até 1970, durante perto de vinte anos, a economia amazônica atravessou novamente um período muito difícil. A euforia dos Acordos de Washington de 1942 – com os seus programas de recuperação dos seringais silvestres para abastecer as fábricas de pneumáticos, que perderam as suas fontes asiáticas de suprimento com a invasão e ocupação japonesa na Malásia, Indonésia, Cingapura, Birmânia e outros – já havia passado. Terminada a guerra, os norte-americanos se retiraram da Amazônia e a economia mostrou sinais de decadência, que nem mesmo a criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudevea) conseguiu recompor, pois grande parte desses incentivos fluiu para as grandes fazendas de gado no sul do Pará, Rondônia e norte de Mato Grosso e para empreendimentos de incerta viabilidade.

As exportações de borracha passaram a constituir monopólio federal do Banco da Borracha e, com isso, desestruturou-se toda a economia das empresas judaicas *aviadoras* e exportadoras desses produtos. O Bancrévea, antecessor do Banco de Crédito da Amazônia e do atual Banco da Amazônia, foi o coveiro da economia extrativista regional, pois ao afastar as principais empresas que atuavam na produção e comércio da goma elástica, retiraram do interior as principais lideranças responsáveis pela logística da produção, transporte e abastecimento. Restava a castanha e outros produtos regionais, que ainda conseguiam movimentar o interior da região.

O Bancrévea **descoronelizou** a hinterlândia e ao fazê-lo substituiu o antigo patrão e seringalista pelo burocrata bancário de papel, tinta, cadastro e *cartório*, com direito de vida e de morte sobre os remanescentes desse espólio humano e social. Com a *segunda morte anunciada* da borracha, restou apenas a castanha e outros produtos regionais como o couro de jacaré, o óleo de pau-rosa, a copaíba, a madeira, a juta, que ainda conseguiam manter

alguns empresários vivos. Reiniciou-se o despovoamento e o êxodo rural rumo às cidades grandes. Atrás dos patrões vieram logo depois os peões.

Para os judeus-paraenses e amazonenses, a década dos anos 50 foi também de desânimo e desesperança, pois tiveram de largar e vender os seus bens, haveres e terras para mandar educar os seus filhos, em busca de uma saída para o futuro e encontrar um lugar para recomeçar a vida.

Os judeus sempre tiveram obsessão por família numerosa e boa educação dos filhos. Quanto mais, melhor, porque assim poderiam *nombrar* (nominar e homenagear) os seus falecidos avós e bisavós paternos e maternos. As mães judias, nesse particular, iam até o sacrifício pessoal e se desfaziam de suas jóias e de suas últimas economias em favor da educação dos seus filhos. Como no passado, também nos anos 50, elas tinham um projeto para os seus filhos: educá-los para serem médicos, advogados, engenheiros. O mais velho deveria seguir a profissão do pai comerciante para tentar levar os negócios da família. Os outros tinham uma destinação antecipada desde os tenros anos para estimular e despertar a vocação e o gosto pelos estudos.

Embora o judaísmo seja patriarcal nas sinagogas, dentro do lar é absolutamente matriarcalista. Ninguém melhor do que a socióloga Helena Lewin, da Uerj, para bem definir o papel da mãe judia:

É a idiche-mame que determina os critérios de diferenciação entre filhos e filhas, entre os mais velhos e os mais jovens, dirigindo os filhos casados ou solteiros. A aceitação pela família desse direito significa o reconhecimento implícito de sua autoridade que, ao utilizar-se de um poder invisível, em termos legais, determina o futuro de sua descendência. Explica as trajetórias individuais de cada filho, segundo a visão tradicional da vontade divina, como destino: “cada filho tem a sua estrela” (Lewin, 1966: 453).

Assim se explica o porquê de a grande maioria de médicos, engenheiros e advogados judeus que vivem em Manaus, Belém, Rio de Janeiro e São Paulo, que foram encaminhados por suas mães e pais para o aprendizado dessas profissões desde a infância. Muitos deles até colocavam à porta dos quartos dos seus filhos o nome e a profissão escolhida, mesmo antes de ocorrer os *tefelim* e *Bar-Mitzvá*. Como as famílias judias sempre tiveram muitos filhos e como não havia recursos para dar educação universitária para todos, elas desenvolveram uma estratégia pedagógica muito eficiente baseada na solidariedade diacrônica entre as gerações.

Nesta pedagogia educativa da família judaico-amazônica, os pais, geralmente a mãe, escolhia, desde cedo, o mais brilhante e inteligente para estudar fora; geralmente se mandava o filho estudar medicina na Bahia, ou engenharia em Itajubá. O filho mais velho devia seguir a profissão do pai, geralmente comerciante, e os outros começavam a trabalhar desde cedo, logo depois do *Bar-Mitzvá* para aumentar a renda da família, para que esta pudesse mandar um segundo filho estudar fora de Belém e Manaus, para obter melhor formação profissional. Este segundo filho era ajudado pelos irmãos mais velhos e pelas irmãs geralmente professoras, que mandavam os seus salários para completar a mesada dos irmãos que estavam estudando fora. Quando estes se formavam tinham a obrigação de ajudar os mais novos a estudar em alguma universidade do país e até do exterior, aproveitando todos a oportunidade de bolsas de estudo gratuitas.

Assim, um irmão mais velho, ajudando o outro mais novo, e este último aos outros menores, formava-se uma cadeia cooperativa humilde imbatível de auto-ajuda mútua. Daí se explica porque o humilde judeu Isaac Israel Benchimol e sua esposa Nina Siqueira Benchimol conseguiram, mesmo na carência e pobreza, educar os seus oito filhos nas Universidades do Brasil e do exterior.

O mesmo ocorreu com os Benzecry, os Laredo, os Azulay, os Bentes, os Assayag, os Cohen, os Levy, os Krakoviak, os Roffé, os Athias, os Serfaty, os Israel e tantas outras famílias de Belém e Manaus, que conseguiram abrir caminho para a quarta geração de judeus-amazônicos, quer na Eretz Amazônia, quer na diáspora carioca, paulista e de outros Estados do país e até do exterior.

A DIÁSPORA CARIOCA E PAULISTA

Com a nova crise dos anos 50 na Amazônia, os judeus de Manaus e Belém começaram o seu novo êxodo para a *Jacopacabana* e para São Paulo — as novas Eretz (Terra) dos judeus-amazônicos. Centenas de famílias para lá migraram, deixando as comunidades judaicas de Belém e Manaus esvaziadas, empobrecidas e destituídas de seus melhores líderes e jovens talentosos. A sinagoga Reby Meyr de Manaus teve de se fundir à esnoga Beth-Jacob, porque já não existia mais *minyán* (quorum) para as duas.

Assim termina melancolicamente a terceira geração e se dá início ao quarto tempo e à quarta geração daqueles judeus-marroquinos que migraram para a Amazônia. Lá ficaram mais de cem anos e agora se transferiam, em grande massa, para o sul do país, ou quando não podiam migrar, ficavam em Belém e Manaus, abandonando a profissão dos seus pais. Com o surgimento das Universidades do Pará e Amazonas, passaram a se tornar, também, bons profissionais, médicos, doutores, advogados, economistas, contadores, auditores, administradores, engenheiros, consultores, executivos, professores, pesquisadores e tantas outras profissões e ofícios.

Quase todas as famílias judaico-marroquinas da terceira geração, de Belém e Manaus, perderam os seus filhos mais capazes e talentosos para a diáspora carioca e paulista. Em Belém, migraram representantes das influentes famílias Pazuello, Athias, Benzecry, Serfaty, Levy, Abtibol, Nahon, Benjó, Benchimol, Roffé, Azulay, Krakoviak, Benoliel, Serruya, Ezagui, Perez, Abecassis, Obadia, Pinto.

Em Manaus, idêntico movimento se processou na década dos anos 50 e 60. Praticamente não existe família amazonense que não tenha perdido filhos e irmãos em favor da diáspora carioca e paulista. Entre eles, recordo-me das seguintes famílias que participaram desse movimento: Benchimol, Benoliel, Benzecry, Benayon, Ezagui, Perez, Benzaquem, Serfaty, Benarrosh, Levy, Abecassis, Sabbá, Benemond, Lassery, Pazuello, Salgado, Benesby, Cagy, Kahané, Esquenazi, Appenzeller.

Juntamente com os paraenses, esses amazonenses foram formar o *Kahal* (comunidade) da Sinagoga Shel Guemilut Hassadim, da rua Rodrigo de Brito, em Botafogo, no Rio de Janeiro, que passou a ser a sinagoga dos judeus-amazônicos na diáspora carioca, cujo rabino Sr. Abraham Anidjar era também um judeu-tangerino. Nessa sinagoga as preleções e interpretações da *Torah* e do *Talmud*, nos dias de sábado, eram proferidas pelo erudito latinista, hebraísta e filósofo David José Perez, que traduziu os **sidurim** (livros de oração) da Hosh-Hashana e Yom Kipur do hebraico para o português.

Outros fizeram a sua diáspora para São Paulo como as primas Nair Benoliel Abensur (cujo pai foi seringalista no rio Javari, na fronteira com o Peru) e seu esposo Jacques Krakoviak, cujo filho, Dr. Leo Krakoviak, educado em São Paulo, tornou-se um dos mais conceituados advogados tributaristas do Brasil. Os Benemond e Zagury foram parar em Belo Horizonte.

Assim, a diáspora amazônica, dos anos 50 e 60, se espalhou para todo o Brasil e para o exterior. Nos Estados Unidos, Phoenix, Arizona, trabalha o cientista, pesquisador e médico cardiologista Alberto Benchimol, de renome internacional. O Dr. Nelson Assayag Hanan, Ph.D. em engenharia metalúrgica, nuclear e espacial, trabalha em Washington como diretor da Argone, importante agência do governo americano para assuntos de alta estratégia científica e espacial.

A quarta geração de judeus-amazônicos, descendentes dos antigos israelitas migrados do Marrocos, sefaraditas e forasteiros, desempenha hoje importante função no campo profissional, universitário, empresarial e até político, pois muitos dos seus membros e descendentes se tornaram senadores, deputados federais, estaduais, vereadores e prefeitos.

Foi, no entanto, no campo profissional, sobretudo no campo da medicina, que eles se destacaram. Talvez por atavismo, pois sempre havia muitos judeus médicos no passado que acumulavam também as funções de filósofos, sábios e *hahamim* (eruditos) como Moshe Maimônides (o Rambam), que também exerceu a medicina em Córdoba, Fez e Alexandria. Parece que na Idade Média, a medicina era considerada profissão pagã, desprezada pela classe nobre e clerical, pois violava o princípio de que somente Deus tem o poder de curar e, portanto, não deveria ser exercida pelos fiéis cristãos.

Apenas a título exemplificativo vamos enumerar a maioria dos médicos de Manaus e Belém, mesmo correndo o risco grave da omissão e do ressentimento dos excluídos por esquecimento ou desconhecimento.

OS DOUTORES E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS JUDEUS DE MANAUS

Eis a lista dos médicos de Manaus, do passado e do presente, alguns já falecidos e outros ainda muito ativos e servindo, com o seu saber e o seu humanismo, o sacerdócio da medicina:

Leão Ezagui (pediatria) Z'L'

Alberto Moacyr Benayon (ginecologia e cirurgia geral) Z'L'

Os primeiros médicos judeus do ano de 1940, quando Manaus tinha apenas 52 médicos

Abraham Messod Benzecry

urologia

Simão Pecher

alergista

Jacob Cohen

oftalmologia

Jacob Assayag

ginecologia

Samuel Aguiar	gastroenterologia
Adele Schwartz Benzaken	ginecologia
Sonia Laredo	cardiologia
Lucia Obadia Benzecry	neonatalogia
Silvana Benzecry	pediatria
Marlene Cohen	pediatria
Joy Israel	cirurgia
Elizabeth Assayag	pediatria
Lorena Ezagui	
Debora Laredo	
Cynthia Assayag	ginecologia
David Tayah	oftalmologia
Isaac Tayah	gastroenterologia
Moyses Azulay	ginecologia
Roberto Fleck	urologia
Nathan Benchimol	ginecologia
Moyses Salgado	pediatria
Eduardo Abraham Kaufman	otornno
Marcos Cohen	cirurgia
Isaac Dahan	gastroenterologia
Abraham Elmescay	dermatologia
Luiz Klajmic Salama	homeopatia

Total 26 médicos. Isto porque a Faculdade de Medicina do Amazonas foi fundada recentemente, por volta do ano de 1965, e a comunidade judaica possui perto de 200 famílias.

OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS JUDEUS QUE ENSINAM OU ENSINARAM NAS UNIVERSIDADES DE MANAUS SÃO OS SEGUINTEs:

Nome	Universidade	Disciplina
Raphael Benayon (pioneiro do ensino universitário) Z'L'	Faculdade Direito	Direito Internacional Privado
Samuel Isaac Benchimol (Professor Emérito)	Universidade Amazonas	Introdução à Amazônia
Renée Hanan Melul	Universidade Amazonas	Direito Privado
Saul Benchimol	Universidade Amazonas	Macroeconomia
Jaime Samuel Benchimol	Universidade Amazonas	Microeconomia
Benjamin Isaac Benchimol Z'L'	Universidade Amazonas	Engenharia Elétrica
Rosalie Benchimol	Universidade Amazonas	Paleontologia/Geologia
Noval Benayon Me.o	Universidade Amazonas	Economia e Análise
Nathan Samuel Benzecry	Universidade Amazonas	Administração
José Laredo	Universidade Amazonas	Administração
Max Fortunato Cohen	Universidade Amazonas	Economia e Análise
Denise Benchimol Resende	Universidade Amazonas	Biblioteconomia

Abraham Messod Benzecry	Universidade Amazonas	Clínica Cirúrgica/ Urologia
Eduardo Abraham Kauffman	Universidade Amazonas	Clínica Cirúrgica
Jacob Moyses Cohen	Universidade Amazonas	Oftalmologia
Samuel Isaac Aguiar	Universidade Amazonas	Clínica Médica
Simão Aron Pecher	Universidade Amazonas	Clínica Médica
Simone Assayag Hanan	Universidade Amazonas	Odontologia Social
Nathan Benchimol	Universidade Amazonas	Clínica Médica
Maria Rosas Lozano Borrás	Universidade Amazonas	Medicina Alimentar
Moysés Assayag	Universidade Amazonas	Engenharia/Construção
Eliás Simão Assayag	Universidade Amazonas	Hidráulica/Saneamento
Abraham Moysés Cohen	Universidade Amazonas	Física
Stephen Silvers	Universidade Amazonas	Inglês
Davis Benzecry	Ciesa	Economia Internacional
Abraham David Bensadon	Ciesa	Matemática Financeira
Bráulio Ghidaevich	Ciesa	Direito

Fonte: Prof. Noval Benayon de Melo.

OS DOUTORES E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS JUDEUS DE BELÉM

Em Belém, os profissionais de medicina são muito mais numerosos, primeiro porque a sua Faculdade de Medicina é muito antiga, anterior aos anos de 1930, e depois porque a comunidade judaica é muito maior (aproximadamente 400 famílias):

Jayme Aben-Althar – Z'L'	patologia
<i>primeiro médico judeu da Amazônia</i>	
Marcos Pinto-Z'L'	clínico
<i>primeiro médico judeu a se formar pela Faculdade Medicina do Pará</i>	
Aarão Serruya	cardiologia
Marcos Serruya	homeopatia
Salvador Nahmias	cardiologia
Jacob Gabbay	cardiologia
Luna Alves	geriatria
Eliás Dahan	alergista
Marcos Alves	anestesiologia

Alegria G. Alves	pediatria
Samuel R. Bentes	pneumologia
Isaac S. Benchimol	pneumologia
Yehudá Benguigui	pneumologia
Jackes G. Rascovsky	anestesiologia
Benjamin Ohana	neurologia
Helena Karp	clínica
Luciléia Athias	pediatria
José Benchimol	pediatria
David Gabbay	clínica
Ácea R. Azulay	ginecologia
Janete S. Bentes	obstetrícia
Meryam Bentes	clínica
Alberto M. Serruya	ginecologia
Paulo Roffé	nefrologia
Elias Pinto	pediatria
Sara Roffé Lemos	oftalmologia
Elisa Roffé Lemos	ginecologia
Fortunato Athias	cirurgia
Elka Kabacznik Katz	pediatria
Maurício Hamoy	traumatologia
Simone Soares	cardiologia
Laira Melul	pediatria
Suzanne Serruya	obstetrícia
Alexandre I. Benchimol	cardiologia
Roberto Mauro Anjar	cardiologia
José Ricardo Anjar	nefrologia
Elias I. Israel	cardiologia
Elias L. Serruya	patologia clímic
Samuel D. Nahon	otorrinolaringologia
Sime D. Nahon	nefrologia
Julice Benitah	obstetrícia
Jane Gabbay	homeopatia
Abraham Elmescany	dermatologia
Messody Lancry	pediatria
Augusto Serruya	pediatria
Daniel Benzecry Almeida	cardiologia
Débora Aben Athar	pneumologia
Jaqueline Oregel Dias	dermatologia
Salomão Zagury	clínico
Jaime Gabbay	anestesista
Abraham Eliezer Levy-ZL' *	sanitarista

* *Tragicamente falecido, por afogamento, na praia de Copacabana, logo depois de formado. Ele foi meu colega e companheiro da Embaixada Acadêmica que visitou Iquitos em 1942, por ocasião do 4.º Centenário do descobrimento do rio Amazonas.*

Fonte: Prof. Inácio Obadia, professor de espanhol e português em diversas escolas de Belém.

Sempre que lhes foi permitido, ao longo da vida reclusa nos guetos, ou relativamente aceitos, apesar de algumas hostilidades ou restrições, os judeus tiveram propensão para se tornarem **morês** e **melamedes** (professores) e *rabinos*. Estes últimos são mestres – os oficiantes dos serviços religiosos, mas não são sacerdotes. A casta eclesiástica foi abolida após a destruição do 1.º Templo, no ano de 586 antes da era atual, quando, no cativeiro da Babilônia, o judaísmo templário, sacerdotal (dos coanitas e levitas), sacrificial e monárquico foi substituído, humanizado e enriquecido pelo judaísmo sinagoga, rabínico, docente-acadêmico, talmúdico e profético.

Nunca houve analfabeto entre os judeus desde os tempos mais remotos, porque os rabinos e os talmudistas obrigavam as famílias a alfabetizarem, precocemente, os seus filhos desde os 4 anos de idade. Não foi difícil, pois, com essa propensão ao estudo e a frequência às escolas em todos os níveis, que os judeus se tornassem na diáspora também professores e pesquisadores em todos os graus. Deve-se acrescentar que estudar (*Lilmod*, em hebraico) para os judeus não é um voluntarismo, diletantismo acadêmico e erudito, ou um privilégio das classes mais favorecidas, e, sim, uma obrigação, mandamento e ordenação (*Mitzvá*), de acordo com o que preceitua a *Torah*. Talvez isso explique por que dos 600 Prêmios Nobel já concedidos, cerca de 26% (ou 160) foram conferidos a judeus.

Na Amazônia também, passadas as três primeiras gerações, a quarta dedicou-se à ciência, ao ensino e às profissões. Para exemplificar, transcrevemos a lista de professores judeus das Universidades do Pará, com os nomes e as matérias que ensinaram ou ainda lecionam:

Nome	Universidade	Disciplina/Faculdade
Fortunato Jayme Athias	UFPA	Cirurgia
Débora Aben-Athar Unger	UFPA	Dermatologia
Isaac Samuel Benchimol	UFPA	Pneumologia

Nome	Universidade	Disciplina/Faculdade
Belizia Aben-Athar Barcessat	UFPA	Psicologia
José Moyses Alves	UFPA	Psicologia
Ruth Lea Bemergui	UFPA	Geomorfologia
Eliane Bemergui Alves	UFPA	Dentística
Arão Isaac Serruya	UFPA	Medicina
Alberto Gabbay	UFPA	Engenharia
Benjamin Abraham Ohana	UFPA	Medicina
Emanuel Zagury Tourinho	UFPA	Psicologia
Fortunato Gabbay Z'L'	UFPA	Engenharia
José Abraham Benchimol	UFPA	Medicina
Leão Samuel Benchimol Z'L'	UFPA	Matemática
Maluf Gabbay Z'L'	UFPA	Engenharia
Marcio Benchimol Barros	UFPA	Física
Rachel Benchaya	UFPA	Psicologia
Salomão Peres Elgrably	UFPA	Engenharia
Sara Besheva Berman	UFPA	Medicina
Alegria Benchimol	UFPA	Letras
Salomão Pinto Z'L'	UFPA	Engenharia
Sonia Pinto Z'L'	UFPA	Educação
Harry Serruya	UFPA	Química
Camile Bemergui Sefer	UFPA	Economia
Sheila Bemergui	UFPA	Economia
Orovida Gabbay Serruya	UFPA	Nutrição
José Lancry Z'L'	UFPA	Direito
Ruth Benchimol	FCAP	Agronomia
Suzanne Serruya	Uepa	Obstetrícia
Raquelita Athias	Unama	Economia
Alegria Benzaquem Anijar	Unama	Teoria das Estruturas
Helena Lucia Zagury Tournho	Unama	Arquitetura/Urbanismo

Fonte: Prof. Inácio Obadia, professor de Espanhol e Português de diversas Escolas e Colégios de Belém e Prof.ª Clara Elmescany, pedagoga da Secretaria de Educação do Pará.

OS DOUTORES JUDEUS-AMAZÔNICOS NO EXÍLIO CARIOCA E NO EXTERIOR

No Rio de Janeiro a diáspora judaico-amazônica, de Belém e Manaus, passou a morar em Botafogo, Leme, Copacabana (que muito jocosamente chamamos de *Jacopacabana*), Ipanema, Leblon e nos bairros mais novos da Barra da Tijuca. Muitos desses judeus da quarta geração conseguiram êxito no setor comercial, porém a maioria empobreceu, mas como compensação souberam educar melhor os seus filhos, aproveitando os centros de excelência universitária de suas faculdades de ensino superior.

A maioria escolheu, como já era de se esperar, pelos motivos que mencionaremos mais adiante, a profissão médica para os seus filhos. Houve também êxodo de muitos médicos judeus, já formados, de Manaus e Belém para essa cidade.

Apenas para compensar essa tese, vamos mencionar a seguir uma lista de médicos judeus-amazônicos da diáspora carioca, ou de seus descendentes que se formaram e mudaram e passaram a integrar, mesmo no êxodo carioca, um ramo da comunidade judia-pa-raense e amazonense, cujos ancestrais e avoengos vieram do Marrocos no começo do século XIX. Vejamos a relação, mesmo correndo o risco de omissão, esquecimento.

MÉDICOS JUDEUS DA AMAZÔNIA NA DIÁSPORA (RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E EXTERIOR)

Raphael Benchimol	oftalmologia
Nina Benchimol	oftalmologia
Sérgio Benchimol	oftalmologia
Verônica Benchimol	oftalmologia
Mirelle Benchimol	oftalmologia
Eliezer Israel Benchimol	oftalmologia
Isaac Israel Benchimol	endocrinologia
Moses Benchimol	malária
Alberto Benchimol	cardiologia – Clínica em Phoenix, Arizona, USA
Rubem David Azulay	dermatologia

David Rubem Azulay	dermatologia
Luna Azulay	dermatologia
Elias David Azulay	dermatologia
Jacob Azulay	psicanálise
Ezezer Zagury	pediatra
Leo Zagury	pediatria
José Serruya	dermatologia
Jannie Serruya	dermatologia
Pepe Benzecry	clínica geral
Daniela Benzecry	obstetrícia
Edy Benzecry Cohn	oftalmologia – Clínica em Detroit, USA
Lilían Benzecry Cohn	médica – Clínica em Philadelphia, USA
Roberto Benzecry	ginecologia
Cara Levy Spielberg	dermatologia
Salomão Israel Amaral	cardiologia
David Esquenazi	otorrino
Rafael Bessler	cardiologia
Regina Kestenberg	hematologia
David Kestenberg	gastroenterologia
Aarão Serruya Alves	cirurgia – SP
Messody Lancry	pediatria – SP
Alberto Mauro Anjar	cirurgia cardíaca – SP
Ricardo Anjar	reumatologia – SP
Iza Kabacznik	psiquiatria – SP
Ata Kabacznik	clínica médica – SP
Daniel Benzecry Almeida	neurologia – PR
Elias Isaac Israel	cardiologia – SP
Marcelo Berman	dermatologia
Rachel Kahané	patologia – Londrina –PR
Roberto Aben-Athar	clínica
Cezar Benjó	cardiologia
Alexandre Bengió	cardiologia
José Benohel Carvalho	clínico
Luiz Gustavo Elarrat	oftalmologia
Abraham Boadana	cardiologia
Suzana Valéria Elarrat	clínica
David Esquenazi	otorrinolaringologia
David Levy	cardiologia
Yehudá Benguigui	Sanitarista em Washington, USA (Organização Mundial de Saúde)

MÉDICOS, DOUTORES E PROFISSIONAIS JUDEUS: UMA NOVA IMAGEM DE JUDEU

A diáspora judaico-amazônica, que se dirigiu muito mais para o Rio de Janeiro do que para São Paulo, é parte integrante da quarta geração de descendentes dos sefaraditas e forasteiros marroquinos, que buscaram encontrar na Amazônia a Terra Prometida.

Essa ilusão se desfez, primeiro com a *débâcle* e a depressão do ciclo da borracha, nos anos de 1911 a 1940. Após breve recuperação nos anos 40/50, novamente a crise voltou a atuar nas décadas dos anos 50 e 60, quando o êxodo paraense e amazonense se dirigiu para a nova terra prometida, a *Eretz Carioca*.

Tal qual as comunidades-mães e matrizes de Belém e Manaus, os jovens judeus procuraram encontrar o seu abrigo, refúgio e salvação nas profissões liberais como meio de vida e como instrumento de ascensão social. A escalada desses novos profissionais: médicos, advogados, engenheiros, arquitetos, contadores, auditores, consultores, economistas e atividades correlatas tem um significado mais profundo do que possa aparentemente parecer. Essas opções, caminhos e refúgios podem melhor ser explicados à luz da psicologia e sociologia cultural e antropológica, como uma forma pela qual as famílias judaicas buscaram encontrar uma nova maneira de fugir do estigma da imagem do *perverso judeu* associada ao dinheiro, à usura e ao comércio, considerado por muitos como profissões indignas desde o labéu da Idade Média, quando estes ofícios eram proibidos aos cristãos.

Devemos recordar o que, a esse respeito, disse o notável escritor e estilista paraense Raymundo Morais, quando nos revela o seu subconsciente preconceituoso, no seu livro *A Planície Amazônica*, a respeito da imagem do regatão judeu:

menos atiradiço, é certo, no que diz respeito a rabo-de-saia, no entanto, mais sovina, mais usurário, devoto e fiel no arrancar couro e cabelo do cristão que lhe caísse nas unhas (Morais: 1.^a edição 1926. Manaus: 7.^a edição. Belo Horizonte: Editora USP, 1987: 72).

Essa mudança nas aspirações sociais das novas gerações é expressiva da tese da limpeza do ofício, defendida pelo prof. Inácio Obadia, professor de Espanhol e Português e *Shaliah Tsibur* (oficiante público) da Sinagoga Essel Abraham (Bosque ou Arvoredo de Abraham Avinu), de Belém do Pará. Essa tese pode ser em parte aceita, pois a busca de profissões consideradas nobres e humanistas, sobretudo a de médico, promove o jovem judeu e judia a um novo *status*, posição social e econômica, tanto da família judaica como no conceito da sociedade brasileira em geral.

Devemos acrescentar, todavia, que o ofício de médico desde a Idade Média, cuja ciência era passada de pais para filhos, era exercida pelos judeus nos seus guetos, como ofício principal ou secundário, pois os judeus intelectuais costumavam ter sempre uma segunda profissão manual e artesanal para melhor assegurar a sua sobrevivência. A preferência pela medicina, naquela altura, talvez tenha sido motivada pelo fato de que era considerada uma profissão pagã, desprezada pela classe nobre e clerical, pois viam nela a violação do princípio de que somente Deus tem o poder de curar e, portanto, não devia ser exercida pelos fiéis cristãos. Esta lógica e teologia medieval criou na verdade uma armadilha – tipo gangorra – para os barbeiros-cirurgiões e médicos judeus: 1) se curassem o paciente era obra e graça atribuída ao Espírito Santo; 2) se fracassassem, a culpa era de satanás, atribuída a um pacto e conluio do médico judeu com as bruxas e suas artimanhas e, como tal, sujeito a condenação à morte nas fogueiras da Inquisição.

Os médicos judeus-amazônicos muito contribuíram, juntamente com os seus colegas de outras crenças, para cuidar e tratar da vida das famílias e dos enfermos, tanto na cidade como no interior. Ninguém se esquece, em Belém, da figura humanitária do médico Dr. Jayme Aben-Athar que, durante décadas, atendeu os pobres e a população paraense; nem dos grandes médicos, Dr. Leão Ezagui e Alberto Benayon que, nos anos 30 e 40, serviram com dedicação à população de Manaus. Sem esquecer, outrossim, a extraordinária figura do médico judeu humanitarista Dr. Noel Nutels, de origem russa, que consagrou e dedicou toda a sua vida a tratar e cuidar dos índios do Xingu e de toda a Amazônia (O Marechal Rondon era um santo como Noel Nutels, só que o Noel era um santo médico judeu – *Noel, Noel, não tens abelhas mas fazes mel* – Scliar, Moacyr (1997).

A medicina como as outras profissões liberais serviam, assim, como refúgio para romper com o passado estigmatizado pelos anti-semitas, desde os tempos medievais e da Santa Inquisição Espanhola e Portuguesa. Esquecer o passado de regatões, seringalistas, *aviadores*, lojistas e comerciantes tornou-se, assim, nesta quarta geração, uma imposição social e gratificação psicológica dos novos tempos da geração de judeus mais jovens, que se abrigou em Manaus, Belém, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades.

Na Amazônia da segunda geração, quando os nossos pais viviam no interior, a forma de vencer o preconceito e ganhar a estima e o temor das pessoas com que conviviam era o de se promover economicamente por meio da fortuna, que levava o judeu a obter, honorariamente, o título de coronel-de-barranco, patente essa de admiração e respeito que era atribuída aos cearenses, nordestinos e estrangeiros em geral (os portugueses se promoviam socialmente com o título de comendador dado por Portugal e pelo Vaticano), durante e mesmo após o ciclo da borracha. O dinheiro mantinha o poder

econômico e o título de coronel conferia dignidade e prestígio associado à sua função na hierarquia dos valores de então.

Todo judeu rico do interior era considerado coronel e, assim, se venciam o preconceito latente antijudeu. A sociedade amazonense e paraense, ao conceder e sancionar, de forma consuetudinária, esse título, esquecia a origem do judeu, para apenas conceber e gerar a imagem hierárquica e do temor político e econômico que a *patente* de coronel carregava no seu bojo. O seringalista, o regatão, o comerciante, o aviador deixavam assim de ser *judeu* para se tornar *coronel* aos olhos do povo e dos demais grupos sociais e étnicos, que competiam entre si e eram rivais – mas se irmanavam quando recebiam o título ou a alcunha de comendador, doutor, chefe, patrão e coronel.

Esta quarta fase do judaísmo amazônico, centrada nas profissões, empobreceu as comunidades judaicas, sobretudo a de Belém, pois esta perdeu poder econômico para sustentar os serviços necessários e requeridos pela comunidade judaica local, que se abrigava em torno das Esnogas Essel Abraham, Shaar Hashamaim e, agora, da terceira e nova Sinagoga Beit Chabad, sob a direção do rabino Disraeli Zagury. Essas três sinagogas e mais o Centro Israelita do Pará e o Clube Benfica (transformado agora em A Hebraica), não foram suficientes para gerar receitas e manter coesa a comunidade local, promover o bem-estar dos seus associados, por meio da educação e promoção dos serviços comunitários.

Os judeus de Belém perderam as contribuições e doações dos seus antigos comerciantes e empresas que emigraram e entraram em decadência, ou foram fechadas por falta de sucessores. Estes preferiam as carreiras profissionais como forma de compensação social e psicológica, ao mesmo tempo que tentavam, por intermédio do seu sucesso, renome e mérito, obter classificação de classe alta, ou de classe média superior. Nem todos alcançaram essa escala e, assim, a comunidade judaica-paraense entrou em crise, agravada agora pe-

lo aumento da assimilação e pela quebra e descontinuidade dos elos judaico-familiares das tradições e da solidariedade comunitária. Hoje, a comunidade de Belém, segundo recente informação, deve ter perto de 420 famílias de *judeus de sinal e orgulho*, totalizando quase 1.600 pessoas, comparadas com aproximadamente 600 famílias judias das segunda e terceira gerações.

Em Manaus a situação é um pouco diferente, porém, em certos aspectos, repete o que ocorreu com a assimilação e profissionalização da quarta geração de jovens judeus e judias que buscaram, pela Universidade, a sua afirmação pessoal e a sua inserção no mercado de trabalho e na alta estima da população local. Essas profissões, sobretudo a de médico, servem para esquecer e combater o preconceito anti-semita ligado à profissão de regatão, seringalista, lojista e comerciante de seus pais. Por meio desse novo *status* econômico, os jovens tentam conquistar o reconhecimento, a admiração e a estima de toda a sociedade local. Apesar do crescimento da classe de professores hebreus na comunidade de Manaus, o setor empresarial aumentou em virtude da criação da Zona Franca de Manaus (ZFM) pelo Dec.-Lei n.º 288, de 27 de fevereiro de 1967.


A Zona Franca, como área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, atraiu não apenas brasileiros do Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, mas também muitos empresários alemães, franceses, americanos, japoneses, coreanos, chineses, indianos de outras origens. Atraiu também novos empresários judeus, de origem askenazita e sefaradita de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e até de Iquique no Chile, Panamá e Buenos Aires. Estes, após o sucesso de suas empresas nas suas cidades de origem, vieram, em grande número, criar empresas próprias ou em associação com outros grupos do exterior, na área sobretudo industrial. Nesse setor existem perto de vinte grandes empresas de origem judia no Distrito Industrial da ZFM, onde, quase 300 grandes

e médias empresas faturaram US\$ 13,2 bilhões, em 1996, e US\$ 12,0 bilhões, em 1997.

O setor comercial tem hoje perto de 60 empresas de sócios judeus ou em parceria e *joint-ventures* com não-judeus. A criação de novas e grandes oportunidades de crescimento e enriquecimento surgiram com o advento da Zona Franca de Manaus, e os judeus que aqui ficaram se beneficiaram do período de prosperidade, durante os últimos trinta anos, juntamente com outros comerciantes e correligionários que chegaram a Manaus, vindos de outras partes do Brasil e do exterior.

Com o incremento da economia regional, a comunidade judaica de Manaus pôde crescer, construir uma grande sinagoga, um grande clube social e promover a melhoria dos serviços comunitários. Também para isso muito concorreu a qualidade da liderança local dos órgãos comunitários, que revelaram muito dinamismo, fazendo aos poucos renascer o judaísmo adormecido, apesar da comunidade ter sido menos tradicionalista do que a de Belém e ter se inclinado para um conservadorismo mais progressista. Hoje, a comunidade judaica de Manaus é constituída por aproximadamente 200 famílias judias mais ou menos ativistas, totalizando perto de 800 pessoas. Apesar dos altos índices de assimilação e quebra dos vínculos judaicos por parte de muitos jovens da quarta geração dos nossos ancestrais sefaraditas e forasteiros, permanece acesa a chama do judaísmo que agora se revitaliza pela busca e retorno à identidade original, sob o estímulo das novas lideranças comunitárias.

VIII
OS PATRONÍMICOS DAS
FAMÍLIAS JUDAICO-AMAZÔNICAS

ma mais detalhada investigação histórica das famílias de origem judaica na Amazônia ajudaria a entender melhor e aprofundar o significado e a importância do processo de dinamismo familiar como um dos agentes catalíticos do desenvolvimento econômico, conforme a tese difundida pelo professor francês François Perroux sobre o *dinamismo da dominação das elites*.

Outros analistas do desenvolvimento buscam situar o foco e a origem desse movimento em outros fatores, como Jefferson, fixando-se na igualdade de oportunidade para todos e na garantia dos direitos fundamentais do homem. Karl Marx, judeu askenazita alemão, analisa a evolução para o desenvolvimento comunista, partindo da destruição da ordem burguesa, da eliminação da propriedade privada, passando pelo socialismo estatal, com o objetivo de alcançar o comunismo e afinal chegar ao regime da anarquia utópica, que dispensaria a necessidade de governo, pois cada um iria se comportar segundo um alto nível de consciência individual e solidariedade grupal.

Schumpeter atribui o desenvolvimento ao papel dos inovadores e empreendedores que inventam e criam novos produtos, descobrem novos mercados. Rostow atribui o desenvolvimento à propensão de desenvolver a ciência fundamental e aplicada para fins

econômicos, nas propensões de aceitar as inovações e a procurar o progresso material e nas propensões de consumir e ter filhos. Hirschman, por sua vez, pesquisou o **primum mobile** e o atribuía à capacidade estratégica de organização, direção e formação dos grupos de empreendedores e de minorias atuantes. François Perroux optou pelos quadros dinamismos: o demográfico, o da inovação, o de dominação das elites e dos grupos sociais (Benchimol, 1964 e 1977: 450).

Perroux, com a sua teoria do dinamismo da dominação das elites, explica que, para que isso se verifique, é necessário haver um processo de dinamismo familiar resultante da coesão, solidariedade e espírito de luta dos grupos familiares que, de forma individual e conjunta, procuram vencer a pobreza, a desigualdade, a discriminação por meio do trabalho árduo de poupança e de união pai-e-mãe com seus numerosos filhos, que devem formar um grupo coeso, de auto-ajuda e afirmação. Essa força e coesão familiar nós vamos encontrar nas comunidades de migrantes de um modo em geral, e em especial entre as famílias judaicas que migram por motivos de pobreza, perseguição, discriminação e vão em busca de oportunidade de trabalho, horizonte e perspectivas de progresso econômico e familiar em outros países. Este caso se ajusta ao padrão dos judeus sefaraditas/forasteiros marroquinos que migraram para a Amazônia no princípio do século XIX.

A capacidade de assumir riscos e penetrar no desconhecido do interior amazônico e de inovar depois no campo do comércio, indústria, profissões e serviços estavam presentes entre os pioneiros judeus e seus descendentes. Esse tipo de cultura e comportamento foi estimulado pela coesão e incentivo familiar e pela boa formação do lar, educação escolar em todos os níveis, pelo espírito de poupança (que alguns interpretam como *sovínice*) e pioneirismo de emulação e competitividade.

Tudo isso junto, aliado ao desejo de se tornar independente, de ter um negócio próprio, de fazer fortuna e de se tornar independente, para poder vencer o preconceito e até a hostilidade, completam e complementam essas qualidades e atributos, que foram responsáveis pelo surgimento de um número tão grande de empresários judeus, mesmo na segunda e terceira gerações. Está ainda presente na quarta geração de profissionais, que buscam uma nova imagem de auto-estima e afirmação pessoal para vencer o antigo estereótipo preconceitual contra o judeu e a vida judaica, pensando assim superar o problema da discriminação que os seus antepassados sofreram através dos milênios.

O grupo judeu que migrou para a Amazônia era um exemplo do dinamismo dos inovadores e empreendedores, de Schumpeter, de luta pela ascensão social e igualdade, de Jefferson, de propensão por ter filhos, de Rostow (as famílias judias pioneiras aspiravam a sempre ter, ao menos, 8 filhos para poderem *nombrar* (lembrar) os pais e avós paternos e maternos (4+4) e se possível ainda homenagear os três patriarcas. Finalmente, eram portadores de um forte vínculo de coesão familiar e auto-ajuda grupal, que induziam à liderança e ascensão econômica e social.

Outro motivo a considerar, nessa busca de interpretação do sucesso familiar judaico, na região, se deve às mulheres e mães judias (**mamitas** em haquitia, para sefaraditas, **idiche-mame** no dialeto dos askenazitas), que além de serem grandes parideiras, eram mulheres que defendiam a integridade do seu lar e tinham uma dedicação extremada pela educação dos filhos. Elas iam ao limite de vender todas as suas jóias e entregar todas as suas economias para que os seus filhos fossem bem-educados nas melhores escolas de todos os níveis. Eram responsáveis, também, pela manutenção das tradições religiosas, da observância do descanso do *Shabat* (sábado), da pureza dos alimentos *Kasher* (observância das leis do *Kashrut* do Levítico sobre o que se pode e não se deve comer), a preparação das

festas e cerimônias religiosas de *Hosh-Hashaná* (ano-novo), *Yom Kipur* (dia do perdão), *Shavuot* (festa da lei), *Sucot* (festa das cabanas), *Purim* (dia da sorte e salvação pela Rainha Esther), Hanuká (festa das luzes dos Macabeus) e pela preparação do *Bar-Mitzvá* (cerimônia de confirmação e integração dos jovens aos 13 anos), sem falar na cerimônia do *Berit-Milah* (circuncisão), que marca a aliança com o patriarca Abraham, o que constitui penoso sacrifício para as famílias que moravam no interior distante, onde não havia **mohel** (profissional que faz a circuncisão).

Dentro do lar também a mãe judia, além de ter que ser *boa de cama*, devia ser *boa de cozinha* para preparar para o marido e filhos a tradicional e deliciosa comida sefardi-marroquina, adaptada aos temperos amazônicos, preparada e servida nos dias de sábado e nos almoços e jantares dos dias festivos: *adafina*, *cuscussu*, *oriça*, *orchata*, *coajada*, *fatia-de-las-paridas*, *almoronia*, *frijuelas*, *chubaiquias*, *binuelas*, *limão-e-pimentão salgado e curado*, *doce de laranja-da-terra* e as famosas *ensaladas* de pimentão, tomate, berinjela e cariru. Mais ainda, devia preparar as famosas *pepas* de sementes de jurumun, para que os maridos as mastigassem durante todo o dia de sábado e, assim, agüentassem passar o *Shabat*, sem fumar cigarro, charuto ou cachimbo.

Por tudo isso, é importante nomear os patronímicos dessas famílias judaicas de origem marroquina e outras origens, que passaram a viver na Amazônia, a partir de 1810. À semelhança do que fiz com os portugueses da **Era dos Jotas**, com os sírio-libaneses da **Era dos Primos**, com os japoneses e niseis da **Era do NPK**. Devido uma grande maioria dos patronímicos das famílias judaicas se iniciarem por *Ben* (em hebraico o prefixo Ben significa filho), denominei o período histórico de sua atuação como a **Era dos Ben**.

Passamos a enumerar e relacionar os 406 sobrenomes dessas matrizes familiares, cujas vozes ancestrais judaicas coloriram e ainda dão som, imagem, calor e vida ao caleidoscópio humano e cul-

tural da Amazônia (*Fonte: Comunidades judaicas de Belém e Manaus e Cadastro das Sepulturas dos quatro cemitérios judaicos de Belém (Cemitério de Soledad – 1848/1881, dos Ingleses – 1860/1871, Cemitério Israelita Antigo do Guamá I – 1883/1970, Cemitério Israelita Novo do Guamá II – 1940/1997, Cemitério de São João Batista de Manaus – 1879/1927, Cemitério Judaico de Manaus – 1928/1997, e mais os Cemitérios Judeus de Cameté, Macapá, Óbidos, Santarém, Itaituba, Parintins, Maués, Itacoatiara e Iquitos*):

PATRONÍMICOS DAS FAMÍLIAS JUDAICO-AMAZÔNICAS

Abecassis	Abejdid	Aben-Athar	Abensur	Abinoz
Abísroar	Abisoror	Abitan	Abtibol	Abraham
Abramowitz	Abtibyl	Abuhana	Abushira	Abzror
Acoca	Acrio	Acris	Adler	Afergan
Afenat	Aflalo	Aguiar	Aguilar	Alcaim
Alcine	Alcolumbre	Altít	Alves	Aman
Amos	Amoy	Amzalak	Anjar	Ansalle
Anselmi	Antabin	Antibyl	Appenzeller	Assar
Assaraf	Assayag	Asserat	Assot	Athias
Auday	Azancot	Azancoth	Azerrad	Azrarri
Azulay	Bacher	Bainerman	Bainerman	Band
Barcessat	Barcilon	Bar-Moshé	Barros	Baruel
Bar-Yehoshúa	Basbaun	Becheton	Beila	Belicha
Belisha	Bemuy	Bemerguí	Bemuyal	Ben-Accon
Benamut	Benarrós	Benasayag	Benassuli	Benassuly
Benathar	Benayon	Benbam	Benchaya	Benchimol
Bencid	Bendahan	Bendelak	Ben-Dilad	Bendrao
Bendráo	Bendriem	Benemond	Ben-Ephraim	Benesby
Benezar	Bengiô	Benguigui	Benhil	Beniflah
Benisti	Benitar	Ben-Jacob	Benjó	Benjoia
Benlolo	Benmiyara	Ben-Muyal	Benotiel	Benragassa
Ben-Sabataí	Bensabath	Bensadon	Bensiman	Bensimon
Ben-Simon	Benssy	Bentes	Bentolila	Benvalid
Benvalid	Benzaken	Benzaquem	Benzecry	Benzion
Berenstein	Berman	Bern	Besso	Bibas
Biderman	Binsus	Biton	Bitran	Block
Blondy	Blum	Bohabot	Bohadana	Bokmiller
Bortman	Botbol	Brandem	Braniska	Brean
Bronstein	Brunschwig	Bugond	Buzaglo	Cadosh
Caen	Cagy	Carlos	Cases	Castiel
Ceboní	Chacon	Chanovisky	Chanovshi	Chencinsky
Chenivesse	Chimit	Chochron	Chocron	Clama
Cohen	Coriat	Dabella	Dahan	David
Dávila	Delmar	Desmar	Dray	Dris

Ecksmoyse	Edelman	Ederly	Efima	Eisenberg
Eisenzstein	Elaluf	Etarrat	Elbaz	Elcaim
Elcair	Eldeman	Etgaly	Elgrabli	Elgrably
Elmatiah	Elmescahy	Emperaf	Ephima	Erruas
Erwini	Eshniqui	Esquenazi	Essabá	Essahy
Essucy	Ezagui	Fahri	Farache	Fassy
Feder	Fichel	Fifih	Fima	Fink
Finkelstein	Fleck	Foinquinos	Foteran	Franco
Frank	Frdonan	Friza	Gabbay	Gandelman
Garson	Gassman	Gelfenstein	Gerzvo.f	Godchau
Gold	Goldberg	Go.dfarb	Goldmann	Gordon
Greed	Greibler	Greidger	Greidinger	Groff
Grosz	Guinon	Gunzburger	Haim	Hakim
Hamani	Hamilton	Hamoy	Hamu	Hanan
Happ	Hars	Hartman	Haserfaty	Hassan
Hatchwel	Hauser	Hazan	Hebron	Herszon
Hirsh	Iapcio	Israel	Jaraslasqui	Kabacznik
Kadosh	Kahan	Kahané	Kahn	Kalichnel
Karp	Karpoff	Katz	Kislanov	Klapish
Klarnet	Klein	Knaffo	Koblenz	Koifman
Kosminsky	Krakoviak	Kriss	Laasry	Labos
Lancry	Lany	Laredo	Larrat	Lassery
Lefkm	Levy	Ley	Libcowitch	Liebman
Lifset	Lifchit	Lifsitch	Lisseman	Macloub
Maguib	Maico	Malca	Maman	Marachí
Marques	Matalon	Matatya	Mathias	Mauchy
Mechcari	Medina	Meguera	Melul	Mendes
Merguí	Meyer	Milkink	Minev	Mocesco
Moreno	Morluf	Muyal	Naftali	Nahman
Nahmiach	Nahmias	Nanon	Natim	Obadia
Ohana	Ohevzion	Orni	Pacifico	Patliz
Pazuelo	Pecher	Perez	Picanik	Pinhakov
Pinto	Politzer	Querub	Rabstein	Rachel
Rason	Ribeiro	Rinazel	Roffé	Rogio
Romerance	Rosevals	Rossou	Rozenski	Ruach
Sabat	Sabbá	Sabnievitz	Sacron	Sadik
Safdie	Safra	Salama	Salgado	Samolsky
Samuel	Saragá	Saroslavshy	Sarraf	Schuler
Schultz	Schwarcz	Schwartz	Sentob	Serfaty
Serigal	Serrulha	Serruya	Shalon	Shem-Tov
Sicsú	Sidi	Siqueira	Slomo	Soares
Sohechile	Startes	Sussman	Suzzanna	Sverner
Tain	Tapiero	Taub	Tayah	Tepperberg
Tobelem	Toledano	Utzinger	Vaich	Vasersstein
Velt	Venouziou	Waite	Wasserman	Weill
Wertheimer	Wiskiter	Wizeltur	Wolff	Yossef
Zagury	Zecy	Zell	Zrenen	Zucker
Csasnik				

Resta ainda indagar a veracidade da base estimada de 1.000 famílias de migrantes judeus-marroquinos e de outras origens, que aportaram na Amazônia brasileira e peruana (Pará, Amazonas e Loreto (Iquitos), a partir de 1810, que serviu de ponto de partida para a nossa estimativa de crescimento populacional. A relação acima menciona apenas 406 patronímicos dos troncos das famílias judaicas. Isto quer dizer que esses nomes – matrizes – compreendiam diversos ramos familiares como Levy, Cohen, Benzecry, Assayag, Benchimol e outros que não eram parentes entre si – a não ser de modo longínquo no passado remoto – e que migraram para a região nesse período. O mais comum dos sobrenomes, como os Levy e Cohen, deve corresponder a muitas dezenas de famílias de migrantes. Assim, a existência de 1.000 famílias originárias, tendo elas apenas 406 sobrenomes, deve estar correta.



IX
O SER, VIVER E FICAR JUDEU

É muito difícil *ser, viver e ficar judeu* em qualquer parte do mundo e, sobretudo, na Amazônia.

O SER JUDEU

Ser judeu implica ser filho de mãe judia, segundo a Hallacha (lei judaica), ou identificar-se com o judaísmo por algum rabino segundo as restritas leis religiosas do judaísmo ortodoxo. Os velhos talmudistas e antigos rabinos diziam que as **conversões** foram responsáveis pela maioria das tragédias, guerras e massacres ao longo dos milênios, causando centenas de milhões de mortes e vítimas da fúria dos exaltados catequistas que queriam impor a sua fé, a ferro e a fogo, aos crentes de outras religiões. Nem o padre Anchieta escapou desse movimento de propagação da fé, quando pregou a conversão dos índios e gentios, mesmo que fosse necessário usar *a espada e a vara de ferro* como instrumento de persuasão.

Milhares são os exemplos deste procedimento, como a conversão forçada dos judeus nos Tempos da Inquisição, a Noite de São Bartolomeu, os conflitos religiosos da Índia e Paquistão, as lutas religiosas entre irlandeses católicos com os protestantes na Grã-Bretanha, as Cruzadas da Idade Média, o Holocausto Nazista da II Grande Guerra, no qual pereceram seis milhões de judeus nos campos de con-

centração e nas câmaras de gás, para que fosse feita a *limpeza do sangue* e restaurada a *uniformidade da fé*.

Por esse motivo os velhos rabinos e talmudistas, quando um candidato não-judeu se propunha a *identificar-se* com o judaísmo (o judaísmo não converte ninguém *apenas o identifica e aceita* como novo irmão na aliança de Abraham), recomendavam dizer *três vezes não*, sempre perguntando *Por que? Por que? Por que?* Na quarta vez se estivessem certo da sinceridade de intenção e dos bons propósitos do postulante, a identificação era feita e o novo companheiro teria de fazer a circuncisão, colocar o *Bar-Mitzvá* para, então, ser considerado judeu e assim cumprir **minyam** (quorum de dez) nas sinagogas.

Esta linha tradicionalista do judaísmo clássico se justificava, pois a maioria dos povos não concedia a cidadania do país aos filhos de pais estrangeiros nascidos em seu território. Era a lei do **jus sanguinis** que ainda vigora em grande parte da Europa e, sobretudo, na Suíça e Alemanha. Neste último, por exemplo, filho de brasileiro e brasileira nascido naqueles países não é considerado cidadão suíço, nem alemão e, sim, brasileiro, com esta cidadania mencionada em seu passaporte e carteira de identidade para todos os fins e efeitos legais. Nos países americanos vigora o **jus soli**, pelo qual o território onde se nasce é que decide a cidadania do nascituro e, assim, filho de qualquer alemão ou japonês, nascido no Brasil é brasileiro e cidadão nato do nosso país para todos os fins de direito.

O judeu, como minoria religiosa, social e cultural, durante o exílio no Egito, na Babilônia e depois da segunda destruição do templo pelas legiões romanas de Tito, no ano 70 da era atual, nos países da diáspora européia sempre viveu considerado como povo deicida e, portanto, excluído da sociedade local. Somente lhe era permitido sobreviver enclausurado nos *platea judeorum* de Roma, *borghetos* da Itália, *ghetos* da Alemanha, Polônia e Lituânia, *juiveirie* da França, *jewery* da Inglaterra, *juderias* da Espanha, *judiarias*

de Portugal, *melahs* do Marrocos e nas vilas e aldeias rurais dos *stetl* judaicos da Rússia, Polônia e Lituânia.

Dentro das muralhas dos guetos, os judeus excluídos e marginalizados não tinham outra alternativa senão a de seguir estritamente as tradições, usos e costumes de sua religião e casar-se com uma prima, vizinha ou noiva escolhida pela mãe ou pelos pais para formar novas alianças entre as famílias. Os casamentos arranjados, naqueles velhos tempos, ajudavam a manter a unidade e integridade da família, pois a noiva ao receber o nome de família do marido se incorporava à nova família, seguia o seu destino, acompanhando para sempre o marido, os pais e avós do seu esposo, os quais, juntamente com os seus, deveriam ser *nombrados* (homenageados com o nome) no batismo dos seus filhos. Por isso, a mãe judia seguia a tradição de ter, no mínimo, 8 filhos: 4 para *nombrar* os pais e avós do marido e 4 para *nombrar* os seus pais e avós, quando falecidos.

Não havendo a menor possibilidade de casamento misto extramuros, o judaísmo adotou o padrão da família endogâmica que, no passado, parece ter sido a norma e o costume de aceitação universal, para a formação de novos casais, em quase todas as religiões existentes. A endogamia religiosa e social se justificava, sociologicamente, pela necessidade de os parceiros serem, assim, melhor conhecidos e afins nos seus atributos, personalidades, idéias, convicções, preferência e gênios. Quanto maiores fossem as identidades das *almas gêmeas* entre os noivos, maiores seriam as chances de felicidade familiar. Por isso os velhos talmudistas e rabinos sugeriam que os rapazes judeus se casassem com as primas ou as vizinhas, pois a velha mãe judia as conheciam de sobra. Outros povos e religiões seguiam também o mesmo costume semita de *judeu casar com judia*: católico com católica, evangélico com evangélica, muçulmano com muçulmana, budista com budista, irmão-de-santo com irmã-de-santo, etc.

O casamento exogâmico, fora do grupo, também existiu e muitos povos e religiões primitivos o praticaram à semelhança do rapto das Sabinas pelos romanos, exemplo clássico e histórico de casamento entre tribos e clãs diferentes. Este exemplo de formação familiar, quando ocorria no mundo antigo, dava origem freqüente a inúmeros conflitos sobre a educação dos filhos e sobre que religião devia ser ensinada e seguida pela filharada. Quando isso ocorria com os judeus, estes eram logo excluídos pela sua própria comunidade, não podiam mais subir a *Sefer* (para ler a *Torah* – a Bíblia), e os seus filhos não seriam aceitos pelo *Kahal* (congregação), a não ser que fossem *identificados* ao judaísmo por algum rabino qualificado, depois de muitos pleitos, súplicas e justificativas, pois o proselitismo e a catequese nunca foram aceitos ou praticados pelo judaísmo.

Ser judeu, portanto, no passado, já limitava a expansão demográfica e aumento da população judaica. Quando as portas do gueto foram abertas e os judeus começaram a freqüentar as Escolas e Universidades leigas do país, o processo de assimilação foi fatal, pois como os judeus haviam sido, desde criança, treinados para aprender desde os 4 anos de idade e a prosseguir a escolaridade média e superior o máximo possível, a educação leiga, não-judaica, fora dos guetos, promoveu não apenas a emancipação do bom judeu, mas também abriu as portas para a sua rápida assimilação e adoção dos padrões culturais e religiosos dominantes nos países onde eles viviam. Por esse motivo, a época do *iluminismo*, *enciclopedismo* e *racionalismo* francês e alemão contribuiu para a *secularização* dos judeus e, assim, passaram a realizar casamentos misto exogâmicos. Desse modo, os seus filhos adotavam a religião da esposa não-judia, com a perda definitiva da identidade judaica dos seus descendentes. A própria mulher judia, de casamento misto, cujos filhos têm direito à identidade judaica, muitas vezes tam-

bém afastava-se da religião dos seus pais, deixando os filhos crescerem sem formação religiosa.

O VIVER JUDEU

Viver judeu sempre foi difícil também porque o judaísmo ortodoxo impõe uma série de restrições e disciplinas aos seus adeptos, que são difíceis de serem cumpridas e que exigem renúncias e sacrifícios pessoais. Já no oitavo dia de nascido, a criança judia é submetida à circuncisão, a sangue-frio, na cerimônia do **berit-milah**, para integrar a Aliança de Abraham Avinu; aos 4 anos tem de ser alfabetizada para começar a estudar a *Torah* (o Pentateuco) e depois, mais tarde, os infundáveis comentários do *Talmud* Babilônico e Jerosolimitano (de Jerusalém). Tem de comparecer todos os dias na sinagoga, colocar os tefelim, só comer comida **kasher** segundo as leis do **kashrut** (da pureza dos alimentos conforme descrito no Levítico), fazer os **taanits** (jejuns) de *Yom Kipur* e muitos outros, como o jejum de Purim, o de *Tishá Beav* (Destruição do Templo); não trabalhar aos sábados; sentar no chão de *abel* (luto) em memória dos seus pais, esposa e filhos durante sete dias; cumprir todas as 613 *mitzvots* (preceitos e mandamentos) da *Torah*; celebrar o ano sabático no qual se deixa a terra descansar durante o sétimo ano, para que os pobres possam colher os seus frutos gratuitamente e a terra recuperar as suas forças, comemorar o *ano jubileu* no quinquagésimo ano (de 49 em 49 anos), quando a propriedade das terras, compradas durante esse período, teria de voltar aos seus primeiros donos, para diminuir o nível de desigualdade entre os homens; tem de fazer **sedaká** (justiça e não *caridade*) para os pobres; visitar os enfermos (**Bicur Holim**, em hebraico); dizer **kadish** (oração pelos mortos) no dia de **nahalá** (data do falecimento) de seus pais e repeti-la no cemitério, nas vésperas de *Yom Kipur*, para relembrar todos os judeus falecidos da comunidade; viver honestamente e com sabedoria; respeitar os

mais velhos; perdoar os desafetos, inimigos e reconciliar-se com eles durante o Dia do *Yom Kipur* (Dia do Perdão), pois Deus, neste dia, somente perdoa as faltas cometidas por ação ou comissão, contra ele, uma vez que as infrações praticadas contra os semelhantes somente os humanos podem perdoar; amar o próximo como a si mesmo. E casar-se com judia, mesmo feia, desde que seja virtuosa e prometa ser uma boa esposa e mãe parideira, para gerar uma grande filhara e descendência.

Esse elenco de deveres e quefazeres obrigatórios são rigorosos e difíceis de serem cumpridos. Daí ser relativamente fácil a assimilação dos judeus àquelas culturas e crenças que ofereçam um melhor *crediário* no cumprimento das promessas e obrigações. Nesse particular, tal qual o judaísmo, todas as principais religiões existentes são também difíceis de serem seguidas, pois os seus preceitos, normas e exigências dos rituais e da liturgia são muito rigorosos, como no catolicismo, protestantismo, islamismo, budismo ou hinduísmo clássico, com os seus jejuns, orações, promessas e até flagelações. O judaísmo, no entanto, sempre foi mais rigoroso e restritivo com os seus estatutos de 613 *mitzvots* (mandamentos) e a formação dos seus mestres e rabinos exigem estudos nas *yeshivás* (seminários) de mais de 15 anos de dedicação à aprendizagem da *Torah* e do *Talmud*, escritos todos em **Lashon-Hakodesh**: língua sagrada do hebraico antigo, escrita na *Torah* sem vogais para permitir diferentes interpretações e ensejar uma releitura da Bíblia, pois esta foi escrita na *linguagem dos homens do seu tempo histórico*.

O cristianismo primitivo – que nasceu como uma seita e dissidência do judaísmo clássico dos fariseus, zelotes, saduceus, essênios, karaítas – eliminou a maioria das restrições e rigores do mosaísmo como a circuncisão, a observância do sábado, os jejuns rigorosos, a lei da pureza dos alimentos (*kasher*) e outras restrições do judaísmo clássico e, com isso, foi possível democratizar e popularizar a nova fé entre os pagãos, graças à existência das sinagogas

espalhadas em todo o mundo grego e romano, que muito ajudaram a difusão do cristianismo. Este logo tornou-se muito ativo e proselitista, tendo chegado ao poder no Império Bizantino, quando o Imperador Constantino Magno, durante o seu reinado (306 a 337 da era atual), adotou o cristianismo como a religião oficial do Estado, chegando a presidir o Concílio de Nicéia, no ano 325 da era cristã.

Por isso, muitos judeus, com a emancipação propiciada pelo mundo moderno e com a declaração dos direitos humanos da Revolução Francesa, deixaram o judaísmo para viver uma vida laica, agnóstica ou para aderir a outras crenças e fé que não fossem tão duras e rigorosas como a religião de seus pais. A educação universitária abriu as portas do mundo leigo e os judeus entraram em massa para as universidades, onde se formaram como doutores, professores e profissionais, que se distanciaram das velhas tradições judaicas na medida em que os pais iam morrendo e a secularização do mundo os atraía para o exercício de importantes funções na sociedade local. Por essa via, a assimilação tornou-se um bom motivo para esquecer o velho labéu e preconceito existente contra os judeus mercadores e vendedores de roupa velha e usurários, as únicas funções permitidas aos velhos judeus dos guetos e juderias de todo o mundo.

Nesse mundo mais aberto e livre, o *viver judeu* foi ficando mais difícil e assim a população judaica no mundo, ao longo de gerações, foi perdendo força e densidade numérica. Por outro lado, os programas de extermínio, limpeza de sangue e, por final, o Holocausto Nazista fizeram decrescer sensivelmente a população judaica de 16 milhões, antes da guerra, para os 13 milhões atuais, cinquenta anos após a ocorrência do extermínio em massa nos campos de concentração e nas câmaras de gás da Alemanha e Polônia. Este último holocausto não matou apenas 6 milhões de judeus. Ele eliminou, pelo menos, mais 12 milhões, se computarmos os filhos, netos e descendentes, que não puderam nascer em vista do morticínio de seus

pais e avós. Um professor da Universidade de Jerusalém, especialista em demografia judaica, provou-me, certa vez, que a população judaica na diáspora deveria ser hoje superior a um bilhão de pessoas, caso não houvesse ocorrido, nesses últimos dois mil anos, tantos massacres, morticínios, perseguições, conversões forçadas, assimilação e secularização.

Apesar de todos os pesares, muitos continuaram a *viver* como judeus e judias, embora, com o passar das gerações, o número fosse ficando mais reduzido depois de tantos *progroms*, massacres e também de tantas tentações que o mundo leigo e moderno oferecia com a sua emancipação social, econômica e política.

O *ser e viver judeu* foi ficando, assim, mais difícil, pois cada etapa da vida judaica exigia um contínuo aprendizado e uma série de obrigações. Vejamos o que diz o **Pirkeit Avot** (A Ética dos Pais), que é um livro da sabedoria talmúdica e rabínica sobre a educação e as diferentes fases existenciais da vida do ser humano:

Iehuda, filho de Temá, dizia:

- *aos cinco anos o homem deve começar o estudo da Torah (Pentateuco).*
- *aos dez anos inicia-se o estudo da Mishnáh (Lei Oral).*
- *aos treze anos é tempo de pôr Tefelim e fazer o Bar-Mitzvá (maioridade religiosa).*
- *aos quinze anos é época de aprender o Talmud (ampliação da Mishnáh e comentário da Torah).*
- *aos dezoito anos deve-se casar.*
- *aos vinte anos chega-se à idade da vida ativa.*
- *aos trinta anos chega-se à plenitude da força e do vigor.*
- *aos quarenta anos entra-se na idade da prudência.*
- *aos cinquenta anos já se pode dar bons conselhos.*
- *aos sessenta anos começa-se a envelhecer.*
- *aos setenta anos vira-se velho.*

- aos oitenta anos perde-se as forças.
- aos noventa anos entra-se na decrepitude e se anda curvo.
- aos cem anos é como se estivesse morto, passado e já não se pertence a este mundo.

Viver judia – Se o viver judeu sempre foi um teimoso ofício de fé e renúncia pessoal, calcula-se o que a sua *alma gêmea* e cara-meta-de judia tinha de fazer para bem cumprir a sua missão na Terra. Existe na liturgia judaica do *Shabat* (Sábado) uma apologia à mulher – o *Eshet Chail* – atribuída ao Rei Salomão, que exalta a judia virtuosa, cumpridora de suas obrigações de esposa e mãe exemplar. Este hino, sob a forma de prece e agradecimento, é lido antes de dizer o *Kidush* de *Shabat* (Santificação do Sábado) e após o canto do *Shalom Aleichem*.

Pelo que se vai ler, a seguir, bem se pode deduzir por que os deveres e encargos da mulher e mãe judia tornaram o *ser judia* cada dia mais difícil. Diz o hino *Eshet Chail* (mulher virtuosa):

- *A mulher virtuosa, quem a pode achar? Porque o seu valor em muito excede ao das pérolas. O coração do marido confia nela e ela nunca lhe faltará.*
- *Ela faz o bem todos os dias da sua vida;*
- *Ela busca lã e linho e de bom grado trabalha com as suas mãos;*
- *Ela traz o seu pão, mesmo que tenha que buscá-lo de longe com os navios mercantes;*
- *Ela se levanta quando ainda está escuro e dá mantimentos à sua casa e dá tarefas às suas escravas;*
- *Ela estuda e analisa o campo para comprá-lo;*
- *Ela planta a vinha com o fruto das suas mãos;*
- *Ela cinge os seus ombros de fortaleza e fortalece os seus braços;*

- *Ela sabe e percebe quando um negócio é proveitoso;*
- *Ela não apaga a chama da luz quando a noite chega;*
- *Ela estende as suas mãos e palmas para fiar e tecer;*
- *Ela abre a palma da mão para o pobre e atende o necessitado;*
- *Ela não tem medo da neve e protege a sua família com os vestidos de lã escarlata;*
- *Ela faz para si vestidos e cobertas de linho finíssimo e de púrpura;*
- *Ela faz as roupas de seu marido para que este se sinta bem junto aos anciãos da Terra;*
- *Ela faz túnicas de linho e contas para vender aos negociantes;*
- *Ela tem força e dignidade no seu exterior e alegra-se com esta honra;*
- *Ela abre a boca com sabedoria e a lei da benevolência está na sua língua;*
- *Ela olha a arrumação, limpeza e o bom andamento de sua casa e não come o pão da preguiça;*
- *Ela acorda os seus filhos bem cedo e este a chamam de bem-aventurada;*
- *O seu marido então a louva dizendo: muitas mulheres têm procedido virtuosamente mas tu a todas elas sobrepujas;*
- *A graça é enganadora e a formosura é vã, mas a mulher que tem o Eterno, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos e nas portas da cidade ela seja louvada pelas suas obras.*

O FICAR JUDEU

Ficar judeu – Também não é fácil permanecer judeu para sempre, pois isto significa manter as tradições sociais e espirituais, cumprir as 613 *mitzvot* (mandamentos e preceitos) do judaísmo e

repassar estes valores e identidade aos seus filhos e netos, assegurando assim a continuidade e sucessão das gerações para manter acesa a chama do judaísmo no presente e no futuro.

Essa continuidade do *ficar judeu* implica na persistência e no propósito arraigado de permanecer com a sua identidade cultural e transmiti-la por via de sucessão biológica, estabelecendo a ponte entre o passado e o futuro, por intermédio da solidariedade diacrônica entre as gerações.

Para tanto, é necessário preservar valores por meio da sinagoga, escola e clubes judaicos, dar motivação, modernizar, aperfeiçoar e enfrentar o desafio dos jovens que exigem, talvez, a atualização e abrandamento de alguns cânones e costumes que foram necessários no passado, mas que não têm sentido para as gerações atuais, mais permissivas e livres dos costumes familiares e sociais.

Por isso, o judaísmo busca, hoje, por meio de diversas correntes, manter essa frágil unidade criando, ao lado do segmento tradicionalista ortodoxo, os setores do judaísmo conservador, liberal e até reformista, que representam os quatro movimentos religiosos dentro do movimento judeu, tanto em Israel como em todos aqueles países que ainda possuem comunidades judaicas numerosas.

Ocorre, também, que o *ficar judeu* depende da coesão e densidade numérica do grupo familiar. À medida que essa coesão e densidade demográfica diminui é difícil transmitir o sentimento do *ficar judeu* na segunda, terceira e quarta gerações. Em muitas cidades e lugares mais remotos da Amazônia, por exemplo, com a crise econômica dos anos 20 e 30, poucos judeus ficaram nas suas pequenas cidades e povoados locais. A maioria tinha se transferido para Belém e Manaus. Os que ficaram não tinham mais Judias para consorciar-se, pois os jovens judeus e judias foram os primeiros a iniciar o êxodo rural para as metrópoles regionais. Desse modo, foram totalmente assimilados.


Esqueceram a memória dos seus pais, adotaram outros valores e crenças e seus filhos se incorporaram à grande massa da maioria da população nativa. Sobraram, apenas, os sobrenomes, pois os nomes bíblicos foram todos substituídos pelos Joões e Marias da população nativa. A memória ficou, apenas, nos cemitérios judeus dessas pequenas localidades, cujas lápides de mármore estão sendo retiradas pela população pobre e necessitada, para fazer pias de cozinha, talvez sem nenhuma intenção de sacrilégio ou profanação. A extrema pobreza os levou a usurpar, de modo predatório, uma relíquia e uma memória que faz parte integrante da história e do passado de suas comunidades.

Por isso, o erudito escritor Ellie Wiesel, em março de 1986, escreveu as seguintes reflexões sobre esse tema:

Asi como el hombre necessita a sus semejantes para sentir-se hombre, el judío necessita a los suyos para sentir-se judío. Su seguridad radica en la comunidad que lo ayuda a sobrevivir y realizar-se. Nunca pude imaginar a un judío que no estuviera rodeado por sus correligionarios. En la alegría como tanto en la pena: Un judío solo es un judío en peligro.

He aprendido que los judíos debemos estar involucrados en todas las empresas humanas y sociales. Que debemos ser sensibles a todas las formas de injusticia, a toda las dimensiones de la agonía y del tormento. El Talmud dice que Dios nos hizo un favor cuando nos dispersó entre las naciones, pero – en realidad – les hizo un favor a ellas también. Gracias a nuestra presencia, las naciones tienen una mejor conciencia de la miseria humana en todas las partes (Wiesel, 1986).

X
DEMOGRAFIA JUDAICA
OS 283.859 JUDEUS-CABOCLOS DA AMAZÔNIA

 Um número muito grande de famílias judaicas desapareceram para o judaísmo, pois seus descendentes no interior foram incorporados e integrados à massa anônima dos caboclos empobrecidos, que adotaram o culto católico, evangélico, espiritista e até umbandista, esquecendo de vez as suas origens ancestrais judaicas. Pelos nossos cálculos existem, hoje, em toda a Amazônia, cerca de 283.859 Judeus-caboclos, descendentes dos sefaraditas e forasteiros do Marrocos e de askenazitas europeus, cujas primeiras levas de migrantes chegaram à região a partir de 1810.

O rabino Abraham Hamu, da Comunidade Judaica de Belém, em entrevista concedida ao jornalista Henrique Veltman, calculou a existência de um grupo de judeus-caboclos em torno de 50.000 a 60.000, e muita gente considerou exagerada essa hipótese demográfica. Ocorre que, pelos meus cálculos e estudos, como logo demonstraremos, ele está certo na sua tese, embora em muito subavaliasse o número de descendentes não-judeus de pais e avós sefaraditas marroquinos (Veltman, 1983: 16).

O professor Jaime Benchimol, mestre em Economia e Administração pela Universidade de Berkeley, Califórnia, USA, ex-professor de Microeconomia da Universidade Federal do Amazonas e que tem, também, uma boa mente lógica e matemática, ensinou-me a fórmula algébrica aproximada, para calcular a população hipotética judai-

ca atual e de seus descendentes, a partir da chegada dos judeus sefarditas e forasteiros do Marrocos e de outras origens judaicas na Amazônia, entre os anos de 1810 (ano inicial da imigração) a 1910 (ano do final do *boom* do ciclo da borracha, quando caíram, drasticamente, todas as migrações para a região).

Como os migrantes judeus foram chegando à Amazônia ao longo dos cem anos, de 1810 a 1910, teremos de usar a média aritmética aproximativa, trabalhando, assim, como se todas as 1.000 famílias judaicas tivessem chegado em 1860 ($1810 + 1910 : 2 = 1860$) da era atual. Neste caso, como se trata de calcular o crescimento populacional vegetativo, partindo da base demográfica inicial, o período reprodutivo ficaria reduzido a 137 anos ($1997 - 1860 = 137$). Nesta hipótese, o cálculo do crescimento vegetativo da população judaico-amazônica, no período de 1860 a 1997 (137 anos), e considerando uma média razoável de crescimento, de 3% ao ano, idêntica à da população brasileira daquele período (pois hoje o crescimento é menos de 2%), poderia ser obtido adotando a seguinte fórmula:

$$PI (1 + i)^n$$

onde *PI* é a população inicial de 5.000 judeus (1.000 famílias x 5 membros integrantes), *i* fosse a taxa anual de crescimento vegetativo (estimada em 3% (0,03) ao ano) e *n* fosse o número de anos decorrentes entre o ano-base de 1860 e o ano atual de 1997, que é igual a 137. A equação acima ficaria assim expressa:

$$PI (1 + i)^n = \text{população judaica hipotética e seus descendentes}$$

Substituindo as incógnitas pelos valores, chegaremos ao seguinte resultado hipotético:

$$5.000 (1 + 0,03)^{137} = 57,37 \times 5.000 = 286.859 \text{ habitantes}$$

O número acima, de 286.859 habitantes provenientes de ascendência judaica, na Amazônia, pode parecer um absurdo matemático, face à existência atual de apenas 750 famílias, correspondente a 3.000 judeus praticantes (na base de 4 pessoas por família), assim distribuídos:

Famílias judias atuais	Comunidade judaico-amazônica	N.º habitantes judeus praticantes
430	Belém	1.720
200	Manaus	800
120	Comunidade judaico-amazônica na diáspora carioca, paulista e estrangeira	480
750		3.000

TAXA DE ASSIMILAÇÃO DA POPULAÇÃO JUDAICO-AMAZÔNICA

Este número da população potencial judaico-amazônica e seus descendentes, existentes em 1997, não é tão absurda assim se considerarmos a alta taxa de assimilação, aculturação e integração à sociedade regional. Essa taxa de assimilação pode ser calculada e estimada como o foi, segundo a fórmula desenvolvida pelo professor Jaime Benchimol.

Considerando que o número atual de famílias judaicas praticantes existentes em Belém, Manaus e nas comunidades judias-amazônicas na diáspora carioca, paulista e no exterior é atualmente de 750 famílias, com 3.000 pessoas e considerando que a população potencial hipotética deveria ter sido de 286.859 habitantes de judeus e descendentes, conforme foi demonstrado, poderemos calcular a taxa de assimilação, aculturação e integração judaica à comunidade regional não-judaica, usando a seguinte fórmula:

$$1 + a = \sqrt[n]{\frac{PJDAH}{PJPAR}}$$

onde α é a taxa de assimilação, $PJDAH$, a população judaica descendente atual e hipotética (286.859), $PJPAR$, a população judaica praticante atual e real (3.000), n é o número de anos decorridos entre o ano-base (1860) e o ano atual (1997), que é igual a 137.

Aplicando a fórmula acima teremos o seguinte resultado da taxa de assimilação:

$$1 + a = \sqrt[137]{\frac{286.859}{3.000}} = \sqrt[137]{95,62} = 1,0338 \quad \backslash \quad a = 3,38\% \text{ ao ano}$$

Assim, a taxa de assimilação anual equivaleu à média a 3,38% ao ano, ao longo dos 137 anos, resultando numa população judaica atual real de 3.000 pessoas em 1997, menor do que daquela população judaica de 5.000 pessoas no ano-base de 1860. Isto equivale dizer que a taxa de reprodução demográfica anual de 3% ao ano foi insuficiente para manter o nível esperado de crescimento da população judaica efetiva, em face da alta taxa de assimilação de 3,38% ao ano, resultado que de um potencial demográfico matemático de 286.859 descendentes, somente permanecessem 3.000 judeus praticantes, que conservam a memória e a identidade judaica na Amazônia.

A conclusão é de que o *ficar judeu*, para transferir a herança e a cultura ancestral às gerações familiares subseqüentes, foi ficando, cada vez mais, difícil em face da perda da memória e da identidade judaica, à medida que as décadas passam e as gerações se sucedem.

Face a essa tendência decrescente o judaísmo procurou, sob diversas formas e tendências, manter acesa a chama ancestral da *Torah*. Isto se reflete nas diversas denominações religiosas do judaísmo moderno que se refletem nas correntes dos judeus ortodoxos, conservadores, liberais e reformistas. Todos buscando, a seu modo, a sobrevivência e preservação da memória e da identidade judaicas.

Com esta alta taxa de assimilação judaica à sociedade leiga e não-judaica, fácil é concluir que o judeu é o cidadão mais facilmente assimilável, contrariando todas as teorias e afirmações anti-semitas de que eles são inassimiláveis e formam enclaves segregadores dentro da sociedade envolvente. Ao contrário, por não praticar proselitismo e face às dificuldades crescentes de *ser, viver e ficar judeu* no mundo moderno, conforme demonstramos, o judaísmo vem decrescendo em número, apesar dos esforços das comunidades judaicas na Amazônia e em todo o mundo.

O exemplo bem patente desse fato ficou demonstrado no caso dos judeus da Amazônia, que apesar de haverem gerado uma população de descendentes de 286.859 habitantes, no período de 1860 a 1997, somente 3.000 permaneceram fiéis à sua memória e identidade, tendo o remanescente de 283.859 habitantes sido totalmente assimilados por outros cultos, crenças, ou se tornaram leigos e agnósticos.

Entre os 3.000 judeus praticamente remanescentes (630 famílias judaicas de Belém e Manaus e 120 famílias de judeus-amazônicos na diáspora carioca, paulista e do exterior), não existe uniformidade tradicionalista. Entre eles coexistem, ao lado dos religiosos que praticam as leis da *Halacha* (leis religiosas) e do *Kashrut* (pureza dos alimentos), uma grande maioria de judeus conservadores, liberais, semi-religiosos, judeus leigos que permanecem, cultural e sociologicamente, identificados e integrados na comunidade judaica, mas que pouco freqüenta a sinagoga e cumpre as suas obrigações e *mizvots* (mandamentos).

CENSO DOS DESCENDENTES DE TRÊS FAMÍLIAS JUDAICO-AMAZÔNICAS

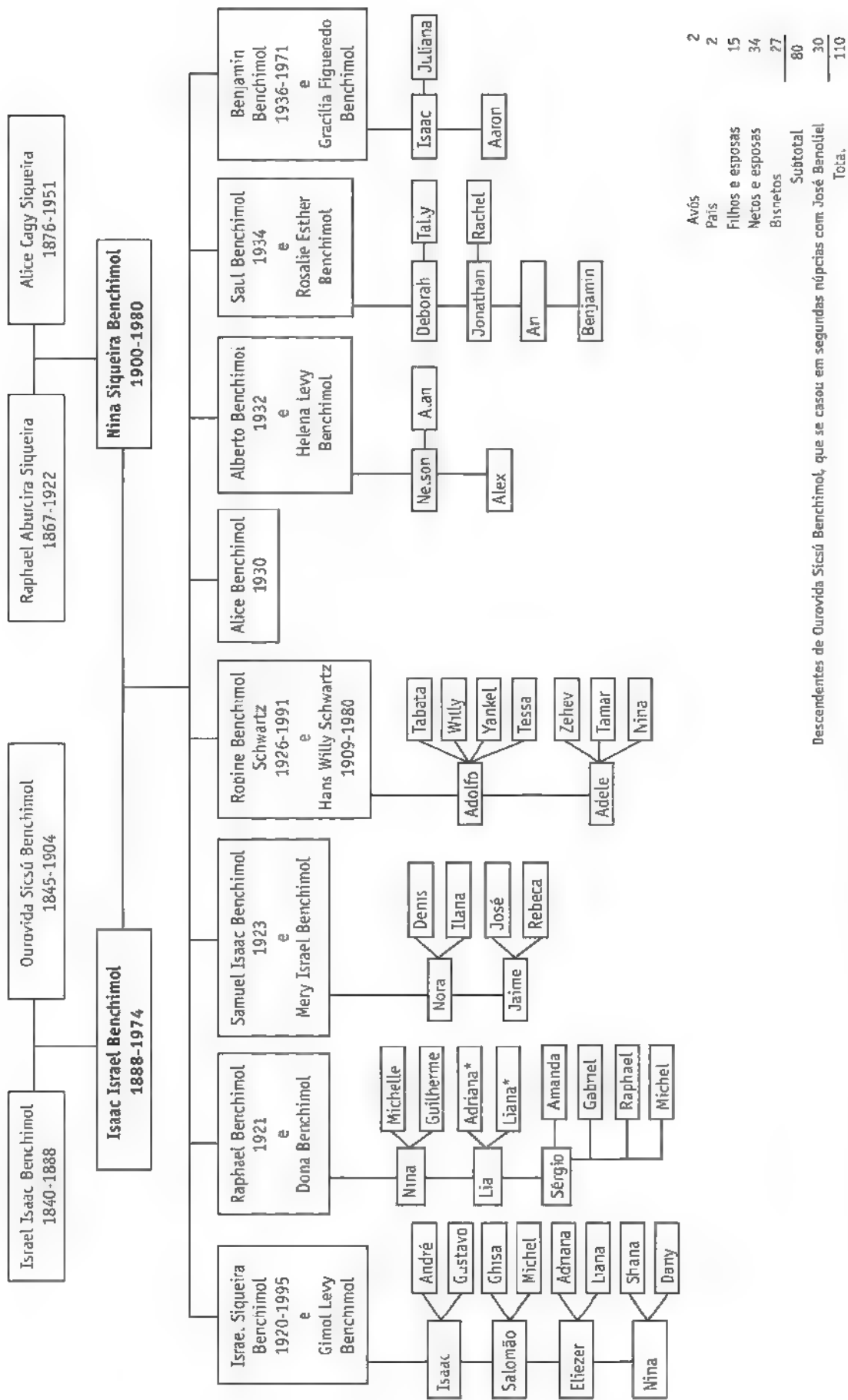
Pode parecer exagero os cálculos do capítulo anterior, quando chegamos à conclusão de que as mil famílias de judeus que chega-

ram à Amazônia, no período de 1810 a 1910, geraram, ao longo de 137 anos, 286.859 descendentes, dos quais apenas 3.000 permaneceram judeus praticantes e o remanescente de 283.859 foram assimilados, perderam a sua memória e identidade, incorporando-se à massa da população regional.

Apesar da prova matemática, cujo resultado é consequência de uma progressão geométrica, vamos agora analisar três exemplos de famílias judias do Amazonas, por meio da contagem do número de seus descendentes, para melhor comprovar essa taxa de crescimento exponencial.

Escolhemos, a propósito, três famílias pioneiras – a de *Israel Isaac Benchimol*, que veio de Tânger por volta de 1860, viveu em Itaituba – Pará e teve um só filho – *Isaac Israel Benchimol* – em 1888, porque veio a falecer oito meses após o nascimento deste. Mesmo assim, ele teve 80 descendentes, acrescidos de mais 30 pelo lado da mãe, que se casou em segundas núpcias. O segundo exemplo é a família de *Jacob Messod Benzecry*, nascido em Tetuan e que chegou a Belém do Pará em 1892. Ele teve dez filhos, que somados com os filhos do seu irmão José, geraram 400 descendentes. O terceiro exemplo é o da família de dois irmãos: *Isaac Abraham Assayag* e *Simão Abraham Assayag*, ambos naturais de Tetuan, chegaram a Parintins no final do século XIX e tiveram perto de 800 descendentes. Essas três famílias geraram uma prole de 1.310 descendentes judeus em aproximadamente cem anos, como demonstram as três árvores genealógicas seguintes.

ÁRVORE GENEALÓGICA

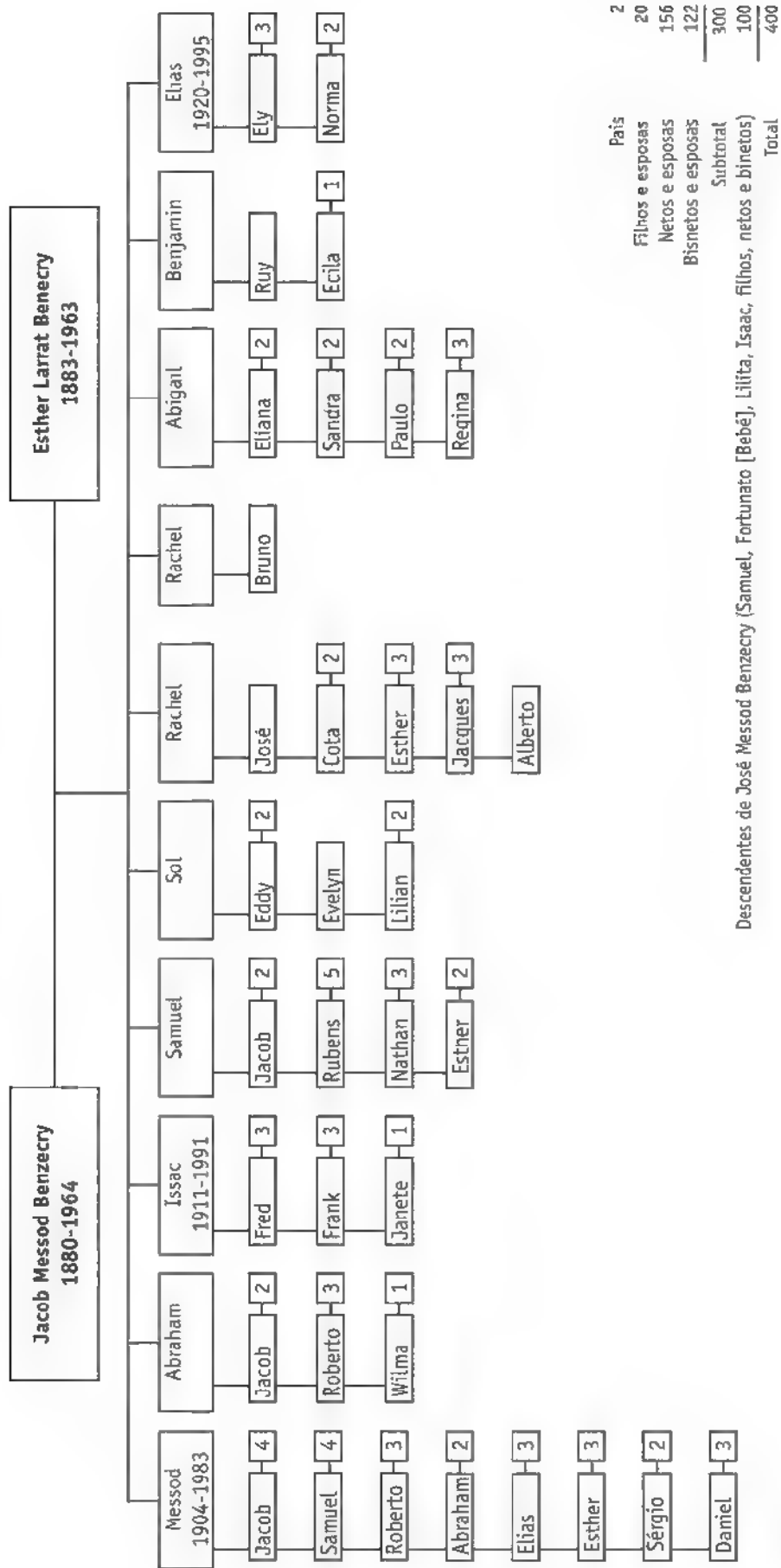


Avós	2
Pais	2
Filhos e esposas	15
Netos e esposas	34
Bisnetos	27
Subtotal	80
Total com José Benoliel	
	30
Total	110

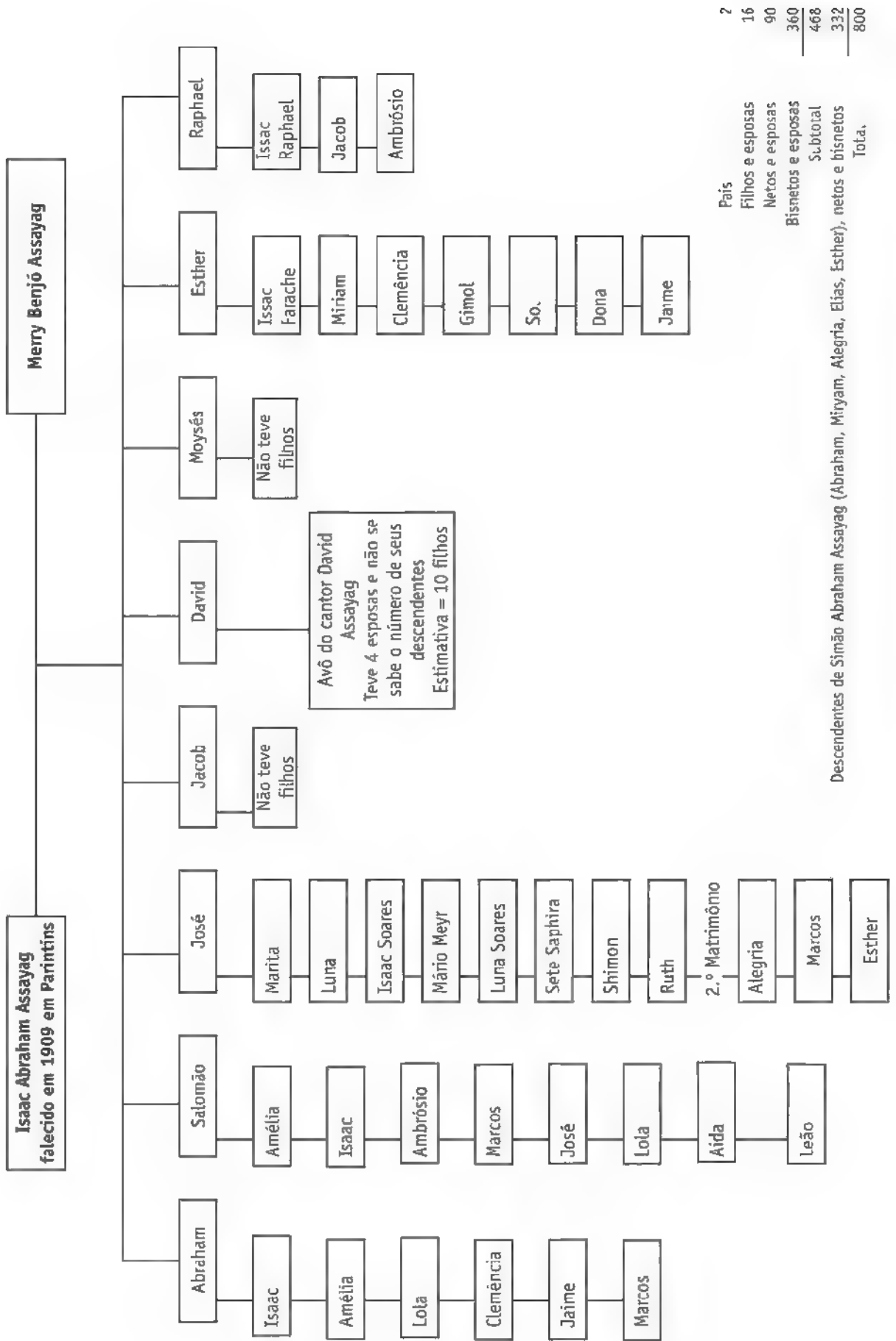
Descendentes de Ourovída Sicsú Benchimol, que se casou em segundas núpcias com José Benoliel.

Não incluímos nesta árvore genealógica os descendentes do tio-avô Abraham Isaac Benchimol, irmão de Israel Isaac Benchimol, que teve uma grande descendência gerada com o sobrenome de família dos Bentes de Belem, Manaus e Rio de Janeiro, em virtude da sua filha Estrela Benchimol haver casado com Ramiro Maysés Bentes, ela natural de Boim e ele de Itaituba-PA.

ÁRVORE GENEALÓGICA DE JACOB MESSOD BENZECRY



ÁRVORE GENEALÓGICA DE ISAAC ABRAHAM ASSAYAG



Pais	2
Filhos e esposas	16
Netos e esposas	90
Bisnetos e esposas	360
Subtotal	468
Descendentes de Simão Abraham Assayag (Abraham, Minyam, Alegria, Elias, Esther), netos e bisnetos	332
Tota.	800

Descendentes de Simão Abraham Assayag (Abraham, Minyam, Alegria, Elias, Esther), netos e bisnetos

CLASSIFICAÇÃO, CLIVAGEM, NUANÇAS E TIPOS DE JUDEUS

Existem entre os judeus diferentes tipos, classificações, clivagens e nuances engraçadas que os distinguem entre si: os *sinagogueiros* assíduos, os *arbitistas* (comparecem ao *arbit* da sexta-feira à noite), os *sabatistas* (que vão à sinagoga aos sábados), os *pascoalistas* (que vão ao templo somente durante os dias festivos de *Pessah*, *Sucot*, *Shabuot*, *Hosh-Hashaná*, *Yom Kipur*, *Hanuká*, etc.), os *nahalistas* (que só vão à sinagoga uma vez por ano para orar o *kadish* em memória do seu pai), os *kipuristas* (que comparecem ao culto judaico somente no dia do perdão). Entre estes últimos também existe uma nova subclassificação, dependendo do tempo de estada na sinagoga: existem os *kolnidreístas* (que só vão assistir a oração do *kolnidrei* da véspera de *Yom Kipur*, quando se pede a anulação dos votos e promessas feitos de modo indesejado e insensato, porque não podem ser cumpridos), os *neilaístas* (que só aparecem no encerramento da oração de *Neiláh* de *Yom Kipur*, às 18 horas) na vã esperança de receber o perdão de Deus na undécima hora; os *shofaristas* que nem assistem à hora de *Neiláh*, somente chegam apressados para assistir os três toques da *shofar* (*tekiáh*, *shevarim*, *teruáh*), quando se anuncia o perdão e se relembra a identidade judaica. E, por fim, o menos judeu dos judeus, os *frijuelistas* que não fazem mais **taanit** (jejum), que não vão mais à sinagoga, mas que comparecem, pontualmente, na hora da boca-livre para comer as gostosas *frijuelas* (pastéis de fina massa frita embebidas em licor de laranja e canela) com o saboroso chocolate ou café com gemada, que as mães judias tradicionalmente preparam para quebrar o longo jejum de *Yom Kipur* (Estas *frijuelas*, nos informa o rev. pe. Jesus Hortal, S. J., são apelidadas de *judias*, ainda hoje, na Espanha).

Além de todos estes tipos e subtipos folclóricos de judeus, existe ainda o pior de todos: o *mearaísta* (*Mearáh*, em haquitia, quer dizer cemitério), que é aquele judeu que se excluiu do judaísmo

durante toda a sua vida, mas que se relembra de sua condição na hora da morte, e faz questão de chamar a Hebrá e receber sepultura judaica no cemitério comunal.

A estes judeus remanescentes se juntam aos **jutólicos** (resultado do casamento de judeu com católica), os **catodeus** (oriundos do casamento de católico com judia), os judeus bissextos e os cristãos-novos, crentes, evangélicos, espíritas, umbandistas, leigos, agnósticos, ateus e todos aqueles de descendência judaica que somam um potencial demográfico matemático de 286.859 pessoas. Dos quais 283.859 se tornaram *judeus-caboclos*, absorvidos e integrados pela sociedade regional, com perda quase total de sua identidade, restando talvez alguns sobrenomes sefaraditas e forasteiros das famílias judias marroquinas e de outras origens que vieram para a *Eretz Amazônia*.

Por esses motivos e pela mesma razão, o Brasil se tornou a maior nação marrana do mundo, com cerca de dezesseis milhões de judeus descendentes – equivalente a dez por cento da população nacional – se considerarmos todos os judeus, cripto-judeus, cristãos-novos e descendentes que aqui chegaram desde o descobrimento em 1500, pois a maioria dos degredados colonos eram de origem luso-hebraica. Se formos contar todos os Oliveira, Monteiro, Pereira, Siqueira, Pinheiro, Ferreira, Silveira, Pinto, Bentes, Silva, Alves e outros patronímicos que os cristãos-novos portugueses adotaram – geralmente nomes de árvores, bichos, lugares, cores, pedras – facilmente chegaremos à conclusão de que o Brasil tem mais descendentes de judeus do que a atual população judaica do mundo, perto de treze milhões de habitantes.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

A erosão da memória, o esquecimento e enfraquecimento da identidade original judaica, tal qual como vinha sendo praticada pe-

los seus antepassados, não é própria apenas do judaísmo. Esse olvido e sombreamento das linhas tradicionalistas, com suas mudanças de freqüência, compasso e ritmo vêm ocorrendo, também, em quase todas as outras religiões co-irmãs da humanidade. Novos rituais, releituras, liturgias, exigências, linguagens, músicas e hinários vêm sendo renovados e adaptados às exigências e solicitações do mundo moderno.

O *ser-viver-ficar* e *sobreviver* judeu aplica-se também aos cristãos católicos e evangélicos, cujos rigores antigos vêm sendo amenizados, para incentivar a maior afluência de crentes às sinagogas, igrejas e templos, com o objetivo de permitir a maior formação de quadros de sacerdotes, o ponto mais sensível nesse esforço de renovação, sem perda da qualidade acadêmica e escolástica.

Neste particular, os mais sacrificados são os padres católicos, que necessitam para a sua formação, ao menos, quinze anos de estudos em seminários e academias teológicas, tal qual a escolarização exigida aos rabinos em suas **yeshivás**. Aos padres, no entanto, se exigem, como prova de sua vocação e dedicação religiosa, o supremo sacrifício dos votos de pobreza, obediência e castidade, o que faz diminuir o número de sacerdotes para dirigir as igrejas e paróquias. Eles devem ser olhados com admiração e respeito, pois nem sempre o seu sacrifício pessoal é acompanhado de reconhecimento público e de uma maior afluência às suas igrejas, basílicas e catedrais. Os protestantes e evangélicos tornaram o ofício de pastores menos rigoroso e mais ameno na sua formação doutrinária, pois a sua formação sacerdotal permite um curso de especialização e pós-graduação *lato sensu*, ao invés do rigorismo católico e rabínico dos mestrados e doutorados *stricto sensu*.

As dificuldades, rigores e exigências aplicadas, tanto aos sacerdotes e mestres rabinos quanto aos fiéis e crentes de todas as religiões, podem levar à falsa e ambígua conclusão de que a comunidade espiritualista do mundo ocidental de judeus, católicos e

evangélicos esteja em declínio e decadência. A releitura desse processo é outra: a relativa perda de memória e de identidade está apenas sendo renovada pelas mudanças e transformações para se adaptar às contingências dos novos tempos, superando, inclusive, os velhos preconceitos, rivalidades e fanatismos fundamentalistas.

O movimento ecumênico cristão-judeu visa exatamente superar os anátemas e vilipêndios acumulados, ao longo dos milênios, por simples culpa do fervor e fanatismo missionário imperial, que pensava expandir a fé e o espaço mesmo ao preço da submissão forçada das almas e vidas humanas do dilema *batismo* ou *morte*, que resultou em tanto sofrimento nos breviários e suplícios dos autos-de-fé.

O novo espiritualismo que está surgindo é mais fraterno e cooperativo, menos sectário e mais humano ao aceitar o princípio bíblico de que a *Casa do Senhor tem muitas moradas* e, por isso, todas religiões devem ser respeitadas e estimuladas para poder enfrentar o assédio da secularização do materialismo, do existencialismo virtual e dionisíaco dos prazeres efêmeros e passageiros em prejuízo dos valores permanentes e eternos.

Olhados por esse novo prisma e por esta nova ótica, didática e dialética, podemos afirmar que os movimentos religiosos, tanto do cristianismo como do judaísmo, estão passando por surpreendente fase de renovação e ressurgimento, apesar da existência de tantas correntes folclóricas aqui descritas dos chamados judeus e cristãos bissextos.

Não se trata apenas de **aggiornamento** no sentido italiano do moderno e contemporâneo. Objetiva-se agora revigorar a memória, identidade, virtudes e compromissos da antiga aliança entre o criador e a criatura. Há um novo sentimento de orgulho, alegria e a satisfação nesse renascimento e busca de uma nova comunhão de crenças e fiéis em todas as casas de oração. Entre os católicos, o surgimento do movimento carismático e das pastorais está fazendo renascer o orgulho de ser, viver e ficar católico. O mesmo ocorre en-

tre os protestantes, evangélicos e pentecostalistas que se expandem e se tornam felizes e recompensados pela sua condição existencial de *crentes*.

O mesmo está ocorrendo com o judaísmo contemporâneo em quase todos os lugares do mundo, inclusive na Amazônia. Apesar do não proselitismo e da resistência às mudanças dos tradicionalismos culturais, as novas *esnogas* dos judeus hispano-marroquinos da região – em substituição à velha sinagoga, assim chamada pelos setenta sábios judeus, que fizeram, em Alexandria, a primeira tradução bíblica da Septuaginta para o grego, durante o reinado de Ptolomeu II – anos de 285 a 244 antes da era atual – estão sendo renovadas e revitalizadas pelos jovens.

Esta busca de raízes e orgulho de identidade e memórias está fazendo renascer um novo espírito de fé, religiosidade e de comunhão existencial judaicas. Inclusive com a maior participação das mulheres nas diversas sinagogas, com a introdução do *bat-mitzvat* para as jovens, o que representa um considerável avanço da sinagoga patriarcal, que presta sua homenagem e se rende ao matriarcado da família judia, pois chegou-se à conclusão de que a sobrevivência do judaísmo, em grande parte, está vinculada ao destino e à dedicação das mulheres judias.

O orgulho de ser judeu é semelhante e igual ao brio, altivez e dignidade do ser católico e do ser evangélico. Parece-nos que a tendência atual do despertar do sentimento religioso se deve ao fato de que o mundo está se tornando, cada vez, mais largo, estranho, impessoal e **ajeno**. Para vencer este estado de espírito avassalador e veloz dos novos padrões virtuais e do digitalismo informático, só nos resta apelar para a família e para os companheiros que partilham os mesmos anseios, idéias, crenças e valores culturais.

A restauração, renascimento e o novo orgulho e fidelidade de ser judeu, católico e evangélico – sem rivalidades, nem ressentimentos de opróbrio e vilipêndio, mais humano no puro sentimento do

amor e fraternidade – constituem uma nova mensagem a ser ouvida e praticada nas vésperas e nos amanhãs do terceiro milênio.

CRESCEI E MULTIPLICAIVOS

No sexto dia da criação, segundo o Gênesis (1: 28), Deus criou o homem e a mulher, os abençoou e disse: *Crescei e multiplicai-vos, e enchei a Terra*. Os judeus e judias da Amazônia, seguindo o mandamento bíblico, cresceram e se multiplicaram às centenas de milhares em pouco mais de um século. E ao fazerem se dispersaram por todos os rios, beiradões, flutuantes, barracões, tapiris, seringais, povoados, lugarejos, vilas e cidades da região. Essa dispersão foi o motivo e a causa de sua assimilação e perda da memória e identidade judaica. Ou como disse Ellie Wiesel (1985): *Un judio solo es un judio en peligro*.

A princípio, a mulher judia acompanhava o marido para onde ele ia, mesmo nos longínquos ermos da fronteira, levando na sua bagagem os *telefins*, o *talet*, a *kipá*, os *sidurim*, para que o marido continuasse sendo judeu na selva. A mãe judia, por sua vez, além das suas obrigações de esposa e parideira, acumulava também as funções de professora, levando sempre consigo a cartilha do ABC, a tabuada e os cadernos clássicos de caligrafia, para que os seus filhos começassem logo aos quatro anos aprender a ler, contar e escrever. Com o passar do tempo tornou-se difícil manter esse esquema e estratégia de sobrevivência.

Era mais fácil para a mãe judia ficar morando numa cidadezinha próxima, onde tivesse pelo menos uma parteira para ajudar a parir os filhos e um *mohel* para fazer a circuncisão dos curumins, enquanto o marido se aventurava rio acima com o seu batelão de regatão, vendendo suprimento e comprando produtos regionais. Ocorre que, como todo e qualquer regatão que se preza, a função exige

a parada em todos os portos de lenha, para se abastecer de combustível, ou para fazer negócios.

Longe da mulher o pai judeu, mesmo como disse o escritor Raymundo Morais (1926): *não sendo chegado a um rabo-de-saia*, foi namorando e se juntando com as caboclas do beiradão e fazendo filhos por *fora*, a torto e a direito. Como as distâncias eram muito grandes e os portos de lenha, barracões e flutuantes muito numerosos, a repetência dessas cenas de acasalamento momentâneo e oportunista foi se disseminando e se tornando comum e costumeiro entre os regatões e comerciantes ambulantes, tanto judeus como depois os sírio-libaneses que os sucederam.

Quando os regatões judeus voltavam para a sua base, ou vila, onde morava a sua esposa e filhos, era para engravidar a sua mulher mais uma vez, a fim de poder *nombrar* mais um de seus avós paternos ou maternos. Desse modo, a população de descendentes judeus cresceu dos dois lados: pela parte da mãe, os filhos se multiplicavam, ano sim, ano não, de modo a formar a prole clássica de oito filhos; pela parte das mulheres nativas, do interior e do beiradão, os filhos também se multiplicavam sem conta e muitos deles acabaram sendo perfilhados e recebendo o sobrenome do pai.

Assim, a descendência judaica se multiplicou, em progressão geométrica, atingindo os 283.859 judeus-caboclos da Amazônia, conforme vimos em capítulo anterior.

Resta indagar, ao final, por que, com tantos descendentes, existem tão poucos – apenas 1.846 hebreus enterrados em cemitérios judeus, com suas lápides de mármore frio e caracteres em hebraico e português.

Apesar de haver um tão grande número de descendentes judeus – a maioria completamente assimilados e absorvidos pela cultura local de outras seitas e crenças – poucos permanecem fiéis ao judaísmo, pois o *ser, viver, ficar e sobreviver judeu* foi ficando, cada vez, mais difícil, à medida que as décadas foram decorrendo e os tron-

cos das famílias marroquinas se dispersavam na imensidão da selva. Esses descendentes, quando morriam, eram enterrados de qualquer modo, no beiradão dos barrancos do rio, nos seringais, no meio da mata, ou no primeiro cemitério municipal mais perto que se encontrasse. Ou colocado o seu cadáver sozinho numa simples canoa ou *montaria*, que se deixava descer e correr rio abaixo, como era costumeiro entre os velhos e tradicionais caboclos da região – que tinham medo, superstição e não gostavam de ter sepulturas em suas roças e sítios – até que uma alma caridosa recolhesse o cadáver e fizesse o seu enterro em qualquer lugar, ou fosse simplesmente devorado pelos peixes predadores e carnívoros.

A memória de dezenas de milhares de judeus-marroquinos e seus descendentes ficou, assim, perdida para sempre: a selva e o rio se encarregaram de apagar os vestígios de sua passagem pela Terra. Outros judeus quando ficavam doentes em suas vilas, iam morrer em Belém, Manaus ou Rio de Janeiro e, por isso, cidades como Cametá, que chegou a ter mais de 7.000 judeus, segundo o rabino Abraham Hamu (Veltman, 1983: 4), enterrou apenas 76 judeus nas frias e velhas sepulturas do seu cemitério judeu, que hoje está sendo vítima de profanação, pois o mármore branco de carrara das sepulturas está sendo usado para fazer pias de cozinha e mesas da população local empobrecida.

Muitas outras famílias judias migraram, na época da depressão, e foram viver na diáspora do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades, onde criaram ou adotaram as suas sinagogas amazônicas, como a Shel Guemilut Hassadim, da rua Rodrigo de Brito, no Rio de Janeiro, acabando os seus dias nos cemitérios comunitários dessas cidades.

A história dos judeus na Amazônia é longa, sofrida, pioneira e grandiosa. Começou na **Guezerá Negra** dos judeus da Espanha e Portugal, onde passaram 1.000 anos e 40 gerações nas juderias e aljamas. Expulsos, foram para o Exílio – Guehinam, no Marrocos, on-

de passaram 300 anos e 12 gerações. Vieram para a *Eretz Amazônia* – *A Nova Terra da Promissão*, a partir de 1810, onde passaram a viver e trabalhar para reconstruir o seu lar judeu, adotar e integrar-se à nova pátria, no país democrático e livre do povo brasileiro.

XI
HISTÓRIAS DE VIDA DE
ALGUNS JUDEUS-AMAZÔNICOS

Toda vida tem uma história para ser contada e que pode servir de exemplo e testemunha do tempo vivido. Por meio desses viveres e biografias de homens, mulheres, famílias e empresas, os sociólogos e antropólogos podem descobrir e surpreender muitas razões, motivos e valores que impulsionam a história. Como resultado do estudo desses vultos e personagens, pode-se compreender e descobrir o elo entre as gerações, o início ou o fim de uma era ou época. O princípio, o meio e o fim da própria história da sociedade, com suas identidades e descontinuidades.

Esta pesquisa individual conta apenas parte do ser e do dever ser da dinâmica social, pois faz parte e é integrante dela. Esses exemplos devem ser inseridos nos valores maiores do coletivo, do social e do cultural. Modos de ser, pensar, agir, trabalhar, fazer, educar e outros valores sociais, naturais e preternaturais individualizados ajudam a melhor entender a teia, trama e urdidura do tecido social e dão cor, calor, vida e enredo às forças da memória e da identidade judaicas.

Por este motivo, selecionamos alguns nomes de judeus e judias do passado que nos podem traçar um perfil daqueles tempos vividos. O texto integral dessas histórias de vida será publicado no se-

gundo volume desta pesquisa. Agora publicaremos apenas o nome e o título das histórias de vida desses personagens:

- 1 B. Levy & Cia: De Ceuta ao Seringal Remanso.
- 2 Raphael Benoliel: O monopólio que a natureza nos deu e o homem nos tirou.
- 3 Isaac Benayon Sabbá: O pioneiro da industrialização da Amazônia.
- 4 Isaac Jacob Benzecry: O empreendedor e inovador.
- 5 Isaac Israel Benchimol: Um patriarca e desbravador do rio Abunã.
- 6 Dona Cotinha Sabbá Israel: Eshet Chail é exemplo de mulher judia.
- 7 Judah Elias Israel: Um Leão Inglês na Província do Grão-Pará.
- 8 A Casa de Dona Sol Israel salva as crianças judias do interior.
- 9 Isaac Pinhas Melul: Professor, Melamed e *Shaliah* Tsibur – uma vida de 106 anos a serviço da comunidade de Belém.
- 10 Levy Obadia: *Shaliah* Tsibur, Haham e Cabalista – uma vida servindo o ishuv paraense.
- 11 Morluf Pepe Larrat: Chefe de la Hebrá Kadishá – enterrando os mortos e saudando os vivos.
- 12 David Benzaquen: *Shaliah* Tsibur e Melamed da Shaar Ashamayin – uma voz canta na Esnoga da Arcipreste.

- 13 Isaac Roffé: O mais rico judeu de Belém cria e educa as suas sete filhas.
- 14 Shalom Dahan: Um judeu cego de Alenquer ensina a *Torah* de cor e salteado.
- 15 Juda Eliezer Levy: Um engenheiro judeu, arquiteta e constrói três sinagogas.
- 16 Abraham Ramiro Bentes: Um pobre menino judeu de Itaituba entra na Escola do Realengo.
- 17 Os Elmescany de Óbidos: Rabinos, *Shaliah*, doutores e médicos.
- 18 Inácio Obadia: Morê e Bal-Korê – ensina os jovens e lê os antigos pergaminhos da *Torah*.
- 19 Jacob Azulay: Sheliah Tsibur, Melamed e Sofer (escriba) – 40 anos servindo o ishuv amazonense.
- 20 Moyses Salomão Cohen: Um Coanita na Terra dos Parintintins.
- 21 O Lar Judeu da Dona Luna comemora as páscoas no interior do Amazonas.
- 22 Isaac e Simão: Dois Asssayag dão vida à Ilha de Tupinambarana.
- 23 Salomão Jacob Levy: Um Levita na Terra dos Maués.
- 24 Vida de Moyses y Abraham Pinto en la jungla del Amazonas.
- 25 David José Israel: Um humilde guarda-livros vira jornalista e escritor.

- 26 Cinco comandantes judeus: Três Benemond, um Benayon e um Siqueira assumem o comando do leme dos vaticanos, chatas e gaiolas.
- 27 Isaac José Perez: Um coronel-de-barranco vira prefeito, revoluciona e urbaniza a cidade de Itacoatiara.
- 28 David José Perez: Nasceu em Breves, viveu em Itacoatiara e Belém, tornou-se erudito e sábio hebraísta e latinista na diáspora carioca de judeus-amazônicos.
- 29 Raphael e Alberto Benchimol: Dois médicos judeus-amazônicos tratam dos olhos e do coração na diáspora do Rio de Janeiro e do Arizona.
- 30 Um médico judeu-russo dedica e consagra a sua vida para tratar e cuidar dos índios da Amazônia: Noel Nutels – A Majestade do Xingu, segundo Moacyr Scliar.
- 31 Sol Mendes: Uma mãe judia de coragem defende os seus: *Que venga los otros!*
- 32 Shalom H. Moyal: um rabino faz milagres e o povo alcança a graça e paga a promessa.
- 33 Receita da Vovó Judia Marroquina: como fazer adafina, oriça e cuscusu.
- 34 Haquitia Sem Mestre: Aprenda cem palavras, palavrões, bênçãos e maldições em *haquitia* para parecer erudito e melhorar o senso de humor de sua conversa.

XII
COMUNIDADES JUDAICAS DE BELÉM E
MANAUS: RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS
JUDIA-AMAZÔNICAS

As comunidades judaico-amazônicas, depois de decorridos mais de cento e oitenta anos da chegada dos primeiros imigrantes em 1810, e após o período de expansão e interiorização durante o ciclo da borracha, foram se agrupando e urbanizando em torno de Belém e Manaus.

Na vasta hinterlândia que possuíam numerosas famílias e comunidades judias no passado distante, somente restou a memória dos cemitérios judeus e das sepulturas nos maiores municípios das muitas vilas, povoados e cidades e a lembrança de muitos líderes e personagens judeus que, no passado, contribuíram para a vida e prosperidade desses lugares.

A urbanização e metropolização da vida judaica na Amazônia levou, como vimos, a um alto grau de profissionalização da maioria dos jovens da nova geração, muito embora ainda existam numerosas empresas comerciais, industriais e de serviços nessas duas cidades-capitais.

A comunidade de Belém é a matriz do judaísmo amazônico, tendo conseguido manter as tradições religiosas e culturais do judaísmo por meio de suas três sinagogas – Essel Abraham, Shaar Hashamayin e a Beit Habad – que mantêm os serviços comunais que

funcionam com diretoria própria, independente do Centro Israelita do Pará. Este tem a função de promover e coordenar as atividades culturais, juntamente com o Clube Benfica, agora transformado em Hebraica. As três congregações reúnem perto de 430 famílias, com aproximadamente 1.800 correligionários.

A comunidade de Manaus, cuja criação é mais recente, é um desdobramento da congregação-mãe de Belém, que lhe supre grande parte da liderança religiosa dos oficiantes e leitores da *Torah* (*Baal-Koré*), pois conseguiu manter e transmitir durante muitos anos a educação judaica de seus jovens. A congregação de Manaus possui quase 200 famílias, com aproximadamente 800 correligionários que pertencem à congregação da Esnoga Beth-Yaacov/Rabi Meyr e ao Clube A Hebraica, onde além das atividades sociais e culturais funciona, também, uma pequena escola para o ensino de hebraico. Possui também os serviços de socorros espirituais de *Hebrá-Kadishá* e do Cemitério Comunal Judeu. A comunidade de Belém possui três rabinos: o rabino Abraham Hamu e o rabino Moysés Elmesca-ny, do Centro Israelita do Pará, e o rabino Disraeli Zagury, do Grupo Beit Chabad. As sinagogas Shaar Hashamayin e Beit Chabad são mais conservadoras, enquanto que a Sinagoga Essel Abraham é conservadora-tradicionalista-moderada, assim como a Sinagoga Beth-Yaakov/Reby Meyr da congregação de Manaus.

Do ponto de vista de recursos, a comunidade de Manaus é bem mais dotada do que a de Belém, pois, em virtude da existência da Zona Franca de Manaus, surgiram muitas empresas de propriedade de judeus locais e de outras origens, tanto comerciais como industriais, o que concorre para o aumento dos recursos financeiros desta comunidade.

Ambas as comunidades, todavia, estão passando por uma fase e período crítico de adaptação aos novos tempos, evidenciado pelo aumento do número de casamentos mistos, relativa perda da memória e identidade decorrentes da crescente assimilação dos

usos e costumes leigos, que se distanciam daqueles valores tradicionais do judaísmo conservador. Está sendo realizado, todavia, intenso trabalho de educação junto aos jovens, para dar continuidade à cadeia de sucessão entre as gerações, preservando os valores básicos do judaísmo, dando-lhes um sentido atual sem perder, contudo, os fundamentos da sua identidade social e cultural.

A fim de registrar a memória atual das congregações judaicas de Belém e Manaus, estamos relacionando, a seguir, os nomes das respectivas famílias pertencentes a essas comunidades.

RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS JUDAICAS DE BELÉM

Nome	Cônjuge
Aarão Isaac Serruya	Orovida Serruya
Aarão Maluf Gabbay	Maria Alice Gabbay
Aba Rascovschi	Oro Rascovschi
Abraham Anijar	
Abraham Assayag	Durvalina Assayag
Abraham Barcessat Bemergui	
Abraham Bemergui	
Abraham Dinar Ohana	Estrela Ohana
Abraham Fabrizio Bendayan	
Abraham Isaac Benzecry	
Abraham Pepe Larrat	
Abraham Serfaty	Maria das Graças Serfaty
Acéa Raichel Azulay	
Agostinho Ribeiro Barros	Esther Benchimol Barros
Agostinho Ribeiro Barros Jr.	Va.éria Maria P. Barros
Aida Zagury Pará	
Alan Kabaczniak Zatz	
Albert Samuel Gabbay	Ceci Gabbay
Alberto de Matos Serruya	Myriam Serruya
Alberto Jacob Serruya	Ory Israel Serruya
Alberto Menasseh Zagury	
Alegria Anijar Benzecry	
Alegria Bemerguy Gabbay	
Alegria Dahar	
Alegria Nahon Zagury	
Alegria Soares	
Alfredo Abitbol	
Alida Levy	
Alírio Saraiva Serruya	Mercedes Serruya

Nome	Cônjuge
Amélia Bemerguy	
André Teixeira Dias	Jaqueline Oregel Dias
Anta Anijar	
Antônio Carlos R. da Costa	Ruth Larrat da Costa
Ari Zugman	Noêmia Zugman
Arlete Melul	
Aurenir Soares Serruya Bitran	
Aziza Clara Bitran	
Aziza Serruya	
Aziza Serruya Benmuyal	
Barbara Gambôa Serruya	
Bela Serruya	
Benjamin Abraham Ohana	Waldemice Ohana
Benjamin Joseph Israel	Eliane Israel
Brunno Serruya	
Carlos Alberto da Rocha	Bonina B. Rocha
Carlos Antônio de Araújo	Anette S. de Araújo
Carlos de Matos Serruya	Marília Serruya
Celeste Serqueira Serruya	
Charles Hamu	
Charles Leon Serruya	
Cidalia Saraiva Serruya Bitran	
Clara Aguiar Benchimol	
Clara Benotiel Vasconcelos	
Claude Messod Hamanie	Mery Hamanie
Cláudio Rodrigues de Souza	Raquel Bemerguy Souza
Clóvis Amorim de Oliveira	Pérola Zecry de Oliveira
Cota Larrat	
Cota Levy	
Cota Melul Danan	
Dan Raphael Levy	
Damei Barcessat	
Danielle Serfaty	
Darcy Bitran	
David Aarão S. Serruya Bitran	
David Aben-Athar	Nícia Aben-Athar
David Benzecry	
David Gabbay	Ruth B. Gabbay
David Jacob Serruya	Myrian Barcessat Serruya
David José Tobelém	Clara Tobelém
David Leon Serruya	Rosa Maria Nunes Serruya
David Marcos Nahon	
David Marcos Tobe.ém	Cearacy Tobetém
David Moysés Tobelém	
David Pereira Serfaty	
Deborah Bemerguy Gabay	

Nome	Cônjuge
Demerval Dalledone	Raquel Pazuello Dalledone
Dêmio Maués Viana	Gabriela Athias Viana
Dinah Afialo Ohana	
Dione Pereira Serfaty	
Disraely Menasseh Zagury	Sarah Noemi C. Zagury
Donnina Amzlak	
Douglas Leão Serruya	
Edgar Contente	Clara Aguiar Contente
Edmundo Barros Maia	Ceeste Obadia Maia
Edmundo Lauria Sobrinho	Lilian Clara Lauria
Eduardo M. Jacob Benzecry	Ana Unger Benzecry
Efram Bentes	
Eli Chocron	
Elias Aarão Serruya	Nádia de A. Serruya
Elias David Dahan	Martene Tobelém Dahan
Elias Elmescay	Helena Karp Elmescany
Elias Farage	Syme Benchaya Farage
Elias Gerardes Gabbay	
Elias Isaac Serruya	
Elias Jacob Benchaya	
Elias José David Israel	Sarah Israel
Elias Leão Israel	Adriana Farag Israel
Elias Leão Serruya	Orovida Serruya
Elias Marcos Pinto	Alegria Cohen Pinto
Elias Messod Benzecry	Safira Benzecry
Elias Meyr Ohana	
Elias Ohana	
Elias Pazuello	Renne Pazuello
Elias Pinto de Almeida	Helena Benzecry Almeida
Elias Salomão Bemuyal	Raquel Azulay Bemuyal
Elias Salomão Mendes	Clara Nahon Mendes
Eliezer Athias	Vera Maria Alice Athias
Eliza Sarraf	
Elizer Jayme Levy	
Emanoel Zagury Tourinho	
Emília Belicha Nahon	
Esmeralda Cohen	
Esther Bemuyal	
Esther Benchimol Barros	
Esther Elgranby	
Esther Melul	
Esther Moysés Bemuyal	
Esther Rossy	
Esther Serruya	
Esther Serruya Sicsú	
Esther Zagury Silva	

Nome	Cônjuge
Estrela Bentes	
Estrela Bentes Serruya	
Estrela Pazuello	
Estrela Tobelém	
Fábio Unger	Esther Unger
Fábio Vasconcelos	Nina Vasconcelos
Fernando A. C. Miranda	Michele Larrat Miranda
Fernando Botelho	
Fernando Brasil Couto	Sandra Oregel Couto
Fernando Carrut Rêgo	Simone Soares Rêgo
Fernando E. da Silva	Esther Zagury Silva
Fernando José Elarrat	Cristina Elarrat
Fortunato Athias	Raquelita Athias
Fortunato Chocron	
Fortunato Lancry	Vilma Lancry
Francisco Cal	Raquel Barcessat Cal
Francisco de Canindé G. Pimentel	
Franklin Samuel Levy	Virgínia Levy
Geraldo Oliveira	Suely Larrat Oliveira
Gersino Ferreira Júnior	Orovida Benmuyal Ferreira
Gerson Menasseh Zagury	Nancy Zagury
Gerson Pinto	
Gimol Bemerguy Gabbay	
Gimol Benimol	
Halia Fima	
Hanna Levy Soares	
Harry David Serruya	Ana Serruya
Hector Saul Morel	Esther Lúcia A. Mohel
Helena Aben-Athar Bemerguy	
Henrique Berman	Dina Berman
Hernan Bendayan	Nair Rodrigues Bendayan
Inácio Obadia	
Isaac Aarão Serruya	
Isaac Abraham Serruya	Dafna Serruya
Isaac Abtibol	Maria das Graças Abitbol
Isaac Aguiar	Consuelo C. Aguiar
Isaac Barcessat	Clara B. Barcessat
Isaac Benguigui	Pérola Nahon Benguigui
Isaac David Azulay	
Isaac David Nahon	Rosângela O. Nahon
Isaac Elias Israel	Messod S Israel
Isaac Elmesany	Myriam Elmesany
Isaac Jacob Serruya	Milda Franco Serruya
Isaac Jayme Serruya	Orovida Serruya
Isaac Joseph Israel	Ângela Israel
Isaac Pepe Larrat	

Nome	Cônjuge
Isaac Raichel Azulay	Simone R. Azulay
Isaac Ramiro Bentes	Milene Soares Bentes
Isaac Salomao Mendes	Ivone Gabbay Mendes
Isaac Samuel Benchimol	Zilma Gomes Benchimol
Isaac Serruya	Cécia Leite Serruya
Isaac Soares	
Itajaí de Albuquerque	Esther B. Albuquerque
Jacinto Aben Athar	Creuza Aben Athar
Jacob Aben-Athar	Cota Nahon Aben-Athar
Jacob Benchaya	Mery J. Benchaya
Jacob Dahan	Alegria Zagury Danan
Jacob David Serruya	Esther Cohen Serruya
Jacob Gabbay	
Jacob Jayme Pinto	Maria Pinto
Jacob Lancry	Syme Bemuyal Lancry
Jacob Maluf Gabbay	Esther Gabbay
Jacob Messod Benzecry	Helena Obadia Benzecry
Jacob Orengei	Margareth Serruya Orengei
Jacob Rafael Soares	Vera Lúcia Soares
Jayme Benathar Assayag	Sarah Assayag
Jayme Elias Bentolila	Ivanilda Vélia Bentolila
Jayme Elmescany	Esther Elmescany
Jayme Isaac Benzecry	
Jayme Ruben Pazuello	Jovina M. Pazuello
Jayme Soares	Vera Alice B. Soares
Jimmy Joseph Israel	Júlia Stela Israel
João Augusto Lobato Silva	Simile Aben-Athar
Joel Leão Serruya	
José Abraham Benchimol	Irani Benchimol
José Aflalo	Pérola Tobelém Silva
José Assayag Sobrinho	Aioledes Quadros Assayag
José B. Serruya	Fleuryce Serruya
José Bemuyal Zagury	
José Bencid	
José Bohadana	
José Canen	Raquel Gabbay Canen
José Elias Zagury	Syme Aben-Athar Zagury
José Inácio Nardi	Clara Pinto Nardi
José Isaac Benzecry	Vera B. Benzecry
José Isaac Serruya	Lise Barcessat Serruya
José Jacob Benzecry	Jaqueline Benzecry
José Jacob Essucy	Esther Vânia Essucy
José Jacob Serruya	Gêma Serruya
José Jayme Levy	Cláudia Levy
José Leão Serruya	Cláudia Aboul Serruya
José Messod Azulay	Messody Azulay

Nome	Cônjuge
José Oregel	Belizia Abitbol Oregel
José Samuel Benzecry	Orovida S. Benzecry
José Serruya Bitran	
José Tobelém	Mery Alcomumbre Tobelém
Júlia Bemuyal Zagury	
Júlia Tobelém	
Julius Serruya	
Kedma Faria Tavares	
Léa Obadia Aben-Athar	
Léa Serruya	
Leão Aguiar	
Leão Aguiar Neto	Reina Abitbol Aguiar
Leão Dinar Ohana	
Leão Elias Israel	Alice A. Israel
Leão Isaac Serruya	Alegria Serruya
Leão Salomão Aguiar	
Leão Unger	
Ledícia Serruya	
Ledicia Zagury Benzecry	
Léo de Matos Serruya	Conceição Serruya
Levy Anijar	
Levy Mayer Obadia	Ruth Alves Obadia
Lia Serruya Bemuyal	
Lidia Essucy	
Lucíola Teixeira Serruya	
Lucy Prienken Larrat	
Luiz A. Barite de Carvalho	Silvia Helena Benchimol
Luiz Afonso Sefer	Camile Bemerguy Sefer
Luiz Eduardo Santos Silva	Syme Soares Silva
Luiz Felipe de Melo Filho	Messody Bemerguy Melo
Luiz Fonseca	Pérola Serfaty Fonseca
Luiz Gonzaga da Silva	Pérola Athias Silva
Luiz Otávio Pontes	Bonina Bemerguy Pontes
Luna Nahmias	
Luna Zagury	
Luz Abensur Bemerguy	
Maír Serfaty	Ana Maria C. Serfaty
Manoel Marques Silva Neto	Vanja Rachel Bentes
Mara Lúcia Benchimol	
Marcelo Berman	Kátia Corrêa Berman
Marcelo H. Lisboa dos Santos	Gina Júlia S. Santos
Marcelo Serruya	
Marcelo Serruya Bitran	
Márcio Guerra	Frida Azulay Guerra
Marcos Abitbol Neto	Maria Helena Abitbol
Marcos Alcaim	Mery Azulay Alcaim

Nome	Cônjuge
Marcos Belicha Alves	Alegria Gabbay Alves
Marcos Benquigui	M. ^a Graças Benquigui
Marcos David Nahon	Sandra Serruya Nahon
Marcos Jayme Belicha	Alegria G. Belicha
Marcos José Nahon	Graça Nazaré Nahon
Marcos Oregel	Laura César Oregel
Marcos Salomão Pinto	
Marcos Serruya	Ceteste Pinto Serruya
Marcos Soares	Edna L. B. Soares
Margareth Serruya Oregel	
Maria do Carmos Lima Pinto	
Mariana Benarrós	
Mário Fernandes Medeiros Jr.	Suely Serruya Medeiros
Maurício Berman	Clara Berman
Max Barcessat Bemerguy	Paula M. Bemerguy
Max Gabbay	
Max Jacob Pinto	Tejma Suely Pinto
Mayer Levy Obadia	Haziza Anijar Obadia
Menahen Serruya	Erna Serruya
Menasseh José Nahon	
Menasseh José Zagury	Messody Athias Zagury
Menasseh Leon Nahmias	Darkler Aires Nahmias
Mendel Eliasquevici	Rubida Eliasquevici
Mercedes Zagury	
Mery Levy Bentes	
Mery Melul	
Mery Serfaty Cohen	
Messody Bemerguy Gabbay Pereira	
Messody Levy Barcessat	Myriam L. Barcessat
Messody Mendes Azulay	
Messody Roffé	
Messody Serruya Bentes	
Messody Serruya Bitran Silva	
Moacir Stein	Ruth Linda Benchimo. Stein
Moisés Auday	
Moisés Cohen	
Moisés David Nahon	Graciete O. Nahon
Moisés Elmescany	
Moisés Hernan Bandayan	
Moisés Isaac Bemerguy	Alita Bensimon Bemerguy
Moisés Leon Nahmias	Conceição Nahmias
Moisés Levy	
Moisés Marcos Alves	Raquel B. Alves
Moisés Pepe Larrat	
Morse Shimon Israel	Sigalitte Israel
Moyses Barcessat	Belizia Aben-Athar

Nome	Cônjuge
Moysés Isaac Benchimol	
Moysés Isaac Benzecry	Suely Benzecry
Moysés Leao Melul	
Moysés Maurício Hamoy	Rivetle G. Benchimol
Myriam Athias Bendahan	
Myriam Barcessat Bemerguy	
Myriam Bensimon	
Myriam Gabbay Assayag	
Myriam Nahmias	
Myriam Serruya Bitran	
Narciso Nahon	
Natan Levy	
Nazareno Tourinho	Myriam Zaquy Tourinho
Nelson de Matos Serruya	Maria Perpétuo S. Serruya
Nelson Pinto	Iana Barcessat Pinto
Nissim Aben-Athar	
Nissim Marcos Tobelém	
Nissim Pepe Larrat	Valdiva Faraco Larrat
Norma Suely Serruya Sicsú	
Odilson Ferreira Jr.	
Oro Bemerguy Gabbay	
Orovida B. Serruya	
Oscar Luzi Goldemberg	Eliane Martins Goldemberg
Osmar Tadeu Miranda	Nadia Larrat Miranda
Oswaldo Alcântara	Luciléia Athias Alcântara
Paulo Carneiro Freitas	Cota Benzecry Freitas
Paulo César Arruda	Pérola Bendayan Arruda
Paulo Loureiro	Myriam Bentes Loureiro
Paulo Roffé Borges	
Paulo Sérgio Weyl A. Costa	Susane Serruya Weyl Costa
Pepe Marcos Tobelém	Sunny Obadia Tobelém
Pérola Tobelém Benchimol	
Preciada Levy Athias	
Rachel Laredo	
Rachel Moysés Benmuyal	
Rachel Ohana	
Rafael M. Ohana	
Rafael Moisés Alves	
Raif Jorge Majad	Léa Benarrós Mauad
Raimundo F. Serruya	Jandira S. Serruya
Raimundo Salin Kalili	
Ramiro Bentes	Janete Serruya Bentes
Ramiro Jayme Bentes	Esther Bemerguy Bentes
Raphael Isaac Bemerguy	Mariéda F. Bemerguy
Raphael Levy	Alida Viégas Levy
Raquel Aben-Athar Pinto	

Nome

Raquel Fima de Castro
Raquel Isaac Bemerguy
Raquel Serruya Gabbay
Raquel Soares
Raquel Tobelém
Rau. dos Santos Júnior
Rebeca Coeli Alves
Reina Benzecry
Reina Serruya
Reina Silva
Renée Alves
Ricardo Unger
Ricas Bibas de Castro
Roberto Maluf Gabbay
Rodnaly da Silva Maia
Ronaldo Luongo
Rosilene R. Serruya Bitran
Ruben Ronaldo Serruya
Ruth Léa Bemerguy
Ruy Aguiar
Sabrina Serruya
Salomão Elias Benmuyal
Salomão José Tobelém
Salomão José Zagury
Salomão Mendes
Salomão Soares
Salvador Leon Nahmias
Samuel Abraham Serruya
Samuel Aguiar
Samuel Albert Gabbay
Samuel Athias
Samuel Elias Gabbay
Samuel G. Rodrigues
Samuel Hilel Benchaya
Samuel Joseph Israel
Samuel Kabacznik
Samuel Moysés Levy
Samuel Ramiro Bentes
Sandra Raque. Sicsú de Paula
Sarah Benchimol
Sarah Benfenaty
Sarah Roffé Borges
Scott Anderson
Sebastião Carvalho
Sérgio Elarrat
Sérgio Luiz Meneschy

Cônjuge

Léa Serfaty Ferreira

Simone Assayag Unger

Raquel Kabacznik Luongo

Rosângela Serruya

Deise Oliveira Aguiar

Elaine Benmuyal

Raquel Larrat Soares
Vera Nahmias

Maria José Aguiar
Myriam S. Gabbay

Sonia Suley Pinto
Edna Hilel Benchaya
Hanna Belicha Israel
Alegria A. Kabacznik
Débora Levy
Vera Lúcia Cruz Bentes

Lilian Serruya Anderson
Felicidade B. Carvalho

Lyliam Bemerguy Meneschy

Nome	Cônjuge
Simão Bentes	Fortuna Larrat Bentes
Simão de Oliveira	Deborah Pinto Oliveira
Simao Hernan Bandayan	
Simão Isaac Benzecry	Maria Rosa F. Benzecry
Simão Jacob Benchaya	Sonia Maria Benchaya
Simão Zatz	Elka Zatz
Sonia Abadia	
Sultana Bentes	
Sultana Cohen	
Sultana Serruya	
Syme Alves	
Syme Gabbay	
Syme Larrat Tobelém	
Syme Pazuello Mendes	
Syme Soares Rossi	
Vanja Bentes	
Walter Vidal Foinquinos	Lourdes Foinquinos
Welton Pimentel	Helena Obadia Pimentel
Yeda Kaatz Nahon	
Yossef Kabacznik	Jóia Kabacznik
Zacarias Elmescahy	

RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS JUDAICAS DE MANAUS

Nome	Cônjuge
Aarão Leão Foinquinos	Regina Glauce Foinquinos
Aarão Leão Ohana	
Aaron Benchimol	Inah Benchimol
Abraham Benzion	Júlia Benzion
Abraham Bohadana	
Abraham E. Melul	Renée Hanan Melul
Abraham Jayme Benemond	
Abraham Larrat	M.ª de Lourdes Larrat
Abraham M. Benmuyal	Veridiana Cassas
Abraham M. Benzecry	Clarice Pazuello Benzecry
Abraham Moysés Cohen	Maria Mirtes Cohen
Abraham Pinto	
Abraham S. Serrulha	Meryane Z. Serrulha
Adelino J. Garcia	
Aida Pazuello	
Aida Renée A. Hanan	Luiz Flávio B. Simões
Albertino Azuay Mello	
Alberto Abecassis	
Alegria Israel	
Alice Benchimol	

Nome	Cônjuge
Ambrósio Assayag	Débora Baraúna Assayag
Arão Abtibol	
Aron Hakimi	Sandra Hakimi
Asher Benzaken	Adele Schwartz Benzaken
Augusto Pacífico Ezaguy	Joaquina Ezaguy
Aziza Serruya Abtibol	
Azury Benzion	Amanda Ladeira Benzion
Benjamin Benchimol	Natasha Benchimol
Benjamin Benzecry	Alice Benzecry
Bonina Serruya Rodrigues	
Celeste Elgaly	
Celso Neves Assayag	Sheyla Vieira Assayag
Clara Azulay Mello	Liberal Mello
Cota Pazuello	
Dani Schwarcz	Hellen Benzecry Schwarcz
Daniel Israel Amaral	Danielle Amaral
David Bensadon	
David Gerzvolf	
David Oliveira Benchimol	
David Pinheiro Israel	
David Sagado	Maria Duarte Santos
David Simão Benoliel	
David Tayah	Jéssica Sabbá Tayah
Davis Benzecry	Alba Terceiro Benzecry
Deborah Laredo Jezine	Rochester Jezine
Denis Fred Benzecry	
Denise Benchimol Resende	Paulo Iemini Resende
Eduardo Abraham Kauffman	
Eduardo Csasznik	Claudia Csasznik
Ehas Abraham Azulay	Ruth Azulay
Elias Simão Assayag	
Ely Hizkiano	
Esther Benchimol	
Esther Cohen	
Esther Nilza Levy	
Ezra Benzion	Amanda Benzion
Flora Israel	
Frank I. Benzecry	Cley Said Benzecry
Franklin Isaac Pazuello	Léa Maria Pazuello
Fred I. Benzecry	Lúcia Obadia Benzecry
Giza Abtibol	
Hermes Israel Amaral	Amarilis Amaral
Ilko Mintschev Minev	Nora Benchimol Minev
Isaac Abraham Benchimol	
Isaac Bemerguy Ezaguy	

Nome	Cônjuge
Isaac Benarrós	
Isaac Benjamin Benchimol	
Isaac Dahan	Sara Bentes Dahan
Isaac Moysés Cohen	Creuza Barbosa Cohen
Isaac Raphael Assayag	
Isaac Sidney Benchimol	Irlena Leal Benchimol
Isaac Tayah	Genine Portela Tayah
Ivan Fred Benzecry	Silvana Benzecry
Jacob Abraham Benzecry	Creuza Farias Benzecry
Jacob Cohen Assayag	Piedade Abecassis Cohen
Jacob Edelman	
Jacob Fortunato Cohen	
Jacob Laredo	Mônica Laredo
Jacob Larrat	M. ^a José Carvalho Larrat
Jacob Moysés Cohen	Piedade Abecassis Cohen
Jaime Samuel Benchimol	Anne G. Benzecry Benchimol
Janete Israel	
Janete Silva	
Jayme Benchaya Filho	Margarida Benchaya
Jayme Isaac Pazuello	
Jonathan Sau Benchimol	Deusenir Benchimol
Jorge Ney A. Bentes	
José Laredo	Sônia Laredo
José Mário Assayag	Fátima Assayag
José Pacífico Ezaguy	Bonina Bemergui Ezaguy
José Pazuello	
José Rafael Siqueira Filho	
Josué Maxwel. Israel	
Joy Israel	
Juarez Frazão Rodrigues Jr.	Anne M. Israel Lopes
Júlia Benoliel Silva	Francisco Assis B. Silva
Karla C. Ohana	
Léa C. Abecassis	
Leão Aarão Ohana	Zulmira Ohana
Leão Israel	
Lívio Assayag	
Lucinda Tayah	
Luna Cagy Cohen	
M. ^a Gina Cardoso Vasques	
Marcelo Daniel Laredo	
Marcelo Gerzvolff	
Márcio Goldbach	
Maria Rosa Lozano Borrás	
Mariel Benayon Mello	
Mário Abraham Cudek	
Mário Antonio Sussman	

Nome	Cônjuge
Marlene Fortunato Cohen	
Mathilde Esther B. Ezaguy	
Maxim Mamam Gonçalves	Elsabeth R. Gonçalves
Mery Helena Koifman	
Mery Ohana	
Messod Gilberto S. Benzecry	Luziane Benzecry
Messod Pazuello	
Meyer Isaac Pazuello	Raimunda Pazuello
Meyr David Israel	
Michael Schwarcz	Ryvka Schwarcz
Mirian Abtibol	
Mirian Laredo Sousa	Júlio César de A. Dias
Moisés Salgado	Selma Salgado
Moisés Benarrós Israel	Phil Israel
Moisés Elias Azulay	Marneide Azulay
Moisés Fortunato Cohen	Saete Mangueira Cohen
Moisés Gonçalves Sabbá	Vãma Sabbá
Moisés Laredo	
Moisés Leão Ohana	Margareth Ohana
Moisés Oliveira Benchimol	Vanira Benchimol
Moisés Santos	Antonia Santos
Myrian Koifman C. da Cunha	
Naftaly Ohev Zion	
Nathan Abraham Benchimol	
Nathan Samuel Benzecry	
Nathan Tayah	
Nilza Levy	
Nina Laredo Pinto	Paulo Pinto
Nissim J. Benoliel	
Nissim Pazuello	
Nissim Venouziou	
Noeme Israel	
Noval Benayon Mello	
Otto Fleck	Anita Fleck
Paulo Frederico C. da Silva	
Pedro Hauser	
Pérola Cohen Assayag	
Pérola Serruya Rodrigues	
Piedade Ohana	
Ralph Assayag	Milcyete Braga Assayag
Raoul Woreczek	
Reina Ohana	
Rena Abtibol de Brito	
Ricardo Samuel Benzecry	
Roberto Fleck	
Ruben Elias Azulay	

Nome	Cônjuge
Ruth Abecassis Oliveira	Fernando A. de Oliveira
Ruth Benzecry C. Sousa	Hélio Helleres Sousa
Ruth Israel Lopes	
Safira Ohana	
Salomão Elgaly	
Salomão Fortunato Cohen	Sonia Assayag Cohen
Salomão Israel Benchimol	
Salomão Jacob Benotiel	
Salomão Laredo	Sarah Laredo
Salomão Soares Abecassis	
Samuel Aflalo Marques	
Samuel Aguiar	Wilma Aguiar
Samuel Appenzeller	Shirley Guerra Appenzeller
Samuel Assayag Hanan	
Samuel David Israel	
Samuel Elgaly	
Samuel Elias Azulay	
Samuel Isaac Benchimol	Mery Israel Benchimol
Samuel Koifman	Esther Koifman
Samuel Messod Benzecry	Mery Obadia Benzecry
Samuel Pereira	
Sandra Mello Pinheiro	
Saphira Assayag	
Sarah Léa Foinquinos Melo	Francisco Melo
Saul Benchimol	Rosatie Benchimol
Sérgio Band	
Sérgio Neves Assayag	Júlia Maria Assayag
Simão Arão Pecher	Nina Pecher
Simão David Benotiel	
Simon Nissin P. Sabbá	
Simone Assayag Hanan	
Simy Elizabeth S. Abecassis	
Sol Abtibol Machado	José Tarciso Machado
Solange Abecassis	
Stella Israel do Amaral	
Syme Benayon Foinquinos	
Syme Laredo	
Syme Serruya	
Vidal David Israel	Julia Cohen Israel
Vitória Gordon	
Zahra Aflalo Marques	
Zamia Hebron	

XIII
OS CEMITÉRIOS JUDEUS NA AMAZÔNIA

Os judeus sempre costumaram ter os seus cemitérios comunitários, a fim de poder fazer as suas orações coletivas em memória de todos os seus antepassados e correligionários, como ocorre com o *kadish* grupal nas vésperas de *Yom Kipur*. Isso muito contribuiu para reforçar a necessidade de enterrar os seus mortos num mesmo lugar, a fim de que, mesmo após o falecimento, permanecessem juntos, tal como ocorre com os cristãos que fazem questão de ter os seus jazigos para enterrar toda a sua família e descendentes.

Outrossim, após a diáspora, quando os judeus foram excluídos e segregados nos guetos e juderias, eles foram obrigados a ter os próprios cemitérios – dentro do próprio gueto se possível, pois o enterro de um correligionário judeu em um cemitério cristão constituía uma profanação e o tornava impuro e condenado para sempre. Estas restrições não se referiam apenas a judeus, pois muitos cemitérios que pertenciam às Santas Casas de Misericórdia e outras congregações não aceitavam enterrar evangélicos e, por isso, muitos pernambucanos protestantes ilustres estão enterrados no Cemitério dos Ingleses do Recife, conforme nos informa Gilberto Freyre.

Estes são os motivos pelos quais toda a comunidade judaica, quando se organiza num determinado lugar, constrói uma sinago-

ga, um cemitério, uma escola e um clube, os quatro pilares da sua identidade e continuidade.

Cemitério, em hebraico, possui diversos nomes: 1) **Beth Hayyim** – casa da vida ou destinado aos vivos; 2) **Beth Haolamin** – casa da eternidade; 3) **Beth Almin** – casa das almas; 4) **Beth Keburot** – casa das sepulturas; 5) **Mearáh** – expressão usada no dialeto hakitia para denominar a Machpelah, as covas onde estão enterrados, em Hebron, as matriarcas Sarah, Rebeca e Lea, esposas dos patriarcas Abraham, Isaac e Jacob, com exceção de Rachel.

Na Amazônia, na medida em que as comunidades judaicas se urbanizaram e se interiorizaram, muitos cemitérios judeus foram construídos, conforme mostra a relação abaixo:

Comunid.	Nome Cemitério	N.º Sepult.	Anos sepultamento	Total
Belém	Cemité. Judeu da Soledade	28	(1848 a 1881)	1.089
	Cemité. dos Ingleses	3	(1860/1871)	
	Cemité. Judeu Antigo do Guamá	566	(1883 a 1945)	
	Cemité. Judeu Novo do Guamá	492	(1940 a 1997)	
Manaus	Cemité. Judeu	313	(1928 a 1998)	407
	Cemité. Municipal S. João Batista	94	(1879 a 1927)	
Cametã	Cemité. Judeu	76	(1881 a 1991)	76
Macapá	Cemité. Judeu	19	(1895 a 1967)	19
Óbidos	Cemité. Judeu	15	(1918 a 1961)	15
Santarém	Cemité. Judeu	42	(1886 a 1986)	42
Itaituba	Cemité. Judeu	12	(1913 a 1992)	12
Parintins	Cemité. Judeu	65	(1886 a 1980)	65
Maués	Cemité. Judeu	8	(1932 a 1964)	8
Itacoatiara	Cemité. Judeu	44	(1876 a 1955)	44
Manacapuru	Cemité. Municipal	6	(1908 a 1913)	6
Tefé	Cemité. Judeu	25	(1888 a 1956)	25
Iquitos	Cemité. Judeu	31	(1895 a 1947)	31
Contamana (Peru)	Cemité. Municipal	4		4

Comunid.	Nome Cemitério	N.º Sepult.	Anos sepultamento	Total
Yurimaguas (Peru)	Cemitério Municipal	2		2
Caballococha (Peru)	Cemitério Municipal	1		1
Total de Sepulturas Judias na Amazônia		1.846		1.846

A existência de cemitérios judeus e as sepulturas judaicas em necrópoles comuns constituem o melhor testemunho histórico da presença das comunidades hebraicas em toda a região amazônica. Cada sepultura, na singeleza da lápide de mármore frio, com a inscrição em hebraico e português, do nome, data do nascimento e morte do falecido e uma prece de paz à sua alma, representa o fim e o destino de uma vida que passou pela Terra e deixou muitas saudades, recordações e lembranças a todos os seus queridos familiares. Por isso a reverência aos mortos constitui uma prática adotada por todas as religiões.

Entre os judeus não poderia ser diferente, porém a tradição pós-bíblica e talmudista exige que os túmulos (**Keburot**) sejam muito simples e despojados, sem nenhuma ornamentação, decoração ou monumento. Somente a lápide de mármore, em tamanho mais ou menos uniforme, com a identidade e o pedido de paz à alma do falecido, evitando deste modo qualquer exteriorização ou manifestação de riqueza, poder e fortuna. Isto para evitar discriminação e tratamento desigual, pois, após a morte, somente valem as boas ações e obras do falecido.

O mesmo preceito é recomendado para a cerimônia do enterro, que deve ser o mais simples possível, o cadáver envolto com uma mortalha depois da lavagem e purificação do corpo (**rehissah**) e, quando enterrado com caixão, este deve ser bem modesto, sem nenhum adorno e feito com tábuas que permitam o contato do corpo com a terra, para que rapidamente este venha a ser reintegrado à terra de onde proveio. Em cada comunidade existe uma socieda-

de de socorros espirituais – a **Hebra Kadishá** – que se encarrega do cerimonial do enterro, sepulturas e cemitérios.

Na Amazônia existem quatorze cemitérios judeus espalhados nas capitais dos Estados brasileiros do Pará e Amazonas, no Departamento Peruano de Loreto (Iquitos) e no interior, ao longo dos rios e de muitos povoados e cidades que tiveram, no passado, comunidades organizadas, conforme relação acima.

Para melhor perpetuar e divulgar a memória dos falecidos, que um dia integraram e serviram às comunidades judaicas, relacionamos a seguir os nomes e datas dos falecimentos inscritos nas sepulturas existentes nesses cemitérios.

CEMITÉRIO JUDEU DA SOLEDADE

(Av. Serzedelo Correia com Soledade) – Belém

	Nome	Ano falecimento
1	Mordecai Hacoheh (Rabi)	1848
2	Moshe Benzecry	1871
3	Joseph Levy	1872
4	Salomon	1872
5	Isaac Cohen	1875
6	Alfred Levy (judeu francês de Erstroff)	1876
7	Michel Norat (judeu francês de Moselle)	1877
8	David Bensimon (judeu de Tânger)	1880
9	Mordecai Laredo (Rabi-Tânger)	1881
10	Eliahu Avudaram (Rabi)
	Sepulturas com inscrições ilegíveis	2
	Sepulturas sem nenhuma inscrição	16
	Total de sepulturas	28

Fonte: Levantamento feito por Egon e Frieda Wolff

CEMITÉRIO DOS INGLESES (JARDIM DA ESCOLA KENNEDY) – BELÉM

(Av. Serzedelo Correia em frente ao Cemitério Soledade)

	Nome	Ano falecimento
1	Moses Schmarjahu	1860
2	Arthur Joseph Rinder (Welbourne, England)	1871
	Sepultura com epitáfio em hebraico ilegível	1
	Total de sepulturas	3

Fonte: Levantamento feito por Egon e Frieda Wolff.

CEMITÉRIO JUDEU ANTIGO DO GUAMÁ – BELÉM

(Cemitério Santa Isabel – Rua José Bonifácio)

	Nome	Ano falecimento
1	Samuel Israel	16/04/1883
2	Jayme José Benjô	20/01/1884
3	Salomão G. Levy	setembro/1884
4	Alegria Benzaquen	1885
5	Sem identificação	1885
6	José Abitbol	26/03/1886
7	Rafael Friza	29/03/1886
8	Leão Nahon	04/04/1886
9	David Bensadon	12/05/1886
10	Isaac Bendriem	04/06/1888
11	David Serfaty	04/08/1886
12	Jomtof Levy	20/10/1886 (?)
13	Jamila Levy	21/10/1886 (?)
14	Luna Azancoth	27/11/1886
15	Felicia Nahon	02/10/1887 (?)
16	Samuel Levy	04/10/1887
17	Alegria Levy	07/11/1887 (?)
18	Moysés Lasry	10/11/1887
19	Mimon Essahy	27/11/1887
20	Isaac Bendriem	14/06/1888
21	Abraham Benzaquen	22/11/1889
22	Sem identificação	1889
23	Oro F. Sabbá	02/01/1890
24	Sem identificação	1890
25	Sem identificação	1891
26	Theodor Meyer	1891
27	Sem identificação	1891
28	Simi Abitbol	22/08/1892
29	Sem identificação	1892
30	Emílio Godchau	03/08/1893
31	Piedade Murié de Salomão M. Cuéme	18/10/1893
32	Ledicia Assarraf	21/03/1894
33	Abraham Aseraf	19/09/1894
34	Sem identificação	1894
35	Saul de Abraham Cohen	09/02/1895 (1893?)
36	Isaac Abitbol	05/07/1895
37	Syme Israel	18/10/1895 (?)
38	Isaac Benzaquen	15/01/1896
39	Júlia Conen	06/05/1896
40	Júlia Anijaz	29/03/1897
41	Ernestine Tepperberg	01/02/1897
42	Alberto Levy	08/09/1897 (?)
43	Jacob Laredo	09/10/1897
44	Lêa Barlel	04/11/1897

	Nome	Ano falecimento
45	Sem identificação	1898
46	Fortunato Sabbá	24/04/1899
47	Regina Libcowitch	06/05/1899
48	Leão Levy	09/05/1899
49	Isaac de José Obadia	15/06/1899
50	Piedade de Isaac Bendahan	04/08/1899
51	José Benjô	11/11/1899
52	Leão Foinquinos	04/01/00
53	Moysés Obadia	18/03/00
54	Esmeralda Tobetém	01/07/00
55	Marco Politzer	27/08/00
56	Gytel Roa Onan (?)	03/10/00
57	Fortunata Bendelack	1900
58	Salomon D. Cohen	1900
59	Izaac Cohen	Mai/00
60	Clara Benarrós	sem data
61	David Azulay	sem data
62	Mirze Bekerra	sem data
63	Ignacio Velt	sem data
64	Luna Abitbol	10/03/1901
65	Amália Levy	14/11/1901
66	Reina Sicsú	1902
67	Menassé Agril Ben Calfon	1902
68	Isaac Benasully	1902
69	Sem identificação do nome	1902
70	Júlia Bensath	04/09/1903
71	Luna Lancry	11/09/1903
72	Abram Bem Samuel	1903
73	Orovida Benoliel	25/04/1904
74	Símy Sicsú	17/07/1904
75	Orovida Benmiyara	13/12/1904
76	Josef Bem Ima	1904
77	Salomon Pirion Ben Ephraim	1904
78	Salomão Zagury Ben Jacob	1904
79	Zara Benzaquen	1904
80	Sem identificação do nome	1904
81	Gui.herme Sicsú	24/10/1905
82	Messod Bem Vaich	1905
83	Salomon Barsillon	1905
84	Haim Aberrasses Ben Messod	1905
85	Sem identificação do nome	1905
86	Rachel Sicsú	17/01/1906
87	Jimol A. Gabbay	20/02/1906
88	Rachel Larrat	13/6/1906 (1905?)
89	Mery Israel	03/09/1906
90	Samuel M. Barchilon	20/09/1906

	Nome	Ano falecimento
91	Abrahão Medina	18/10/1906
92	Moisés A. Bensimon	03/02/1907
93	Menasse A. Bensimon	16/02/1907
94	Isaac M. Alkaim	28/04/1907
95	Sol A. Garson	21/05/1907
96	Moysés Samuel Marques	Junho/1907 (?)
97	Isaac Medina	25/09/1907
98	Daniel Sabat	17/10/1907
99	Salomão Brunswig	12/11/1907
100	Josef Schmucl Kaichnel	1907
101	Sem identificação do nome	1907
102	Fernando Salomon Wertheimer	05/01/1908
103	A. Moysés Cagy	18/09/1908 (?)
104	Samuel Benzecry	1908
105	Jacinto Aben-Athar	22/01/1909
106	Mimon J. Serrulha	28/05/1909
107	Salomão Zagury	27/11/1909
108	Bissurim Shem Tov	1909
109	Isaac Benchimol (esposa)	1909
110	Sem identificação do nome	1909
111	Bluma Karpoff	17/04/1910
112	Isaac Abencor	16/08/1910
113	Sem identificação do nome	1910
114	José Sicsu	11/04/1911
115	Elias D. Benmiyara	16/04/1911
116	Graça Pinto Nahmias	08/06/1911
117	Esther Dabella	07/07/1911
118	Mira Mursian (?)	07/10/1911
119	Alegria Levy Serrulha	26/01/1912
120	Isaac A. Nahon	04/02/1912
121	Isaac J. Benzaquen	12/02/1912
122	Salomon M. Tobelém	05/04/1912
123	Luna Altit	07/10/1912
124	Hanna E. Israel	19/03/1913
125	Isaac Sabbá	21/03/1913
126	Maluf Athias	25/04/1913
127	Abraham Serrulha	22/08/1913
128	Abraham Cohen	02/02/1914
129	Rachel B. Saragá	13/02/1915
130	Jacob Sicsú	07/05/1915
131	Judá Dabella	23/07/1915
132	Abraham Bensabath	07/12/1915
133	Yogebed J. Benarrós	1915
134	Simão E.aluf	07/03/1916
135	Thomazia Essucy	19/04/1916

	Nome	Ano falecimento
136	Sol Nahmiach	29/04/1916
137	David José Ben-Isvy	15/07/1916
138	Abraham M. Benohel	31/07/1916
139	Ignacio Carlos	19/02/1917
140	Zahra Levy	17/06/1917
141	Isaac S. Soares	08/08/1917
142	Salomão Bibas	26/12/1917
143	Elena Fifi	19/02/1918
144	Elias Botbol	25/08/1918
145	Rebeca Benarrós	25/10/1918
146	Zara Rozelio	1918
147	Sem identificação de nome	1918
148	Samuel Benayon	15/01/1919
149	Jacob Bensimon	12/05/1919
150	Jacob Mathias	22/05/1919
151	Donna Cohen	21/06/1919
152	Rebeca Lifschitz	03/07/1919
153	Esther Benayon	09/09/1919
154	Albert Meyer Benchimol	10/11/1919
155	Ninfa Benayon	30/11/1919
156	Elias José Salgado	20/12/1919
157	Salomão Levy	05/09/1920
158	Jacob Israel	sem data
159	Abraham Malca	sem data
160	Meryam Sicsú	sem data
161	Jayme Marcos Benataar	14/10/1920
162	Jacob Soares	sem data
163	Laura Abitbol	08/11/1920
164	Cotta Benzecry	13/01/1921
165	Etel Chimit	14/03/1921
166	Malof Afergan	01/10/1921
167	Oro Gabay	17/11/1921
168	Abraham D. Benesvy	25/11/1921
169	Esther L. Sabbat	25/11/1921
170	Moysés Sicsú	21/04/1922
171	Anna Roffé	24/08/1922
172	Jenning Tain	27/10/1922
173	Sarah Sete Benjó	24/12/1922
174	Meryam Sabbá	01/01/1923
175	Moysés David Anidjar	13/05/1923
176	Moyses D. Eshriqui	04/06/1923
177	Jacob Essucy	10/08/1923
178	Fraym Azulay	23/10/1923
179	Isaac Bensimon	26/04/1924
180	David Acris	27/06/1924

	Nome	Ano falecimento
181	Alia Benemond	18/10/1924
182	Simy Bohadana	27/10/1924
183	Salomao Serruya	09/11/1924
184	Joaquim Pazuello	20/11/1924
185	Salvador Nahmas	12/12/1924
186	Sem identificação do nome	1924
187	Isaac Laredo	30/06/1925
188	Jamila Sicsú	17/09/1925
189	David Bohadana	27/09/1925
190	Messody Serfaty	27/12/1925
191	Halia Levy Israel	02/01/1926
192	Bella S. Nahmas	05/01/1926
193	Juba Nahon	23/01/1926
194	Aaron Leon Foinquinos	15/02/1926
195	José Guerson Benarroch	28/02/1926
196	Isaac Serruya	01/05/1926
197	Salomon Nahmiach	11/05/1926
198	Moises Cohen	04/06/1926
199	Elias Jaime Benchimol	07/06/1926
200	David José Sicsú	10/06/1926
201	Moysés Altit	03/10/1926
202	Esther Hana Mamann	03/10/1926
203	Moysés Laredo	08/10/1926
204	Marcos Nahon	18/12/1926
205	Abraham Natim	1926
206	Samuel Aaron Benchimol	17/01/1927
207	Esther Serruya	06/03/1927
208	Benedicto Sabbá	06/04/1927
209	Moysés M. Benchimol	05/05/1927
210	José Rogio	05/09/1927
211	Messoda Pazuello	09/09/1927
212	Simy Azulay	01/10/1927
213	Isaac Larrat	25/10/1927
214	Menahen S. Assayag	26/10/1927
215	Abraham D. Benchimol	28/12/1927
216	Elias Salomão Zagury	05/04/1928
217	Moyses Benayon	05/05/1928
218	Jayme Salvador Benayon	24/05/1928
219	Belizia Levy Benotiel	30/05/1928
220	Jayme Matatya	06/06/1928
221	Salomão Benarrós	06/12/1928
222	Simão Assayag	28/05/1929
223	Menassé Ephima	31/05/1929
224	Max Levy	21/10/1929
225	Ledícia J. Abensur	28/10/1929
226	Abraham Serruya	30/12/1929

	Nome	Ano falecimento
227	Leon Elias Levy	30/01/1930
228	Annita Zecry	01/04/1930
229	Rubien Abraham Sarah Benassuly	16/04/1930
230	Ester Sarah Farache	27/01/1931
231	Renée Soares Assayag	01/03/1931
232	Abraham Bohadana	17/03/1931
233	Fortunato Athias	04/05/1931
234	Elias Pazuelo	08/05/1931
235	Judah Zagury	02/06/1931
236	Zaira Dray	15/06/1931
237	Jacob Sicsú	16/08/1931
238	Abraham Roffé	01/02/1932
239	Jaime Zaqury	15/03/1932
240	Syme Levy	21/04/1932
241	Rachel Cagy	25/07/1932
242	Syme Cohen	08/08/1932
243	Alegria Dabella Zagury	15/09/1932
244	Moyses Bendaham	21/09/1932
245	José David Bende.ak	28/09/1932
246	José David Benotiel	28/09/1932
247	Juanita	22/11/1932
248	Jacob Fima	17/12/1932
249	Cota Cohen	1932
250	David Benotiel (Rabi)	25/04/1933
251	Franco Bentes	11/05/1933
252	Simão José Benjó	22/09/1933
253	D. Rosita	05/11/1933
254	Mimon Elias Castiel	23/01/1934
255	Moysés Jacob Castiel	29/01/1934
256	Helena Áben-Athar	18/02/1934
257	Salomão Pinto	14/05/1934
258	Sahda Darmon D. Obadia	29/05/1934
259	Alice Laredo	13/08/1934
260	Abraham Alcolumbre	22/09/1934
261	Simy Castiel	12/01/1935
262	Esther Cagy	14/02/1935
263	Fortunato Levy	21/02/1935
264	Estrella Zagury Serrulha	19/03/1935
265	Fortunata Benayon Sabbá	22/03/1935
266	Salomão Elbaz	16/05/1935
267	Abraham Menahem Bendelax	06/06/1935
268	Alice Sabbá Bendetak	06/06/1935
269	Mery Isaac Assayag	12/06/1935
270	Clara Benzaquen	15/06/1935
271	Moysés Benzecry	27/07/1935
272	Raphael J. J. Essucy	11/08/1935

	Nome	Ano falecimento
273	Feliz Benolie.	08/12/1935
274	Sarah Benchimol	30/12/1935
275	René Benzaquen	1935
276	Jacob Anijar	19/06/1936
277	Raquel Fima	25/06/1936
278	Isaac Maurício Cohen	27/06/1936
279	Elias Leão Israel	13/11/1936
280	Abraham Elias Roffé	25/02/1937
281	Rachel Abejdid	06/06/1937
282	Jacinto Benotiel	06/06/1937
283	Leão P. Melu.	27/09/1937
284	Sarah Benacon Aguiar	03/10/1937
285	Mayer Elqrably	03/10/1937
286	Jacob Alves	25/10/1937
287	Simmy Larrat	09/11/1937
288	Messody Sicsú Benjó	05/12/1937
289	Menassés Bensimon	16/12/1937
290	Salomão Peres	19/12/1937
291	Rachel Cohen	1937
292	Moysés Elias Serfaty	24/01/1938
293	Rachel Fssucy	12/02/1938
294	Moysés Bemergui	28/04/1938
295	Jacob Rabstem	18/05/1938
296	Aarão Moysés Cohen	25/01/1938
297	Orobida Foinquinos	04/08/1938
298	Abraham Messod Benzecry	25/09/1938
299	Alfredo Roffé	31/10/1938
300	Sarah Aguiar Foinquinos	10/11/1938
301	Abraham M. Larrat	11/11/1938
302	David Sicsú	01/12/1938
303	Rachel Moysés Cohen	24/12/1938
304	Elimelech (Rabi)	1938
305	José Benbihi	06/01/1939
306	Flora Ephima	13/01/1939
307	Miguel Berman	26/01/1939
308	Jacob E. Abejbid	20/05/1939
309	Rachel Abensur	28/05/1939
310	Elias Benayon	05/06/1939
311	Estrella Bentes	28/07/1939
312	Bonina Bemergui	04/08/1939
313	Isaac José Azulay	11/08/1939
314	Nina Bemiará Saragá	21/09/1939
315	Messody Belishah	19/10/1939
316	Fortunato Athias (filho)	03/12/1939
317	Elias Medina	25/12/1939
318	Michael Birman	1939

	Nome	Ano falecimento
319	Clara Bensid	06/04/1940
320	Sete Benzaquen	19/04/1940
321	Leao S. Aguiar	10/05/1940
322	David Jayme Bibas	08/06/1940
323	Anna Blum Ribeiro	30/08/1940
324	José Messod Benzecry	30/09/1940
325	José Azulay	10/10/1940
326	Moysés Azancot	23/12/1940
327	Sarah Cohen Benayon	sem data
328	Sahra Elgrably	sem data
329	Zahra Isaac Benzaquen	29/01/1941
330	Abraham S. Benmuyal	03/02/1941
331	Esther Serruya	08/02/1941
332	Mary B. Melul	22/04/1941
333	Amadeu Aben-Athar	07/05/1941
334	David Tobelém	23/07/1941
335	Ruth Nelly Abenslr	08/08/1941
336	Simão Benchaya	25/08/1941
337	Simão Maurício Cohen	01/11/1941
338	Jacob Serruya	21/12/1941
339	Menassé A. Bensimon	28/12/1941
340	Elias E. Benmuyal	20/01/1942
341	Abraham Bemergui	22/01/1942
342	Rachel Benoalid Cohen	23/08/1942
343	Fortunato Lancry	11/09/1942
344	Clara Pinto	15/09/1942
345	Elias Abraham Dahan	30/09/1942
346	Piedade Bencid	02/10/1942
347	Carlos Greidinger	16/10/1942
348	Victor Biderman	11/11/1942
349	Luna Benjô Soares	05/02/1943
350	Messody Elmesany	28/03/1943
351	Esther Bensadon Gildencorn	02/05/1943
352	Abraham Haserfaty	02/05/1943
353	Sarah Kíslanov	21/05/1943
354	Julia Nahmias Nahon	02/06/1943
355	Arão Abrahão Ohana	06/06/1943
356	Alegria Cohen Benoliel	23/07/1943
357	Isaac Aarão Cohen	30/08/1943
358	Inácio Obadia (Chefe da Hebrá)	11/03/1944
359	Messody Nahmias	22/03/1944
360	Samuel José Benzecry	11/02/1945
361	José Obadia	15/04/1945
362	Hal.o Laredo Benjô	02/07/1946
363	Eny Essucy	27/08/1946
364	Major Eliezer Moyses Levy	09/01/1947

	Nome	Ano falecimento
365	Abraham José Serrulha	22/11/1947
366	Sarah Roffé	20/12/1947
367	José Salomao Zagury	26/05/1948
368	Basheva Kisanov	22/08/1948
369	Esther Benchimol	05/01/1949
370	Samuel Bendelak	10/10/1950
371	Rachel J. Cohen	sem data
372	Abraham Jayme Bensimon	19/04/1951
373	Abraham Dahan	31/12/1951
374	Aziza Benzaquen Serrulha	31/08/1954
375	José Maman	23/05/1955
376	Jacob Kisanov	11/03/1956
377	Meryan Roffé Athias	23/05/1956
378	Aziz Kisanov	13/08/1956
379	Esther Foinquinos Cohen	04/10/1956
380	Samuel Soares	11/10/1956
381	Moyses Salomão Levy	10/10/1958
382	Levy Obadia	10/06/1960
383	Símy Elaluf Dahan	sem data
384	Esther Benoliel Levy	02/04/1966
385	Símy Obadia	20/01/1969
386	Esther Cohen	10/03/1969
387	Salomão Oglvy (?)	sem data
	Sepulturas com identificação	387
	Sepulturas sem inscrição	169
	Sepulturas com epitáfio ilegível	7
	Total de sepulturas	563

Fonte: Cadastro feito por Egon e Frieda Wolff (Sepulturas Israelitas).

CEMITÉRIO ISRAELITA NOVO DO GUAMÁ – BELÉM (Cemitério Santa Isabel – Rua José Bonifácio)

	Nome	Ano falecimento
54	José Ben-Accon	02/09/1935 (?)
1	Jacob Abitbol	22/01/1940
2	Salomão Azerrad	26/01/1943
3	Felicidade Azancot	19/01/1944
4	Jacob E. Benmuyal	11/03/1944
5	Abraham Mojluf Chocron	25/04/1944
6	Helmira Bibas	08/05/1944
7	Marcus Vasersstein	24/08/1944
8	Samuel Salomão Bibas	12/06/1944
9	Alberto Levy	02/11/1944
10	Marcos Belicha	08/10/1944
11	Efraim Benobel	29/12/1944
12	Abraham Alcaim	18/12/1944
13	Peria Tobetém	05/05/1945

	Nome	Ano falecimento
14	Leão Serruya	16/02/1945
15	Elias Benchaya	28/05/1945
16	Esther Assayag Azulay	16/05/1945
17	Mair Ezagui	01/07/1945
18	Samuel Sarraf	26/06/1945
19	Elias L. Bibas	10/10/1945
20	Marion HeLa Liebmann	14/09/1945
21	Osaes Schultz	1945
22	Elias Greibler	02/11/1945
23	Zacarias Elmescany	14/05/1946
24	Moyses Erruas	28/02/1946
25	Julia Roffé	16/07/1946
26	Esther Rojza Wizeltur	02/06/1946
27	Mojluf Maudy	28/11/1946
28	Abraham Isaac Assayag	20/10/1946
29	Messody Benssy	22/12/1946
30	Zara Elgrably	26/03/1947
31	Isaac Elias Cohen	25/05/1947
32	Alegria Benchimol Gabbay	04/07/1947
33	Isaac P. Assayag	04/07/1947
34	Marcos Bendrihem	30/12/1947
35	Ledicia Benjamin Zagury	23/11/1947
36	Sara Buzaglo	05/07/1948
37	Moysês J. Abejdíd	26/05/1948
38	Rachel Athias Azutay	22/07/1948
39	Alberto Isaac Gabbay	06/07/1948
40	Herman Levy	28/09/1948
41	José Salvador Nahmias	02/09/1948
42	Ledicia Cohen	1948
43	José Benchimol	31/10/1948
44	David Bensimon	29/03/1949
45	Abraham F. Gagy	13/01/1949
46	Rachel Azancoth	13/10/1949
47	Abraham Barcessat	04/10/1949
48	Abraham E. Gabbay	24/01/1950
49	José David Sicsú	22/11/1949
50	Jacinto A. Larrat	03/07/1950
51	Alegria Serruya	29/06/1950
52	Leão Chocron	17/09/1950
53	Moyses Elias Cohen	05/07/1950
54	Mary Haserfati	04/11/1950
55	Rica M. Bibas	24/01/1951
56	Salomão Tobelém	sem data
57	Rosa Calmont	27/01/1951
58	Israel Drís	11/06/1951

	Nome	Ano falecimento
59	Aida Cohen	27/07/1951
60	Tamar Benisti	01/09/1951
61	Rica Bensimhon	02/09/1951
62	Messody Alcaim	27/07/1951
63	D. Feli Saroslavshy	06/09/1951
64	Alice Liebmann	03/09/1951
65	Estrela Azancoth Farache	06/10/1951
66	Simão Gabbay	05/02/1952
68	Messod Moyses Benchimol	01/04/1952
69	Jacinto David Benohiel	10/02/1952
70	Julia Nahon Anijar	10/06/1952
71	Rachel Levy Sicsú	12/04/1952
72	Rachel Nahon	11/07/1952
73	Helena Cohen Benchimol	29/06/1952
74	Abraham Aflato	24/08/1952
75	Mazal Benchimol	03/08/1952
76	Bela Blondy	04/11/1952
77	Marcos Alves	20/10/1952
79	Jacob Bendeak	31/12/1952
78	Elias Isaac Gabbay	21/01/1953
80	Salomão Jacintho Aben-Athar	04/07/1953
81	Ida Gandelman	17/03/1953
82	Fortunato Peres	14/09/1953
83	Rachel Benzaquen	08/01/1953
85	Clara Benchimol Aguiar	02/10/1953
84	Isaac Moysés Tobelém	14/05/1954
86	Messody Serruya	27/08/1954
87	Jacob Rason	11/07/1954
88	Esther Scisú Israel	31/10/1954
89	Jayme Nahman	01/10/1954
91	Mary Azulay Tobelém	03/11/1954
90	Elias Azulay	18/05/1955
92	Henrique Greidger	14/07/1955
93	Dona Metul	03/07/1955
94	Cathe Liebmann	31/07/1955
95	Luna Alves	23/07/1955
96	Abraham Bendahan	21/11/1955
97	Alfredo Chanoush	24/10/1955
99	Jacob Serfaty	27/12/1955
98	Marcos Serfaty	05/01/1956
100	Clara Elmescany	23/03/1956
101	Esther Levy	19/01/1956
102	Isaac Ramiro Bentes	11/05/1956
103	Isaac Moyses Cohen	26/04/1956
104	Símy Murcian Athias	01/06/1956
105	Jacob Fima	16/05/1956

	Nome	Ano falecimento
106	Jaime Roffé	08/11/1956
107	Cotta Nahon	28/10/1956
108	Felicidade Bensadon	03/02/1957
109	Judah Azday	19/07/1957
110	Simão Roffé	30/01/1958
111	Jacob Cohen	04/04/1958
112	Tamar Benisti	01/09/1958
113	Abigail Bendinhem	01/09/1958
114	Moysés Nahon	28/09/1958
115	Nissim Azulay	11/11/1958
116	Messod José Azulay	14/02/1959
117	Ester Becheton Levy	18/02/1959
118	Elias Jacob Abejdrid	28/02/1959
119	Marcos Elias Pazuello	27/06/1959
120	Messody José Azuay	01/11/1959
121	Sarah Israel	06/11/1959
122	Ladislav Gross	1959
123	Salomão Bemergui	20/03/1960
124	Alegria Serruya Zagury	19/08/1960
125	José Becheton Levy	07/07/1960
126	Gimol Roffé Borges	12/10/1960
127	Isaac Mimon Benchimol	20/11/1960
128	Felícia Benchimol Levy	sem data
129	Isaac Israel	sem data
130	Felix Liebmann	sem data
131	Leão Cohen	16/01/1961
132	Felicidade Medina	22/04/1961
133	Jacob Abraham Bensimon	02/07/1961
134	Joseph Isaac Serruya	25/10/1961
135	Gundo Wolff	15/12/1961
136	Isaac Kislavov	08/02/1962
137	Messody Serruya Alves	18/02/1962
138	Salomão Becheton Levy	29/04/1962
139	Aarão Benchaya	13/05/1962
140	Sarah Bittencourt Belichah	19/05/1962
141	Simmy Benchaya	04/09/1962
142	Salomão Mendes	11/11/1962
143	Isaac Franco	19/11/1962
144	Abraham Azulay	29/11/1962
145	Carolina Soares	17/01/1963
146	Leão Serruya	09/04/1963
147	Simão Mojluf Pinto	11/05/1963
148	Judy Beilo Zagury	26/05/1963
149	Benjamin Salomão Zagury	26/08/1963
150	Esther Benotiel	26/09/1963
151	Nicim Abenathar	18/11/1963

	Nome	Ano falecimento
152	José Cohen	19/03/1964
153	Moyses Elmesany	22/05/1964
154	Jacob Abraham Serfaty	31/05/1965
155	Fortunata Miguera Azulay	04/07/1965
156	Thamar Dahan	06/07/1965
157	Moysés Elias Benmuyal	16/07/1965
158	Bonina Serruya	06/10/1965
159	Simão Amor Botbol	23/10/1965
160	José Ruben Azulay	15/11/1965
161	Yomtob Hamoy	19/12/1965
162	Isaac José Benarroch	01/01/1966
163	Leão Roffé	09/02/1966
164	Rachel Mendes Cohen	01/05/1966
165	Isaac Hassan	02/05/1966
166	Jacob Cohen	30/06/1966
167	Rachel Nahman	19/07/1966
168	Jamila Cohen	07/08/1966
169	José Simão Benjó	05/10/1966
170	Alia Israel Bensimon	16/10/1966
171	Sol Benragassa	12/11/1966
172	Estrela Zagury Benayon	24/11/1966
173	David Elias Benmuyal	14/12/1966
174	Lazaro Jaraslasqui	30/03/1967
175	David Isaac Benzaquen	02/04/1967
176	Jacob Cohen	18/04/1967
177	Esther Botbol Ohana	17/05/1967
178	Moyses Eliezer Levy (major)	30/06/1967
179	Salvador Bemerguy	05/08/1967
180	Charles Greed	11/11/1967
181	Simy Dahan	03/05/1968
182	Tobé Goodmen Camargo (Dora)	22/05/1968
183	Marcos Abraham Zagury	08/06/1968
184	Jacob Auday	09/06/1968
185	Abigail Benzecry Hassan	28/06/1968
186	Simão Isaac Serruya	02/08/1968
187	Belizia Sicsú	02/08/1968
188	Esther Serfaty Laredo	25/08/1968
189	Jaime Soares	16/09/1968
190	Mercedes Benjó Roffé	29/11/1968
191	Alia Dahan Benchimol	08/12/1968
192	Samuel Abraham Ohana	04/01/1969
193	Isaac Jacob Serruya	11/01/1969
194	Clara Elauf Benarroch	17/03/1969
195	Rachel Foinquinos Amzalak	01/04/1969
196	Isaac Roberto Serruya Sicsú	03/07/1969
197	Samuel Leão Benchimol	14/07/1969

	Nome	Ano falecimento
198	Leon Salvador Nahmias	20/07/1969
199	Isaac Elias Gabbay	03/10/1969
200	Hebri Aarao Dahan	30/10/1969
201	David Issakar Benzaquen	05/11/1969
202	Messody Cohen Auday	15/11/1969
203	Fortunato Levy Obadia	15/01/1970
204	Ysaac Abraham Serfaty	16/05/1970
205	José Pinhakov	26/09/1970
206	Klara Kislakov Pinhakov	27/09/1970
207	Baruch Zell	18/10/1970
208	Isaac Roffé Sobrinho	07/11/1970
209	Aarão Jacob Serruya	13/11/1970
210	Myriam Pazuello	1970
211	Habib Abílio Azulay	sem data
212	David JClío Serquim (?)	sem data
213	Meriam Serruya	sem data
214	Bonina Serruya Serrulha	11/04/1971
215	Isaac Menahem Alcolumbre	11/07/1971
216	Léa Rosa Sicsú	04/09/1971
217	Salomão Jayme Benmuyal	13/03/1972
218	Fortunato José Benzecry	01/05/1972
219	Sarah Zagury Hazan	11/05/1972
220	Sarah Cohen	04/07/1972
221	Esther Cohen	12/09/1972
222	Abraham José Benchimol	07/10/1972
223	David José Benotiel	22/10/1972
224	Esther Melul Aguiar	27/02/1973
225	Furtunata Bemtolila	30/04/1973
226	Estrela Azulay	19/05/1973
227	Rubem Joaquim Pazuello	15/07/1973
228	Isaac Simão Elmesany	21/08/1973
229	José Abraham Serrulha	30/09/1973
230	Salomão Menasseh Nahon	24/10/1973
231	Isaac Pinhas Melul (Chefe espiritual, viveu 106 anos)	30/04/1974
232	Samuel Anijar	08/05/1974
233	Marcos Athias	29/05/1974
234	Simão Isaac Melul	01/07/1974
235	Moyses Isaac Bentes	11/08/1974
236	Marcos Pazuello	29/09/1974
237	Jacob Samuel Sarraf	18/10/1974
238	Haim Shalom Dahan	31/01/1975
239	Elias Ramiro Bentes	01/03/1975
240	Pepe Isaac Larrat	22/08/1975
241	Abraham Jayme Levy	15/11/1975
242	Salomão Elgrably	08/01/1976

	Nome	Ano falecimento
243	Samuel Roberto Anijar	15/02/1976
244	Marcos Salomão Pinto	26/09/1976
245	Leao Salomao Levy	27/11/1976
246	David Nahon	27/01/1977
247	Abraham Bencid	09/03/1977
248	Mauricio Karp	21/04/1977
249	Leão Samuel Benchimol	22/06/1977
250	Alegria Zagury	25/06/1977
251	Júlio Samuel Sarraf	01/11/1977
252	David Benjô Rocha	03/11/1977
253	Piedade Bemuy	11/01/1978
254	Abraham Jayme Levy	Maio de 1977
255	Anna Bencid	sem data
256	Esther Bemergui Bentes	sem data
257	Asik Berman	sem data
258	Merian Berman	sem data
259	Isaac Efma	sem data
260	Esther Elarat	sem data
261	Abrahão Fima	sem data
262	Honorã Roffé	sem data

Obs.: Cadastro feito por Egon e Frieda Wolff (Sepulturas Israelitas)

263	Sime Bencid	18/02/1974
264	Sarah Driz	20/02/1974
265	Anna Athias Barcessat	06/07/1975
266	Esther Athias	14/08/1975
267	Judith Azancot Bensimon	17/09/1975
268	Bella Zagury Lancry	12/10/1975
269	Salomão Bentolila	12/10/1975
270	Judith Benchimol Franco	26/10/1975
271	Carmen Fassy	29/02/1976
272	Luna Serruya Azulay	11/05/1976
273	Felícia Benchimol Levy	08/06/1976
274	Sol Israel	13/10/1976
275	Mary Serruya	13/04/1977
276	Samuel Benjô	28/04/1977
277	Alegria Salomão Zagury	26/06/1977
278	Gimol Levy Alves	18/08/1977
279	Messody Benzaquen	04/11/1977
280	Jaime Eliezer Levy	05/02/1978
281	Dora Raichel	09/02/1978
282	Piedade Benmuyal	11/02/1978
283	Isaac Leão Aguiar	23/08/1978
284	Daniel Belicha Fonseca	13/11/1978
285	Jacob Elgrably	27/11/1978
286	Abraham Azulay	19/12/1978

	Nome	Ano falecimento
287	Sonia Kislánov Barman	31/03/1979
288	Jacob Serruya	16/04/1979
289	José Rafael Siqueira	12/07/1979
290	David Ebas Gabbay	18/07/1979
291	Ledícia Ezagüi	22/07/1979
292	Saadia Bentotila	21/08/1979
293	Pheby Zagury	16/10/1979
294	Júlia Botbol	26/12/1979
295	David Dahan	20/01/1980
296	Hamor Gabbay	06/06/1980
297	Abraham Hanan	09/06/1980
298	Moisés Jacob Serruya	12/06/1980
299	Júlia Bencid	11/09/1980
300	Esther Lancry	24/10/1980
301	Abraham Fortunato Chocron	21/11/1980
302	Alberto Bendahan	25/03/1981
303	Robida Bencid	28/03/1981
304	Mônica Patlíz	12/04/1981
305	José Jacintho Aben-Athar	12/04/1981
306	Átia Ephima Moura	15/05/1981
307	José Marcos Nahon	10/06/1981
308	Samuel Eliézer Levy	26/06/1981
309	Símy Leão Benchimol	12/08/1981
310	Mary Zagury	13/10/1981
311	Emanuel Romerance	19/10/1981
312	Sarah Sicsú Gesta	14/11/1981
313	Marcos Shalom Pazuelo	13/12/1981
314	Júlia Alcolumbre Larrat	19/03/1982
315	José F. Lancry	06/05/1982
316	Jaime e Helena Barcessat	03/09/1982
317	Meryam Benjó Serruya	23/09/1982
318	Hilel Benchaya	14/11/1982
319	Ruben José Azulay	26/12/1982
320	Meriam Cohen Azllay	23/03/1983
321	Abraham Isaac Serruya	18/05/1983
322	Messod Jacob Benzecry	11/06/1983
323	Esther Pazuelo	12/06/1983
324	Isaac Jaime Gabbay	06/08/1983
325	Alegria Soares	10/11/1983
326	Jaime Simão Benjó	15/11/1983
327	Mair Cohen	19/11/1983
328	Seth Aguiar Ben-Accon	27/11/1983
329	Salomão Anijar	05/12/1983
330	Marcos Aben-Athar	04/03/1984
331	Rica Bemiará	06/03/1984
332	Manoel Kislánov	14/03/1984

	Nome	Ano falecimento
333	Elias Benolie.	22/03/1984
334	Sarah Elmescany	02/04/1984
335	Nissim Bohadana	04/04/1984
336	Isacar Azulay	12/04/1984
337	Moisés Samuel Alves	25/04/1984
338	Clara Bendelak	01/06/1984
339	Salomão Leão Aguiar	02/06/1984
340	Leon David Serruya	13/06/1984
341	Messody Dahan	03/07/1984
342	Isaac José Benzecry	13/07/1984
343	Aarão Abraham Foinquinos	09/09/1984
344	Moisés Barcessat	28/09/1984
345	Alegria Obadia	28/09/1984
346	Jacob Isaac Serruya	19/11/1984
347	Salomão Bibas	27/02/1985
348	Maluf Gabbay	11/03/1985
349	Abraham Elgrably	10/05/1985
350	Symí Aben-Athar	14/06/1985
351	Rubem Bohadana	30/06/1985
352	Piedade Serruya	23/09/1985
353	Jacob Aarão Serruya	06/11/1985
354	David Jacob Serruya	11/12/1985
355	Alberto Jacob Serruya	18/12/1985
356	Salomão Jacob Serruya	13/04/1986
357	Alegria Athias Gabbay	06/07/1986
358	Esther Dahan	10/07/1986
359	Mair Abrahão Soares	08/08/1986
360	Estrela Anjar	03/09/1986
361	Moisés Benguigui	12/09/1986
362	Clara Melul	10/11/1986
363	Abraham Leão Foinquinos	01/12/1986
364	Sahada Elgrably	08/01/1987
365	Ália Cohen	19/03/1987
366	Moisés Anjar	03/04/1987
367	Anita Elgrably	08/04/1987
368	Amélia Asssayag Aben-Athar	15/07/1987
369	David Bortman	28/07/1987
370	Alcindo Princhen Júnior	07/08/1987
371	Marcos Tobelem	05/09/1987
372	Messody Gabbay Bemerguy	09/10/1987
373	Elias Bemergui	06/12/1987
374	Messody S. Alves	13/01/1988
375	Leao Abraham Amzalak	18/01/1988
376	Jacob Benarrós	21/02/1988
377	Jacob Athias	12/03/1988
378	Leão Abraham Foinquinos	21/03/1988

	Nome	Ano falecimento
379	Rafael Moisés Abensur	07/04/1988
380	Fortunato Benchimol	16/04/1988
381	Raquel Israel Serruya	26/04/1988
382	Léa Bottebol Sarraf	07/06/1988
383	Abraham Athias	11/07/1988
384	Benjamin Hamoy	12/07/1988
385	Salomão Marcos Pinto	03/08/1988
386	Sonia Ruth Pinto	03/08/1988
387	Jaime Bentes	04/08/1988
388	Daniel Zecry	26/08/1988
389	Syme Karp	19/09/1988
390	Isaac Bohadana	09/12/1988
391	Zahta Isaac Melul	29/01/1989
392	Esther E.grably	13/02/1989
393	Reina Laredo	11/03/1989
394	Isaac Israel	18/03/1989
395	Messody Ohana Alves	12/04/1989
396	Elias Jacob Abensur	21/04/1989
397	Symy Laredo	07/05/1989
398	Rachel Sicsú Abitbol	25/06/1989
399	Mair Naftali Bemergui	19/07/1989
400	Amelia Dahan	28/10/1989
401	Meriam Bendelak Serruya	06/11/1989
402	Ana Cohen	09/11/1989
403	Ramiro José Alves	05/12/1989
404	José Laredo	07/12/1989
405	Elias Farage Júnior	27/12/1989
406	Isaac Benotiel	28/01/1990
407	Clara Serruya	04/02/1990
408	Jacob Efraim Alcolumbre	28/02/1990
409	Moisés Bensadon	03/06/1990
410	Meriam Alves Serruya	15/06/1990
411	Jacob Serruya	20/06/1990
412	Eliézer Benitah	25/07/1990
413	Jacob Melul	22/08/1990
414	Alegria Cohen Anijar	03/09/1990
415	Esther Alves Benguígui	25/09/1990
416	Esther Benchaya Pinto	09/10/1990
417	Isaac Abraham Azulay	03/12/1990
418	Isaac Abraham Serrulha	15/12/1990
419	Fortunato Félix Fassy	29/04/1991
420	Clara Obadia Chanovisky	03/05/1991
421	Syme Bensimon Athias	08/06/1991
422	Nissim Elmescany	01/07/1991
423	Messody Isaac Melul	06/07/1991
424	Francisco Blum	01/11/1991

	Nome	Ano falecimento
425	Clemência Benjô Serfaty	02/12/1991
426	Sol Roffé de Lemos	28/12/1991
427	Isaac Bemergui	25/02/1992
428	Márcio Dahan Gomes da Silva	11/04/1992
429	Hana Zagury	17/04/1992
430	Abraham Salvador Nahmias	06/06/1992
431	Suzane Shocron	01/08/1992
432	Isaac Bitran	05/08/1992
433	Moisés Israel	19/10/1992
434	Luba Kabacznik	16/12/1992
435	José Benzaquen Serruya	30/12/1992
436	Jacob José Essucy	22/01/1993
437	Luna Athias	23/02/1993
438	Mary Alcolumbre Tobelem	21/07/1993
439	Elias Isaac Melul	29/07/1993
440	Nissim Tobelem	03/09/1993
441	Schebsı Kabacznik	27/09/1993
442	Mimon Benchimol	30/09/1993
443	Jacob Fassy	08/10/1993
444	José Jaime Bittencourt Belcha	08/11/1993
445	Yechezkel Eliahu Zagury	11/11/1993
446	Rachel Obađia Benchimol	29/03/1994
447	Fortunato Gabbay	13/04/1994
448	Dona Amzalak	4/05/1994
449	Meir Pechiel Finkelstein	16/06/1994
450	Sulamita Ephima	24/07/1994
451	Ana Bentolila	31/07/1994
452	Isaac Amzalak	22/09/1994
453	Abraham David Benoliel	02/11/1994
454	José Shalom Alves	07/11/1994
455	Leão Isaac Melul	07/11/1994
456	Dora Kislánov	1995
457	Isaac Hamoy	08/01/1995
458	Moisés Kosmínsky	06/03/1995
459	Rachel Ghana	13/04/1995
460	Victória Anijar Benchaya	15/07/1995
461	Messody Alves	28/08/1995
462	Gímol Benchimol Gabbay	06/01/1996
463	Esther Peres Elgrably	08/01/1996
464	Marcos Atcaim	10/01/1996
465	Jacob Sicsú	26/02/1996
466	Abraham Marcos Nahon	26/03/1996
467	Orovida Benmuyal Serruya	01/06/1996
468	Moysés Marcos Alves	13/06/1996
469	Esther Cohen Melul	01/09/1996
470	José Tobelem	06/10/1996

	Nome	Ano falecimento
471	Meyer Kabacznik	24/10/1996
472	Samuel Bentolila	27/10/1996
473	Levy Anjar	26/11/1996
474	Estrela Aguiar	07/01/1997
475	Ruth Bat Sara	14/03/1997
476	Luís Carlos Fima	22/04/1997
477	Rachel Auday Soares	25/06/1997
478	Messody Laredo	08/08/1997
479	Salomão Zagury	21/08/1997
480	Isaac Leão Serruya	02/09/1997
481	Shalom Pazuelo	04/09/1997
482	Nelson Aben Athar	23/10/1997
483	Alegria Nahon Zagury	28/10/1997
484	Sultana Cohen	28/11/1997
485	Raquel Bokmiller	sem data
486	Aida Benchimol	sem lápide
Sepulturas com identificação		486
Sepulturas sem identificação		6
Total de sepulturas		492

Fonte: Cadastro feito pelo Prof. Inácio Obadía.

CEMITÉRIO JUDEU DE MACAPÁ – AMAPÁ

	Nome	Ano falecimento
1	Abraham Sananiz	10/08/1895
2	Anania Cohen	03/09/1897
3	Elias Zagury	30/05/1908
4	José Pazuello	16/07/1908
5	Simão Gabbay	18/03/1918
6	Abraham Zagury	25/07/1924
7	Julia Peres Franco	20/08/1928
8	Leão Bemergui	12/02/1930
9	Isaac J. Tobelém	21/04/1955
10	Sarah Alcolumbre	06/07/1966
11	Naftale Mavi Bemergui	10/07/1962
Túmulos com inscrições ilegíveis		8
Total de sepulturas		19

Fonte: Egon e Frieda Wolff, Sepulturas Israelitas, 1983

CEMITÉRIO JUDEU DE CAMETÁ – PARÁ
(Rua Barão de Caneca com Travessa D. Romualdo Seixas)

	Nome	Ano falecimento
1	Abraham Ben Simon	19/08/1886
2	Estrela Ben Dilad	13/10/1891
3	Miriam Benassuly	27/03/1889
4	Haim (Jaime) Obadia	14/04/1901
5	Miriam (filha de Abraham J. Serrulha)	25/09/1902
6	Ledicia (esposa de Salomão Zagury)	28/09/1902
7	Isaac M. Elarrat	02/04/1903
8	Yaacov Sabbá	20/04/1905
9	Nissim Obadia Bar Moshê	06/10/1910
10	Jacob Obadia	06/07/1911
11	Carlota (Yaakot) Sabbá	04/11/1911
12	Moisés Nahmias Bar Yehoshúa	14/12/1911
13	Pepe Abraham Larrat	27/07/1914
14	Reina Sicsú	26/09/1914
15	Moisés Cohen	07/02/1915
16	Rubim Israel	11/11/1916
17	Salomão Abraham Nahmias	02/07/1917
18	Moisés (filho de Jacob Athias)	25/01/1920
19	Abraham Nahmias	15/05/1921
20	Abraham Amzalak	12/03/1922
21	José Moisés Benotiel	23/07/1924
22	Simi Foinquinos	20/01/1926
23	Salomão Tobelem	02/02/1926
24	Jacob Athias	11/11/1926
25	José M. Benarrós	11/03/1927
26	Sol (filha de Jacob M. Athias)	22/09/1927
27	Isaac Benassuly	03/02/1928
28	Rachel Bemuyal	26/11/1929
29	Jacob Azancot	02/09/1931
30	Moisés Jacob Israel	09/04/1933
31	José J. Abensur	24/06/1933
32	Menasses (filho de Aharon Cohen)	04/05/1934
33	Abraham Jacob Azancot	26/04/1985
34	Samuel Jacob Azancot	23/09/1991
35	Sime Benassuly	sem data
36	Abraham Serrulha	quebrada
37	Shelomô Bem	quebrada
38	Yaacov	ilegível
39	Leão Pinto	sem data
	Sepulturas identificadas	39
	Sepulturas sem identificação	37
	Total de sepulturas	76

Fonte. Levantamento feito pelo Prof. Inácio Obadia.

CEMITÉRIO JUDEU DE ÓBIDOS – PARÁ

(Rua Deputado Raymundo Chaves)

	Nome	Ano falecimento
1	Reina Farache	08/09/1918
2	Isaac Azancoth	27/07/1919
3	José Bemergui	10/01/1934
4	Júlia Bemergui	22/03/1934
5	Benjamin Amoy	20/05/1934
6	Salomão Benarrós Israel	31/10/1934
7	Jacob Soares	06/01/1947
8	Salomão Bittencourt Belisha	25/12/1956
9	Fortunato Chocron	04/02/1959
10	David Samuel Hassan	29/12/1961
11	Esther Hamani	sem data
	Sepulturas sem legenda	4
	Sepulturas identificadas	11
	Sepulturas sem identificação	4
	Total de sepulturas	15

Fonte: Levantamento feito pelo Sr. Marcos Jayme Belicha

CEMITÉRIO JUDEU DE ITAITUBA – PARÁ

	Nome	Ano falecimento
1	José Cohen	05/06/1912
2	Abraham Benchimol	12/06/1913
3	Simão Sibony	15/12/1915
4	Atia (mulher de Abraham Benotiel)	26/11/1915
5	Jacob Bencid	24/03/1925
6	Marcos Essucy	02/12/1930
7	Ramiro Bentes	14/04/1932
8	Ramiro Bentes	18/12/1933
9	Jacob Benotiel	05/01/1935
10	Essucy (criança)	28/02/1992
11	Abraham Abensur	criança
12	Sepultura ilegível	
	Total de sepulturas	12

Fonte: Levantamento feito pelo Sr. Jaime Bemergui, de Itaituba.

CEMITÉRIO JUDEU DE SANTARÉM – PARÁ

	Nome	Ano falecimento
1	Isaac Azulay	1884
2	Fortunato Cagy	02/07/1886
3	Abraham de Levy Cohen	29/07/1888

	Nome	Ano falecimento
4	Israet Isaac Benchimol (10 de Tevet de 5649)	14/12/1888
5	Isaac Abraham Athias	06/10/1900
6	Johar Bat Abraham Benoliel	1902
7	Esther Elías Cohen	22/12/1904
8	Elias Benolie.	21/02/1910
9	Dina Cohen	19/10/1923
10	Miriam Elias Benoliel	06/12/1935
11	Abraham Ezagui	18/03/1940
12	Douglas Serruya	04/12/1946
13	David Elías Benotiel	12/06/1950
14	Mosés Júlio Serque	23/03/1972
15	Ricca Júlio Serique	22/12/1976
16	Jacob Salomão Cohen	24/11/1978
17	Esther Azulay Essucy	04/10/1986
	Túmulos identificados	17
	Túmulos sem identificação	19
	Túmulos com inscrição em hebraico ilegível	6
	Total de sepulturas	42

Fonte: Levantamento feito pelo Sr. Fortunato Serruya, de Santarém.
 Identificação dos nomes em hebraico pelo Dr. Isaac Danan

CEMITÉRIO JUDEU DE MANAUS-AM (BOULEVARD ÁLVARO MAIA)

	Nome	Ano falecimento
1	Leon Perez	12/09/1928
2	Samuel Leão Aguiar	05/05/1929
3	Alegria Serrulha Assayag	29/09/1929
4	Lázaro Salgado	11/11/1929
5	Ehas Dray	28/03/1930
6	Luís Tapiero	29/03/1930
7	Fortunato Sabbá	10/07/1930
8	Jacob Cohen	23/08/1930
9	Gimol Ohana	05/10/1931
10	Moysés Abtibol	16/01/1932
11	Isaac Hanan	09/02/1932
12	Emilia Dray	03/04/1932
13	Rosa Lefkm	13/06/1932
14	Mair Jacob Israel	29/06/1932
15	Johar Azulay	20/07/1932
16	Lena Startes	10/09/1932
17	Emmanuel Levy	15/04/1933
18	Júlia Aben-Athar	01/05/1933
19	Moysés Cohen	03/09/1933
20	David A. Sícsú	28/03/1934
21	Esther Roffé	11/04/1934

	Nome	Ano falecimento
22	Marcos Alberto Sicsú	14/03/1935
23	Sime J. Bensimon	16/05/1935
24	Salomao Sicsu	22/06/1935
25	Estrela Salgado Benesby	01/08/1935
26	Abraham Lifset	09/08/1935
27	Alegria Assayag Cohen	08/12/1935
28	Moysés Assayag	14/12/1935
29	Sulamita Esquenazi	18/12/1935
30	Estrella Chocron	07/03/1936
31	Isaac M. Lassery	19/07/1937
32	Abraham Azulay	24/10/1937
33	Semy Aflalo	10/12/1937
34	Salomão Laredo	21/01/1938
35	Malof Afergan	31/01/1938
36	Lêa Marques	04/05/1938
37	Esther Mocesco	12/07/1938
38	Samuel Augusto Ezagui	27/08/1938
39	Moyses Carlos	12/10/1938
40	Salomão Roffé	09/11/1938
41	Dora Lifchit	04/02/1939
42	Anna Abensur Azulay	19/04/1939
43	Hachel Ohana	07/07/1939
44	Annita Azulay	13/10/1939
45	Israel Lifchit	14/03/1940
46	Leão Azulay	04/07/1940
47	Ambrózio Hazan	05/07/1940
48	Abraham Hass	05/07/1940
49	Samuel Aflalo	14/10/1940
50	Elias Cohen	14/03/1941
51	Alegria Dahan	04/06/1941
52	Estrella Sabbá	13/07/1941
53	Gold Foteran	19/07/1941
54	Jayne Sicsú	06/08/1941
55	Sarah Ezaguy	05/01/1942
56	Mery Dray	29/06/1942
57	Salomão Isaac Assayag	16/09/1942
58	Messode Aflalo	25/10/1942
59	Jayne Kadosch	31/12/1942
60	Salomão Sabbá	21/05/1943
61	Maurício Samuel	25/09/1943
62	Mayr A. Azulay	28/02/1944
63	Cota José Israel	13/05/1944
64	Lia Cohen Elbakar	13/06/1944
65	Bertha Peres Fernandes	18/06/1944
66	Abraham Samoel Alves	05/07/1944
67	Rachel B. Larrat	16/07/1944

	Nome	Ano falecimento
68	Lêa Benayon	28/10/1944
69	Cota Meguera	21/11/1944
70	Primo Sabbá	29/11/1944
71	Isaac Moacir Benaion	03/12/1944
72	Leão Abraham Pinto	29/04/1945
73	Afonso Cagy	21/05/1945
74	Edina Tamar Abecassis	27/08/1945
75	Rachel Benarrós	01/09/1945
76	Benedito Rubem Cohen	11/09/1945
77	Elizabeth Assayag	16/09/1945
78	Sol Aferat	19/12/1946
79	Sadok Tayah	07/02/1947
80	Abraham Elias Cohen	25/02/1947
81	Drota Eisensztein	01/03/1947
82	Semah Raphael Cagy	06/04/1947
83	Esther J. Kadosch	25/04/1947
84	Renê Sabbá de Alencar	06/05/1947
85	David Salomão Azulay	01/06/1947
86	Jaime Benarrós	28/06/1947
87	José Salomão Laredo	19/11/1947
88	Marlof Cohen	14/01/1948
89	Nissim I. Pazuello	02/03/1948
90	Amália Senna	04/08/1948
91	Salomão Abecassis	05/08/1948
92	Abraham Cohen	06/06/1949
93	Lêa Chocron	02/08/1949
94	Elias Salomão Serrulha	31/10/1949
95	Rene Cohen	16/06/1950
96	Sarah I. Lassery	17/06/1950
97	Marcos A.ves	13/08/1950
98	Abraham Cohen	06/10/1950
99	Rafael E.bacar	20/12/1950
100	Lice Siqueira	22/03/1951
101	Jaime José Israel	08/07/1951
102	Rachel Amza.ac Ohana	18/07/1951
103	Bertha Schevartz	12/10/1952
104	Estrela Israel	24/10/1952
105	Flora Lifchit	03/05/1953
106	Jaime Bentolila	04/05/1953
107	Jacob Bensimhon	17/07/1953
108	Abraham David Cagy	02/11/1953
109	Joanita Bronostein	12/04/1954
110	Orobida Benoliel	13/09/1954
111	Hilel M. Benchimol	20/12/1954
112	Quida Sete Pinto	12/02/1955
113	Eduardo Assayag	05/05/1955

	Nome	Ano falecimento
114	Abraham J. Abecassis	06/08/1955
115	Mary Cohen	04/07/1956
116	Jaime Benarrós	28/06/1957
117	Jacob Haim Farache	02/09/1957
118	Francisca Hanan	12/10/1957
119	Elias Lassery	24/11/1957
120	Max Taub	29/12/1957
121	Sera Emperaf	06/06/1958
122	Simy Alves Saigado	24/10/1959
123	Isaias Abensur	17/02/1960
124	Levy A. Cohen	07/03/1960
125	Felicidade Pinto Assayag	18/06/1960
126	Sara Sabbá	05/07/1960
127	Eliezer A. Cohen	16/10/1960
128	Rachel Cohen Alves	13/01/1961
129	Amélia Cohen	10/02/1961
130	Isaac Pazuello	30/08/1961
131	José S. Cohen	17/11/1961
132	Salomão Santos	31/12/1961
133	Esther Peres Ezagui	22/03/1962
134	Elena B. Pazuello	21/10/1962
135	Leão Aarão Foinquinos	26/10/1962
136	Leonie Mendes Abecassis	23/03/1963
137	Fortunato Jacob Cohen	25/06/1963
138	Marcos Sabbá	07/07/1963
139	David José Israel	25/07/1963
140	Deborah Sabbá	16/09/1963
141	Mira Cagy	10/11/1964
142	Raphael Assayag	03/01/1965
143	Shimon José Assayag	16/08/1965
144	David Leão Israel	08/05/1966
145	Estrela J. Ezagui	16/09/1966
146	Carlos Mendes	25/03/1967
147	Augusto J. Ezagui	09/04/1967
148	Leão Cohen	09/05/1967
149	Leão M. Bentolila	26/09/1967
150	Mayr Lassery	13/11/1968
151	Moysés Abitbol Júnior	08/03/1969
152	Samuel Cohen	16/04/1969
153	Félix Fink	30/04/1969
154	Moysés Azulay	01/11/1969
155	Salomão Bensimhon	22/01/1970
156	Rachel Assayag	15/09/1970
157	Benjamin I. Benchimol	21/03/1971
158	Elena Golda Gerzvolf	21/08/1971
159	Simão Assayag Gonçalves	16/12/1971

	Nome	Ano falecimento
160	Moysés J. Benoliel	29/01/1973
161	Moysés Benchimo.	23/03/1974
162	Henry Klein	27/03/1974
163	Luna Ezagui	17/10/1974
164	Isaac Israel Benchimot	24/12/1974
165	Ália Serruya Cohen	28/12/1974
166	Jacob Azulay	09/02/1976
167	Emil Edelman Bar Abraham	16/07/1976
168	José Abitbol Azulay	13/04/1977
169	Deborah Sabbá	02/06/1977
170	Chalom Cagy	19/06/1977
171	Messody Ambrósio Assayag	09/10/1977
172	Miquel Essabbá	05/04/1978
173	Jacob Sabbá	20/06/1978
174	Salomão Moysés Cohen	29/11/1978
175	Moysés Soares Abecassis	06/06/1979
176	Elazar Elgaly	29/08/1979
177	David Matalon	18/09/1979
178	David Israel Benarrós	19/09/1979
179	Ruth Cohen	13/01/1980
180	Nina Siqueira Benchimol	28/02/1980
181	Moisés Israel Roussou	15/06/1980
182	Leon Salvador Abecassis	28/09/1980
183	Miquel Cohen	27/11/1980
184	Hans Willi Schwartz	20/12/1980
185	Moysés Salomão Cohen	16/02/1981
186	Danielle Foinquinos de Melo	29/06/1981
187	Ledícia Bengingui Azulay	20/02/1982
188	Shalom Hanan	10/03/1983
189	Messody Salomão Cohen	30/09/1984
190	Flora Conen Israel	06/02/1985
191	Sam Tayah	21/12/1985
192	Isaac Alberto Abecassis	05/06/1986
193	Sam Kahané	13/06/1986
194	Werner Fabian Katz	22/02/1987
195	Estrela Cohen Ohana	26/06/1987
196	Marcos Abraham Azulay	18/07/1987
197	Anita Salomão Cohen	29/10/1987
198	David Alberto Abecassis	07/01/1988
199	Moisés Larrat	24/01/1988
200	Alegria Cohen	12/02/1988
201	Armando Abecassis	22/03/1988
202	Isaac Salomão Conen	23/04/1988
203	Isaac Joaquim Pazuello	06/02/1989
204	Moysés Sabbá	06/02/1989
205	Osmat Calil Chaar	14/05/1989

	Nome	Ano falecimento
206	Ruben J. Ezaguy	21/09/1989
207	Moysés Tayah	17/10/1989
208	Piedade Salomao Cohen	16/12/1989
209	Anita Hanan	18/05/1990
210	Moysés Serruya	1990
211	Máno Meyer Assayag	05/11/1990
212	Morluf Julio Levy	24/11/1990
213	Léa Aflalo Israel	13/03/1991
214	Robine Benchimol Schwartz	16/05/1991
215	Isaac Fred Benzecry	21/07/1991
216	Estrela Benarrós Cohen	09/10/1991
217	Thomazia David Benoliel	01/01/1992
218	Meyer Alberto Abecassis	04/02/1992
219	Rubens Samuel Benzecry	08/08/1992
220	Leão A.berto Abecassis	15/09/1992
221	Alberto Gabbay	28/02/1993
222	David Benayon	11/06/1993
223	Fortunato Siqueira	01/07/1993
224	Leopoldo Hebron	19/09/1993
225	Messody Samuel Israel	13/05/1994
226	Átia Benoliel	24/01/1995
227	Jacques Jayme Alberto	15/02/1995
228	Raquel Serruya Abtibol	22/05/1995
229	Alegria Pazuello	04/10/1995
230	Jayme Moysés Abecassis	16/11/1995
231	Rachel Isaac Pazuello	12/12/1995
232	Gracília Figueredo Benchimol	11/01/1996
233	Elias Serruya	07/02/1996
234	Isaac Benayon Sabbá	22/03/1996
235	Rachel Salomão Cohen	30/03/1996
236	Nuta Wolf Pecher	27/12/1996
237	Luna Assayag Hanan	18/03/1997
238	Isaac W. Benayon	27/04/1997
239	Carlota Sabbá Israel	08/05/1997
240	Elias David Benoliel	21/06/1997
241	Leon Herszon	22/10/1997
242	José M. Serruya	sem data
243	Abraham A. Assayag	sem data
244	Hanom Tayah	sem data
245	Marcos Tayah	sem data
246	Moysés Tayah	sem data
247	Esther Sabbá	sem data
248	Dora Mechcari	sem data
249	David Alder	sem data
250	Fortunato Abtibol	sem data
251	Rosa Peres	sem data

	Nome	Ano falecimento
252	Ledícia Elcair	sem data
253	Messodí Cohen	sem data
254	Belicia Antbyl	sem data
255	Hold Acno	sem data
256	Gail Benchimol	sem data
257	Estrela Salgado	sem data
258	Pérola Serruya	sem data
259	Moisés Dray	sem data
260	Asher José Benaion	sem data
261	Samuel Serruya	sem data
262	David Serruya	sem data
263	Levy Serruya	sem data
264	Lola Abraham	sem data
265	Alberto Haim	sem data
266	Bertha Sehuartz	sem data
267	Ierachmiel Benoliel	sem data
268	Marcos Geifenstein	sem data
269	Isaac Levy	sem data
270	Daniel Israel Benarrós	sem data
271	Rora Bat Abraham	sem data
272	Vidal David Israel	12/03/1998
273	Salomão Laredo	24/03/1998
Sepulturas identificadas		274
Sepulturas sem identificação		39
Total de sepulturas		313

Fonte: Levantamento feito por David Salgado Filho e atualizado por Abraham Elmescany.

CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO JOÃO BATISTA – MANAUS-AM (PRAÇA CHILE)

	Nome	Ano falecimento
1	Camille Blum	08/03/1879
2	Fortunato Isaac Cohen	11/11/1894
3	Angar Mikink	1897
4	David Fortunato Cagy	1901
5	Samy Aman	1901
6	David Sicsú	21/03/1902
7	Jacob Elías Muniz	13/03/1903
8	Simy Benayon	1903
9	Abraham Bugond	1904
10	Salomão Sicsú	1904
11	Abraham Bentolila	1905
12	Eva Brean	1906
13	Jaques Utzinger	1906
14	Rosel Chrpell Levy	1906

	Nome	Ano falecimento
15	Esther Cohen	19/06/1906
16	Arão Acris de Suatia Estrella Sacron	12/11/1906
17	Samuel Isaac Bentolo	06/12/1906
18	Isaac Benváld	20/12/1907
19	Alberto Levy	1908
20	Rosa Fichel	1908
21	Abraham Bentolila	14/06/1908
22	Jaques Lany	1909
23	Leon Sohechile	1909
24	Alberto Cebom	07/11/1909
25	Alberto Rimok Bem Sabatai	07/12/1909
26	Henrique Lisseman	1910
27	Jaques Alves	1910
28	Rosita Goldmann	01/01/1910
29	Chume Sabnievitz	12/01/1910
30	Bertha Wasserman	29/01/1910
31	Shalom H. Moyal (rabino)	12/03/1910
32	Jacob Benbam (Banbanaste)	06/04/1910
33	Leon Bengungui	23/04/1910
34	Ana Friedonan	1911
35	Camila Dray	25/02/1911
36	Ana Riiaze.	10/03/1911
37	Rebeca Chencinsky	23/03/1911
38	Rosa Goldberg	01/04/1911
39	Sarah Beila	04/10/1911
40	David Abraham Alves	11/11/1911
41	Salomão Benoliel	29/11/1911
42	Abraham Cohen	1912
43	Abraham Isaac Gurjão	1912
44	Agnes Cohen	1912
45	Alberto Happ	1912
46	Rachel Waitt	13/03/1912
47	Abraham Isaac Garson	25/03/1912
48	Rebeca Groff	25/04/1912
49	Salomão D. Belicha	10/06/1912
50	Palmira Levy	1913
51	Simão Bacher	1913
52	Salem Sadik	1913
53	Ambrósio Isaac Assayag	1914
54	Azize Benoliel	1914
55	Alegria Leon Israel	24/03/1914
56	Camilo Blum	1915
57	Sarah Rosevals	1915
58	Léa Bat Slomo	08/03/1915
59	Balbina Wiskiter	24/04/1915
60	Sarah Maico	25/07/1915

	Nome	Ano falecimento
61	Myrian Basbaun Brandem	22/12/1915
62	Abraham Abinoz	1916
63	Fany Gold	17/04/1916
64	Henriette Ecksmoyse	14/12/1916
65	Esther Picamk	1917
66	José Salomão Cohen	1918
67	Simon Cohen	1918
68	Simão Samuel Cohen	22/02/1918
69	Salomão Pinto	08/11/1918
70	Sol A. Benchimol	13/11/1918
71	Ricca Acoca	02/06/1919
72	Leon Abitan	07/07/1919
73	Bertha Alcine	23/02/1920
74	Luiz Abtibol	25/04/1920
75	Abraham Baruel	03/03/1921
76	Raphael José Siqueira	29/03/1922
77	Esther Iapicio	1923
78	Isaac David Benjoia	1923
79	Moysés Isaac Cohen	1923
80	Esther	11/04/1923
81	Abraham Benarrós	1925
82	Abraham Benemond	04/10/1925
83	Sol Alves	31/12/1925
84	Fane Macloub	1926
85	Nissin Benemon	1926
86	Nissim Antabim	08/05/1927
87	Luna Cohen	16/05/1927
88	Abraham Clama	1934
89	Rachel Sicsú	1935
90	Anita Rachel	sem data
91	Abraham Abzror	sem data
92	Abraham S. Israel	sem data
93	Isaac Azrari	sem data
94	Levy Cohen	sem data
Total de sepulturas		94

Fonte: Levantamento feito pelo Sr. Abraham Meir Benmuyal, Chefe da Hebrá Kadishá de Manaus.

CEMITÉRIO JUDEU DE PARINTINS – AMAZONAS (PRAÇA DA CATEDRAL)

	Nome	Ano falecimento
1	Donna Cohen	29/04/1886
2	Isaac S. Benjó	26/01/1887
3	José Serrulha	05/01/1909
4	Isaac Abraham Assayag	23/09/1909
5	Perla S. Assayag	21/04/1915

	Nome	Ano falecimento
6	Jacob Salomão Cohen	14/12/1915
7	Abraham José Sicsú	20/12/1916
8	Isaac E. Dabella	20/06/1918
9	Júlia Dray	13/01/1920
10	Miriyam Levy Salama	02/02/1923
11	Simão Isaac Bengio	03/05/1925
12	Abraham Salomão Cohen	14/06/1925
13	Anamas S. Cohen	06/08/1926
14	Ambrósio Dray	24/02/1928
15	Estrella S. Mendes	21/09/1928
16	Miryan S. Mendes	03/03/1931
17	Esther Assayag	24/03/1931
18	José Dray	23/06/1931
19	Júlia Salomão Cohen	22/10/1931
20	Esther Levy	18/04/1934
21	Isaac Cagy	01/01/1935
22	Jacob Moysés Cohen	26/04/1935
23	Fortunato Salom Dray	13/05/1935
24	Júlia Salama Cohen	27/09/1935
25	Salomão Moysés Cohen	19/12/1935
26	Alberto Mendes	11/01/1938
27	Marcos S. Zagury (promotor)	23/08/1938
28	Esther Dray Benjô	01/05/1939
29	Jamila Assayag	03/06/1941
30	Tomázia Salama Cohen	26/04/1943
31	Soi Salomão Cohen	09/12/1943
32	Esther Salomão Cohen	31/03/1945
33	Anamas Moysés Cohen	08/07/1947
34	Maira Mendes	04/07/1959
35	Fortunato Salomão Cohen	21/02/1961
36	Salomão Isaac Cohen	27/05/1963
37	Ruth Pazuello	12/03/1967
38	Pin-Has Salomão Cohen	01/07/1975
39	Elias Assayag	14/02/1980
40	Anna Meriam (filha de Abraham)	sem data
	Sepulturas com identificação	40
	Sepulturas não identificadas	25
	Total de sepulturas	65

Fonte: Levantamento feito pela Sra. Oriane de Souza Batalha e Zézito Assayag.

CEMITÉRIO JUDEU DE MAUÉS – AMAZONAS

	Nome	Ano falecimento
1	Pinhas M. Assayag	17/02/1932
2	Marcos M. Pinto	28/06/1935
3	Moisés Hatchwell	27/10/1935
4	Salomão Benchaya	30/07/1945
5	Sarah Belezrah Pinto	29/10/1949
6	Moisés Abecassis	04/02/1964
7	Léa Nagai Hatchwell Leite	31/07/1996
8	Abel Abuaba	sem lápide

Total de sepulturas 8

Fonte: Levantamento feito por Jayme Benchaya Filho.

CEMITÉRIO JUDEU DE ITACOATIARA – AMAZONAS

	Nome	Ano falecimento
1	Abraham Ezagui	1900
2	Ezagui	1910
3	Elias Ezagui	23/11/1910
4	Shelomo (?) Ezagui	1912
5	David Dray	22/08/1912
6	Ledicia Malca	21/10/1914
7	Symi Carlos Nahmias	17/10/1916
8	Elias Alves	11/11/1920
9	David A. Kadosh	16/05/1924
10	Esther Bat Moshé Toledono	1927
11	Simy Ezagui	17/02/1927
12	Abraham Kadosh	06/11/1927
13	Dinar Ohana	02/03/1929
14	Luna Pinto	06/03/1929
15	Fortunata Cohen Alves	06/11/1932
16	Ananias Cohen	1935
17	Moisés Azulay	20/02/1936
18	Rica Bensemana	01/08/1936
19	Isaac Benchaya	18/09/1944
20	Orovida Ezagui	22/09/1949
21	Fortunato Benezar	09/07/1955
22	Dray O	sem data
23	Yehudah Elmaliah	sem data
24	Shelomo Elmaliah	sem data
25	Joseph Elmaliah	sem data
Sepulturas identificadas		25
Sepulturas não identificadas		19
Total de sepulturas		44

Fonte: Levantamento feito pela Prof.ª Terezinha Peixoto e Abraham Amzalak

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE MANACAPURU – AMAZONAS

	Nome	Ano falecimento
1	Júlia Cagy	sem data
2	Luna Benarosh	1908
3	Marcos Jonas Cohen	sem data
4	Sulamita Essucy	sem data
5	Alegria Essucy	sem data
6	Eliana Essucy	sem data
Total de sepulturas		6

Fonte: Levantamento feito pela engenheira Miryam Koifman.

CEMITÉRIO JUDEU DE TEFÉ – AMAZONAS

	Nome	Ano falecimento
1	Samuel Serfaty	18/06/1888
2	Marcos I. Levy	24/09/1909
3	Messody Alves	19/09/1930
4	Abrahão Ambrózio	29/03/1935
5	Isaac Ambrózio	13/03/1956
Sepulturas identificadas		5
Sepulturas não identificadas		20
Total de sepulturas		25

Fonte: Levantamento feito pelo Dr. José Raphael Siqueira Filho.

CEMITÉRIO JUDEU DE IQUITOS – LORETO, PERU

	Nome	Ano falecimento
1	Mercedes Kahn de Bohabot	06/06/1895
2	Jaime Cohen	27/02/1896
3	Elisa Bensadon de Assar	16/06/1898
4	Moises Isaac Nahon	16/09/1899
5	Perla Levy de Bohabot	03/03/1900
6	Senior Ansallern	07/01/1904
7	Ruben Benjil Bendrao	01/02/1904
8	Isaac Barcesat	06/12/1908
9	Jacobo Medina	06/01/1909
10	Scadia Assayag	12/01/1912
11	Charles Samuel	25/06/1912
12	Moises Edery	09/10/1915
13	Rene Weil	09/07/1917
14	Isidoro Levy	21/09/1917
15	Salomon Bohabot	07/04/1920
16	Estersita Edery	21/02/1921
17	Joseph Albert Schuler	21/10/1921

	Nome	Ano falecimento
18	Marcos Tapiero	24/07/1925
19	Rafael Israel	Agosto/1925
20	Jaime Barcesat	01/03/1927
21	David Davila	20/10/1937
22	Beny Benzaquen	28/10/1937
23	Tomasa Assot	1938
24	Abraham Edery	1941
25	Isaac Miguel Azulay	25/10/1942
26	Moises Cohen	07/09/1944
27	Fortunato Edery	1944
28	Moises Benzaquen	01/10/1947
29	David Erwini	sem data
30	Leon Tapiero	sem data
31	Anita Naamias	sem data
Total de sepulturas		31

Fonte: Alfredo Rosenzweig, Judíos en la Amazonia Peruana, 1949.

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CONTAMANA – LORETO, PERU

	Nome	Ano falecimento
1	Isaac Suzanna	sem data
2	Salomón Levy	sem data
3	Moisés Abisroar	sem data
4	Isajar Aserrat	sem data
Total de sepulturas		4

Fonte: Alfredo Rosenzweig, Judíos en la Amazonia Peruana, 1949.

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE YURIMAGUAS – LORETO, PERU

	Nome	Ano falecimento
1	Schalom Benamut	sem data
2	Alfredo Kobienz	sem data
Total de sepulturas		2

Fonte: Alfredo Rosenzweig, Judíos en la Amazonia Peruana, 1949.

Cemitério Municipal de Caballococha – Loreto, Peru

	Nome	Ano falecimento
1	Isaac David	sem data
Total de sepulturas		1

Fonte: Alfredo Rosenzweig, Judíos en la Amazonia Peruana, 1949.

REFERÊNCIAS

- AMZALAK, Abraham. "Antigos Cemitérios Judaicos perdidos na Amazônia". *Revista Hatikva*. Manaus, 1984.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS. *Primeiro Centenário da Associação Comercial do Amazonas – 1871-1971*. Manaus: Umberto Calderaro, 1971.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS. *Revista da ACA – 1906 a 1919*. Manaus.
- AYOUN, Richard. "Estabelecimento dos Espanhóis no Magreb nos Séculos XIV e XV". In: *Ibéria Judaica*. São Paulo: Edusp, 1996.
- AZULAY, Fortunato. *Torá*. Rio de Janeiro: Editora Luna, 1980.
- BARNAVI, Elie. *História Universal dos Judeus* (sob a direção de Elie Barnavi – Departamento de História da Universidade de Tel Aviv e da Escola de Altos Estudos Sociais de Paris). São Paulo/Belém: Cejup, edição brasileira, 1995.
- BENCHIMOL, Samuel. *O Cearense na Amazônia*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Imigração e Colonização/Imprensa Nacional, 1946.
- _____. *Manáos – The Growth of a City in the Amazon Valley*. Miami University, Oxford, Ohio. Tese de Mestrado, 1947.
- _____. *Romanceiro da Batalha da Borracha*. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.
- _____. *Estrutura Geossocial e Econômica da Amazônia*. Manaus: Sérgio Cardoso, 1966.
- _____. *Amazônia: Um Pouco-Antes e Além-Depois*. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.
- _____. *Manáos-do-Amazonas: Memória empresarial*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 1994.

_____. *Depressão, Débâcle e Bancarrota*. Manaus, 1994 (manuscrito inédito).

_____. “Judeus no ciclo da borracha”. Manaus: Imprensa Oficial, 1994. Resumo em *Judaísmo – Memória e Identidade*. Helena Lewin (Org.), 1997.

BENTES, Abraham Ramiro. *Os Sefardim e a Hakitia*. Belém: Mithograph Ed., 1981.

_____. *Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia – Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1987.

_____. *Primeira Comunidade Israelita Brasileira*. Rio de Janeiro: Gráficas Borsoi S.A., 1989.

BLAY, Eva Alterman. “Judeus na Amazônia”. In *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Organizado por Bila Sorj. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

BRAGA, Theodoro. *Guia do Estado do Pará*. Belém: Typ. Lauro Sodré, 1916.

BROWN, Kenneth. “Religion, Commerce et Peregrination des Juifs Marocain”. Traduit de l’hebreu, Péamim 38, 1989, Institut Ben-Zvi. In *Cent Ans de Judaisme Marocain*. Seleção e edição por Shalom Bar Asher, Department de l’Education par la *Torah* dans la Diaspora.

CHÍXARO, Paulo. *Indicador de Manáos*. Manaus: Typ. Reis, 1940.

CONGRESSO COMMERCIAL, INDUSTRIAL E AGRÍCOLA (1910). *Annaes*. Manáos: Typ. Palais Royal, 1911. Nova edição, Manaus: Umberto Calderaro, 1990.

EBAN, Abba. *A História do povo de Israel*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago: Editores William Benton Publisher, 1964.

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA. 21 volumes. Original em Inglês. Jerusalém: Keter Publishing House Ltd., 1973.

- FABEL, Nachman. "Presença Judaica na Amazônia". *1.º Congresso Internacional Israelita de Ecoturismo*, Belém, 1997 (manuscrito inédito).
- FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*. Lisboa: Neogravura, 1961.
- HATEFUTSOT, Beth. *Museu da Diáspora da Universidade de Tel Aviv*, 1983.
- ISRAEL, Elias Leão. *Relatório de Receita e Despesas de 1909 a 1912 da Sinagoga Shaar Hashamaim*, apresentado pelo seu presidente Elias Leão Israel, Belém: Typ. Delta, 1912.
- KAYSERLING, Meyer. *História dos Judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira Editora, 1971.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras – Mulheres Judias e Prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua*. Rio de Janeiro: Editora Imago, s/d.
- LAREDO, Isaac. *Memórias de um velho tângerino*. Madrid: C. Bermejo, 1935.
- LARGMAN, Esther. *Jovens Polacas*, 1922.
- LEWIN, Helena. "Idiche Mame – A Mulher Judia e a Controvérsia entre o Tradicional e o Moderno". In *Ibéria Judaica*. São Paulo: Edusp, 1996.
- LEWIN, Helena; KUPERMAN, Dianne (organização e colaboração). *Judaísmo: Memória e Identidade* (51 autores). Rio de Janeiro: Gráfica Uerj, 1997.
- MENEZES, Aderson de. *História da Faculdade de Direito do Amazonas (1909-1959)*. Manaus: Tipografia Fenix, 1959.
- MIRELMAN, Victor A. *Sephardic Immigration to Argentina Prior to the Nazi Period*. Boston: Allen & Lenwin, 1987.
- MORAIS, Raymundo. *Anfiteatro Amazônico*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, s/d.
- _____. *Na Planície Amazônica*. 1.^a edição, 1926; 7.^a edição, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

- MOREIRA, Eidorfe. *Presença Hebraica no Pará*. Belém, 1972.
- MORENO, Humberto Baquero. “Tensões e Conflitos na Sociedade Portuguesa em Vésperas de 1492”. In *Ibéria Judaica*. São Paulo: Edusp, 1996.
- MURAKAWA, Clotilde. “Inquisição Portuguesa – Vocabulário de Direito Penal”. In *Ibéria Judaica*. São Paulo: Edusp, 1996.
- NACHIM, Zeilich. *Cronologia da História Judaica*. São Paulo: B’nai B’rith do Brasil, 1981.
- NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia*. São Paulo: Edusp, 1972.
- _____. “Jewish Roots of Brazil”. In *Jewish Presence in Latin America*. Boston: Allen & Lenusin, 1987.
- NOVINSKY, Anita W; KUPERMAN, D. (Orgs.). *Ibéria Judaica: Roteiros da Memória*. São Paulo: Edusp, 1996.
- PERES, Ambrosio B. *Judaism in the Jungle*. Miami: edição reprográfica – circa, 1990.
- PIRKEI, Avot. *A Ética dos Pais*. Manaus: edição reprográfica, 1996.
- QUADROS, Jânio; MELO FRANCO, Afonso Arinos. *História do Povo Brasileiro*. São Paulo: J. Quadros Editora, 1967.
- REIS, Arthur. *História do Amazonas*. Manaus, 1931. 2.^a edição, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1997.
- ROTH, Cecil. *Uma história dos marranos*.
- ROSENZWEIG, Alfredo. *Judios en la Amazonia Peruana*. Iquitos: edição mimeo, 1949.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editora Ltda., 1980.
- SCLIAR, Moacir. *O Ciclo das Águas*. 1975.
- SILVA, Francisco Gomes da. *Cronografia de Itacoatiara*. Manaus: Papyros Ind. Gráf., 1997.

VELTMAN, Henrique B. *Os Hebraicos na Amazônia*. Tel Aviv: Museu da Diáspora (Beth Hatefusot), 1983, edição mimeo.

WIESEL, Ellie. *Reflexiones*. Jerusalém, 1986.

WOLFF, Egon e Frieda. *Sepulturas Israelitas – II em cemitério não israelitas*. Rio de Janeiro: Gráfica Zit, 1983.

_____. *Sepulturas Israelitas – As Mishpakhot de Belém*. Rio de Janeiro: Erca Editora e Gráfica, 1987.

DOCUMENTAÇÃO ORAL

Relação dos entrevistados pessoalmente ou através de telefonemas e cartas, cujos depoimentos foram utilizados na elaboração deste livro

Padre Jesus Hortal Sanchez	S. J. Reitor da PUC, Rio de Janeiro
Zanoni Magaldi	Maués
Prof. David Alves de Melo	
Francisco Iannuzzi	Parintins
Prof. Armando Santos	
Onane de Souza Batalha	Parintins
Dr. Isaac Elías Israel	Belém
Terezinha Edna Monteiro Peixoto	Itacoatiara
Jacob Fortunato Cohen	Manaus
Rabino Moisés Elmescany	Belém
Ambrósio Assayag	Manaus
Dr. Abraham Elmescany	Manaus
Dr. Abraham Elmescany	Manaus
Jayme Elmescany	Belém
José Mário Assayag	Manaus
Prof. Inácio Obadia	Belém
Dr. Isaac Dahan	Manaus
Prof. ^a Clara Elmescany	Belém
Samuel Apenzeller	Manaus
D. Marita Assayag Hanan	Rio de Janeiro
Dr. Jacob Cohen	Manaus
Isaac Rafael Assayag	Manaus
Abraham Benmuyal	Manaus
Samuel Koifman	Manaus
Mery Israel Benchimol	Manaus
Esther Israel Koifman	Manaus
Alice Benchimol	Manaus
Miriam Koifman	Manaus
Dr. Raphael Benchimoï	Rio de Janeiro
Gimol Levy Benchimol	Rio de Janeiro
Dr. Alberto Benchimol	Phoenix, Arzonas
Saul Benchimol	Manaus
Nelson Benchimol	Los Angeles, Califórnia
Helena Levy Benchimol	Phoenix, Arizona
Jaime Samuel Benchimol	Manaus

Alex Benchimol	Canadá, Escócia
Nora Benchimol Minev	Manaus
Moysés Benchimol	Rio de Janeiro
Moysés Benarrós Israel	Manaus
Anne Benzecry Benchimol	Manaus
Benjamin Benzecry	Manaus
Ilko Mintschev Minev	Manaus
Leon Levy	Rio de Janeiro
Jóia Cohen Israel	Manaus
Ambrósio B. Perez	Miami
Jaime Benchaya Filho	
Isaac Moysés Cohen	Manaus
Abraham Levy	Rio de Janeiro
Samuel David Israel	Manaus
Ruth Roffé Levy	Rio de Janeiro
Augusto Pacífico Ezagui	Manaus
Samuel Benzecry	Manaus
Isaac Moysés Cohen	Manaus
Jacob Benzecry	Belém
Samuel David Israel	Manaus
Prof. José Laredo	Manaus
Augusto Pacífico Ezagui	Manaus
Júlia (Jóia) Cohen Israel	Manaus
Jaime Bemergui	Itaituba
Prof. Noval Benayon de Melo	Manaus
Fortunato Serruya	Santarém
Marcos Jayme Belicha	Óbidos
Alberto Abecassis	Maués
Salomão Marcos Zagury	Manaus
Clara Azulay	Manaus
Liege Bemergui	Itaituba
Dr. José Raphael Siqueira Filho	Manaus
Zezito Assayag	Parintins
Abraham Benzion	

ANEXO

TRABALHOS PUBLICADOS PELO AUTOR

- 01 “Roteiros da Amazônia”. Conferência pronunciada na Faculdade de Direito do Recife. *In Caderno Acadêmico*, ano II, n.º 3, Recife, 1942, 8p.
- 02 *Versos dos Verdes Anos (1942-1945)*. Poemas e haicais escritos no período de 1942-1945 e não publicados, 9p.
- 03 *Quarto Centenário do Descobrimento do Rio Amazonas: Diário de uma Viagem pelo Rio Solimões até Iquitos*. Inédito, Manaus, 1942, 50p.
- 04 *O Bacharel no Brasil – Aspectos de sua Influência em nossa História Social e Política*. Manaus: Livraria Clássica, 1946, 33p.
- 05 *O Cearense na Amazônia – Inquérito Antropogeográfico sobre um tipo de Imigrante*. Prêmio “José Boiteux” do X Congresso Brasileiro de Geografia (1944). 1.ª edição, Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Imigração e Colonização, Imprensa Nacional, 1946, 89p. 2.ª edição, Rio de Janeiro: SPVEA (Coleção Araújo Lima), 1965, 87p. 3.ª edição, Manaus: Imprensa Oficial, 1992, 304p.
- 06 “O Aproveitamento das Terras Incultas e a Fixação do Homem ao Solo”. *In Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, ano IV, n.º 42, 1946, 38p.
- 07 *The next war: book-report*. Monografia de Pós-Graduação. Miami University, mimeo, 1946, 11p.

- 08 *Capitalism, the creator: a book-report*. Monografia de Pós-Graduação. Miami University, 1947, 5p.
- 09 *History of economic thought: an outline*. Monografia de Pós-Graduação. Miami University, 1947, 17p.
- 10 *Industrialization and foreign trade in Brazil*. Monografia de Pós-Graduação. Miami University, 1947, 11p.
- 11 *Manaus: The Growth of a City in the Amazon Valley*. Tese de Mestrado para obtenção do Master Degree em Economia e Sociologia, por Miami University, Oxford, Ohio, USA, 1947, 165p.
- 12 “Sociology in Brazil and in the U.S. – A Comparative Study”. *In Sociology and Social Research*, vol. 32, n.º 2, Los Angeles, Califórnia, 1947, 27p.
- 13 *Diário de um estudante da Miami University, Oxford, Ohio, e de um viajante pelos Estados Unidos (1946/7)*, inédito, 174p.
- 14 *Ciclos de Negócios & Estabilidade Econômica – Contribuição ao Estudo da Conjuntura*. Tese de Doutorado-Concurso à Cátedra de Economia Política da Faculdade de Direito do Amazonas. Manaus: Tipografia Fênix, 1954, 152p.
- 15 *Planejamento do Crédito para a Valorização da Amazônia: situação histórica e atual do crédito no Amazonas, política de crédito necessária à mobilização, e medidas complementares e colaterais*. Relatório apresentado pela Subcomissão de Crédito e Comércio, da Comissão Coordenadora dos Subsídios do Estado do Amazonas para o Plano Quinquenal da Valorização da Amazônia, da qual foi presidente e relator. Manaus, 1954, 25p.

- 16 “Relação entre a Economia e o Direito”. In *Revista da Faculdade de Direito do Amazonas*, n.º 3, Manaus, 1955.
- 17 *Inflação e Desenvolvimento Econômico*. Manaus: Tipografia Fênix, 1956, e *Revista do Serviço Público* do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), vol. 73, Rio de Janeiro, 1956, 24p.
- 18 *Problemas de Desenvolvimento Econômico – com especial referência ao caso amazônico*. Manaus: Sergio Cardoso, 1957, 83p.
- 19 *O Banco do Brasil na Economia do Amazonas*. Manaus: SPVEA (Coleção Araújo Lima), Rio de Janeiro, 1958, 16p.
- 20 “Investimento & Poupança – Inquérito sobre a Pobreza das Nações”. In *Revista da Faculdade de Direito do Amazonas*, n.º 7, Manaus, 1960.
- 21 “Pólos de Crescimento da Economia Amazônica: Aspectos Espaciais, Temporais e Institucionais”. In *Cadernos Codeama*, n.º 2, Manaus, 1965, 42p.
- 22 *Pólos de Crescimento & Desenvolvimento Econômico*. Manaus: Sergio Cardoso, 1965, 42p.
- 23 *Estrutura Geossocial e Econômica da Amazônia*. Dois volumes, Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas (Série Euclides da Cunha), Manaus: Sérgio Cardoso, 1966, 1.º vol. 186p; 2.º vol. 500p.

- 24 *Projeto ETA-54 da heveicultura do pós-guerra*. Brasília, Congresso Nacional, 1970. Depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI-49/67) da Câmara dos Deputados. Diário do Congresso Nacional, Suplemento (Resolução n.º 114, de 1.º de maio de 1970), 7p.
- 25 *Política e Estratégia na Grande Amazônia Brasileira*. Manaus: Edições Faculdade de Direito do Amazonas, 1968, 16p.
- 26 *Variáveis e Opções Estratégicas para o Desafio Amazônico*. Manaus, 1969. Conferência proferida a bordo do navio “Lauro Sodré” aos alunos da Escola Naval de Guerra.
- 27 “A Planetarização da Amazônia”. *Jornal A Notícia*, Manaus, 1972.
- 28 “Amazônia: Mensagem a um Desafio”. Congresso das Classes Produtoras – Conclap, no Rio de Janeiro. *Revista da Associação Comercial do Amazonas*, 1972.
- 29 *Polarização e Integração: dois processos no desenvolvimento regional*. Manaus, 1972. Conferência proferida aos estagiários da Escola Superior de Guerra, na sede do Comando Militar da Amazônia.
- 30 “A Pecuniarização da Amazônia: A Ameaça e o Desafio do Mega-Boi no Processo de Ocupação da Amazônia”. *Jornal A Crítica*, Manaus, 11/8/1974, e jornal *Estado de São Paulo* de 8/9/1974. Conferência proferida na Comissão de Valorização da Amazônia, da Câmara dos Deputados.

- 31 *Amazônia: Um Pouco-Antes e Além-Depois*. Manaus: Umberto Calderaro/Universidade do Amazonas/Codeama, 1977, 840p.
- 32 *Projeto Geopolítico Brasileiro de Libertação e Desenvolvimento – A Formação e Reorganização do Espaço Político*. Manaus: Edição especial do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – Inpa, 1977, 197p.
- 33 *Política Fiscal*. Manaus: Universidade do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, Departamento de Direito Público, 1978, 438p.
- 34 *O Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira*. Manaus: Universidade do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, 1978, 43p.
- 35 *Petróleo na Selva do Juruá – O Rio dos Índios Macacos*. Manaus: Universidade do Amazonas, junho de 1979, 342p.
- 36 *A Duodécada 80/90 – Reflexões e Cenários Amazônicos*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1979, 103p.
- 37 “Uma oikopolítica para a Amazônia”. *Simpósio Nacional da Amazônia*, Câmara dos Deputados, 1979, 106p.
- 38 “Metodologia e Diretrizes para um Plano de Desenvolvimento Regional”. *Palestra realizada no Comando Militar da Amazônia*, Manaus, 24 de abril de 1980, 3p.
- 39 “O Desenvolvimento do Médio e Baixo Amazonas: Uma Prioridade Regional”. *Palestra na 3.ª Convenção Amazônica do Comércio Lojista*. Santarém-PA, junho de 1980, 7p.

- 40 “O Curumim na Amazônia”. *Conferência pronunciada na instalação do Curso Nestlé de Atualização em Pediatria*, realizada no Teatro Amazonas, Manaus, agosto de 1980, 12p.
- 41 *Tendências, Perspectivas e Mudanças na Economia e na Sociedade Amazônicas*. Manaus, 1980, 26p.
- 42 *Amazônia: Andanças e Mudanças*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 1981, 78p.
- 43 *Amazônia Legal na Década 70/80: Expansão e Concentração Demográfica*. Manaus: Universidade do Amazonas, julho de 1981, 167p.
- 44 “A Floresta Tropical Úmida: aspectos ecológicos”. *In Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco*. Recife, 29 de setembro de 1981, 10p.
- 45 “A Questão Amazônica”. *In Encontro Inter-Regional de Cientistas Sociais do Brasil*. Manaus, 1981.
- 46 “Population Changes in the Brazilian Amazon”. *In The Frontier after a decade of colonization*. Manchester University Press, 1985, 14p.
- 47 *Introdução às Cartas do Primeiro Governador da Capitania de São José do Rio Negro – Joaquim de Melo e Póvoas*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1983, 30p.
- 48 “Introdução aos Autos da Devassa dos Índios Mura (1738)”. Apresentado ao 45th Congresso Internacional de Americanistas, Bogotá, 1985. Manaus: edição xerox, 1985. Publicado nos *Anais de la etnohistoria del Amazonas*. Bogotá: Universidad de

- los Andes, 1985. Tradução em espanhol editada por Beatriz Angel e Roberto Camacho. In *Los meandros de la Historia en Amazonia*. Quito: Abya-Yala, 1990, 50p.
- 49 *Cobras & Buiúçus na Praça dos Remédios*. Manaus: edição xerox, 1985, 20p.
- 50 “Grupos Culturais na Formação da Amazônia Brasileira e Tropical”. Apresentado ao *II Encontro Regional de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco*, Manaus, 1985, 31p.
- 51 “Política Florestal para a Amazônia Brasileira: projeto no Congresso”. *Jornal A Crítica*, 9 de fevereiro de 1985, 8p.
- 52 “O ‘encantamento’ de Gilberto Freyre”. In *Ciência & Trópico*. Recife, v. 15, n.º 2, jul./dez., 1987. In *Caderno de Cultura*, Brasília, ano 2, dezembro de 1988, 4p.
- 53 *Amazônia Fiscal – Uma Análise da Arrecadação Tributária e seus Efeitos sobre o Desenvolvimento Regional*. Manaus: Instituto Superior de Estudos da Amazônia – Isea, 1988, 179p.
- 54 “Extratativismo, agricultura e indústria na Amazônia: seringa, roça e fábrica – um trilema?”. In *Seminário de Jornalismo Econômico da Amazônia*, Manaus, 1988.
- 55 *Manual de Introdução à Amazônia: programa, bibliografia selecionada, notas, mapas, quadros, material de leitura para análise, crítica e reflexões*. Manaus, 1988, 226p.

- 56 “The Free Trade Zone of Manaus – Assessment and Proposals”. Paper presented to the *46th International Congress of Americanists*, Amsterdam, Holland, 1988.
- 57 *Zona Franca de Manaus: A Conquista da Maioridade. The Manaus Free Trade Zone: Coming of Age*. São Paulo: edição bilingüe português/inglês Suframa/Sver & Boccato, 1989, 128p.
- 58 *Amazônia: Quadros Econômicos da Produção*. Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da Amazônia no Senado Federal. Brasília: Senado Federal, 1989, 83p.
- 59 “Amazônia: Ecologia e Desenvolvimento”. In *Encontro dos Empresários da Amazônia*, Manaus, 1989.
- 60 *Amazônia: Planetarização e Moratória Ecológica*. São Paulo: Universidade Paulista/Cered, julho de 1989, 144p.
- 61 “Geo, Bio, Eco e Etnodiversidades na Amazônia”. Apresentado ao Congress Amazon: *Needs, Researches and Strategics for self-sustained development*. Patrocínio: CNPq/MEC/PNUD/Ibama/Unip, Manaus, 1989, 17p.
- 62 “Manaus na década dos anos 40”. In *Seminário Manaus: uma cidade e seus problemas*, Manaus, 1989. Promovido pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária, da Prefeitura Municipal de Manaus, no período de 11 a 15/12/89.
- 63 *O Imposto Internacional Ambiental e a Poluição Nacional Bruta*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1990, 10p.

- 64 *Desequilíbrios regionais com ênfase na Amazônia*. Manaus, 1990. Palestra proferida na Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 8p.
- 65 “Trópico e Meio Ambiente”. Trabalho apresentado ao *Seminário de Tropicologia*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, maio de 1990, 18p.
- 66 “Finança Pública na Amazônia Clássica: quadros e rodapés (1.º semestre de 1990)”. Trabalho apresentado ao *I Encontro de Economistas da Amazônia*, Belém, agosto de 1990, 39p.
- 67 “International Symposium on Environment Studies on Tropical Rain Forest (Forest 90)”, Manaus, 1990. Participação como debatedor da pesquisa *The rubber development schemer of the United States in the Brazilian Amazon, 1945-1956*, do professor Warren Dean, da New York University.
- 68 *Africanização econômica e balkanização ecológica da Amazônia*. Manaus, 1991. Depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Internacionalização da Amazônia, da Câmara dos Deputados, 8p.
- 69 “Amazônia e a ECO-92”. In *Simpósio sobre a Amazônia*, Belém, 1991, 5p.
- 70 *Amazônia Interior: Apologia e Holocausto*. Manaus: edição mimeo, abril de 1991, 23p.
- 71 “A recessão na Zona Franca de Manaus: africanização e balkanização”. *Jornal A Crítica*, Manaus, 29 de setembro de 1991, 10p.

- 72 “Tropics and environment: world contribution of the tropical and amazonian biodiversity”. In *Congresso Internacional de Americanistas*, New Orleans, 1991.
- 73 *Tributos na Amazônia: Tesouro Federal, Seguridade Social, Fazenda Estadual – Exercício 1990 e Janeiro-Julho de 1991*, Manaus: edição mimeo, outubro de 1991, 72p.
- 74 *Romanceiro da Batalha da Borracha*. Manaus: Imprensa Oficial, 1992, 304p.
- 75 *ECO-92: Borealismo Ecológico e Tropicalismo Ambiental*. Trabalho apresentado à Fundação Joaquim Nabuco e ao Instituto de Tropicologia, Recife, março de 1992, 16p.
- 76 *Amazônia: Crise no Erário e na Economia*. Trabalho apresentado à Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, em 18 de maio de 1992. Manaus: edição mimeo, maio de 1992, 53p.
- 77 *Amazônia: A Guerra na Floresta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, junho de 1992, 329p.
- 78 “Impactos Econômicos da Ocupação da Amazônia e Perspectivas”. In *Seminário Alternativas para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia*, organizado pelo Núcleo de Políticas e Estratégias da Universidade de São Paulo, para o Fórum Global-ECO-92, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1992, 5p.
- 79 *Fatores Atuais dos Desequilíbrios e Alternativas de Desenvolvimento na Amazônia Ocidental*. Trabalho apresentado à Comissão Mista do Congresso Nacional para o Estudo do Desequilíbrio Econômico Inter-Regional Brasileiro, no auditório da Suframa, Manaus, 3 de setembro de 1992, 41p.

- 80 *A Amazônia e o Terceiro Milênio*. Trabalho apresentado ao Fórum Internacional de Direito “O Homem, o Estado, a Justiça: Perspectivas do Terceiro Milênio”, promovido pela Academia Amazonense de Letras Jurídicas, Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas e as Associações de Magistrados, realizado em Manaus, no período de 7 a 11 de dezembro de 1992. Edição xerox, janeiro de 1993, 17p.
- 81 *Uma Ocupação Inteligente da Amazônia*. Trabalho apresentado ao Fórum Beyond ECO-92: Global Change, The Discourse, The Progression, The Awareness. Patrocínio da Unesco, ISSC, ICSU, Secretaria de Ciência e Tecnologia e Governo do Estado do Amazonas, realizado em Manaus, no período de 10 a 13 de fevereiro de 1993, 5p.
- 82 *Grupo Empresarial Bemol/Fogás: Lembranças e Lições de Vida*. Manaus: edição xerox, novembro de 1993, 146p.
- 83 *Fisco e Tributos na Amazônia – 1993*. Manaus: edição xerox, março de 1994, 110p.
- 84 *O Homem e o Rio na Amazônia: uma abordagem ecossociológica*. Trabalho apresentado ao 48.º Congresso Internacional de Americanistas, Stockholm, julho de 1994. Edição xerox, 1994, 8p.
- 85 *Os Índios e os Caboclos na Amazônia: uma herança cultural-antropológica*. Trabalho apresentado ao 48.º Congresso Internacional de Americanistas, Stockholm, julho de 1994. Edição xerox, 1994, 13p.

- 86 *Esboço de uma Política e Estratégia para a Amazônia*. Manaus: edição xerox, 1994, 27p.
- 87 *Manáos-do-Amazonas: Memória Empresarial*. Manaus: Edições Governo do Estado/Universidade Federal do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, 1994, 373p.
- 88 “Judeus no ciclo da borracha”. Trabalho apresentado no *I Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos da Universidade do Rio de Janeiro*, no período de 24 a 26 de outubro de 1994. Manaus: Imprensa Oficial, 1995, 97p.
- 89 *Amazônia Fiscal – 1994: Bonança e Desafios*. Manaus: Imprensa Oficial, janeiro de 1995, 192p.
- 90 *Navegação e Transporte na Amazônia*. Manaus: Imprensa Oficial, julho de 1995, 80p.
- 91 *Exportação e Exportadores da Amazônia Legal em 1994*. Manaus: Imprensa Oficial, setembro de 1995, 80p.
- 92 *Amazônia 95: Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas*. Manaus: edição reprográfica, março de 1996, 142p.
- 93 *Exportação da Amazônia Brasileira – 1995/1994*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, Federação das Indústrias do Amazonas, Federação do Comércio do Amazonas, Sebrae-AM e Associação Comercial do Amazonas, junho de 1996, 199p.
- 94 *Manual de Introdução à Amazônia*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/Federação das Indústrias do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, agosto de 1996, 320p.

- 95 “Exportação da Amazônia Brasileira – 1996/1995”. Trabalho apresentado no 49.^o Congresso Internacional de Americanistas, Quito, Equador, julho de 1997. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/Sebrae-AM, março de 1997, 109p.
- 96 “A Amazônia e o Terceiro Milênio: Antevisão”. In *O Brasil no Terceiro Milênio – O Livro da Profecia*, editado pelo Senado Federal, Brasília: Cegraf, 1997, 16p.
- 97 *Amazônia 96 – Fisco e Contribuintes*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/Federação das Indústrias do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, junho de 1997, 193p.
- 98 *Zona Franca de Manaus: Pólo de Desenvolvimento Industrial*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/Federação das Indústrias do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, junho de 1997, 67p.
- 99 *Os Últimos Dias de Pompéia: Uma Ladainha e um Novo Modelo para a Zona Franca de Manaus*. Manaus: edição reprográfica, dezembro de 1997, 23p.
- 100 *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Estudos Amazônicos/Universidade Federal do Amazonas/Editora Valer, 1998, 400p.
- 101 *Os Deserdados de Tordesilhas*. Manaus: edição reprográfica, janeiro de 1998, 27p.

- 102 *Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia*. São Paulo/Rio de Janeiro/Manaus: Comitê Israelita do Amazonas/Centro Israelita do Pará/Confederação Israelita do Brasil, 1998, 272p.
- 103 *Exportação da Amazônia Brasileira – 1997*. Manaus: Editora valer, 1998, 227 p.
- 104 *Amazônia: Quatro Visões Milenaristas*. Edição repográfica. Manaus, 1998, 79 p.; 2.^a edição. Belém: Banco da Amazônia S/A (Basa), maio de 1999, 86 p.
- 105 *Um Projeto Econômico, Social, Político e Ambiental para o Gênero Humano*. Trabalho apresentado na Conferência Internacional *Amazônia no Terceiro Milênio – Atitudes Desejáveis*. BSGI, Soka Gakkai, FUA, INPA, Governo do Estado do Amazonas. Manaus, 21 a 23 de outubro de 1999. Edição reprográfica. Manaus, 1999, 7 p.
- 106 *Aula de Despedida, Saudade e Exortação*. Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas. Edição reprográfica. Manaus, janeiro de 2000, 7 p.
- 107 *Comércio Exterior da Amazônia Brasileira*. Manaus: Edição Universidade do Amazonas/Editora Valer, 2000, 275 p.

CINQUENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

Fundação: 4 de Iyar de 5708 – 14 de março de 1948.
Aprovação Assembléia – ONU: 29 de novembro de 1947.

Discurso proferido por Samuel Benchimol, na qualidade de Presidente do Grêmio Cultural e Recreativo Sion, em 15 de maio de 1949, na sede do Grêmio situado na Rua Henrique Martins com Lobo D'Almada, quando se comemorava o primeiro aniversário de Eretz Israel.

Este discurso, na sua forma original, conforme texto a seguir, foi novamente lido por ocasião da abertura dos festejos comemorativos do Cinquentenário da Fundação do Estado de Israel, na sede da Hebraica em 28 de janeiro de 1998, promovidos pelo Comitê Israelita em Manaus, Clube A Hebraica e Wizo.

Manaus, 1998.

Exmo. Sr. Dr. Leopoldo Amorim da Silva Neves Governador Const.
do Estado

Exmo. Sr. Dr. Presidente da Assembléia Legislativa

Exmo. Sr. Dr. Presidente do Tribunal de Apelação

Exmo. Sr. Dr. Prefeito da Capital

Exmo. Sr. Dr. Presidente da Câmara de Vereadores.

Autoridades Civis e Militares.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

O Comitê Israelita do Amazonas e o Grêmio Cultural e Recreativo Sion realizam a festa de hoje para comemorar o primeiro aniversário da restauração do Estado de Israel, após dois mil anos. E, nesta festa, simples e modesta, comemoramos aquilo que para muitos só pode ter sido um milagre – um milagre de Deus com a ajuda dos homens, ou um milagre dos homens com a ajuda de Deus – para acudir e salvar milhões de judeus sobreviventes dos campos de concentração, após o mais hediondo massacre de seis milhões de irmãos nossos que pereceram vítimas da tirania, da intolerância e da maldade nazista; também para assegurar um lar para aqueles irmãos nossos de crença, sem teto, sem pão e sem liberdade, que viviam e trabalhavam naqueles países que lhe negaram o direito de viver como homens e mulheres livres.

É um Estado assim que renasceu para acolher homens, mulheres, velhos e crianças inocentes – vazios de estômago – mas cheios de fé, vazios de conforto – mas cheios de esperança sem passaporte na mão, a não ser a velha Bíblia de Moisés. A velha Bíblia que os conservou unidos nestes dois milênios, que os fez afinal regressar à velha Sion, que os séculos e a incúria dos homens transformaram nos areais do Neguev e nos pântanos da Galiléia.

Assim, meus amigos, o Estado de Israel é o filho mais velho e mais novo do sofrimento e da angústia. E disse mais velho e mais novo, por mais paradoxal que pareça, porque ele, antes de renascer, já possuía a experiência e a desilusão de todos os séculos e idades, somado com a grande promessa de um mundo melhor que há de vir.

E por mais incrível que pareça, a verdade é que o mundo e a incompreensão dos homens, através das idades, fizeram a própria tragédia e a própria imortalidade de Israel. Porque, em todos os tempos e em quase todos os países, plantamos quase-sempre a semente boa da paz, da ciência, da prosperidade para colhermos após, como prêmio, quase-sempre, também, a pior safra das inquisições e dos desterros.

E, ninguém mais do que nós, judeus, temos sido vítimas de nossa própria inteligência, de nossa própria cultura, de nosso próprio

esforço civilizador. Demos ao mundo as pedras básicas da civilização ocidental, as grandes conquistas de ordem moral, jurídica, científica, artística e industrial de nosso tempo.

Sempre fomos um dos primeiros das ciências, das artes, das letras, da indústria e do comércio. Demos os nossos grandes médicos, que têm salvo as dores da humanidade sofredora, notáveis juristas, os mais ilustres filósofos e cientistas que ainda bem pouco tempo, dirigidos pelo nosso sábio Einstein, revelaram ao mundo a energia atômica para uma nova era. Demos grandes compositores e musicistas que em toda a parte criaram romances e semearam felicidade nos lares de todos nós: Mendelshon, Jascha Heiftz, Ieudi Menuchim, Rubinstein. Ao lado deles, demos também os grandes banqueiros, comerciantes e industriais que têm contribuído para produzir, desenvolver e movimentar as riquezas de cada país em todo o mundo. E, apesar de tudo, os injustos e perversos deturparam a nossa imagem, fazendo de nosso nome – sinônimo de vendedores de móveis a prestações e agiotas.

Legamos ao mundo o maior dos livros – a BÍBLIA – e nos acusam, séculos mais tarde, que a nossa única herança tem sido o livro de cheques.

Legamos ao mundo a idéia de um DEUS único para depois nos acusarem, séculos mais tarde, de hereges e profanos, e assim nos queimarem nas fogueiras das inquisições.

Entregamos ao mundo o decálogo mais santo e mais puro, para séculos mais tarde esse mesmo mundo queimá-lo no torvelinho das maldades.

Como pioneiro das conquistas sociais, legamos ao mundo o repouso semanal, pela santificação do sábado, para, mais tarde, reis e tiranos nos darem em troca apenas o repouso da morte.

Pioneiros também no Direito Internacional, pela obrigação que tínhamos de tratar os estrangeiros como irmãos “porque lembra-te, Israel, diz a Bíblia, estrangeiro fostes na terra dos Egípcios”. E no en-

tanto, anos mais tarde, negaram-nos o direito de cidadania e nos aprisionaram nos guetos da Europa oriental.

Demos ao mundo os grandes filósofos, os grandes sábios que enriqueceram a sabedoria de nosso tempo, e como recompensa o mundo inventou com a sua maldade *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Os nossos compositores imortais deram a melhor das músicas para a humanidade, e mais tarde só nos permitiam que ouvissem a única música dos passos de ganso e dos fuzilamentos.

Os nossos cientistas forneceram as melhores fórmulas e inventos para nos responderem mais tarde com os gases de asfixiamento e os vagões da morte.

Demos também o melhor do nosso ouro, que, em vez de segurança, nos trouxe a própria ruína do desterro, da desapropriação, da miséria.

Queimaram as nossas sinagogas, os nossos livros, a nossa música, tripudiaram sobre a nossa liberdade, assaltaram os nossos cofres, injuriaram o nosso nome, massacraram afinal milhões em quase todas as idades e em quase todos os países.

SÓ NÃO CONSEGUIRAM, através dos milênios, massacrar a nossa FÉ – a nossa fé que nos manteve unidos – a nossa fé no nosso próprio destino, no destino de toda a humanidade universal, destino de paz e felicidade que ISRAEL reza e espera, com a vinda do MESSIAS.

ISRAEL renasceu assim. Filho amado do sofrimento, das angústias, das decepções dos séculos. Renasceu afinal para poder ter também um lugar ao sol, a um céu, e a uma terra livre da intolerância e do preconceito.

SOL, CÉU E TERRA que os homens roubaram de DEUS para entregar ao DIABO.

E não há exemplo mais edificante do que esse dado por ISRAEL há bem pouco, cujos filhos, vítimas dessa tragédia sem-par, tiveram bastante força para proclamar no seu primeiro ano de ressurreição

que o novo Estado seria baseado nos preceitos de liberdade, justiça e paz ensinados pelos profetas hebreus; sustentando a igualdade política e social, sem distinção de raça, credo ou sexo; garantindo a liberdade de consciência, religião, educação e cultura; salvaguardando a santidade e inviolabilidade dos escrínios e lugares santos de todas as religiões. É também o primeiro Estado em cuja constituição, pela primeira vez, aparece a fórmula universal da paz que é a obediência à carta das Nações Unidas. Uma oferta de paz, de boa vontade, de compreensão foi assim lançada ao mundo. A esse mesmo mundo que os fez sofrer; a esse mesmo mundo que até hoje não quis ou não pôde compreender os ensinamentos dos rabinos hebreus, dos sacerdotes cristãos, dos pastores protestantes e ministros e outras crenças, que hoje, UNIDOS, lutam pela salvação de um mundo em cinza que marcha em direção a uma nova fogueira.

ISRAEL renasceu assim o ano passado, na melhor das tradições bíblicas e talmúdicas, sem ódios, sem ressentimentos, esquecendo a sua própria tragédia. Felizmente que, desta vez, o mundo está lhe prestando justiça e a maioria das nações já o reconheceram, destacando-se dentre elas o BRASIL.

O reconhecimento do BRASIL ao novo Estado veio mais de uma vez confirmar que, nas terras livres desta parte da América, ainda reina a compreensão e a justiça para as grandes causas, amparadas pela própria tradição democrática do povo brasileiro.

Como BRASILEIRO DE FÉ JUDIA, nos orgulhamos desse ato de nosso país. E como bons brasileiros, tão bons e tão úteis como os nossos outros compatriotas de outras crenças, aqui fizemos os nossos lares e aqui trabalhamos e continuaremos a trabalhar pelo seu progresso e engrandecimento. E trabalhamos felizes, porque aqui temos vivido em paz, por mais de três séculos, desde o início de sua história, fundando os primeiros engenhos de açúcar, comerciando com as primeiras especiarias e pau-brasil e participando até, con-

forme documentação hoje conhecida, das bandeiras de Piratininga que incorporaram o vasto oeste ao Brasil.

E se daqui, uma vez, foram expulsos os judeus de Pernambuco, juntamente com os batavos, no fim do domínio do holandês no Brasil, foi para fundar a primeira comunidade judia de Nova York e as primeiras grandes empresas para transformar mais tarde a ilha de Manhatam na maior metrópole financeira do mundo, em grande parte graças ao esforço judeu. E, no entanto, esse grupo de judeus holandeses e portugueses, que viveram felizes mais de vinte anos no Recife e Olinda, permaneceram fiéis ao Brasil. E o que há de interessante, nesse simples episódio de suas vidas, e que bem poucos sabem, é que essa comunidade de judeus fez o seu próprio cemitério e construiu as sinagogas que ainda hoje se conservam à sombra dos grandes arranha-céus em Nova York.

Aqui, portanto, temos vivido em paz e harmonia, trabalhando pelo progresso da terra. Aqui fundamos, muito embora a comunidade judia seja pequena e não ultrapasse cem mil pessoas, empresas comerciais e industriais para produzir e movimentar a riqueza nacional. E também aqui nos estabelecemos ou nos formamos como intelectuais, professores, engenheiros, médicos, cientistas e professores, ao lado dos nossos irmãos de outras crenças e fés. Não vivemos nas grandes cidades. Chegamos também ao Nordeste e à Amazônia, onde estamos estabelecidos há mais de um século. Aqui buscamos pequenos povoados, às margens dos rios, os seringais distantes. Em Parintins, Maués, Itacoatiara, Itaituba, Santarém, Tefé, Belém e Manaus, fincamos o nosso marco de colaboração e de trabalho, sofrendo as mesmas dores de nossas crises e as mesmas alegrias dos tempos de prosperidade.

Justa é portanto esta modesta comemoração. Passaram-se dois mil anos para que ela pudesse ser realizada. Durante esse tempo o nosso sacrifício não foi em vão. Ele serviu para ensinar à humanidade, talvez para sempre, que os tiranos passam mas o povo fica; que

é impossível deter a marcha do progresso, da compreensão universal; para ensinar aos homens também que quando esta faltar, a justiça de Deus é mais alta e poderosa que a justiça dos homens.

Para perpetuar todos esses ensinamentos, ISRAEL resolveu há pouco erigir um monumento à memória dos seis milhões de massacrados. Não um monumento de pedra, mas um monumento vivo representado por seis milhões de árvores que estão sendo plantadas nos areais do deserto. E quando esse bosque crescer, e o mundo olhar para ele, dirá por certo que esse sacrifício não foi em vão. E se não reconhecer os viandantes que por lá passarem, acolhidos pela sombra amiga das árvores, terão tempo para meditar na necessidade dos povos e indivíduos amarem-se uns aos outros na melhor da tradição bíblica.

E essa prova de resistência moral e de fé inabalável nos traz à memória, também, um outro episódio que a tradição rabínica conserva e ensina com o exemplo do rabino Isaac Meyer, que ao ver morrer o seu décimo terceiro e último filho, consolou à sua esposa dizendo:

“Os nossos filhos não morreram em vão. Porque, se uma desgraça análoga ferir outro homem, ele se lembrará de que nós perdemos 13 filhos e não se revoltará contra o SENHOR”.

Samuel Benchimol
Presidente do Grêmio Cultural e Recreativo Sion

Manaus, 15 de maio de 1949



CURRICULUM VITAE

DADOS PESSOAIS

Nome: SAMUEL ISAAC BENCHIMOL

Nascimento: 13 de junho de 1923, Manaus-Amazonas-Brasil

Filiação: Isaac Israel Benchimol, nascido em Aveiros, no rio Tapajós – 1888/1974

Nina Siqueira Benchimol, natural de Tefé, rio Solimões – 1900/1980

Identidade: RG-19.355 – SESEG/AM

CPF n.º 000.126.532-68

Endereço: Rua Miranda Leão, 41 – Centro

CEP 69.005-901 – Manaus, Amazonas, Brasil

Fone contato: 55-092-622-3575 Fax: 55-092-622-1354

E-mail: bemol@internext.com.br

FORMAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO

Curso de Alfabetização na Escola Tobias Barreto. Porto Velho-RO, 1928.

Curso Primário no Colégio Progresso Paraense, Belém-PA, 1929/1932.

Curso de Admissão no Instituto Universitário Amazonense, de José Chevalier, Manaus-AM, 1933.

Curso Secundário pelo antigo Ginásio Amazonense Pedro II, atual Colégio Estadual do Amazonas, Manaus-AM, 1933/1938.

Curso Pré-Jurídico pelo Colégio Dom Bosco, Manaus-AM, 1939/1940.

Curso de Contador pela Escola Técnica de Comércio “Solon de Lucena”, Manaus-AM, 1937/1940.

Curso de Preparação de Oficiais de Reserva (NPOR), com estágio no antigo 27º BC, como Aspirante a Oficial, 2º Tenente R-2, Manaus-AM, 1944/1945.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas, Manaus-AM, 1941/1945.

Curso de Pós-Graduação, *stricto sensu*, em nível de Mestrado em Sociologia (major) e Economia (minor), em Miami University, Oxford, Ohio, USA, 1946/1947.

Doutor em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas, concurso público, Manaus-AM, 1954.

ATIVIDADES NO MAGISTÉRIO E OUTRAS FUNÇÕES

Despachante de Bagagens e Passageiros da Panair do Brasil, Manaus-AM, 1940/1943.

Propagandista e Pracista do Laboratório Farmacêutico Sharp & Dohme, Manaus-AM, 1942.

Professor de Geografia e História do Curso de Admissão da Escola Primária Prof. Vicente Blanco (Rua Miranda Leão), Manaus-AM, 1941.

Professor de Economia e História Econômica do Brasil, na Escola Técnica de Comércio “Solon de Lucena”, Manaus-AM, 1943/1946.

Professor substituto da Cadeira de Introdução à Ciência do Direito, na Faculdade de Direito do Amazonas, Manaus-AM, 1946.

Instrutor de Português na Miami University, Oxford, Ohio, USA, 1946/1947.

Professor de Sociologia, na Escola de Enfermagem do Amazonas, Manaus-AM, 1948/1949.

Presidente da Comissão Fundadora da Faculdade de Ciências Econômicas do Estado do Amazonas, Manaus-AM, 1953, criada na administração do governador Plínio Ramos Coelho.

Presidente e Relator da Sub-Comissão de Crédito e Comércio da Comissão Coordenadora de Subsídios do Estado do Amazonas para o Plano Quinquenal da Valorização da Amazônia da SPVEA, Manaus-AM, 1954.

Professor de Introdução à Economia e Repartição da Renda Social, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Amazonas, Manaus-AM, 1954/1955.

Professor Catedrático de Economia Política, na Faculdade de Direito do Amazonas, por concurso público, Manaus-AM, 1954/1974.

Professor substituto de Ciência das Finanças e Direito Tributário da Faculdade de Direito do Amazonas, Manaus-AM, 1959.

Membro do Conselho Técnico-Administrativo e do Conselho Departamental da Faculdade de Direito do Amazonas, no período de 1960/1975.

Diretor em exercício da Faculdade de Direito do Amazonas, no período de 1971/1975, durante as faltas e impedimentos do titular.

Professor Titular de Introdução à Economia, Departamento de Economia da Faculdade de Estudos Sociais, Universidade do Amazonas, Manaus-AM, 1974/1977.

Professor Titular de Política Fiscal, Departamento de Direito Público da Faculdade de Estudos Sociais, Universidade do Amazonas, Manaus-AM, 1978.

Professor de Introdução à Amazônia, Faculdade de Estudos Sociais, Universidade do Amazonas, Manaus-AM, 1979/1998.

Membro do Conselho Universitário da Universidade do Amazonas, Manaus-AM, 1965/1966.

Membro do Conselho Consultivo da Comissão de Desenvolvimento Econômico do Amazonas – Codeama – Manaus-AM, 1964/1967.

Presidente do Comitê Israelita do Amazonas, Manaus-AM, 1975/1985.

Coordenador da Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia (CE-DEAM) da Universidade do Amazonas, Manaus-AM, 1979/1984.

Conselheiro do Instituto Superior de Estudos da Amazônia – ISEA, Manaus-AM, 1986/1990.

Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB.

Membro da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Amazonas, Inscrição nº 65, de 25 de janeiro de 1946.

Professor Emérito da Universidade do Amazonas, título concedido pelo Egrégio Conselho Universitário e aprovado pelo Magnífico Reitor da Universidade do Amazonas, em sessão de 17 de janeiro de 1998.

ATIVIDADES EMPRESARIAIS

Vice-Presidente do Banco do Estado do Amazonas, Manaus-AM, 1957/1962.

Diretor da Copam – Refinaria de Petróleo de Manaus, Manaus-AM, 1962/1968.

Diretor da Associação Comercial do Amazonas, Manaus-AM, 1945/1998.

Presidente do Grupo Empresarial Bemol/Fogás, Manaus-AM, 1942/1998.

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM SÃO PAULO/SP,
EM ABRIL DE 2008, PELA PROL GRÁFICA. A
FAMÍLIA TIPOGRÁFICA UTILIZADA NA COM-
POSIÇÃO DO TEXTO FOI ZAPFELLIPT BT 11. O
PROJETO GRÁFICO – MILO E CAPA – FOI FEITO
PELA VALER EDITORA.



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

